Rui Facó

[UMA BIOGRAFIA]

O HOMEM
E SUA MISSÃO

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 1 3/1/2014 00:54:35

LUIS-SÉRGIO SANTOS

Rui Facó

[UMA BIOGRAFIA]

O HOMEM E SUA MISSÃO

COLEÇÃO BIOGRAFIAS INESP

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará

omni EDITORA

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 3 3/1/2014 00:54:39

COPYRIGHT © 2014 LUÍS-SÉRGIO SANTOS

INESP — INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS
PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ
COORDENAÇAO EDITORIAL JOSÉ ILÁRIO GONÇALVES MARQUES
CAPA JON ROMANO
REVISÃO MARIA VILANÍ MANO E SILVA, VÂNIA MONTEIRO SOARES RIOS
COORDENAÇÃO DE IMPRESSÃO ERNANDES DO CARMO
IMPRESSÃO E ACABAMENTO INESP

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
Telma Regina Abreu Vieira — CRB-3/593
Bibliotecária

S236r Santos, Luís-Sérgio
Rui Facó (uma biografia) o homem e sua missão / Luís-Sérgio Santos. — Fortaleza : Omni, c2014.
368 p. : il. ; 23 cm.

Inclui índice onomástico.
ISBN 978-85-88661-43-1

1.Facó, Rui, 1913-1963. 2.Escritores brasileiros — Ceará — Biografia — Século XX. 3. Intelectuais — Ceará — Atividades políticas — Século XX. I.Título.

CDD (23ª ed.) 928.690981310904

01/13

Histórico de impressões:
Fevereiro/2014 Primeira edição

INESP — INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ
Av. Desembargador Moreira, 2807 ■ Ed. Senador César Cals, 1º andar ■ Dionísio Torres ■ CEP 60.170-900 ■ Fortaleza, CE ■ Brasil
FONE (85)3277.3701 ■ FAX (85)3277.3707
al.ce.gov.br/inesp
E-MAIL **inesp@al.ce.gov.br**

CO-EDIÇÃO:
OMNI EDITORA
E-MAIL df@fortalnet.com.br
SITE **www.omnieditora.com.br**
TWITTER twitter.com/omnimian
FACEBOOK facebook.com/omnieditora

CO-EDIÇÃO:
FUNDAÇÃO ASTROJILDO PEREIRA
SEPN 509 — Bloco D, Ed. Isis sl.27/28
CEP 70.750-504 ■ Asa Norte, Brasília, DF
FONE (61) 3224.2269, (61) 2045.6916
FAX (61) 3226.9756
SITE **www.fundacaoastrojildo.com.br**

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 4 3/1/2014 00:54:39

Para Isabela, Joana e Juliana

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 5 3/1/2014 00:54:39

SUMÁRIO

Nota prévia 11

CAPÍTULO UM
O ACIDENTE NOS ANDES
Todos morreram 17

CAPÍTULO DOIS
O COMEÇO
A origem rural 113

CAPÍTULO TRÊS
ÉRAMOS TODOS COMUNISTAS
A vida em Salvador 161

CAPÍTULO QUATRO
SÃO PAULO, MOSCOU, RIO
Imersão na doutrina comunista 255

CAPÍTULO CINCO
OS CAMARADAS DE *NOVOS RUMOS*
Uma escola de jornalismo engajado 273

Epílogo 349

Cronologia de Rui 351
Referências bibliográficas 357
Índice 363

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 7 3/1/2014 00:54:39

Agradecimentos

Meus agradecimentos às muitas pessoas que ajudaram na construção desse trabalho. Algumas, com quem conversei, já não estão mais entre nós.

ANA FACÓ, pela sua entrevista, cheia de paixão pelo irmão, ponto de partida da série de entrevistas deste livro, escolhida por mim como marco da fase inicial da pesquisa pela minha afeição anterior.

ARMÊNIO GUEDES, segundo entrevistado no trabalho de campo, é fonte valiosa demais neste trabalho que, por vezes, confunde-se com sua fala. Além disso, apontou novos rumos para pesquisa e para a investigação.

LUIZ MARIO GAZZANEO, jornalista, que me recebeu em seu escritório na sede do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE, no Rio de Janeiro, fonte relevante e muito atencioso na narrativa dos detalhes da convivência no semanário *Novos Rumos* e com o próprio Rui. No dia 2 de outubro de 2012, aos 84 anos, ele, infelizmente, nos deixou.

PAULO FACÓ, pelos comentários, revisão das informações genealógicas e documentos de Rui.

ZULEIKA ALAMBERT, escritora e líder política, contemporânea de Rui, forneceu-nos detalhes valiosos sobre ele. Deputada Estadual pela cidade de Santos, em 1947, pelo PCB, está entre as primeiras mulheres a ocupar uma cadeira na Assembleia Legislativa de São Paulo.

FRANCISCO INÁCIO DE ALMEIDA, como jornalista e dirigente político, foi um interlocutor e uma âncora especial em todo o processo de pesquisa, fornecendo nomes, telefones e até agendando entrevistas e, ele próprio, uma fonte recorrente e intermitente.

ELIO GASPARI, mesmo sem o formalismo de uma entrevista gravada — "não dou entrevistas" —, foi uma fonte sempre atenciosa e disponível, com informações, comentários minuciosos e descrição detalhada de alguns aspectos do comportamento de

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 8 3/1/2014 00:54:39

Rui à época de *Novos Rumos*. Conversei com Gaspari por telefone, de São Paulo.

FRANCISCO AUTO FILHO, pelos textos de Rui Facó sobre reforma agrária.

LIANA AURELIANO, que apontou rumos importantes e abriu portas. Ela própria, uma fonte.

VALDA FACÓ, pela profunda emoção com que me relatou tudo, revelando uma visão nova de Rui — a de uma adolescente no seio da família, sua sobrinha.

VALDO FACÓ, por suas contribuições sobre o período conturbado dos anos 1960 no Rio de Janeiro.

HEITOR FACÓ, irmão de Rui, mesmo em estado de saúde pós-operatório, contribuiu para desenhar a personalidade de Gustavo, pai de Rui.

ZÉIA QUEIROZ e suas memoráveis histórias sobre o sítio Lucas e a gênese de Beberibe, numa conversa memorável na varanda do casarão, em Beberibe.

JOSÉ MARIA DE QUEIROZ, desembargador, contemporâneo de Rui no Liceu do Ceará e na Faculdade de Direito, em Fortaleza.

ORLANDO FACÓ, que forneceu importantes documentos sobre a família Facó.

GIUSEPPINA BLUMETTI FACÓ, mulher de Paulo Facó, filho de Rui, muito precisa em suas respostas.

VIDAL CAVALCANTE, que fotografou Armênio Guedes durante entrevista na residência daquele na Rua Aracaju, em Higienópolis, São Paulo.

JOÃO DA COSTA FALCÃO, contemporâneo de Rui, em Salvador.

MAYRÁ LIMA, bolsista desta pesquisa.

MARIA DO CARMO GOMES DOS SANTOS, minha mãe, interlocutora que me contou muitas curiosidades sobre Rui e sobre os pais dele, Gustavo e Antonieta, e ainda sobre Ana Facó, a irmã caçula de Rui.

DENISE FACÓ, KELSON SOARES E ALBANO MARTINS RIBEIRO, do site www.gracilianoramos.com.br

A construção da vida está muito mais no poder dos fatos que das convicções — de fatos que quase nunca, e em parte alguma, se tornaram a base das convicções.

WALTER BENJAMIN, *Rua de Mão Única*, 1928

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.

KARL MARX, *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte,* 1852

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

FERNANDO BIRRI *citado por* EDUARDO GALEANO *in Las palabras andantes,* 1994

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 10 3/1/2014 00:54:40

SOBRE A COLEÇÃO BIOGRAFIAS

Biografias fascinam. As histórias de vida das pessoas são grandes ensinamentos ao mesmo tempo em que, em muitos casos, resgatam a memória de quem, erraticamente, ficou esquecido nas prateleiras do tempo. Poucos conseguem manter-se alheios a embates, fracassos e vitórias vividos por outrem. O sucesso das narrativas de vida é inegável e estão cada vez mais em evidência no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa. Biografias são sempre inspiradoras.

Biografar é recuperar a trajetória única de um ser único, original e irrepetível; é reinseri-lo na sua conjuntura, por isso, uma Biografia é também um resgate histórico, cultural, antropológico e político da época em que a personagem viveu, seus interlocutores, seus influenciadores, seus desafetos e sua obra.

Motivado pela importância da Biografia como formador e meio de levar o conhecimento de seu tempo, o Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará lança o projeto editorial **Coleção Biografias Inesp**, que se inaugura agora com a biografia desse emblemático intelectual que foi Rui Facó, autor do antológico *Cangaceiros e Fanáticos*.

Para muitos, Rui Facó foi a tradução brasileira literal do intelectual orgânico, militante histórico do Partido Comunista e jornalista

Apresentacao ILARIO.indd 1 30/01/2014 09:10:52

entrincheirado nas fileiras de uma ideologia que defendia a mudança estrutural de um Estado excludente e centralizador. Por isso, uma das bandeiras de Facó foi sempre a reforma agrária no Brasil e a luta contra o imperialismo intervencionista.

A vida de Rui Facó, que se encerrou em 1963, é uma trajetória de um cidadão determinado e consciente da missão a qual se incumbiu.

É, portanto, com alegria, que contribuímos para resgatar a memória deste grande intelectual através desta dedicada pesquisa do professor Luís-Sérgio Santos.

José Ilário Gonçalves Marques
Presidente do Inesp — Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará

Apresentacao ILARIO.indd 2 30/01/2014 09:10:52

NOTA PRÉVIA

O trabalho de construção desta biografia começou em 2004 com a primeira entrevista que fiz com este objetivo. Foi uma longa conversa com Ana Facó — a irmã mais nova de Rui —, em sua casa, em Beberibe. Foi a primeira conversa gravada com Ana, minha madrinha de batismo, guardiã da Biblioteca Dido Facó, autodidata, apaixonada pelo irmão.

Acho que Ana tem uma enorme influência na minha formação. Foi na Biblioteca dela que tive acesso a toda obra de Monteiro Lobato, aos antigos anuários do Ceará editados por Valdery Uchoa e a várias edições de *Brasil Século XX*, de Rui Facó, em vários idiomas. Na verdade, Ana e minha mãe, Maria do Carmo Gomes dos Santos, são as duas mulheres que cuidaram de minha escolaridade. Minha mãe nunca me deixou fora da escola, sempre escola pública. E Ana me presenteou com o primeiro livro que ganhei, uma edição da *Crestomatia*, livro que havia sido usado para alfabetizá-la e a seus irmãos.

Eu conheci Rui, a partir de narrações de minha mãe, que conviveu esparsamente com ele; e de Ana e de fotos nas paredes do casarão de Gustavo Facó, seu pai, na Rua João Balthazar, número 1, em Beberibe. Anos mais tarde, já graduado em Comunicação Social, pela Universidade Federal do Ceará, li *Cangaceiros e Fanáticos,* de Rui, e fui sedimentando uma zona de convergência que acabou culminando

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 11 3/1/2014 00:54:40

com a decisão de levantar dados sobre a história de Rui, principalmente pelo fato de ele ter morrido no ápice de sua vitalidade intelectual, de ter sua vida cerceada num momento de grande efervescência, em 1963, um ano antes de o Brasil entrar numa fase de muita turbulência em sua história.

Este livro é uma construção coletiva. Ele decorre da fala, da memória dos entrevistados que, em muitas vezes, assumem a condução da narrativa. A fala de cada um deles contamina momentos preciosos desta biografia. Privilegiei fontes primárias, pessoas que conheceram e conviveram com Rui.

O título, *Rui Facó — O Homem e sua Missão*, remete a essa ideia de que a vida dele foi toda voltada para um engajamento consistente, determinado, que nos lembra a expressão de Antonio Gramsci, de intelectual orgânico, aquele alinhamento ortodoxo que faz a parte se fundir no todo e ela, mesma todo, conquanto parte. Determinado e tranquilo. Dono da utopia dos que têm esperança e cético quanto à mudança sem estratégia, sem formação e sem engajamento. Isso, de certo modo, é reflexo do seu tempo, quando a divisão do mundo era muito clara, entre dois blocos, com perspectivas diferentes, cenário ideal para maniqueísmos e para acirramentos ideológicos, daí o sucesso da Guerra Fria.

Uma curiosidade que permanecerá, exceto pela via da ficção, seria imaginar Rui dialetizando seus credos, dogmas e utopias dentro do processo histórico. E, mesmo, vê-lo reagir ao Golpe Militar de 1964, quando um de seus ilustres conterrâneos, Humberto de Alencar Castello Branco, teve papel proeminente. E, depois, um outro, ministro da Justiça e do draconiano AI-5, Armando Falcão. Muitos dos seus colegas comunistas mudaram de rumo, alguns largaram o partido, houve dissidências, discensos e despedidas. "Só não comete erros quem nada faz", costumava repetir Luís Carlos Prestes, certamente olhando também para si mas, principalmente, alertando para o que

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 12 3/1/2014 00:54:40

é preciso fazer. E ele teve uma vida dedicada à ação nos intervalos de perseguição, prisão e exílio.

A ruptura institucional dos anos 1960 no Brasil e seu agravamento em 1968 foram o caldeirão de onde efervesceu uma quantidade enorme de expressão do pensamento intelectual de esquerda no Brasil.

Foi, também, o momento de exacerbamento das práticas revolucionárias de esquerda, fazendo frente à repressão do Estado autoritário. Marighella é uma expressão dramática nesse contexto. Ele foi um grande lamento da perda de Rui, convergentes e militantes que eram desde a faculdade, em Salvador.

No campo interno, o próprio Prestes encarregou-se de aumentar a temperatura, ajuizando uns e outros. Prestes entendia que Getúlio Vargas "possuía o verniz de um bacharel, mas na verdade era um latifundiário, ao mesmo tempo que representava os interesses da burguesia". Em 1980, rompeu com o Comitê Central do PCB e atirou nos comunistas: "Esses comunistas estão desmoralizados. As massas querem lutar e eles, não." Lula é "um operário de talento, mas, infelizmente, não lê, não estuda". João Amazonas, do PCdoB, com quem rompeu, "é um metafísico que organiza o pensamento em caixinhas."

Com Getúlio, Prestes viveu momentos dramáticos. Viu a mulher ser deportada e depois executada na Alemanha, amargou anos na prisão e, depois, subiu no palanque do mesmo Getúlio, em nome de um projeto nacional.

E onde estaria Rui, em meio a esse tiroteio retórico e esfacelamento do núcleo histórico do Partido? Uma certeza é que teríamos aqui um tradutor, um intérprete das mudanças estruturais e reposicionamentos ideológicos e doutrinários, o que, aliás, na realidade comunista, teve em Nikita Kruschev, um marco fundador, quando denunciou as atrocidades de Stalin para o desgáudio de milhares de comunistas no mundo inteiro.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 13 3/1/2014 00:54:40

Rui, em progressão, teria sido um dos mais profícuos e originais intelectuais brasileiros. Originalidade que é traço marcante em *Cangaceiros e Fanáticos*, no qual se percebe rigor, método e estilo. Um artesão na garimpagem da informação e na forma. Imagino que, sem *Cangaceiros e Fanáticos*, Rui não seria este intelectual celebrado e respeitado. Portanto, o livro de sua fundação como intelectual — adjetivo que ele não prefere — é também sua última obra.

Rui, certamente, teria consolidado a tradução ortodoxa de Gramsci quanto à organicidade.

Não há aqui a pretensão de um trabalho completo, sem lacunas e arestas. A recuperação de uma biografia é uma obra de garimpo sobre a qual o autor acaba perdendo o controle. Como disse, trata-se de uma obra coletiva em que as fontes primárias cumprem papel importante. Infelizmente, algumas dessas pessoas com quem conversei não estão mais entre nós. O tempo é uma variável necessária no processo de imersão e de reconstrução da vida de uma pessoa que nos deixou em 1963 e sobre quem restam poucos registros. Eu digo que Rui foi salvo por *Cangaceiros e Fanáticos* pois, sem este livro, ele não ganharia o relevo que ganhou como referência intelectual. A própria imprensa cearense da época, como anota Aníbal Bonavides em carta a Blanchard Girão, esqueceu de registrar a morte de Rui, não se sabe se pelo fato de ele ser comunista de carteirinha, ou se por mero erro de avaliação, ou por puro desconhecimento.

A morte de Rui, em março de 1963, nos Andes — e seu demorado traslado para o Brasil — foi também uma grande perda para o Partido, tanto no plano material quanto no plano espiritual pois se trata de um intelectual treinado, formado, fruto da vontade pessoal dele e de decisão política, e totalmente imerso nas questões estruturais da política e da economia com formação marxista consolidada em sua temporada

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 14 3/1/2014 00:54:40

de quase cinco anos em Moscou, abreviada pela morte de sua mulher, Julia Guedes Facó. Além de militante agregador e totalmente dedicado à produção espiritual na perspectiva das grandes bandeiras sociais do Partido, Rui era um formulador, um ideólogo, um porto seguro na redação clara e consistente a ponto de ser, também, um revisor de texto dos companheiros e um *ghost-writer* acidental e recorrente até mesmo de Prestes, de Marighella, de Giocondo Dias. Isso, nos tempos em que todos sentavam à mesma mesa.

Como nos lembra Zuleika Alambert, Rui virava a noite no *tec-tec* da máquina de escrever e escrevia com muita velocidade. Ele tinha hábitos ortodoxos, em termos de horários, como veremos. Escreveu, também, na juventude, belas cartas de amor em torno de suas relações relativamente platônicas, ao melhor estilo do romantismo. E chegou a exercitar-se como poeta para além de bissexto, numa homenagem a Julia, em versos romanticamente politizados e cheios de utopia.

O acervo de *Novos Rumos*, digitalizado pela Fundação Biblioteca Nacional foi de uma enorme valia para a imersão naquele período tenso — final dos anos 1950, início de dos anos 1960 —, de extrema correlação de forças, que acabou decidindo os rumos do Brasil. O livro tem momentos distintos, com personagens distintas. A primeira fase, em Beberibe; a segunda em Fortaleza e, em seguida, Salvador. Depois, Rio, Moscou e, novamente, Rio, o grande palco de Rui.

E, finalmente, o mundo.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 15 3/1/2014 00:54:40

CAPÍTULO UM

O ACIDENTE NOS ANDES

Todos morreram

A região da Cordilheira dos Andes, rica e complexa formação rochosa da América do Sul, é também famosa por sua inacessibilidade, indomabilidade e instáveis condições de tempo — uma espécie de triângulo das Bermudas a desafiar navegadores aéreos e mesmo alpinistas. A Cordilheira é uma muralha. O pico Aconcágua chega a 6.659 metros de altitude com temperaturas abaixo de zero no inverno. Aconcágua é a maior montanha do continente e compõe o cenário argentino do desafiador monumento. Vê-lo, constitui um extasiante espetáculo. O cume do hemisfério ocidental vai das beiradas do mar do Caribe, na Venezuela, aos confins da Patagônia, na Argentina, exibindo uma profunda diversidade de paisagens, numa extensão de 7.500 km que rasga o coração de sete países latino-americanos. Em alguns trechos, chega a apresentar 3.000 km de largura. Um monumento esculpido de forma impetuosa pela natureza, composto por paredes colossais e abismos intrépidos. Esse cenário, fascinante e mágico, estimula drogas naturais,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 17 3/1/2014 00:54:40

como a adrenalina e, também, como numa sessão de hipnose, pode provocar sensação de torpor — uma química que vem do oxigênio rarefeito da altitude.

Na Cordilheira, parecemos estar a um passo do Céu: ele é o limite mais próximo. Ali, cada um se sente como um grão no Universo.

Envolta nos Andes está Santiago, a capital do Chile, a 520 metros de altura, marcada por história e tradição, e palco de sangrentos acontecimentos, desde 1973 sob o comando do truculento e atroz ditador Augusto Pinochet. Naquele ano, o general Pinochet liderava um golpe militar contra o governo do presidente Salvador Allende, eleito em 1970, iniciando um ciclo de terror que perdurou até 1989. Numa contabilidade divulgada em 1991, a Comissão Nacional para a Verdade e Reconciliação do Chile publicou que, na ditadura Pinochet, oficialmente, 2.279 mortes (depois revista para 3.172) foram praticadas por motivos políticos. Pinochet é uma página amarga na história de repressão e ditaduras na América Latina e na América do Sul.

O berço de refugiados políticos brasileiros pós-1964 se convertera em circo de horrores.

Eram 13h55 min, do dia 15 de março de 1963. O tempo cada vez mais escuro, temporal, ventos fortes e raios esparsos anunciavam trovões. A turbulência desenhava uma fragilidade para quem, àquele momento, estava a bordo de uma aeronave excepcional para voar em "céu de brigadeiro", mas potencialmente instável em meio à adversidade. Não era aquele "céu de brigadeiro" o que se via agora. Nuvens negras, ventos fortes e quedas bruscas da aeronave em vácuos que pareciam abismos, mostravam que a competência do piloto e da tripulação estavam sendo desafiadas pela Natureza.

Os sinais de turbulência foram emitidos dez minutos antes. O piloto repete que os passageiros amarrem seus cintos de segurança,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 18 3/1/2014 00:54:40

apenas para confirmar o que de fato já o era — todos já decolaram com cintos atarrachados. Depois, um enorme silêncio e contínuos solavancos da aeronave seguidos de segundos de estabilidade, uma eternidade.

Rui parecia tranquilo, porém, intimamente, tenso. Essa era uma marca sua, gerenciar a tensão internamente, e demonstrar firmeza, algo meio frio. No entanto, e de fato, era um humanista.

Os passageiros se entreolhavam. Eram adultos, vividos, experientes, mas nunca experimentaram aquela fúria, indefesos dentro de um pequeno avião.

O avião Douglas DC-6B, voo 915 da companhia Lloyd Aéreo Boliviano que havia decolado do aeroporto de Arica, espatifou-se contra as rochas em área próxima ao vulcão Tacora, no Peru, matando seus 39 ocupantes — 36 passageiros e 3 tripulantes. Segundo o World Airline Accident Summary, 1946-1972, da British Civil Aviation Authority, o avião caiu entre as montanhas enquanto o piloto relatava, redundantemente, as péssimas condições de voo e acentuava a ausência total de visibilidade — um voo cego. A aeronave estava numa altitude de 14.250 pés e sucumbiu próximo ao pico Chachacomani — latitude 17 graus 49'00, longitude 60 graus 50'00 W. O Chachacomani tem entre 5.998 metros de altitude — em algumas fontes — e 6.074 metros, noutras. As condições de voo, reforça o relatório da British, eram ruins. O tempo fechado, nuvens escuras, chuva, ventos fortes e relâmpago provocavam severas turbulências.

O Douglas DC-6B é a versão do DC-6A. Este modelo é uma aeronave com maior capacidade, maior autonomia e com uma porta de grandes dimensões, projetada para embarque e desembarque de carga. O DC-6B, com capacidade para 102 passageiros, tem as características do DC-6A mas foi projetado para o transporte de pessoas. Os dois modelos são versões do DC-6 construídos pela Douglas Aircraft Company de 1946 a 1958.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 19 3/1/2014 00:54:40

O primeiro acidente com um DC-6 aconteceu em outubro de 1947, quando o voo 608 da United Airlines caiu perto de Bryce Canyon, em Utah, EUA, num pouso de emergência após um início de incêndio, matando todas as 52 pessoaas a bordo, entre passageiros e tripulantes. Até o início dos anos 1960 mais oito acidentes fatais envolvendo este modelo de aeronave aconteceram. Num desses acidentes, uma bomba-relógio explodiu a bordo. Foi no dia 1º. de novembro de 1955, no voo 629 da United Airlines nos céus de Longmont, Colorado, EUA, matando 44 pessoas a bordo.

Em fevereiro de 1960, no dia 25, um Douglas DC-6A da Marinha americana, colidiu no ar sobre a baía da Guanabara, próximo ao Pão de Açúcar, com um outro Douglas, modelo DC-3, prefixo PP-AXD, da Real Transportes Aéreos, procedente de Campos dos Goytacazes-RJ para o aeroporto Santos Dumont, Rio de Janeiro. O avião da Marinha americana vinha de Buenos Aires, do aeroporto de Ezeiza com destino ao aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro. A causa provável do acidente é polêmica, mas decorre de um somatório de erros dos pilotos com falhas do equipamento. Morreram 38 ocupantes da aeronave americana, três sobreviveram. Todos os 26 passageiros e tripulantes da aeronave brasileira morreram.

O clima de tensão a bordo prolongou-se por cerca de dez minutos. Instantes antes da queda o piloto já alertava para as condições de tempo e pedia que os cintos de segurança fossem apertados.

O voo decolou do aeroporto de Arica, no Chile, às 13h27min e faria uma próxima escala em La Paz, na Bolívia.

O acidente teria sido provocado pelas condições de tempo ruins. "Um voo fora das condições necessárias de visibilidade que teria provocado a queda de altitude da aeronave." As severas turbulências são comuns na região oeste da Cordilheira dos Andes.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 20 3/1/2014 00:54:40

Uma região íngreme, de difícil acesso, a desafiar aventureiros em busca de novos recordes no alpinismo.

O avião era algo mambembe, como lembra Luiz Mario Gazzaneo. "Nós, de *Novos Rumos*, só recebemos a notícia no dia seguinte. A notícia confirmada... Foi um misto de choque e indignação. Choque pela perda e indignação pelo cenário... Como é que pode, colocar o cara para viajar num avião desses?! Essa foi a nossa reação".

Na memória de Gazzaneo, Rui era muito discreto. "Ele era esguio, não fumava. Bebia alguma coisa na casa dele, bebia uísque. O Rui devia ser uma pessoa de hábitos alimentares muito saudáveis, não fumava. Devia cuidar do corpo. Tinha uma mente ótima, vestia-se muito bem; era elegante."

Em 1959, Gazzaneo tornou-se amigo do Armênio por intermédio de Rui — amigo, irmão. "Eu já tinha estado com o Armênio, rapidamente, em São Paulo, mas a nossa relação foi fortificada pela convivência com o Rui, que permanece até hoje, graças a Deus!"

Gazzaneo e Rui conviveram, principalmente, no jornal *Novos Rumos*. Mas participaram também do projeto do jornal diário que durou quarenta dias, em 1959, o jornal *Hoje*, numa estratégia eleitoral. O diretor era o Almir Matos, o chefe da redação era Gazzaneo e Armênio Guedes era o secretário gráfico. Marighella e Prestes foram os articuladores do jornal. O jornal era favorável ao marechal Lott — Henrique Dufles Baptista Teixeira Lott — na disputa presidencial contra Jânio da Silva Quadros, este já escorraçado pelo *Novos Rumos*. Jânio ganhou e o jornal acabou. A espada de Lott é derrotada pela vassoura populista de Jânio.

Na ideia de Gazzaneo "o Armênio é uma das maiores figuras da história do Partido. O Armênio é uma cabeça política. É uma pessoa que entendeu, muito antes de muita gente, que muita coisa estava errada e precisava mudar dentro do Partido e na política do Partido.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 21 3/1/2014 00:54:40

O Armênio Guedes foi um dos responsáveis, juntamente com Alberto Matos Guimarães e Giocondo Dias, pela declaração de março de 1958 que mudou o rumo da política do Partido. É a famosa e polêmica resolução de março de 1958."

‡

Todos os passageiros e a tripulação morreram na queda do Douglas DC-6B que culminou com uma explosão.

O acidente encerrava de modo precoce, irremediável como uma secção de guilhotina, a carreira do advogado, jornalista e inquieto pensador Rui Facó, um intelectual orgânico, mente brilhante e à frente do seu tempo, pesquisador sistemático e escritor compulsivo.

Rui Facó estava viajando toda a América Latina e seu destino final, supostamente, seria Havana. Fidel Castro, *la revolución*, seria um germe que se espraiaria para a América Latina: o fim da sociedade de classes — a utopia agora ganha um recorte na realidade.

Rui apurava fatos, elencava dados e colhia depoimentos *in loco* para uma série de extensas reportagens sobre problemas sociais e políticos do cone sul. Em sua travessia pela América Latina, averiguava as diversas realidades, numa garimpagem com a minúcia de um legista, na condição de repórter do jornal *Novos Rumos*, engajado.

Esteve em Buenos Aires, depois em Santiago, de onde partiu para La Paz. Faria uma escala em Arica, no extremo norte do Chile. Depois iria para a Bolívia, de onde Arica era o último entreposto aéreo.

Dias depois do sinistro, a última mensagem de Rui, escrita a mão, chega ao amigo Fragmon Carlos Borges.

> Fragmon:
>
> Sigo hoje para Santiago. Tudo bem e, particularmente aqui, calorosa e cordial recepção dos nossos amigos, gente boa, sem espírito

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 22 3/1/2014 00:54:40

preconcebido, muito compreensiva. Não fosse o Almir, eu iria escrever um livro...

Abraço a todos, do Rui.

O cartão, escrito em Buenos Aires, mas postado em um correio na capital chilena no dia 13, antevéspera do acidente, foi a última mensagem de Rui à redação do jornal *Novos Rumos*.

— Nessas linhas ficaram gravados dois traços marcantes do Rui, diz Fragmon Carlos Borges.

— Seu inabalável otimismo e sua camaradagem, alegre, uma pilhéria sempre pronta para os companheiros, características que ajudaram a torná-lo, mais do que um simples colega ou companheiro, um verdadeiro amigo de todos nós.

Facó, como era tratado pelos amigos, vivia um dos momentos de maior riqueza intelectual, produzindo de modo sistemático e ostensivo. Seu livro *Cangaceiros e Fanáticos* estava na gráfica, já em segunda revisão, para ser lançado na sua volta ao Brasil, dali a poucos dias. O que, de fato, aconteceu. Mas um lançamento póstumo, sem direito a autógrafos do autor. A obra sinalizava para o início de um ciclo interrompido, na qual, num estilo direto e elaborado, Rui funde o jornalista e o intelectual refinados, rigoroso na forma e no conteúdo. O estilo de *Cangaceiros e Fanáticos* trafega entre o jornalismo factual e o ensaio, sem ranço acadêmico conservador e certamente influenciado por Euclides da Cunha e Graciliano Ramos. É a obra que inaugura Rui como intelectual original, inovador na forma, no conteúdo, e na angulação de um fenômeno social normalmente interpretado fora dos contextos antropológico, sociológio e político.

O sepultamento de Rui aconteceu muitos dias depois. O traslado dos restos mortais foi penoso e demorado.

Disso, cuidou Luiz Mario Gazzaneo, jornalista e militante

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 23 3/1/2014 00:54:41

do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que foi ao Chile conduzir pessoalmente a operação de traslado.

Gazzaneo nasceu em Maceió, Alagoas, e era filho de uma família italiana radicada em São Paulo. Muito jovem, ligou-se ao Partido Comunista Brasileiro em 1944, em plena ditadura do Estado Novo. No ano seguinte, integrou o grupo que organizou o Comício do Pacaembu, quando Luís Carlos Prestes foi apresentado aos paulistas, após cumprir nove anos de prisão. Gazzaneo morreu de infarto, aos 84 anos, no dia 12 de outubro de 2012, no Rio de Janeiro. Foi nas hostes do PCB que passou a conviver com Rui.

Gazzaneo cuidou do translado dos restos mortais de Rui para o Brasil, um processo que demorou mais de um mês.

— Olha, depois do acidente, a direção do jornal encarregou-me de cuidar dos trâmites oficiais do translado do corpo, conta Gazzaneo.

— A *Air France*, no início, desistiu de assumir a responsabilidade pelo translado, argumentando que o acidente tinha acontecido em outra área, mas acabou concordando. Esse vai e vem durou mais de um mês. O corpo chegou ao Rio em um dia de semana,uma quarta-feira.

No dia 23 de março de 1963, o jornal *Diário Carioca*, DC, publica em sua página 3:

> Fonte do Itamarati informou, ontem, que o Ministério das Relações Exteriores enviou instruções à Embaixada brasileira em Paz no sentido de que sejam feitas novas gestões junto ao Lóide Aéreo Boliviano para que seja apressado o traslado do corpo do jornalista Rui Facó.
>
> Recorda-se que o citado jornalista faleceu no desastre do DC-6 daquela companhia de navegação aérea, ocorrido há mais de uma semana e até agora não foi providenciada a vinda do seu corpo para o Brasil.

Da morte de Rui, no dia 15 de março de 1963, até o sepulta-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 24 3/1/2014 00:54:41

mento no Cemitério São João Batista, no dia 17 de abril, às 10 horas da manhã, mais de um mês decorreu.

No enterro de Rui, a presença de Luís Carlos Prestes e Carlos Marighella puxaram a lista de companheiros do PCB. Da executiva do partido, Edson Morais, Almir Matos, Orlando Bonfim, que era diretor do *Novos Rumos*. Todos discursaram, emocionados e altivos. Muita emoção. A redação de *Novos Rumos* estava chocada e, no grupo, incluía-se um "foca", principiante no jornalismo, Elio Gaspari.

O Rui, além de ser muito respeitado, lembra Gazzaneo — era muito querido. "Ele tinha postura, ele tinha comportamento". Naquela época, o Fragmom era o diretor-executivo do jornal e Luiz Mario Gazzaneo era o editor-chefe. "Da cúpula do jornal, nós éramos os mais jovens."

O Fragmon era um sergipano, veterano e militante do Partido, um jornalista competentíssimo. Ele militou durante muito tempo em Pernambuco e uma das coisas que ligava o Fragmon ao Rui Facó era o interesse pelas questões do campo, a reforma agrária, temas de muitas reportagens e editoriais em *Novos Rumos*. O Fragmon denunciava, inclusive, a questão do latifúndio no Brasil, tema de artigos, ensaios e reportagens na revista *Estudos Sociais*. E o Rui foi uma espécie de revisor do ensaio do Fragmon sobre esse tema. Eles eram muito amigos. "O Rui era um a figura maravilhosa, era um lorde", lembra Gazzaneo.

Eram três grandes amigos: o Almir; o Rui, que ficavam diariamente na redação junto com Gazzaneo; Armênio; Fragmon; e José Almeida. O baiano Almir Matos cuidava mais das questões políticas, era um brilhante jornalista. O Almir foi diretor, inclusive, do jornal do Partido na Bahia, durante algum tempo. Almir era uma cabeça política muito interessante. Ele escreveu o primeiro livro sobre Cuba publicado no Brasil: *Cuba: a revolução na América*, publicado pela editora do Partido, a editora Vitória.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 25 3/1/2014 00:54:41

A revista *Estudos Sociais* foi criada pela direção nacional do PCB em maio-junho de 1958, com uma tiragem média de dois a três mil exemplares até o seu fechamento em 1964. Foi a principal publicação do Comitê Central para estimular o debate teórico sobre problemas brasileiros e estimular a politização da militância comunista.

Estudos Sociais foi dirigida por Astrojildo Pereira, Armênio Guedes e o sociólogo Jorge Miglioli. Eles formaram o conselho de redação do veículo junto com os jornalistas Fausto Cupertino, Jacob Gorender, Mário Alves, Rui Facó, o filósofo Leandro Konder e, nas últimas edições, o historiador Nélson Werneck Sodré. Em seus quase seis anos de vida, acolheu a contribuição de cerca de setenta intelectuais das mais diversas áreas do conhecimento, totalizando perto de duzentos textos publicados — ensaios, capítulos de livros inéditos, resenhas, críticas de livros e revistas e documentos históricos. Além dos membros da direção partidária e dos intelectuais comunistas mais influentes, como Alberto Passos Guimarães e Nelson Werneck Sodré, escreveram para a revista importantes figuras do pensamento nacional como Josué de Castro, Hermínio Linhares, Edison Carneiro, pioneiro nos estudos sobre o negro no Brasil.

Em 26 de fevereiro de 1959, foi lançado no Rio de Janeiro, então a capital federal, o semanário *Novos Rumos*, informativo e engajado, às vezes elegantemente panfletário, mas totalmente alinhado à doutrina do PCB, isto é, com o objetivo de informar, formar e estimular estratégias de luta pelo poder, contra o capitalismo e a ameaça monopolista externa. O jornal era comandado por Mário Alves (diretor), Orlando Bonfim Jr. (redator-chefe) e Fragmon Carlos Borges (secretário). Os redatores eram Almir Matos, Rui Facó, Josué Almeida, Paulo Mota Lima e Maria da Graça Dutra. Gazzaneo era o chefe de redação. "Nacionalismo, democracia e socialismo" era o posicionamento de *Novos Rumos*, que defendia os interesses do

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 26 3/1/2014 00:54:41

proletariado segundo o marxismo-leninismo.

Novos Rumos tinha circulação nacional e servia ao projeto de comunicação do Partido Comunista Brasileiro (PCB), à época denominado Partido Comunista do Brasil. Mas era um órgão semi-oficial considerando que a redação teria — como teve — ampla liberdade de pauta. É considerado um dos mais importantes jornais da esquerda brasileira ao lado do *A Classe Operária*, do *Voz Operária* — a quem sucedeu — e do *Imprensa Popular*, todos fundados pelo PCB.

O chefe da redação era o responsável pelo fechamento do jornal. Além disso, Gazzaneo cuidava da parte internacional. O jornal, semanário, fechava às quartas-feiras e circulava às quintas, em todo o Brasil. A tiragem de *Novos Rumos* chegou de sessenta a setenta mil exemplares. "Era o ano dos comunistas", exulta Gazzaneo. "Era um jornal interessante. Era um jornal que — depois que o partido reformulou a sua política, em 1958, na Declaração de Março, o partido deu uma mexida completa na área de comunicação." O PCB tinha diversos jornais diários espalhados pelo país que davam uma despesa enorme e davam um resultado político muito pequeno. *Novos Rumos* passou a ser o porta-voz do partido; deixou de ser apenas um jornal teórico, como era a *Voz Operária*, e tornou-se um jornal de informação, mas com orientação política expressa nos editoriais.

No expediente, o endereço da Matriz, à Avenida Rio Branco, 257, 17° andar, sala 1712, telefone: 42.7344. A gerência funcionava no 9° andar, sala 905.

A data de capa da primeira edição de *Novos Rumos* era 26 de fevereiro a 06 de março de 1959. No editorial, *Nossos Propósitos*, o conceito do novo veículo.

Marieta de Morais Ferreira, no verbete *Novos Rumos* do

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 27 3/1/2014 00:54:41

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil — CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, lembra que

> O jornal surgiu durante a crise vivida pelo PCB como efeito da divulgação, em 1956, do "relatório secreto" de Nikita Kruschev, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, denunciando os fatos ocorridos no período stalinista. A revelação da violência e atrocidades praticadas por Joseph Stalin e por boa parte dos dirigentes do PCUS resultou em mudanças no partido e no afastamento de vários e expressivos militantes, como Agildo Barata e João Batista de Lima e Silva. No desenrolar dos debates para que se imprimisse um novo rumo ao comunismo nacional, a direção do PCB divulgou a chamada "Declaração de março de 1958", manifesto político que representava mudanças na linha de ação do partido ao sublinhar a necessidade de se criar uma frente única nacionalista para combater o imperialismo e lutar pelo desenvolvimento independente capitalista nacional e pela ampliação das liberdades democráticas.
>
> [...] Circulando às terças-feiras, o semanário era impresso em formato standard, inicialmente em dois cadernos, que somavam em geral 14 páginas. Aparentava não se sustentar em publicidade comercial, já que publicava poucos anúncios, a maioria de livros da Editorial Vitória, ligada ao partido. Seu sustento vinha provavelmente do PCB e da venda de exemplares avulsos ou por assinatura. A tiragem chegou a sessenta mil exemplares, mas o número de páginas foi reduzido a oito. Em alguns momentos, quando os acontecimentos relativos à classe operária exigiam informações mais frequentes, o jornal circulou diariamente, como durante as greves gerais de 1962. (FERREIRA, 2001)

No editorial de primeira página, da primeira edição, o posicionamento do jornal, um everfescente veículo de ideias e de teses que, inicialmente, aparentemente conspiratórias, foram confirmadas pelos fatos. O editorial:

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 28 3/1/2014 00:54:41

NOSSOS PROPÓSITOS

Este jornal surge da necessidade de assegurar ao pensamento de vanguarda da classe operária um órgão de decisão mais vivo e atuante, mais capaz, portanto, de participar e influir na grandiosa luta que trava o povo brasileiro pela emancipação nacional, a democracia e o progresso social.

Novos Rumos integra-se com entusiasmo e ânimo como ativo na frente unitária das forças nacionalistas e democráticas, que lutam por superar os obstáculos do desenvolvimento independente progressista do país: a dependência do capital monopolista estrangeiro, o atraso da estrutura agrária. Empenhamo-nos sinceramente na tarefa comum de forjar a unidade de todas as correntes patrióticas e populares, compreendendo que esta unidade é fator básico para a vitória do povo brasileiro sobre o imperialismo norte-americano e seus agentes internos.

No movimento nacionalista e democrático, *Novos Rumos* situa-se do ponto de vista dos interesses da classe mais revolucionária, o proletariado. Consideramos que a classe operária, incorporando-se à luta geral da Nação por seu desenvolvimento independente, tem, simultaneamente, o dever histórico de defender seus próprios interesses, mantendo sua independência no terreno ideológico-político. Cabe à classe operária a missão de impulsionar de modo consequente o movimento nacional e democrático e, após a realização dos objetivos fundamentais da atual etapa da revolução brasileira, conduzi-la para a concepção de objetivos mais avançados, para a vitória do socialismo. *Novos Rumos* abre suas páginas à luta pela unidade e organização do movimento operário, às campanhas em defesa das reivindicações de paz imediatas dos trabalhadores.

Frente aos problemas do mundo, *Novos Rumos* coloca-se ao lado das forças do progresso e da paz, ao lado dos países socialistas, dos povos libertados, da opressão imperialista e daqueles que ainda lutam, como nós, para quebrar as cadeias da dependência nacional.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 29 3/1/2014 00:54:41

> Jornal do pensamento operário de vanguarda, *Novos Rumos* fundamenta sua apreciação dos acontecimentos nos princípios do marxismo-leninismo, única concepção revolucionária do desenvolvimento da sociedade que teve sua validade comprovada pelos fatos dos últimos cem anos. À luz dessa teoria que transforma o mundo, nos dispomos a interpretar a realidade de nosso país tendo em conta as suas particularidades específicas. Esperamos contribuir, deste modo, para a educação e esclarecimento dos trabalhadores brasileiros, para a formação de sua consciência... Fechar-se em atitude de isolamento sectário. O marxismo-leninismo é contrário, por princípio, a todo sectarismo por que aí transformações revolucionárias não são frutos da ação de pequenos grupos de líderes ligados às massas, e sim da atuação histórica das próprias massas. Em razão disso não pretendemos ser um jornal que interesse apenas aos comunistas. Desejamos que *Novos Rumos* possa levar o pensamento de vanguarda à círculos mais amplos dos trabalhadores e do povo.
>
> A equipe que faz *Novos Rumos* não desconhece as dificuldades de toda ordem que terá que enfrentar para cumprir sua missão. Estamos certos, porém, de que tais dificuldades serão vencidas, se contarmos com o apoio dos trabalhadores e do povo. Este apoio não significa apenas estímulo, ajuda e compreensão. Significa também a crítica santa e a opinião sincera.

O jornal *Novos Rumos* de Rui era, portanto, um veículo engajado a serviço de uma missão. Ele traduzia, sem ceticismo, a fé de que a conjuntura no cone sul era favorável a mudanças estruturais no modelo de gestão dos Estados nacionais, contra o inimigo externo comum, os Estados Unidos, e, internamente, contra a opressão de um incipiente e draconiano capitalismo e um Estado burguês opressor.

A Guerra Fria, bipolar, era o caldo ideológico extremado que fornecia o combustível para tanta determinação.

No editorial de *Novos Rumos,* edição de 1º. de julho a 7 de julho

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 30 3/1/2014 00:54:41

de 1962, sob o título "Esmagar os golpistas e formar Gabinete que faça as reformas", um recorrente posicionamento do jornal.

> As forças da reação e do golpe, reconhecidamente ligadas ao imperialismo norte-americano e que, mais uma vez, já tentaram implantar no país uma ditadura entreguista, recrudesceram-se uma criminosa atividade contra o nosso povo e independência nacional. Desencadearam violenta ofensiva, que chegou a envolver altas figuras da Igreja como o Núncio Apostólico e o cardeal do Rio de Janeiro, com o objetivo de anular os aspectos positivos da política externa do governo. Tentaram, através de manobras sórdidas dentro do próprio conselho de Ministros, utilizando-se de "denúncias" forjadas sobre a atividade do embaixador de Cuba, levar ao rompimento de relações com o governo de Fidel Castro. Tendo à frente o bando do governador Carlos Lacerda, recorreram a processos terroristas uma tentativa de fechar a Exposição Soviética e criar contra as autoridades diplomáticas soviéticas um clima de provocações que levassem também ao rompimento de relações com a URSS. E intensificaram, como foi denunciado pelo General Osvino Alves, suas tramas golpistas no seio das Forças Armadas, conspirando contra a legalidade constitucional. Agrava-se, assim, a situação do país diante da ofensiva das forças da reação e do entreguismo, as quais de novo ameaçam as conquistas e direitos dos trabalhadores e do povo e põem em risco a própria soberania da nação.
>
> Ao analisar a crise política de agosto do ano passado e a constituição do governo Jango-Tancredo Neves, os comunistas denunciaram a solução de conciliação com o imperialismo e o latifúndio de apaziguamento com os golpistas que tinha sido dada à crise pelas classes dominantes. E mostraram, dessa maneira a solução encontrada trazia em seu próprio bojo elementos de nova crise. O Conselho de Ministros formado revelava-se incapaz de resolver os problemas fundamentais da nação. E isso exatamente por que ele nascia comprometido com *a exploração latifundiária e a espoliação imperialista*. Por outro lado, os golpistas, conservados em

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 31 3/1/2014 00:54:41

> postos importantes do aparelho do Estado, particularmente nas forças armadas, continuariam suas articulações e manobras, aguardando apenas um momento oportuno para agir.

O cenário desenhado, aqui, era de pé de guerra e mostra bem o clima tenso, beligerante, conspiratório e de ruptura potencial entre classes. Mesmo assim, Rui defendia a negociação extrema e a convergência, como deixa claro neste texto de sua autoria em *Novos Rumos*.

O tema, Guerra Fria. O título *Nem se podia esperar mais* expressava o estado de espírito do autor em relação ao desfecho do encontro de Viena, Áustria, entre os chefes de governo da União Soviética e dos Estados Unidos, primeiro ministro Nikita Kruschev e presidente John F. Kennedy.

O encontro de cúpula — *Vienna summit* — foi iniciado em 4 de junho de 1961 entre John Kennedy e Nikita Kruschev. Durante os dois dias, Kruschev denunciou o apoio de Washington ao que considerava "regimes velhos, moribundos, reacionários". É possível, como querem alguns historiadores, que a cúpula de Viena tenha sido variável decisiva para Kruchev pela construção do Muro de Berlim, pelo envio de mísseis para Cuba. Ele teria se convencido de que Kennedy — que derrotara Nixon no ano anterior — era inexperiente e tímido demais para uma reação consistente.

Rui escreveu:

> Encerrou-se, como se esperava, sem nada de espetacular, o encontro de Viena entre os chefes de governo da União Soviética e Estados Unidos, primeiro-ministro *Kruschiov* [grafia adotada por *Novos Rumos*] e presidente Kennedy. O comunicado final das conversações de Viena é extremamente sumário. Enumera apenas os que foram objeto de debate – as provas nucleares, o desarmamento, o tratado de paz com a Alemanha.
>
> O que há de mais positivo: a concordância em que o atualmente

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 32 3/1/2014 00:54:41

conflagrado reino asiático do Laos seja um país neutro e independente, e não como pretendiam os imperialistas, uma base militar da SEATO para contenção das liberdades dos povos da Ásia. E, por fim, o prosseguimento dos contatos pessoais agora reiniciados para discutir todos os problemas relacionados com a paz mundial e as relações entre as duas maiores potências: URSS e EUA.

Não é muito em relação com a multiplicidade e importância das questões internacionais pendentes, mas, como resultado inicial, depois de um agravamento das relações americano-soviéticas dos últimos meses, é alguma coisa.

Nem se podia esperar mais.

Não pode haver, por isso, decepção ou pessimismo, a não ser uma preconcebida atitude derrotista de porta-vozes dos círculos mais reacionários, dos partidários do prosseguimento da Guerra Fria e da própria deflagração da guerra.

O encontro de Viena veio reafirmar a possibilidade de manter a coexistência pacífica, de evitar a guerra mundial e até mesmo as guerras localizadas.

E, finalmente, a expressão de um credo:

[...] A vitória econômica do socialismo tem um reflexo direto e imediato na política internacional, proporcionando novas condições para a coexistência pacífica entre capitalismo e socialismo. O encontro Kennedy-Kruschev é uma prova disso. E quanto maiores forem os êxitos do socialismo, quanto mais lutarem as forças empenhadas na conquista da independência dos povos coloniais e semicoloniais, maiores as garantias de paz no mundo.

Eis outro texto que reforça a formação e a convicção de Rui, também publicado em *Novos Rumos*, afinal, o próprio pensamento

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 33 3/1/2014 00:54:41

engajado da publicação.

> O problema da terra, para o PCB, só lentamente foi sendo compreendido como um problema fundamental da revolução brasileira. O partido carregava, ainda, o peso de influências anarquistas, que só via o proletariado moderno, o operário da fábrica, sem pensar o quanto lhe era imperioso possuir aliados, numerosos e firmes, na sua longa caminhada para o poder. Aliás, com exceção dos social-democratas russos, os demais socialistas desprezavam o campesinato trabalhador.
>
> No entanto, o marxismo-leninismo já possuía, elaborados, os princípios da aliança operário-camponesa, com os primeiros trabalhos básicos de Marx e Engels, desenvolvidos depois por Lênin em sua polêmica com Plekhanov, que subestimava o papel das massas camponesas na revolução proletária.

No mesmo texto, Rui cita a doutrina do PCB em relação à luta operária e aos camponeses:

> [...] segue-se a conclusão lógica da posição do Partido Comunista ante as massas campesinas: 'Uma das mais importantes tarefas do PCB é tomar a direção da luta dos camponeses que se desdobra, e, para obtê-la, conseguir a sua confiança revolucionária, assegurando assim nas suas massas pobres e médias um aliado para a classe operária'.

E de maneira mais ampla e peremptória:

> Somente colocando-se na direção dos camponeses pobres e médios, combatendo pela liquidação revolucionária das sobrevivências pré-capitalistas, do jugo imperialista e nacional que pesa sobre eles, poderá o proletariado no Brasil preparar as condições necessárias à sua própria libertação de classe.

Rui tinha posição anti-imperialista clara e, não poucas vezes,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 34 3/1/2014 00:54:41

lançou sua pena na defesa de uma frente regional sul-americana contra a ameaça do Norte.

Isso é reforçado no seu ensaio *Uma Política independente para a América Latina,* em que afirmava que,

> há indícios cada vez mais evidentes na América Latina de uma tendência dos países deste continente assumirem posição independente em problemas de política exterior." Ele concluía que "esta tendência se acentuou depois do vergonhoso fracasso da intervenção dos Estados Unidos em Cuba, através da invasão da ilha por mercenários exilados na Flórida. O fato veio comprovar novamente o anacronismo da política agressiva que pretendem manter a todo custo os imperialistas ianques. Kennedy, em plena época de vitória do socialismo, num bom número de países e de avanço das ideias socialistas no mundo, na época da derrubada final do colonialismo, comete a loucura de ressuscitar uma política morta e enterrada de há muito: a política do 'bastão longo' do primeiro Roosevelt, Theodore. Mas não só não encontrou o apoio que esperava por parte dos principais países latino-americanos para intervir em Cuba, como sabe que de agora por diante, será sempre mais difícil aos Estados Unidos imporem a sua vontade neste terreno.

Ele informa sobre a perspectiva da formatação de uma terceira via global.

> Nas vizinhanças dos Estados Unidos, no México, fala-se da possível formação de uma 'terceira frente' de países latino-americanos, africanos e asiáticos para assumirem posição equidistante em relação ao bloco das potências imperialistas e no campo socialista. Sabendo-se que os países coloniais e semicoloniais sempre constituíram reserva do imperialismo em casos de guerra, compreende-se o quanto o imperialismo tem socavadas as suas posições caso esta tendência se acentue e ganhe corpo.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 35 3/1/2014 00:54:42

MARIGHELLA

À beira do túmulo de Rui, naquela manhã morna, no Rio de Janeiro, expressões de todos os tamanhos, filiados e não filiados ao PCB, estavam ali agora, no Cemitério São João Batista. Falava-se da perda do companheiro e da falta que ela faria em *Novos Rumos* e nas fileiras do partido onde se confundia o ideólogo com o militante.

Rui baixou à sepultura precisamente às 10 horas da manhã. Além do ex-senador Luís Carlos Prestes, estavam ali, também, o teatrólogo Dias Gomes, o escritor Milton Pedrosa e o dirigente operário Roberto Morena. Uma delegação do Sindicato dos Bancários da [então] Guanabara compareceu para render, em nome daquela categoria de trabalhadores, uma última deferência ao intelectual revolucionário.

No velório, durante toda a noite anterior, o corpo de Rui Facó estava na câmara 4 da capela Real Grandeza.

Luís Carlos Prestes, o pintor Di Cavalcanti, Valério Konder, do Conselho Mundial da Paz, o advogado Jorge Pires Chaves, dentre outras personalidades, passaram ali parte da noite.

— Aqui nos encontramos para o testemunho de nosso apreço e amizade a Rui Facó, na última homenagem que lhe prestamos — os que lutamos ao seu lado, os seus admiradores e amigos, os seus familiares — bradou Carlos Marighella, no ato de sepultamento, em nome dos comunistas brasileiros.

E continuou Marighella:

> Representando os comunistas brasileiros, falando em seu nome e em nome de Luís Carlos Prestes, quero dizer o quanto sentimos pela perda de Rui Facó, tragicamente desaparecido no desastre de avião do Lloyd Aéreo Boliviano.
>
> Já agora, não o temos mais em nosso meio. Já não contamos com a sua pena de jornalista e escritor de combate. Sempre haveremos, porém,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 36 3/1/2014 00:54:42

de recordá-lo. Pelo seu espírito de luta. Pelo seu padrão de caráter. Pela fidelidade à causa do Partido Comunista, ao qual pertenceu desde a juventude e pelo qual lutou incansavelmente.

Ante o contraste gritante da terra em que nasceu no Ceará, entre os camponeses sem terra e os latifundiários sem piedade, Facó manteve-se fiel à sua origem pobre e escolheu o caminho da luta pela liquidação do latifúndio e a emancipação de seu povo. Trabalhando e estudando, fez-se um intelectual de valor, pondo-se a serviço das massas. Seu amor à classe operária e aos camponeses está revelado nos trabalhos e estudos que escreveu. O povo — para ele — era o fator da história. Os acontecimentos decisivos da vida do país, ele via através dos interesses das classes em luta, para concluir pela necessidade da vitória do proletariado e seus aliados.

O problema capital da extinção do monopólio da terra, a imperiosidade da reforma agrária que transforme a vida dos camponeses, assegurando-lhes a propriedade de um pedaço de chão eram preocupações permanentes de Facó. Dedicou grande parte de seus esforços à análise do cangaceirismo, aos surtos do fanatismo do Nordeste, cujo atraso semifeudal ele sonhou abolir. Banditismo, Canudos, Contestado, Padre Cícero de Juazeiro. Lampião, o êxodo rural das populações nordestinas, eis fenômenos sociais cujas causas e origens Facó estudou, atribuindo-as à permanência do latifúndio. Em *Cangaceiros e Fanáticos*, livro que será publicado por Ênio Silveira, Facó expressa seu interesse profundo pela causa dos camponeses aliados naturais da classe operária.

Patriota, Facó pôs sua pena a serviço da defesa do petróleo e do bom combate contra o imperialismo dos Estados Unidos. Procurou contribuir para o avanço da pesquisa histórica e da interpretação marxista da realidade brasileira de que é prova o seu livro *Brasil Século XX*.

Jornalista militante, passou pela cadeia, sofreu perseguições policiais, e nada lhe abateu o ânimo. Escreveu para revistas revolucionárias,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 37 3/1/2014 00:54:42

como *Seiva*, da Bahia, terra que ele amou e adotou como segundo torrão natal. Participou da redação da *Classe Operária*, jornal que, na época, era um autêntico órgão revolucionário e porta-voz do Partido Comunista.

Facó dirigiu *Problemas da Paz e do Socialismo*, revista teórica e de informação internacional. Viveu com sua família na União Soviética, e ali desempenhou o cargo de redator da Rádio de Moscou. Não era somente um revolucionário que utilizava a pena e com ela demolia o inimigo, os perseguidores e exploradores do povo. Era um homem de ação. Viajava para fazer reportagens e buscava o contato direto com o povo. Em momentos duros de lutas dos camponeses, dirigia-se ao campo e confundia-se no local com os próprios camponeses, para melhor transmitir jornalisticamente os sentimentos e aspirações dos lutadores e infundir-lhes ânimo com a sua presença.

A morte o colheu exatamente numa de suas viagens pela América Latina, cujos países visitava fazendo reportagens para *Novos Rumos*, jornal revolucionário onde ocupava um lugar de destaque na redação. Revelava-se assim um internacionalista, empenhando mais uma vez, tal como fizera em sua passagem pelos países socialistas, em cimentar os laços de amizade entre os povos. Comunista convicto, lutava pela completa emancipação econômica e social do povo brasileiro, que desejava um dia ver empenhado na construção de uma nova sociedade, a sociedade socialista.

Sentimental no bom sentido do apego à família, à esposa Julia, revolucionária como ele, e que ele viu morrer no estrangeiro, saudosa da pátria brasileira, do amor e do carinho pelo filho, Paulo, que estuda em Moscou, Facó era um lutador persistente, metódico com uma confiança enorme na classe operária e na força das massas.

Aqui, o desfecho da homenagem de Marighella:

O sentido humano de sua luta, de sua vida, de sua obra, tudo isso

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 38 3/1/2014 00:54:42

> ficará para sempre nas fileiras do Partido Comunista e se estenderá por entre seus amigos, que eram muitos e que ele os soube fazer, atraindo-os com sua simpatia de lutador pela compreensão da luta a que se devotou.

Marighella conhecia Rui desde os tempos de Salvador. Foram contemporâneos da Faculdade. Rui, no Direito; e Marighella, na Engenharia, que abandonou para se dedicar umbilicalmente ao Partido Comunista Brasileiro, no qual foi do céu ao inferno, numa militância impregnada por ação e alinhamento ortodoxo. Foi preso pela primeira vez em 1932, devido a um poema que criticava o interventor Juracy Magalhães, da Bahia. Após ganhar liberdade é que ele larga o terceiro ano da Engenharia e, em seguida, migra para o Rio de Janeiro. Combateu a ditadura de Getúlio Vargas de 1937 a 1945, foi preso, torturado. Ao sair da prisão, entra para a clandestinidade, até ser recapturado, em 1939. Novamente é torturado e fica na prisão até 1945. Em 1946, elegeu-se deputado federal constituinte, cassado em 1948. Fez uma imersão em táticas de guerrilha em Cuba, em 1960.

Em 1954, então aos 43 anos, Marighella inspirou Jorge Amado, este também enfileirado ao PCB, na trilogia *Os Subterrâneos da Liberdade*.

Marighella viveu 57 anos, dos quais 19 na clandestinidade, sete na cadeia e 33 dedicados ao PCB, do qual saiu, expulso em 1967, e desiludido quando o primeiro-ministro soviético Nikita Kruschev denunciou o stalinismo. Em 1968, funda o grupo armado Ação Libertadora Nacional — ALN que lutou contra a ditadura militar (1964-1985).

Na noite de 4 de novembro de 1969, Marighella foi emboscado na alameda Casa Branca, na cidade de São Paulo. Foi morto a tiros por agentes do Departamento de Ordem Política e Social, o DOPS, polícia política criada em 1924, numa operação coordenada pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 39 3/1/2014 00:54:42

Marighella tinha relação discreta com o cotidiano do jornal *Novos Rumos* e chegou a publicar ali um artigo intitulado "A vitória da revolução cubana", sobre um dos temas favoritos, Cuba e Fidel. No artigo apontava o dedo e afirmava que os Estados Unidos promoviam sucessivas tentativas de desestabilização do governo de Fidel. Sua metralhadora apontava mesmo para o ministério de João Goulart. "Forças entreguistas e reacionárias que atuam sobretudo no Itamarati, e contam com o apoio do ministro gorila Araújo Castro, trabalham ao lado dos norte-americanos pelo rompimento do Brasil com Cuba".

PRESTES

À beira do túmulo de Rui, um Luís Carlos Prestes, jovial, aguerrido, iniciou sua fala.

— Jornalista e escritor, Rui Facó era, sobretudo, um corajoso lutador pela causa da emancipação de nosso povo, disse Prestes .

E continuou: "Por vários anos, ajudou o povo brasileiro em sua luta contra o imperialismo e o latifúndio e em favor das grandes campanhas patrióticas, de que é exemplo a defesa do petróleo", testemunhava seu companheiro de militância.

— Facó revelou-se um intelectual de valor, desprendido e incansável lutador proletário, cuja perda os comunistas brasileiros lamentaram sinceramente. — Pausava a fala sob palmas calorosas.

— Sua memória será sempre lembrada pelo exemplo que deixa de intelectual comunista, sempre a serviço do povo, e de homem de combate.

Mais uma vez Prestes foi interrompido sob o aplauso emocionado daquela plateia umbilicalmente e organicamente ligada a Rui.

Rui Facó morreu às vésperas de completar cinquenta anos. Sua carreira foi resultado de determinação, dedicação obstinada, método

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 40 3/1/2014 00:54:42

e disciplina e foi iniciada com muitas dificuldades.

À época, Facó vestia-se modestamente. Mesmo assim, sempre andava de gravata. Seu porte físico franzino contrastava com o nariz grande. Tinha um rosto pequeno e vermelho.

Facó e Julia conviviam o tempo todo. Saíam juntos da faculdade. Participavam da mesma célula na faculdade de Direito.

Ele se fez sozinho, sem dinheiro dos pais, mas se moveu dentro de uma enorme rede de relacionamento que inclui a capilaridade da família Facó e seu viço de intelectual apegado compulsivamente à leitura e aos estudos. A política de militância ideológica foram atributos preponderantes na ampliação dessa rede.

Seguiram-se homenagens, depoimentos publicados e condolências.

Novos Rumos, na semana de 22 de março a 28 de março de 1963, dedicou a Rui toda sua página 5, uma página inteira sobre ele.

Sob o título *Um Companheiro*, lamentava a perda.

> Mesmo para nós, homens de imprensa, habituados a lidar cotidianamente com fatos que suscitam os mais fortes e diversos sentimentos, representou um golpe cruel, extremamente doloroso, o desaparecimento trágico do nosso querido companheiro e muito amigo Rui Facó.
>
> Há uma mesa vazia na redação de *Novos Rumos*, foi cortada, mutilada a família dos que fazem e escrevem esse jornal. Deixou-nos Rui Facó no esplendor de sua vida que foi toda ela de um intelectual a serviço do povo brasileiro. Sua fidelidade à causa do progresso que coincide com o início de sua existência consciente ainda como estudante, depois como jovem jornalista. Escritor e poeta tornou-se mais sólida ainda a partir de 1913 com o aparecimento da imprensa popular em nosso país. Desde então, Rui Facó passou a dedicar toda a sua energia e capacidade criadora ao movimento comunista, no qual ele via o que de mais avançado já produziu a humanidade em toda a sua trajetória milenar. Como redator de *Novos*

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 41 3/1/2014 00:54:42

Rumos, Facó enfrentava com familiaridade os temas mais variados. A capacidade profissional aliava-se a uma eficiência incomum, exemplar para cada um de nós, seus companheiros de trabalho. Nas matérias de Rui Facó era constante a presença de dois elementos: a preocupação de defender sempre os interesses do povo e a clareza que as tormavam acessíveis às pessoas simples, aos trabalhadores, aos camponeses.

Rui Facó era também um escritor. Teve sua juventude por toda a sua vida, mesmo quando esteve vivendo na União Soviética, dedicou-se ao estudo e à pesquisa dos grandes problemas nacionais da história do nosso país. Homem metódico, trabalhador, resumia e anotava sistematicamente as obras que estudava. No curso dessa intensa atividade intelectual, acumulou uma massa de conhecimentos sobre o Brasil, suas origens, sua história, seus problemas. O uso do seu livro *Brasil Século XX* tanto aqui como em vários outros países é fruto desse esforço e da seriedade com que foi preparado. Os que o conhecíamos há mais tempo, que o sabíamos em plena força do seu desenvolvimento e de sua afirmação como escritor, podemos avaliar melhor a perda que sua morte representa para a vida intelectual brasileira.

Com uma compreensão do mundo eminentemente humanista, Facó, como escritor, não se isolava da vida corrente. Ao contrário era um ativo militante prático. Na elaboração de seu livro *Cangaceiros e Fanáticos*, cujo próximo aparecimento ele não verá, não se limitou a um intenso trabalho de pesquisa de barca. Foi ao interior do Nordeste, ao seu Ceará, conversou, colheu depoimentos vivos, foi ver no local as condições que fizeram surgir aqueles fenômenos que são o objeto de seu livro. E mais: nessas viagens fazia conferências, aprendia e ensinava, fazia amigos que eles os tinha muito. Porque outra característica de Rui Facó era a sua condição de criatura profundamente humana, sua tolerância, a capacidade de interessar-se pelas coisas simples e que decorria de um grande amor à vida.

Diz o povo que um homem deve assinalar sua passagem no mundo

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 42 3/1/2014 00:54:42

> deixando um filho, plantando uma árvore e escrevendo um livro. Paulo, seu filho, com quem nos solidarizamos neste momento de dor, tem, assim, uma generosa herança a zelar. Aquela que lhe deixa o nome honrado e digno do nosso companheiro Rui Facó.

Esta homenagem de *Novos Rumos* a Rui desenhava um pouco sua personalidade e seu compromisso social revolucionário, como intelectual orgânico, formulador e narrador da realidade através do trabalho de repórter, redator e escritor, a serviço de uma causa.

Em Praga, Tchecoslováquia, o professor e escritor Zdenek Hampejs foi informado por Astrojildo Pereira, através de carta, da morte de Rui. Zdenek Hampejs foi o tradutor para o tcheco do livro *Brasil Século XX*.

Hampejs conheceu Rui em 1960, no Brasil. Em artigo publicado no Suplemento Literário do *Diário de Notícias*, de domingo, 23 de abril de 1961, Hampejs conta:

> Quando, há uns dez meses, chegamos ao Brasil, procuramos insistentemente um livro que nos orientasse nos problemas, tão complicados e, à primeira vista, impenetráveis, do Brasil atual. Por coincidência, pouco depois do nosso desembarque uma das primeiras pessoas com que retomamos o contato — contato que, aliás, data de há muitos anos — foi James Amado que nos apresentou, em sua casa, entre outros convidados, a um jornalista, cujo nome não nos era, aliás, desconhecido: Rui Facó. E, já naquela primeira palestra, que logo travamos, verificamos que é ele quem estava preparando um livro do tipo, cuja consulta nos parecia indispensável. Folheando, um pouco mais tarde, as páginas datilografadas do manuscrito, vimos logo que se tratava da obra que estávamos procurando. E, sem hesitar, mandamos informar uma das editoras mais prestigiadas em Praga sobre a existência do livro dando as suas principais características e salientando a importância que poderia ter para os leitores tchecos. A resposta foi rápida — mais rápida

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 43 3/1/2014 00:54:42

> do que costuma ser e do que esperávamos. A proposta foi aceita e ao proponente foi pedido elaborar a tradução. [...] É, realmente, surpreendente a abundância de matéria que o autor soube condensar nessa obra não volumosa (261 páginas).

Sobre Zdenek Hampejs, escreveu Eneida em sua coluna no *Diário de Notícias*, de 4 de agosto de 1961. "Aquele moço louro de óculos que chegou um dia a esta cidade contratado pela Faculdade de Filosofia, vai voltar agora para sua pátria. Somos amigos, se bem que eu , até hoje, não sabia direito pronunciar seu nome. Chamo-o de Hamps como todo mundo."

Pois Astrojildo Pereira encarregou-se de informar a Zdenek Hampejs sobre o desastre áereo fatal.

— Hoje rompo o silêncio — e para lhe dar uma notícia muito e muito triste: o nosso Facó desapareceu num desastre de avião, quando viajava do Chile para a Bolívia, informava Astrojildo.

Em seu artigo "Adeus ao bom amigo" Hampejs depõe sobre a relação de amizade e intelectual com Rui.

— Fiquei completamente abalado com a notícia sobre a morte, tão inesperada do grande jornalista e do excelente amigo. Perdi um dos maiores amigos que tinha no Brasil. O amigo com o qual mantive um contato quase diário, durante a minha estada brasileira de tantos meses.

E continua Hampejs:

> Só Antenor Nascentes e Astrojildo fizeram mais por mim do que esse homem cheio de planos e que se encontrava no auge da sua atividade jornalística. Um homem que entendia os problemas brasileiros como poucos. Um homem que depois de ser um simples jornalista por muitos anos, chegou a pertencer, graças à sua operosidade, entre os maiores peritos dos problemas econômicos e sociais da sua pátria. Um homem que fez várias traduções dos livros russos — fenômeno ainda raro no Brasil

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 44 3/1/2014 00:54:42

onde a maior parte dos livros russos se traduz através de outras línguas.

Além de jornalista e cronista, esclarecido nas questões econômicas, políticas e culturais, foi autor do excelente livro *Brasil Século XX*, traduzido para várias línguas da Europa, por exemplo, para o russo e para o italiano. Tive o imenso prazer em fazer a sua tradução tcheca. Fi-la ainda no Brasil, com a ajuda muito abnegada e eficaz do próprio autor que me explicou várias coisas que eu não entendia. Realizei este trabalho com um grande entusiasmo, porque considerava o livro mais indicado para dar uma informação objetiva e justa sobre o Brasil contemporâneo. Pus todo meu carinho na tradução, dedicando-lhe o tempo livre que infelizmente era tão pouco no Rio, onde os cursos e estudos absorveram toda a minha estada.

O livro teve aqui uma boa repercussão. O seu êxito deu ânimo a Facó para que ele continuasse nesse trabalho sério e de valor duradouro. Estava preparando outros trabalhos nas raras horas vagas que lhe deixava a sua intensa campanha jornalística e as viagens que empreendia em número cada vez crescente pelo interior do Brasil. Ultimamente, viajava pelo estrangeiro e uma dessas viagens lhe foi fatal.

Se eu ainda voltar ao Brasil, não terei mais a oportunidade de conversar com Facó na roda dos amigos; saborear o delicioso churrasco da Churrascaria do Leme, onde almocei com ele e com Dalcídio Jurandir no dia do meu embarque: nunca mais terei o prazer de discutir com ele os problemas do Brasil, do mundo e do meu íntimo. Nunca mais o verei aqui em Praga, cidade que ele adorava; nunca mais poderei recompensar as suas múltiplas amabilidades que me prestou no Brasil. Eu sempre sonhava com sua viagem para Moscou, onde tem seu filho único, que agora vai ficar órfão de pai e mãe — ela morreu na URSS nos anos da longa estada da família Facó na capital soviética. Pensava que ele empreenderia essa viagem via Praga, para voltar a visitar o nosso país, onde, em 1958, passou um mês. Mas, infelizmente, nunca se realizará esse meu sonho. Perdi um excelente

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 45 3/1/2014 00:54:42

amigo, de cuja bondade, de cuja vida modesta, de cujo apartamento pobre — com os livros como a sua única riqueza — nunca me esquecerei.

Para terminar, gostaria de citar um pequeno trecho, a título de testemunho, de uma das várias cartas que me mandou logo depois de sair a edição tcheca do livro *Brasil Século XX:*

Acabo de receber um ótimo presente seu: um exemplar do *Brasil Século XX* em tcheco. Está ótimo! Muito boa apresentação gráfica, muito bem ilustrado e... tradução melhor ainda, graças a este bom amigo que é você. Levei à redação e todos gostaram muito. Uma coisa destas dá mais entusiasmo no trabalho. E, realmente, apesar de bastante atarefado com o trabalho diário, não deixo de trabalhar no meu segundo livro, que extravasou um tanto do plano inicial, mas creio que vai ficar bem. Este, como você sabe, são assuntos para consumo interno, coisas que só nós brasileiros compreendemos: os nossos cangaceiros, os nossos 'fanáticos', os nossos jagunços, e os coronéis que infelizmente também são nossos, e que sobreviveram aos cangaceiros e aos fanáticos, ficando com eles apenas seus jagunços. Creio que dentro de um mês, mais ou menos, estará terminado o livro...

O Facó não viveu para ver publicado este segundo livro que, em breve, deve sair na Civilização. Mas espero que os leitores, lendo a obra, verão novamente que perda constituiu para o Brasil a morte prematura, trágica e absurda do nosso bom e leal amigo Rui Facó.

Zdenek Hampejs, amigo de Rui e tradutor do seu livro *Brasil Século XX*, nunca mais voltou ao Brasil. Morreu em 1986.

Outro depoimento emocionante vem da jornalista e crítica Eneida de Morais, paraense, sob o título "Companheiro", também publicado em *Novos Rumos*.

Não sei, nem gosto de falar da morte ou em morte. É que até hoje, por mais que eu lute e estude para ser uma boa materialista, não consigo

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 46 3/1/2014 00:54:43

compreender a morte nem aceitá-la. E ela se me apresenta mais estúpida ainda quando ocorre com um amigo e um companheiro do tamanho desse homem que foi Rui Facó.

Perdemos um companheiro e um amigo desses que dificilmente podem ser substituídos. Perde o partido um dos seus melhores militantes, desses que jamais devem ser esquecidos, porque ao partido, ao proletariado, ao povo deram não apenas momentos, mas todos os minutos de sua vida. Escritor, Facó era um escritor em luta sempre na defesa dos interesses do proletariado. Companheiro, Facó era daqueles pacientes e serenos capazes de conversar ou discutir fatos políticos que não compreendêssemos sem demonstrar superioridade intelectual — e ele a tinha — sem deixar que percebêssemos nossa fraqueza ou a sua força.

Carregava consigo sem lamúrias a saudade sempre viva da companheira morta, a quem muito amou, e a saudade também cheia de amor pelo filho, ora estudando na URSS. Falava em ambos e esperava ter o filho este ano para com ele passar as férias. O dinheiro obtido pela publicação de seu livro na URSS daria para as despesas de viagem do rapaz. Disse-me um dia: 'Tenho a certeza que você vai gostar de conversar com ele'.

Continua Eneida:

Esse Facó bom e límpido como um copo de água, rindo muito de minhas bobagens, conversando conosco na Livraria São José sempre ao par de todos os acontecimentos, morreu estupidamente, estupidamente desapareceu num desastre de aviação. Dizer o quanto sua morte nos transtornou, é desnecessário. Na voz de cada um de nós, de *Novos Rumos*, havia o tom, a princípio patético, mas de esperança, depois de grande sofrimento. Viajava para *Novos Rumos* fazendo reportagens na América Latina, as suas reportagens sempre tão úteis e tão vivas. Sobre o corpo do companheiro morto fica nossa amizade e a afirmativa de que continuaremos na sua que é também a nossa luta.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 47 3/1/2014 00:54:43

O escritor Dalcídio Jurandir (1909-1979), além de militante do PCB como Graciliano Ramos e Eneida de Moraes, dedicou a Facó um depoimento emocionado.

Rui era um homem alegremente responsável, tranquilo no tumulto, sem fazer disso um título, um privilégio, uma ação singular. Nem sei se achava nisso um dever, tal era a aceitação madura, o modo tácito de sua militância tão experimentada e refletida. Fazia de um encargo severo, por vezes obscuro, anônimo, sem recompensas nem rumor a condição mesma de sua gaya ciência. Mas, na serenidade com que sempre via os fatos ou era por estes surpreendidos na aparente conta de que 'tudo tem uma saída', de que as inquietações são, muitas vezes, mais imaginárias que legítimas, Rui Facó não ocultava as suas incertezas, não escondia as suas indagações, e via em tudo que se discute, duvida, indaga, contesta, até mesmo desespera, um sinal bom das ideias dos sentimentos que nos animam.

Vi um pouco de perto o seu trabalho. Não falo de seus escrúpulos, de sua avidez pela verdade, de sua curiosidade militante e implacável. Do que fazia não tirava lustro algum, modestamente amassando o seu labor como se fosse algo sem nome, que qualquer um podia fazer e unicamente dedicado a sua esperança.

E isto faz doer mais, sobretudo, com os dias que passam a sua ausência. Tinha uma expansiva ou sorrateira confiança nos outros. Sabia acreditar. Sabia tão bem fazer uso da amizade, acender nos companheiros e até nos desconhecidos um estímulo, uma certeza! Comunicávamos responsabilidade, a boa ambição, o empenho de viver não só, mas com os demais.

Recordo suas conversas sobre o trabalho que escrevia a respeito do papel da Igreja na história brasileira. Dia a dia, mergulhava mais fundo no Brasil, faminto do Sul, do Nordeste, em plena massa camponesa, em plena posse de Arrais, numa ação da qual chegava mais feliz, mais brasileiro,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 48 3/1/2014 00:54:43

> mais criatura do mundo. Não apenas curioso do Brasil, do brasileiro, mas disposto a transformar o país e o homem.
>
> Na última vez, encontramo-nos rapidamente: precisamos conversar, disse ele. Quando? Tínhamos marcado sábado. Não foi possível.
>
> Delicado e atento, escutando sempre, sabia ordenar, intimamente (dando-lhe por isso mais força), aquela paixão que ajudou a fazer dele um dos homens mais puros, mais amigos e mais lúcidos de nosso tempo.

A tese de acidente provocado, sempre especulada à época, aparece pouco na imprensa. Ele ganhou tons de ruído porque Rui Facó era um comunista militante defendendo teses revolucionárias numa conjuntura de aquecimento da Guerra Fria e sob a ascensão de Fidel Castro em Cuba o que, na perspectiva da inteligência americana, era um exemplo perigoso que poderia se espraiar pela América Latina. Outro dado importante: a bordo do avião estavam diplomatas cubanos, no ápice da Guerra Fria. É fato que agentes da CIA foram os primeiros a chegar no local do acidente e que documentos em posse dos cubanos sumiram do local do sinistro.

A hipótese de acidente provocado não teve sustentação.

Mas num artigo do jornalista Gondim da Fonseca a tese de "assassinato" aparece claramente na Imprensa, e, ainda mais, na Grande Imprensa, embora regional.

O artigo de Gondim da Fonseca foi publicado no dia 4 de abril de 1963, no jornal *Gazeta de Notícias,* de Fortaleza.

Gondim lamenta que "a imprensa diária, excetuada a *Gazeta de Notícias*, não deu relevo à morte do companheiro de jornalismo Rui Facó, ocorrida em dias do mês passado, quando regressava de La Paz, num avião do Lloyd Aéreo Boliviano".

Viperino, Gondim lembra que "Rui Facó principiou na imprensa quando eu já era burro velho, e nos *Diários Mancomunados,*

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 49 3/1/2014 00:54:43

[referência a *Diários Associados*] que sempre detestei. Entretanto, sua ação em interesse do povo e da pátria, ação que o conduziu ao cárcere, o obrigou a viver fora do Brasil e a levar sempre uma vida penosa e de trabalho árduo, o consagrou como paradigma para quantos se dedicam à faina do jornal."

Aqui, Gondim é preciso quanto a uma característica profissional de Rui, de repórter cheio de acuidade e precisão na apuração dos fatos e original, quando opinava, analisava e comentava. "Rui possuía cultura séria, procurava documentar-se, escrevia baseado em fatos, não usava as palavras como sons mais ou menos harmoniosos à maneira do Jorge Amado, que escreve de ouvido como quem toca piano sem estudo de música, tirando acordes que não estão certos, mas tapeiam quem escuta. Julgo não ofender os meus colegas de *Novos Rumos*, declarando que Rui Facó era ali figura primacial e que será dificílimo substituí-lo."

"Eu o estimava deveras. Além de estudioso de problemas sociais e econômicos, Rui era machadiano arguto", escreve Gondim. "Numa época em que a grã-finagem das letras erigia o autor de *Dom Casmurro* em artista mais ou menos abstrato, longe da realidade ambiente, ele protesta. 'Machado de Assis — escreve Rui na *Voz Operária*, a 27 de setembro de 1958 — exclui a arte pela arte. Sua obra reflete precisamente o ambiente em que vivia.' É digna de destaque esta sua opinião, que infelizmente não era generalizada: "O que se deve exigir de um escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo que o torne homem do seu tempo e do seu país."

Estas palavras do nosso romancista seriam mais tarde repetidas por Anatole France: "*Un homme n'est rien, quand il n'est pa un produit de sa terre.*" Um homem nada vale quando não é produto da sua terra.

"Durante as lutas pelo monopólio estatal do petróleo, encontrei por vezes Rui Facó, que sempre me animou — pois ele era um produto da sua terra — e sentia, por isso, a autenticidade dos nossos grandes

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 50 3/1/2014 00:54:43

escritores (Machado de Assis, José de Alencar, Castro Alves), as amarguras do nosso povo, a tremenda complexidade dos nossos problemas."

No entender de Gondim Rui "morreu assassinado".

Ele constrói o seguinte argumento:

> Aquele avião do Lloyd Aéreo Boliviano despencou-se do ar porque ele [Rui] vinha a bordo. Ignoro por que o FBI não encontrou nos escombros uma pasta de documentos (como aconteceu não há muito em outro avião criminosamente sinistrado), provando que Facó urdia uma conspiração na América do Sul de caráter fidelista. Os gringos dos Estados Unidos são capazes de tudo e não trepidam em matar seus desafetos. Nunca deixo de me referir à morte de Moisés Rabinovitch, ilustre geólogo sacrificado na ABI pela Standard Oil, quando se preparava para seguir viagem rumo à Amazônia, onde (jurava) descobriria petróleo nos contrafortes brasileiros dos Andes. Os ianques matam até seus compatriotas (como sucedeu com Hemingway), quando eles se afastam da linha justa de apoio total a Wall Street.

E finaliza Gondim: "Rui Facó morreu porque era decente. Glória a seu nome, sua vida constituirá duradouro exemplo para as gerações futuras."

A hipótese de acidente deliberado não ganhou sustentação, mas o fato de a rota de Rui ter sido mudada de última hora, bem como a aeronave, segunda atesta em carta seu irmão, Itá, podem deixar a suspeição eternamente em suspenso. Ele, Itá, acredita também na tese do acidente deliberado segundo expressa em carta a seus pais, Gustavo e Antonieta.

Gondim da Fonseca escreveu o livro *Que sabe você sobre petróleo?*, editado em 1957 pela Livraria São José, do Rio de Janeiro.

Assim como Gondim da Fonseca, o jornalista, livreiro e escritor Aníbal Bonavides também estranha o silêncio da imprensa e, agora, em

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 51 3/1/2014 00:54:43

especial, da imprensa do Ceará, à morte de Rui. E, indignado, encaminha carta ao jornalista e então deputado Blanchard Girão, editorialista da rádio Dragão do Mar e posteriormente editor do jornal *O Povo*.

Prezado amigo Blanchard Girão.

Valho-me de nossa querida emissora, a Rádio Dragão do Mar, para reparar, em parte, o silêncio que a imprensa de Fortaleza fez descer sobre o desaparecimento de Rui Facó.

Gostaria que você desse merecido destaque a este cavaco, pois Rui Facó, jornalista e escritor de vanguarda, foi um dos mais brilhantes e honestos intelectuais que a terra cearense já produziu. Nascido ali, na cidadezinha cearense de Beberibe, filho de uma família ao mesmo tempo simples e ilustre, foi a duras penas que Rui conseguiu fazer seu curso secundário em Fortaleza, para depois galgar os duros degraus da Faculdade de Direito.

Lembro-me dele, ainda nos idos de 1935, trabalhando na redação de *Unitário*, ao lado de Luiz Brígido, Rodolfo Ribas e Marcos Botelho. Naqueles dias tempestuosos da Aliança Nacional Libertadora, eu era jovem estudante do Liceu, mas já privava da intimidade de uma roda de acadêmicos de Direito na Praça do Ferreira, em que as figuras revolucionárias de Rui Facó, Américo Barreira, José Alaor e outros traçavam planos das cruentas batalhas que então sustentávamos contra os bandidos integralistas, nas ruas desta Cidade.

Rui pontificava pelo seu humanismo, valor, bravura, modéstia.

Foi ali no antigo prédio da Faculdade de Direito (hoje Assembleia Legislativa Estadual), nos batentes da Coluna da Hora e nos altos da "Rotisserie" (sede da União Democrática Estudantil) que Rui Facó se iniciou em sua gloriosa vida de revolucionário, de intelectual que decidiu a existência inteira a serviço das causas populares.

De Fortaleza ele foi para a cidade de Salvador. E, na velha Bahia

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 52 3/1/2014 00:54:43

de Castro Alves, amadureceu sua formação profissional como jornalista, trabalhando nos *Diários Associados* e no jornal *A Tarde*. Projetou-se como repórter de grandes qualidades. Passou a colaborar nas principais revistas de esquerda que circulava no País. Com o advento da ditadura, em novembro de 1937, Rui Facó iria pagar muito caro, na prisão, pelo crime de ser idealista e revolucionário.

Novamente em liberdade, Rui volta *incontinenti* à militância política, ao lado de operários e estudantes da Bahia, durante os anos da Segunda Guerra Mundial. Foi a esse tempo que deu o melhor de suas energias e de sua inteligência na redação da revista *Seiva*. Queridos jovens estudantes e intelectuais do Nordeste, não se lembram de *Seiva*, aquela suculenta leitura a que buscávamos, com tanta sofreguidão, aqui em Fortaleza, na chama de jornalistas iniciantes, ávidos de cultura e orientação?

Da Bahia, Rui Facó foi para o Rio. Nunca arriou a bandeira que havia empunhado no Nordeste! *Tribuna Popular*, *Classe Operária*, *Imprensa Popular*, *Voz Operária* e *Novos Rumos* foram as trincheiras seguintes de sua trajetória de lutador antifacista e anti-imperialista. Rui nunca perdeu a dignidade, nem a perspectiva.

Era um homem culto. Mas sua bagagem de conhecimentos, ele não a adquiriu apenas nos livros de sua excelente biblioteca. Fazia a pesquisa direta, ia às fontes, veias da natureza da sociedade. Ultimamente, depois que regressou da União Soviética, onde passara sete anos trabalhando na Rádio Nacional de Moscou, Rui Facó costumava, de vez em quando, bater à porta de meu escritório, em Fortaleza. Já sabíamos: estava ele de passagem para o Cariri, para o Vale do Jaguaribe ou para as praias cearenses. Seus livros *Brasil Século XX* e *Cangaceiros e Fanáticos*, ele os escreveu assim, recolhendo material, viajando, estudando. O que o distinguia, em primeiro lugar, na sua atividade intelectual, como jornalista e escritor, era a responsabilidade com que trabalhava.

Pois foi um escritor e jornalista dessa estirpe, cuja vida e cuja obra

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 53 3/1/2014 00:54:43

JORNAL DO BRASIL

Brasil prossegue negociações com os EUA

QUEM ESTÁ DE DENTRO NÃO SAI

KENNEDY EM COSTA RICA

Lacerda dá almôço por amor ao marxismo

Vencimentos podem ser acumulados

Marinha não apóia Goulart nem Exército

Garrincha não joga no Botafogo

Papa cai diante do trono

Avião bate em trator e mata 4

Influência do Brasil é decisiva

Capa do *Jornal do Brasil* do dia 19 de março de 1963, onde na página 10 da mesma edição (página oposta) foi publicada notícia sob o título "Nenhum sinal de vida nos escombros do avião caído nos Andes com 40 pessoas", ilustrada com foto de Rui

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 54 3/1/2014 00:54:46

Badger abrirá inquérito para as aposentadorias prematuras

Suspensão do "lockout" do leite não anula medidas para enquadramento na lei

Lóide poderá sustentar sòzinho por muito tempo construção naval do País

Nova crise abala UDN fluminense

Deputado da Paraíba faz denúncia

Severidade para quem rouba fios

Emendas do PTB visam a moralizar

ESTAVA A BORDO

O presidente brasileiro Rui Faco visita os avós e amigos do presidente Nova Russa

Nenhum sinal de vida nos escombros do avião caído nos Andes com 40 pessoas

Avião cai em Minas e após bater num trator explode e mata quatro

Ministro despacha nas sedes

Câmara dirá se convoca Hermes para esclarecer negociações Brasil-EUA

Partidos iniciam escolha de comissões no Senado e PSD prefere a do Exterior

LOTERIA DE MONTEVIDEO

$ 4.000.000 PESOS URUGUAIOS

ANDRES VIVES

DOBRADIÇAS

Arregaça Acuña

BANCO IRMÃOS GUIMARÃES S. A.

Peru: jornal acusa cubanos do desastre

Em estudos registro de jornalistas

Lima (AP-TP-JB) — O jornal de Lima afirmaram, ontem, que os dois diplomatas cubanos, armados de pistolas, tentam tentado apoderar-se do avião boliviano que caiu no sul do Peru.

O Coronel Edward Sot. Chefe das Operações de Busca, disse, segundo o jornal *La Prensa*, que os cubanos poderiam ter tentado apoderar-se do avião à força e, em virtude de luta na cabina do piloto, o avião caiu.

LOCALIZAÇÃO

Os diplomatas cubanos foram acusados em posição que indica que estavam na cabina quando o avião caiu, afirmam *El Comercio*. Estas versões não foram confirmadas oficialmente.

— Não se trata de um acidente comum, disseram os peritos que estão examinando o desastre. Outros adiantaram que foi efetivamente encontrada uma metralhadora junto ao cadáver de um dos cubanos.

Estas suposições basearam-se também, em geral, no fato de que o avião não respondia às mensagens feitas pelo rádio. Duas horas depois desta ocorrência, teria sido vista voando sobre o Chile, não com destino à Bolívia, mas ao Norte do Peru.

VÍTIMAS

Foram confundidas 12 vítimas para a localidade boliviana de Charana a bordo de dois helicópteros norte-americanos.

Enquanto isso, em Lima, funcionários e o Encarregado de Negócios de Cuba, Ramón Alá Castro, tentaram na tentativa de resgatar as valises diplomáticas que pertenciam aos cubanos mortos.

FACÓ

Os despojos do jornalista brasileiro Rui Facó, também morto no desastre, serão transportados em avião especial assim que sejam encontrados. Informaram seus parentes. O transporte será feito para o Rio via La Paz.

Segundo telegrama recebido ontem pelo semanário *Novos Rumos*, no qual pertencia Facó, a Embaixada do Brasil em La Paz assumiu o compromisso de se encarregar do transporte. O assunto está sendo tratado pelo Deputado chileno Valeda.

CR$ 2 MILHÕES PARA O SARGENTO

O sargento da Marinha Mauricio Gomide Pitt, do Cruzeiro Tamandaré, foi contemplado com a prêmio de Cr$ 2 milhões, correspondente ao sorteio de dia 31 das Obrigações da Cidade. Ao receber o prêmio no gabinete do Diretor da Tesouro, o sargento Gomide Pitt foi presente àquela autoridade estadual de uma filmada do Tamandaré. O militar, que comprou o título premiado (n.º 94.867) no comércio de sua parcada, recebeu que, com o dinheiro, vai dar entrada para o compra de uma casa

Na página 3 da edição de 23 de março de 1963 do *Jornal do Brasil* uma notícia sobre a tese de tentativa de tomada do avião por cubanos que teria provocado o acidente

programa, o Sr. João Goulart Chile.

RUI FACÓ

Redatores e funcionários de Novos Rumos agradecem as manifestações de pesar recebidas por ocasião do falecimento de seu companheiro RUI FACÓ, e convidam parentes e amigos para o enterro, que será realizado hoje, às 10 horas.

O féretro sairá da Capela Real Grandeza, para o Cemitério São João Batista.

O convite enterro de Rui Facó publicado na página 3 do primeiro caderno do *Jornal do Brasil* no mesmo dia do enterro, quarta-feira, 17 abril 1963. O convite também saiu em outros jornais como *Última Hora*

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 56 3/1/2014 00:54:53

Diario Carioca

JANGO: EMENDA NA CONSTITUIÇÃO QUE PERMITA AO EXECUTIVO CONCRETIZAR A REFORMA AGRÁRIA

* * * * * * * * * * * *

Fundo Monetário decide apoiar o Plano Trienal

Costa Rica

Sarcasmo de Pequim sôbre a Conferência

Indenização das propriedades com títulos da dívida pública

Platonismo?

MENDIGOS FORAM AO CINEMA

A polícia desgostosa com Lacerda

FOGUETE PIONEIRO EM SÃO CONRADO

Fracassou o 'blitz' de ontem

Goulart terá dois blocos

O 'rush' das reformas

Conselho cia Social, nsformada sentadoria , concedi- Previdên- o ininter- anos

exarou seu reiteradas no Tribu- ou juris- a matê- ção ante- Orgânica O despa- curso in-

subúrbio menores de 12 anos freqüentam tôdas as sessões, mesmo à noite, assistindo filmes impróprios, uma vez que o Juizado de Menores ainda não possui número de fiscais bastante para percorrer todo o Estado" — concluiu o sr. Elpídio.

TRASLADO DO CORPO DE RUI FACÓ

Fonte do Itamarati informou, ontem, que o Ministério das Relações Exteriores enviou instruções à Embaixada brasileira em La Paz, no sentido de que sejam feitas novas gestões junto ao Lóide Aéreo Boliviano para que seja apressado o traslado do corpo do jornalista Rui Facó

Recorda-se que o citado jornalista faleceu no desastre do DC-6 daquela companhia de navegação aérea, ocorrido há mais de uma semana e até agora não foi providenciada a vinda do seu corpo para o Brasil.

ICLE

A National Holiday minis- Falcon ono, Neu ras mat. es, pul- dorantes, as outras er. Rua , sala 308

sta da acrescenta blema d consiste nos cen seus proj prio, ant vosismo à revoluç

A decl da Costa mentada jornais l pital mes diz "Um fensiva, es haver president José. A obrigada sia que suposta russos da lá que José sej portantes decidirão nente".

Inde dos imóv

O jornal *Diário Carioca* do dia 23 de março de 1963 publica notícia sobre o traslado do corpo de Rui Facó

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 57 3/1/2014 00:54:55

honram a tradição cultural e política do Ceará, que desapareceu tragicamente, em desastre de aviação, ocorrido recentemente em território da Bolívia.

Quando morreu, Rui Facó, como em toda sua vida, estava em mais uma viagem a serviço da causa por que se batera por quase meio século de lutas ininterruptas. Morreu lutando pela determinação dos povos da América Latina, pois viajava a serviço do Congresso Continental de Solidariedade a Cuba. Morreu como sempre viveu, patriota, o coração pulsando de amor à liberdade dos povos, contra o imperialismo e o latifúndio.

Blanchard, mando, para você, um grande abraço.

Aníbal Bonavides

A tese de acidente provocado também foi hipótese considerada, inclusive na grande imprensa do Sudeste.

Na edição do dia 22 de março de 1963, página 8 do primeiro caderno, o *Jornal do Brasil* publica, em manchete de cabeça página "Peru: jornal acusa cubanos do desastre". Segue um texto, com procedência de Lima, que tem como fontes as agências Associeted Press e France Presse e o próprio JB.

Os jornais de Lima afirmaram, ontem, que os dois diplomatas cubanos, teriam tentado apoderar-se do avião boliviano que caiu no sul do Perú.

O Coronel Edward Sox, chefe das operações de Busca, disse, segundo o jornal *La Prensa*, que os cubanos poderiam ter tentado apoderar-se do avião à força e, em virtude de luta na cabina do piloto, o avião caiu.

LOCALIZAÇÃO

Os diplomatas cubanos foram achados em posição que indica que estavam na cabina quando o avião caiu, afirmou *El Comercio*. Estas versões

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 58 3/1/2014 00:54:56

foram confirmadas oficialmente.

— Não se trata de um acidente comum, disseram os peritos que estão examinando o desastre. Outros assinalavam que foi efetivamente encontrada uma metralhadora junto ao cadáver de um dos cubanos.

Estas suposições baseiam-se também, em geral, no fato de que o avião não respondia às mensagens feitas pelo rádio. Duas horas depois deste silêncio, teria sido visto voando sobre o Chile, não com destino à Bolívia, mas ao Norte do Peru.

VÍTIMAS

Foram conduzidas 18 vítimas para a localidade boliviana de Charaña a bordo de dois helicópteros norte-americanos.

Enquanto isso, em Lima, funcionários e o Encarregado de Negócios de Cuba, Ramón Aja Castro, fracassaram na tentativa de reaver as valises diplomáticas que pertenciam aos cubanos mortos.

FACÓ

Os despojos do jornalista Rui Facó, também morto no desastre, serão transportados em avião especial assim que sejam encontrados, informaram seus parentes. O transporte será feito para o Rio via La Paz.

Segundo telegrama recebido ontem pelo semanário *Novos Rumos*, ao qual pertencia Facó, a Embaixada do Brasil em La Paz assumiu o compromisso de se encarregar do transporte. O assunto está sendo tratado pelo Deputado chileno Valente.

No livro *The Defeat of Che Guevara: Military Response to Guerrilla Challenge in Bolivia*, Gary Prado Salmon consolida a versão de que os americanos chegaram primeiro no local do desastre aéreo.

Ele conta que a queda do avião no dia 15 de março de 1963, presumivelmente devido a problemas técnicos, serviu de termômetro

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 59 3/1/2014 00:54:56

da tensão ao revelar a guerra silenciosa entre os serviços de Inteligência dos Estados Unidos e de Cuba. Quando se soube que a bordo do avião sinistrado estavam os mensageiros diplomáticos cubanos Enrique Valdés e Juan Molen, o pessoal da inteligência da embaixada norte-americana em La Paz rapidamente apareceu na cena do acidente, sob o comando do adido militar da embaixada, tenente coronel Paul Wimert. Especialista em América Latina, entre 1950 e 1964, Wimert serviu nas embaixadas da Guatemala, Cuba e Bolívia.

Pois o grupo de Wimert, assegura Gary Prado Salmon, foi o primeiro a chegar lá com o apoio de helicópteros enviados de Lima. Chegaram antes mesmo das patrulhas de resgate e antes do embaixador de Cuba na Bolívia, Ramón Aja Castro que, apesar do nome, não tem parentesco com Fidel. Existe muita especulação sobre os documentos que estavam sendo conduzidos pelos mensageiros diplomáticos, documentos nunca encontrados pelos grupos de resgate. Pensa-se que os americanos removeram dos escombros do avião as pastas com os documentos. O episódio azedou ainda mais as relações dos dois países.

Em novembro 1966, Pedro Motta Lima, o líder comunista e colaborador de *Novos Rumos* e, antes, diretor do jornal *Imprensa Popular*, também morreu em um acidente aéreo, em Bratislava, na Tchecoslováquia.

Em 14 maio de 1963, o *Diário Carioca* publica notícia sobre a homenagem que a Associação Brasileira de Imprensa prestou aos jornalistas mortos, por ocasião do Dia da Imprensa. "Na oportunidade, foram inaugurados no 'Pantheon da Saudade', os retratos dos saudosos profissionais Plácido Silva, J. Custódio Barriga Filho, Cândido Mendes de Almeida, Edgar Ribas Carneiro, Otávio Rangel, Rui Facó, Eustórgio Vanderlei, Raul Pedrosa, João Neves da Fontoura e Joel Presídio."

Pedro Severino, codinome do filósofo Leandro Konder, em sua

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 60 3/1/2014 00:54:56

coluna no jornal *Novos Rumos* também fez reverência a Rui. Konder, contemporâneo de Rui, nasceu em Petrópolis em 3 de janeiro de 1936 e é um dos profícuos e originais pensadores brasileiros, tendo escrito mais de 22 livros. Konder tem a verve de Rui que, certamente, teria sido um dos mais inquietos e produtivos intelectuais brasileiros e, certamente, como Leandro Konder, dialetizado seu pensamento em compasso com a história e com o imponderável.

Konder, sobre e para Rui:

> A notícia da tua morte, companheiro Rui Facó, despertou-me recordações um tanto confusas. A cada recordação, entretanto, pude notar que correspondia a um sentimento bem definido.
>
> Lembrei-me, por exemplo, das reuniões de que participamos, na redação da revista Estudos Sociais; lembrei-me das tuas intervenções, do equilíbrio e lucidez com que, modestamente, expunhas o teu ponto de vista, quando se travavam discussões (nem sempre amenas) para resolver os problemas que a vida da revista ia colocando para nós. Lembrei-me do espírito consciencioso, mas jovial, com que atuavas e influías no sentido de que fossem sempre encontradas soluções positivas para os impasses que se criavam.
>
> Senti orgulho de ter trabalhado contigo.
>
> Lembrei-me, também, da conversa que tiveste com um moço católico, militante da JUC, nacionalista convicto e preocupado com as injustiças sociais. Em momento algum, a firmeza de princípios da tua posição dificultou o diálogo e o esforço de compreensão no que concernia ao trato com aquele rapaz honrado. Quando saíste, ele me disse que tinha te achado 'profundamente cristão'. Gracejei acerca deste comentário ingênuo, mas percebi que ele encerrava, na intenção, uma homenagem a ti — e refletia — poderosa impressão produzida pelo marxista compressivo e generoso no jovem de consciência religiosa.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 61 3/1/2014 00:54:56

> Então, senti respeito pela tua experiência. E admirei as tuas qualidades humanas ainda mais profundamente do que a tua cultura e a tua solidez ideológica.
>
> Lembrei-me, ainda, das diversas ocasiões em que prometeste aparecer domingo em minha casa, para irmos juntos à praia. Jamais pudeste cumprir a promessa, que a tua vida de revolucionário não te deixava muitas horas de lazer. Não poderás cumpri-la agora.
>
> Lembrei-me das conversas que tivemos aqui na redação de *Novos Rumos*. Lembrei-me das brincadeiras, da caricatura em que acentuamos o teu nariz, a tua calva, e tu com teus olhos de criança, com a tua invencível simpatia a rir...
>
> Lembrei-me do teu riso: um riso bom, ligeiramente encabulado.
>
> E senti saudade, companheiro Rui Facó.
>
> Uma grande saudade!

Dirigidas ao jornal *Novos Rumos* e à família de Rui Facó, mensagens de condolências chegaram de todo o Brasil.

No dia 20 de março de 1963, a Câmara Municipal de Niterói aprovou requerimento de autoria do vereador José Maria Cavalcante, registrando um voto de pesar pelo falecimento de Rui Facó. Na sua proposição, o vereador assinala que a morte de Rui "significa uma grande perda, não só para a família dos homens de imprensa, mas também para as fileiras dos patriotas e nacionalistas, lutadores pela democracia e pela emancipação econômica de nossa pátria".

O leitor Sérgio A. Grossi, de Vitória, Espírito Santo, diz que a morte atingiu um incansável lutador, cujo exemplo deve ser seguido por todos aqueles que realmente amam o seu país.

De Rio Bonito, Estado do Rio, o leitor José Lima da Silva expressa sua dor pelo desaparecimento de Rui. De Diamantina, Minas Gerais, dirigiu-se a *Novos Rumos* o Sr. Carlos de Freitas Andrade,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 62 3/1/2014 00:54:56

rendendo homenagem à memória de Rui, "pelo muito que fez em sua rica existência, pela libertação do nosso povo."

De Manaus, um grupo de comunistas do bairro dos Remédios lamenta, em carta, "o trágico desaparecimento do talentoso e renomado jornalista". Também os comunistas de Uberaba transmitiram suas condolências à família de Facó, sublinhando ter sido a sua vida "uma fonte permanente de exemplos, inspiração e ajuda na luta pela libertação de nosso povo".

O comunicado mais comovente, e certamente o mais marcante, veio por carta, assinada por Itá, apelido de Gustavo Facó, nome homônimo ao do pai. Itá era funcionário do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários — IAPI, criado em 1936, durante o Estado Novo. Itá, irmão de Rui que morava no Rio de Janeiro, também era militante do PCB, certamente por influência direta do irmão. Itá fazia as vezes de taxista *undercover* para entregar os jornais do partido com mais tranquilidade. Ele comandava toda a logística de distribuição do *Novos Rumos*, segundo relato de Valdo Facó, sobrinho de Rui e de Itá, que morava no Rio de Janeiro desde 1956. Valdo é filho de Heitor de Queiroz Facó, irmão de Rui, e tem uma irmã, Valda.

Mas Gustavo '*Itá*' Facó acabou sendo preso e espancado. Foi solto pela influência do coronel João Henrique Facó, filho do general João Facó, irmão do general Edgard Facó e de Antonieta, portanto, tio.

Com prisão recorrente, já sob o regime militar, Itá acabou voltando para Beberibe. "Ficou lá no ostracismo, como ele falava, até que saiu aquela liberação do governo e ele voltou para assumir o IAPI novamente", lembra Valdo Facó.

Noutra feita, Itá ficou muito machucado porque pulou do andar do *Novos Rumos* e bateu numa marquise. "Eles fizeram tanta pressão que ele pulou do terceiro para o segundo andar na marquise,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 63 3/1/2014 00:54:56

depois pulou do segundo para o primeiro e depois para o térreo", conta Valdo. "Quando chegou ao solo firme, os caras encheram ele de porrada; quando ele chegou em casa, estava todo machucado, as costas do Gustavo era uma coisa irreconhecível, mas ele conseguiu se safar."

Pois foi Itá quem escreveu uma emblemática carta aos pais.

Endereçada a Gustavo e a Antonieta, pais de Rui, comunicava formalmente a morte do irmão. Naquela época, as notícias chegavam a Beberibe com muita lentidão, o canal maior era o rádio de válvulas ligado principalmente à noite para sintonizar as rádios do Rio de Janeiro, as rádios de Moscou e a *Voz da América*.

A carta de Itá formalizava a terrível notícia.

Guanabara, 23/3/1963

Queridos pais

Ainda sob o impacto emocional do trágico desaparecimento de Rui, procurei coordenar as ideias e escrever-lhes algumas linhas — o que não será fácil — especialmente para mim, mas mesmo assim o Senhor compreenderá como me sinto, e tudo que pretendo dizer.

Sua viagem à América Latina estava prevista desde fevereiro, assim como sua volta em abril próximo a Beberibe, e superadas as dificuldades iniciais viajou dia 5, às 9h40, pela Air France. A estúpida e criminosa tragédia aconteceu já no seu regresso, ao partir do Chile, em itinerário diferente (não se sabe como) do que fora previamente estabelecido. Mas tudo indica que lhe tenha sido imposta sua mudança para o avião condenado.

Domingo, 17, quando a imprensa fornecia (propositadamente) notícias confusas sobre o desaparecimento de um avião do Lloyd Aéreo Boliviano, e que no mesmo viajavam jornalistas brasileiros — embora conhecendo seu itinerário —, tive o pressentimento de que Rui era passageiro desse avião, pressentimento que infelizmente veio se confirmar segunda-feira seguinte,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 64 3/1/2014 00:54:56

quando recebi telefonema de Armênio [Guedes, irmão de Julia, falecida esposa de Rui]. Contudo as notícias eram contraditórias e alimentávamos esperanças, mas, passadas horas de angustiante expectativa, tivemos a confirmação da brutal tragédia.

Desde então, já licenciado, fiquei à frente de todas as providências que me cabiam como irmão — missão dolorosa — que agora compreendo, me tenha sido imposta com o propósito de amenizar o impacto da tragédia, pois todos os amigos consternados como eu, pela brutal perda, têm sido de uma dedicação extraordinária, especialmente Prestes. Dia 22, sexta-feira, tomadas todas as providências ao nosso alcance, tivemos de um amigo chileno (José Gonzales) um telegrama nos comunicando que o deputado Valente, chileno, enviado à Bolívia, cumprindo nosso encargo, telegrafa que a Embaixada do Brasil na Bolívia encarregara-se do traslado do corpo — cumpridas as formalidades de praxe — em avião especial ao Rio de Janeiro.

Se eu acreditasse em Deus, na minha justa revolta, o julgaria um monstruoso assassino, por permitir crimes tão monstruosos, mas o homem também criou Deus, e nessas ocasiões por ignorância ou conscientemente hipócrita lhe põe a culpa de todas as misérias, por muitas das quais é o único responsável. E pensar que mãos criminosas, visando armar mais uma farsa infame, assassinam brutalmente 41 pessoas, esses mesmos assassinos tantas vezes responsáveis pela morte de milhões de pessoas em todo o mundo impunemente continuam tramando novos crimes. É revoltante, mas nos dá a certeza de que estamos no caminho certo, de que a luta de Rui é também a nossa luta, e de que este e muitos outros crimes cometidos impunemente serão expiados um dia, será o dia do "juízo final" para os criminosos, e disso "eles" sabem também, mesmo que consciência eles não tenham.

Nada disso nos traz de volta o nosso Rui, não como queríamos que ele voltasse: tímido, alegre, e brincalhão e estuante de vida, dele ficou apenas uma imensa saudade, um vazio que não será preenchido; toda a amizade e o afeto que ele nos deu, a lembrança confortadora de tudo de bom que ele

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 65 3/1/2014 00:54:56

realizou, a tristeza do muito que ele deixou de fazer.

O seu último livro — Cangaceiros e Fanáticos — revistas as provas dias antes de ele viajar, já está no "prelo", e deve ser lançado nos primeiros dias de abril próximo.

Bem, junto remeto alguns recortes de jornais, pelos quais o Senhor terá uma ideia melhor de todos os aspectos do acontecido, e formará seu próprio juízo.

Sem mais, minhas lembranças à tia Amanda e demais parentes e amigos, com um saudoso abraço.

P. S. — Demos a notícia ao Paulo [filho de Rui] por intermédio do embaixador soviético aqui e do reitor da Universidade. Esperamos que ele reaja bem e continue os estudos.

O livro *Cangaceiros e Fanáticos* foi lançado na sexta-feira, dia 28 de abril de 1963, na Livraria São José, no endereço Rua São José, 38, à partir de 17 horas, no Rio de Janeiro. O autógrafo de Luís Carlos Prestes substituiu o do autor Rui Facó.

O convite, assinado pela Editora Civilização Brasileira S. A. incluía para o mesmo evento o lançamento de um pacote de "livros nacionalistas". Além de *Cangaceiros e Fanáticos*, de Rui, foram lançados *Retrato sem Retoque*, de Adalgisa Nery, *Introdução à Revolução Brasileira*, de Nelson Werneck Sodré, *Inflação e Monopólio no Brasil*, de Alberto Passos Guimarães, e, *Delmiro Gouveia Pioneiro e Nacionalista*, de F. Magalhães Martins, todos sob o selo da Civilização Brasileira. "Dirá breves palavras no ato o escritor Astrojildo Pereira", informava o convite.

A repercussão do livro veio em seguida.

Geir Campos, no *Última Hora*, de 21 de junho de 1963, página 8, escreveu:

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 66 3/1/2014 00:54:56

> Em todo seu livro Rui Facó faz questão de apresentar como causa fundamental do cangaço, do fanatismo, do jagunço e do capanga, a situação de miséria material e espiritual em que vivem os sertanejos do Nordeste brasileiro.
>
> [...] Em nenhum momento a seriedade da narrativa ou da interpretação faz com que o estilo se torne pesado, rígido; mesmo de Euclides da Cunha, as passagens citadas por Rui Facó são exemplos de flexibilidade e realismo.

Edna Savaget, que também ganhou notoriedade como apresentadora de programa feminino na TV Tupi, a partir de 1957, publicou, no suplemento literário do *Diário de Notícias* de domingo, 28 de julho de 1963, uma inspirada, original e bem escrita a resenha sob o título *Cangaceiros e Fanáticos ou a Morte no Avião* onde lamenta a morte de Rui e sauda seu legado, agora expresso neste livro.

Escreve ela:

> Possivelmente Rui Facó leu — não uma vez, talvez várias vezes — o poema de Drummond, 'Morte no Avião' (...caio verticalmente e me transformo em notícia...).
>
> [Rui] não morreu como viveu, porque enquanto cérebro e pensamento, construiu, não destruiu. [...] Viveu, não como morreu. Com fúria serena: não é fácil viver em linha reta. E ficou de si um livro. Um livro de bela apresentação gráfica, mas nem por isso mais importante que a mensagem nele contida. [...] O livro *Cangaceiros e Fanáticos* que Rui Facó não viu impresso, mas que, por certo, ansiava ver passar do estágio de originais datilografados à milhares de exemplares impressos, levando a cada leitor a segurança de seus novíssimos pontos de vista, defende e prova a tese de que cangaço e fanatismo eram formas de reação aguda (embora não concretizada) contra a injustiça e desumana estrutura social vigente à época

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 67 3/1/2014 00:54:56

> de seu apogeu. Fala das origens desses trágicos movimentos, da agressiva e brutalizante incompreensão das autoridades que rotulavam homens como ratos, chefes de família como criminosos, grupos famintos como bandos de malfeitores. [...] É possível que um ângulo novo tenha surgido com o livro Cangaceiros e Fanáticos, de Rui Facó. Ele buscou as origens e não se limitou a contar fatos ou justificar meios.
>
> [...] Se um avião — antítese do primitivismo do agreste — símbolo de uma era de progresso, ceifou sua vida, resta-nos o consolo de saber que não tombou pela bala de um rifle, e rifle que não seria de um cangaceiro nem de um fanático. Seria, talvez, bala oriunda de uma das terríveis 'volantes'.

O livro *Cangaceiros e Fanáticos* inspirou a peça *O Chão dos Penitentes*, de Francisco Pereira da Silva, que entrou em cartaz no Rio em 1965 e tratava da figura controversa de Padre Cícero.

Citando Rui Facó, Eduardo Guennes (*Diário Carioca*, 14 de julho de 1965), ao resenhar a peça, dá o *briefing* que orientou Pereira da Silva: "O sacerdote, apontado como milagreiro, conseguiu ser, por longo período, ditador de almas, chefe político local, vice-Governador do Estado, deputado federal eleito que se recusou a assumir a cadeira para não abandonar seu aprisco, tornou-se grande proprietário territorial, contribuiu decisivamente para fomentar a agricultura no Cariri e fundou uma cidade que, poucos anos mais tarde, seria a segunda do Estado, depois da Capital."

O celebrado e profícuo Antonio Callado dedicou uma bela peça literária, em forma de resenha, a *Cangaceiros e Fanáticos*, por ocasião do lançamento da terceira edição do livro, em 1972. Na seção "Seleção do Mês" no influente caderno *Livro*, do *Jornal do Brasil*, de 30 de setembro de 1972, sob o título *A terra, lembrai-vos de Canudos*, Callado faz coro com Rui no problema agrário do Brasil, e carrega nas tintas.

É um belo momento:

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 68 3/1/2014 00:54:57

Morto num desastre de avião em 1963 Rui Facó deixou, com seu *Cangaceiros e Fanáticos*, um belo livro cumprindo sem dúvida a promessa, que a morte tornou incumprida, de outro livro, mas amplo, sobre as falhadas devoluções de tipo agrário no Brasil. O próprio Roteiro Cronológico com que Facó fecha seu livro constitui quase um programa de obra extensa, quando menciona, por exemplo, a luta do Contestado, que se inicia em 1912 e vai até 1915, com as mesmas características de sangrento extermínio, pelo Governo central, de lavradores carentes de terras. Porque Facó, sem ignorar, naturalmente, o elemento de fanatismo religioso que marcou Canudos, Juazeiro do Padre Cícero e o Caldeirão do Beato Zé Lourenço, expõe, com perfeita nitidez, a motivação reivindicatória desses movimentos. O próprio Antônio Conselheiro, canonizado mas esmagado pela catedral barroca que lhe construiu Euclides da Cunha, tem seu claro lado guerrilheiro, revolucionário. O Conselheiro, sem dúvida, acabou por aproximar-se mais do céu, diante das dificuldades de resolver o problema da terra. Mas, como escrevia *O País*, do Rio, em fevereiro de 1897, ele 'começou açulando o povo a não pagar impostos.' Euclides conhece todos os fatos e serve infinita compaixão pela sorte dos amotinados mas deixa-se fascinar por uma psicologia do monstruoso, do que chama de 'estigmas degenerativos de três raças.' Também Lourenço Filho, visitando o Cariri na década de 20, conclui que 'certas condições biológicas levam ao banditismo', quando as condições mais óbvias são as sociais. E verdade é que, a partir de Canudos, da dificuldade que teve o governo federal em desmontar Canudos, qualquer tentativa de reivindicação de terras no Brasil passou a ser arada a ferro e fogo. É um capítulo de nossa História que poderia chamar-se 'Lembrai-vos de Canudos', ou como ficaria mais na moda dizer-se, 'Remember Canudos.'

Ainda ardiam as ruinas de Canudos e outros deserdados da terra já se reuniam em torno do Padre Cícero, em Juazeiro do Cariri. Padre Cícero

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 69 3/1/2014 00:54:57

foi até mesmo acusado, em 1897, de ajudar o Conselheiro. Juazeiro, graças ao seu lado religioso institucional, concentrado em Cícero Romão Batista, e graças ao escudo político forjado pelo Deputado baiano Floro Bartolomeu, aliado do Padrinho Cícero, nunca foi arrasado. Ao contrário, até hoje é alvo de romarias. Mas o grupo do Caldeirão, que teve uma origem em Juazeiro e que se congregou em torno do Beato Zé Lourenço, esse acabou de forma clássica. Seu núcleo inicial em 1936 e incendiadas as casas dos lavradores desarmados. O grupo se recompôs e formou outra comunidade agrícola, adiante, arrasada em 1937 até por bombardeio aéreo. Os obstinados lavradores foram de novo fundar colônia em Pau de Colher, no interior da Bahia. Era demais. Uma operação de guerra, em janeiro de 1938, deu cabo de todos. Houve 400 mortos.

Ao desaparecer no seu desastre de 15 de março de 1963, Rui Facó julgava vislumbrar uma solução consciente e forte para o problema da terra no Brasil. Mas, no finzinho do livro, resignava-se à solução mais mole, mais nossa. Escreveu ele: '...da mesma forma como se pôs termo ao regime escravista, não obstante as inúmeras manobras, resistências e obstáculos opostos pelos senhores de escravos e ao apoio dado a estes pelo Estado, a marcha dos acontecimentos no Brasil e no mundo não mais se compadece com a estrutura agrária apodrecida que subsiste no país'. Isto mesmo. Faremos a última reforma agrária, como fizemos a última abolição. Nossos problemas fundamentais não são propriamente resolvidos. Gastam-se com o tempo, cansam-se de si mesmos. Acabam por desaparecer de puro tédio.

A terceira edição de *Cangaceiros e Fanáticos* colocou o livro na lista dos mais vendidos no Rio de Janeiro durante muitas semanas, segundo atesta a imprensa local.

O *Jornal do Brasil*, de 19 de agosto de 1980, noticia, em sua página 9, na seção Livros & A*utores*, uma nova reedição de *Canga-*

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 70 3/1/2014 00:54:57

ceiros e Fanáticos, num convênio da Editora Civilização Brasileira com a Universidade Federal do Ceará — UFC.

ARMÊNIO GUEDES

De todos os amigos e acompanheiros de Rui, o mais longevo e o que o acompanhou por mais tempo foi Armênio Guedes, baiano, jornalista, membro histórico do PCB e irmão de Julia Guedes, mulher de Rui Facó e mãe do seu único filho, Paulo Guedes Facó. Paulo casou com Giuseppina Blumetti Facó, italiana, química, e teve dois filhos, um homem e uma mulher. Paulo era engenheiro mecânico, trabalhou na Volkswagen do Brasil e participou do projeto de desenvolvimento e lançamento do carro Brasília. Paulo e Giuseppina casaram-se no dia 4 de outubro de 1973 (cerimônia civil), e em 6 de outubro de 1973 (cerimônia religiosa).

Paulo já vinha do primeiro casamento com Piedad Romo-Leroux, mas não tiveram filhos.

Paulo e Giuseppina conheceram-se na Volkswagen do Brasil. "Eu entrei nesta empresa em 1º de fevereiro de 1971 e o Paulo em 2 de março do mesmo ano. Trabalhávamos no mesmo setor, o de Engenharia no Setor de Técnicas de Medição, eu como engenheira química e ele engenheiro mecânico", conta Giuseppina. "Tínhamos um relacionamento ótimo, bastante afetuoso." Paulo tinha os olhos negros, 1,70m de altura, ombros largos, cabelos castanhos escuros. Do casal nasceram dois filhos: Júlio Francisco Blumetti Facó (nascido em setembro de 1976) e Helena Cristina Blumetti Facó (nascida em janeiro de 1980).

Assim que entrou na Volkswagen do Brasil, em 1971, a empresa era chamada Fábrica II, e estava situada na Vila Carioca, Ipiranga, São Paulo, local onde se concentrava todo o departamento de Engenharia da VW no Brasil.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 71 3/1/2014 00:54:57

Entre 1980 e 1981, a Engenharia da Volkswagen mudou para as novas instalações construídas na Fábrica I, como era chamada na época, situada, até os dias de hoje, no quilômetro 23,5 da Via Anchieta, em São Bernardo do Campo, São Paulo, região do Grande ABC.

Armênio conheceu Rui em 1936, quando este chegou a Salvador para cursar o segundo ano de Direito, já que o primeiro ano ele cursou em Fortaleza. "Eu o conheci na faculdade, apresentado por companheiros. Ele veio do Ceará, foi para a Bahia, onde tinha um grupo de intelectuais de esquerda. A faculdade tinha uns quarenta jovens comunistas, militantes que se reuniam, durante o ano de 1935. Já no ano de 1936, depois do movimento de 1935, isso diminuiu bastante, obviamente. Havia uma ascensão do integralismo", lembra Armênio Guedes.

O Secretário de Segurança do governador Juracy Magalhães era o então capitão João Facó, tio do Rui, irmão da Antonieta, mãe de Rui, e também irmão do general Edgard Facó. O Juracy Magalhães era governador, interventor da Bahia. Conta Armênio: "Então eu conheci o Rui já como colega e companheiro de partido, militávamos juntos, tínhamos um núcleo grande na faculdade. A Faculdade de Direito era o maior núcleo do partido na Bahia, havia uma outra célula grande na Faculdade de Medicina e pouca coisa na Escola de Engenharia. Eram faculdades autônomas; a universidade da Bahia só ganhou forma nos anos 1960, final de 1950. Até então, eram três faculdades. Fazia parte do grupo comunista o Edison Carneiro, que foi antropólogo importante; tinha a Julia, minha irmã, que era do partido; tinha o Clóvis Amorim. Nós éramos um grupo de intelectuais de esquerda que se via quase todos os dias. Foi nesse ambiente que eu conheci o Rui; o partido estava se articulando, o Juracy tinha

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 72 3/1/2014 00:54:57

uma posição boa em relação ao combate ao integralismo, então isso facilitava um pouco a nossa vida na legalidade. Tinha mais facilidade para trabalhar do que em outros estados: Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo eram muito violentos. O Rui, logo que chegou na Bahia, continuou sua militância muito ligada ao jornalismo, que exercia não só profissionalmente."

Rui começou pouco tempo depois a trabalhar nos *Diários Associados*, primeiro no *Estado da Bahia*. "Era o jornal bom da época, digamos que era o jornal de esquerda, tinha uma grande quantidade de comunistas trabalhando lá na época", lembra Armênio.

Armênio começou a se interessar pelo partido ainda no Ginásio, mas só se filiou quando estava na faculdade, em 1935. "Eu era muito integrado. Depois da derrota de 1935, nós ganhamos as eleições, em 1936, da Associação Universitária da Bahia — AUB e a Associação tinha um jornalzinho onde ele trabalhava. Alves Ribeiro também era um outro intelectual baiano, inteligente, crítico", conta Armênio. Depois do Golpe de 1937, quando o Rui foi preso, a amizade ficou mais estreita ainda. "Nós ficamos muito amigos, tão amigos que ele acabou namorando minha irmã, Julia."

Depois fizeram algumas revistas. Armênio era mais militante comunista, Rui era mais intelectual militante, um comunista jornalista, formulador, ideólogo. Ele era muito ligado aos intelectuais baianos como a um psicanalista, Isaías Paim, a quem ajudou muito a fazer a revista *Flama*. "Rui trabalhou na *Flama*, depois trabalhou na *Seiva*, foram várias situações, só sei que ele estava sempre fazendo qualquer coisa em imprensa", diz Armênio.

"O Rui era um excelente repórter."

Numa reportagem publicada no *Jornal do Brasil,* de 21 de maio de 1980, Armênio é apontado como o introdutor do pensa-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 73 3/1/2014 00:54:57

mento do teórico comunista italiano Antonio Gramsci, no Partido Comunista Brasileiro. Agora, numa revisão, defende para os comunistas "uma postura adaptada à realidade do país desde os tempos de redator do jornal *Novos Rumos*, que circulou até 1964."

Segundo Armênio, "cabe ao PCB buscar uma alternativa que não passe pelo modelo revolucionário soviético. Em vez disso propõe que os comunistas formem uma agremiação de massa que pratique a democracia interna."

Na edição do suplemento literário do *Jornal do Brasil,* de 29 de janeiro de 1961, lê-se "Além de um documentário sobre a participação de Kruschov na última assembleia geral das Nações Unidas, a Editora Vitória lançou a tradução de uma obra clássica de Engels e o ensaio de Rui Facó — *Brasil Século XX,* no qual a situação atual do país é apreciada do ponto de vista da corrente política e ideológica a que pertence".

No jornal *Nossa Voz*, da comunidade judaica, edição de 12 de janeiro de 1961, Astrojildo Pereira debruça-se, mais uma vez, sobre o livro *Brasil Século XX*. "É seu primeiro livro, mas livro maduro, de rico e substancioso conteúdo e de escrita sóbria, acessível a qualquer leitor". E, mais adiante: "é obra baseada em copiosa documentação, não a documentação pura e simples, a documentação em grosso, mas aquela que resulta de uma adequada seleção crítica."

No jornal *Nossa Voz*, o sociólogo Moisés Vinhas lamenta em artigo que Rui "[...] poderia ainda realizar tanto! Por isto afirmamos que o desaparecimento de Facó constitui uma lacuna para nós, para o povo, para a nação e para a humanidade."

Diz Vinhas:

> Uma estrada guiava Rui: o amor ao povo, às suas coisas, por

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 74 3/1/2014 00:54:57

suas lutas, suas esperanças, seu futuro.

A interpretação marxista da formação das classes, a caracterização da atual superestrutura em desenvolvimento nos seus aspectos universais, particulares e complexos, ele os ensaiou de modo feliz para ele e para nós.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 75 3/1/2014 00:54:57

FOTO CEDIDA POR ANA FACÓ

O jovem e intrépido poeta, porém tímido, Américo Facó.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 76 3/1/2014 00:55:05

FOTO DO ACERVO DE ARMÊNIO GUEDES

Em Mucugê, na Bahia, com a família Guedes. Júlia, em pé, e Rui, à direita.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 77 3/1/2014 00:55:06

A letra "A" indica o local do acidente envolvendo o avião onde estava Rui Facó. Abaixo, telegrama comunicando o sinistro a Heitor Facó, irmão de Rui.

The
WESTERN
Telegraph Company, Limited

CTB HEITOR FACOH ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PLA =

ENFORMO FALECIMENTO RUI VS VITIMA DESASTRE

AVIAO CHILE PT TRANSMITA DOLOROSA NOTICIA

NOSSOS PAIS PT ESPERO CORPO SEJA TRASLADADO

PARA ESTA CAPITAL PT INFORMAREI DIA

ENTERRO = AMISTAVO

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 78 3/1/2014 00:55:12

FOTO DO ACERVO DE ANA FACÓ CEDIDA POR DENISE FACÓ

Rui Facó, por volta de 1962, em foto considerada "oficial" pela família.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 79 3/1/2014 00:55:14

FOTO CEDIDA POR ANA FACÓ

Gustavo Facó e Antonieta Facó, primos em primeiro grau, pais de Rui Facó, em fotografia feita no quintal do casarão em Beberibe. Abaixo, assinatura de Rui Facó, feita em 1961.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 80 3/1/2014 00:55:15

FOTO DE LUÍS-SÉRGIO SANTOS

Helena, filha de Paulo e neta de Rui Facó. Abaixo, catálogo da Biblioteca do Congresso, em Washington, DC, com a referência de *Brasil Século XX*.

The Library of Congress > LCCN Permalink

LIBRARY OF CONGRESS CATALOG RECORD

View LC holdings for this title in the: LC Online Catalog View this record in: MARCXML | MODS | Dublin Core

Brasil, século XX

LC control no.	63044927
Type of material	Book
Personal name	Facó, Rui. [from old catalog] + More like this
Main title	Brasil, século XX.
Variant title	Brasil, século vinte Brasil, século 20
Published/Created	Rio de Janeiro] Vitória [1963]
Description	261 p. 23 cm.
Subjects	Brazil--History--1930-1964 + More like this Brazil--History--1954-1964 + More like this Brazil--Civilization. + More like this
LC classification	F2621 .F25
Geographic area code	a-b---

LCCN Permalink: A Service of the Library of Congress More information: LCCN Permalink FAQ

About | Site Map | Contact | Accessibility | Legal | External Link Disclaimer | USA.gov

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 81 3/1/2014 00:55:16

FOTO CEDIDA POR ARMÊNIO GUEDES

Julia, Paulo Facó e Rui, em 13 de dezembro de 1956.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 82 3/1/2014 00:55:17

FOTO CEDIDA POR ARMÊNIO GUEDES

Rui com seu Paulo Facó e Julia, no Rio de Janeiro.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 83 3/1/2014 00:55:18

FOTO CEDIDA POR GIUSEPPINA BLUMETTI FACÓ

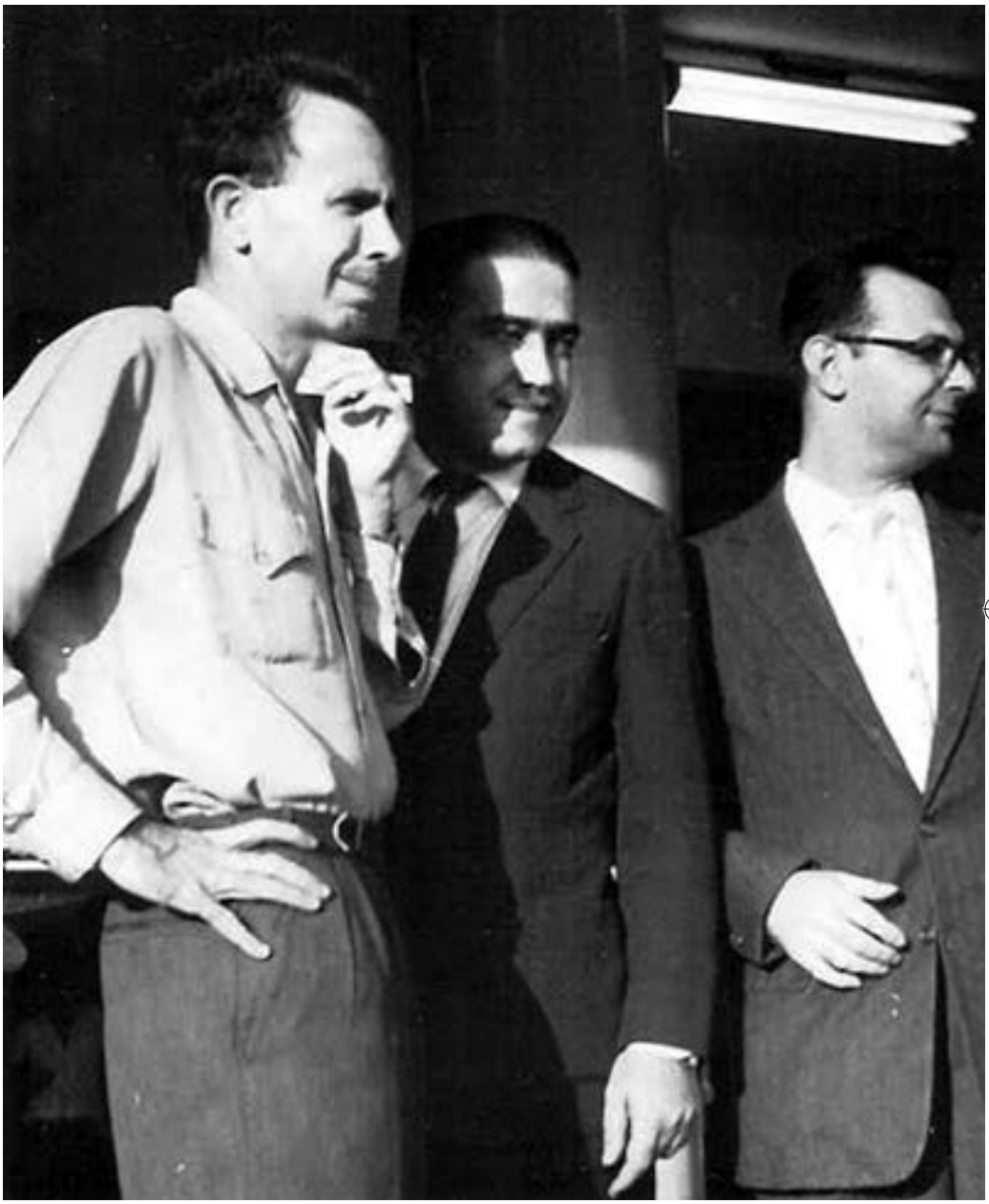
Giuseppina Blumetti Facó, Paulo Facó e os filhos Júlio e Helena Facó na colação de grau de Júlio, em 2000.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 84 3/1/2014 00:55:19

FOTO CEDIDA POR ANA FACÓ

Rui Facó cola grau em Direito, em Salvador.

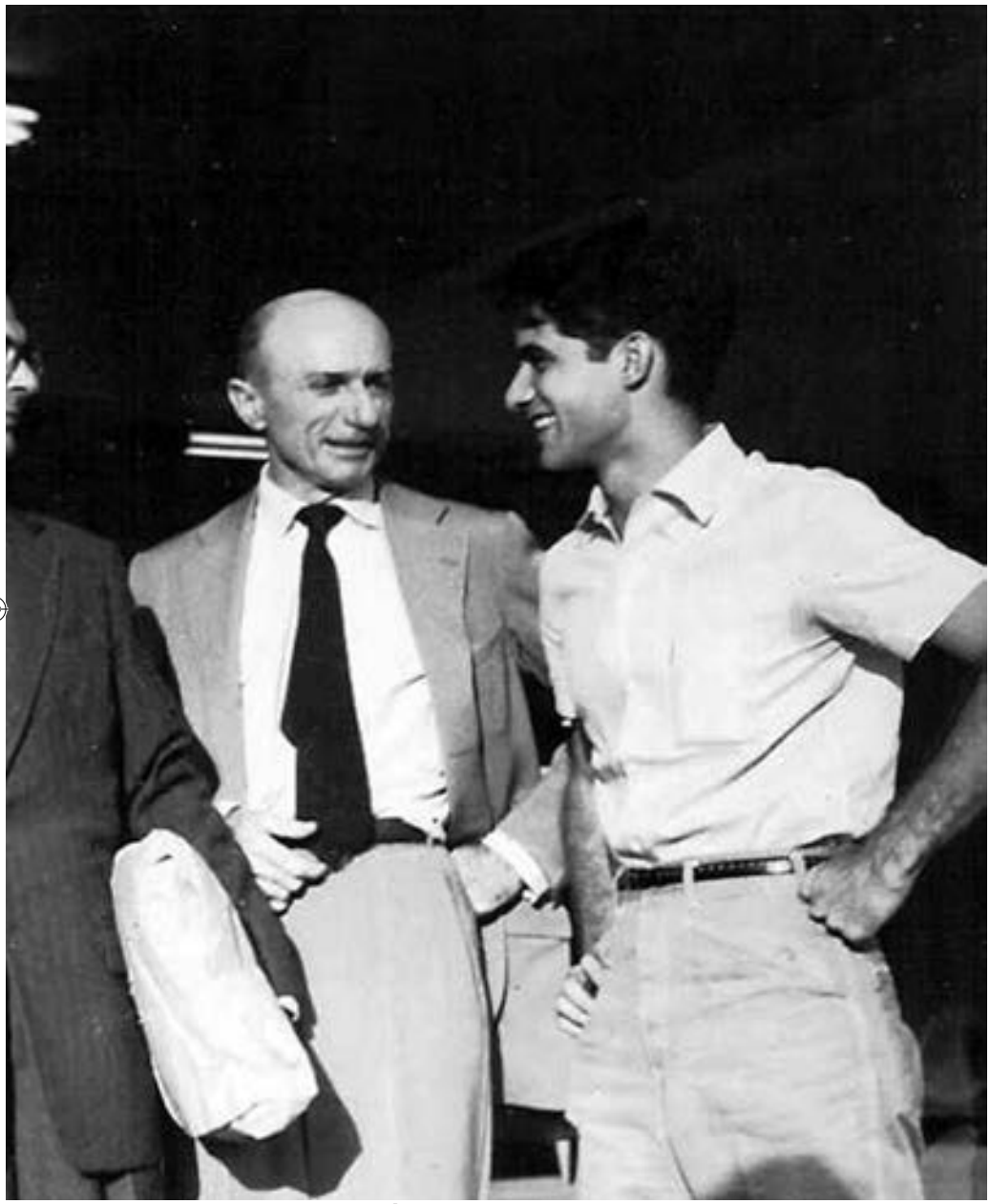
livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 85 3/1/2014 00:55:21



Armênio Guedes — o primeiro à esquerda —, Luiz Mario Gazzaneo — segurando

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 86 3/1/2014 00:55:22

FOTO CEDIDA AO AUTOR POR ARMÊNIO GUEDES

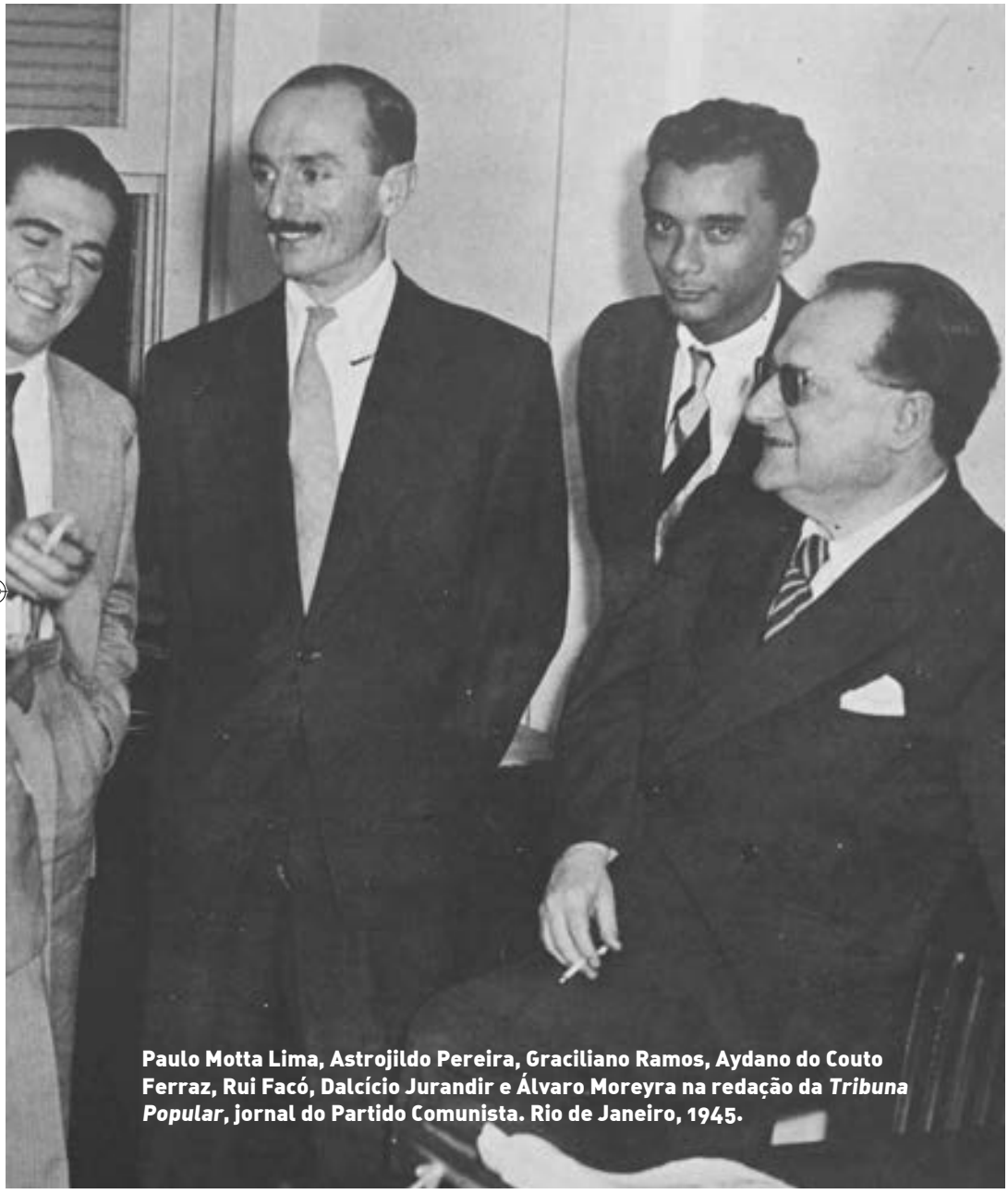


um pacote — , Rui Facó, calvo, de gravata e Luis Fernando Cardoso.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 87 3/1/2014 00:55:22

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 88 3/1/2014 00:55:28

FOTO ACERVO DE GRACILIANO RAMOS



Paulo Motta Lima, Astrojildo Pereira, Graciliano Ramos, Aydano do Couto Ferraz, Rui Facó, Dalcício Jurandir e Álvaro Moreyra na redação da *Tribuna Popular*, jornal do Partido Comunista. Rio de Janeiro, 1945.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 89 3/1/2014 00:55:30

Acima, Graciliano Ramos discursa na cerimônia de entrega do Carnet do PCB, com Cândido Portinari à sua direita, sentado ao lado de Astrojildo Pereira. À sua esquerda, Pedro Pomar e Luís Carlos Prestes. Em pé, dentre outros, Aydano do Couto Ferraz, Pedro Motta Lima, Álvaro Moreyra, Joracy Camargo, Jorge Medauar, Alina Paim, Rui Facó, Jorge Amado. Rio de Janeiro, agosto de 1945.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 90 3/1/2014 00:55:31

Rio de Janeiro-Gb, 20 de março de 1963.

Meu muito estimado Gustavinho

A trágica notícia da prematura morte do nosso Ruy, veio trazer imensa tristesa para os nossos corações.

Apresento a vôce, a Dona Antônieta, a Anna e ao Eurípedes, os meus sinceros sentimentos de pesar.

A nossa família, perdeu uma de suas glórias, e o Brasil, um fertilissimo escritor, uma das culturas vivas do Brasil socialista.

Os GRANDES HOMENS, jamais morrerão, ficarão redivivos na argamassa do tempo e no coração dos seus admiradores.

Um fraternal abraço do seu amigo e primo,

Francilipe.

Bilhete de Francilipe a Gustavinho, Itá. Abaixo, Getúlio Vargas recebe o apoio de Luís Carlos Prestes, em 1945, mesmo depois do episódio Olga Benário.

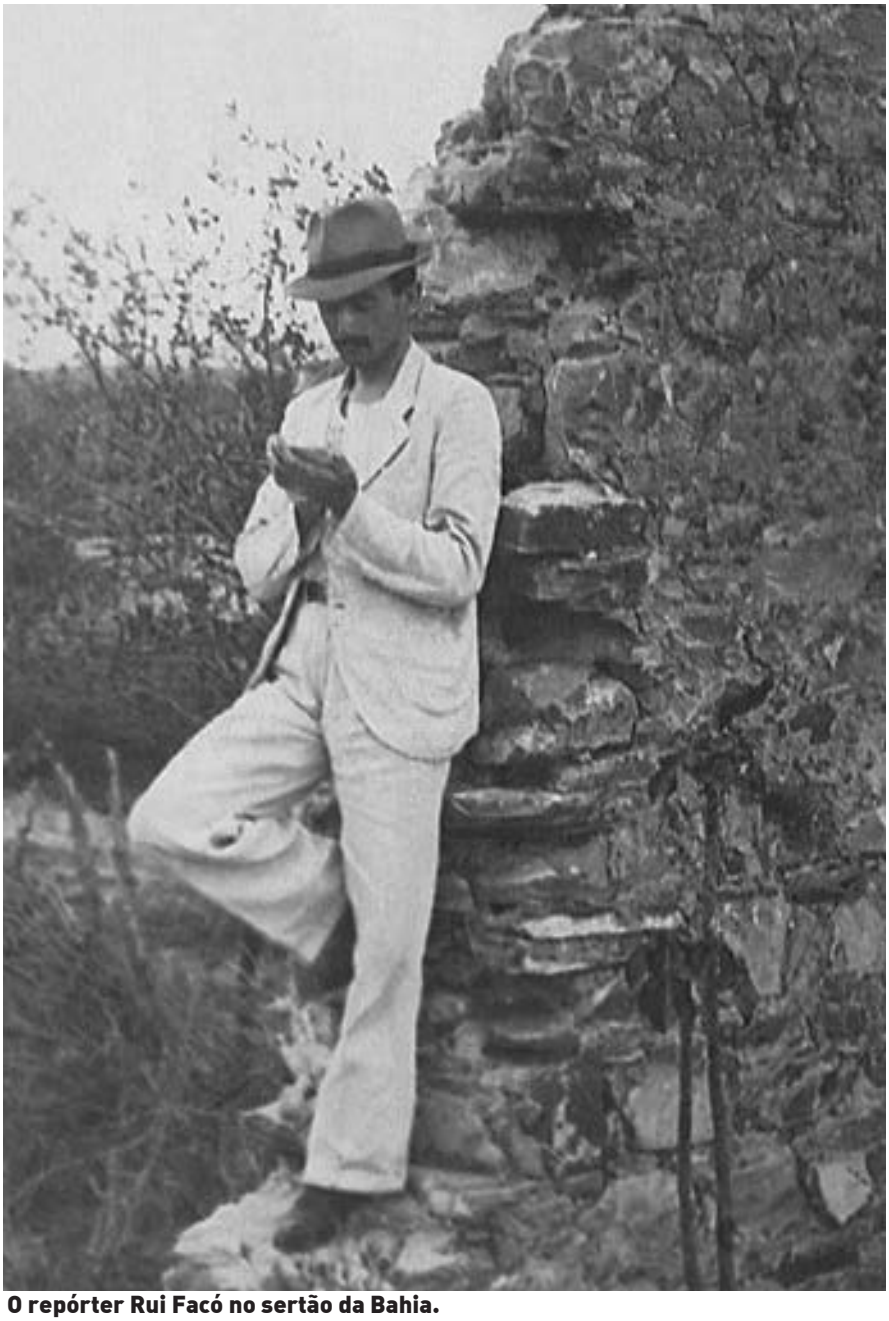
livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 91 3/1/2014 00:55:33

FOTO CEDIDA POR ANA FACÓ

Julia e Rui Facó caminham no centro do Rio de Janeiro.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 92 3/1/2014 00:55:34

FOTO CEDIDA POR ANA FACÓ



O repórter Rui Facó no sertão da Bahia.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 93 3/1/2014 00:55:35

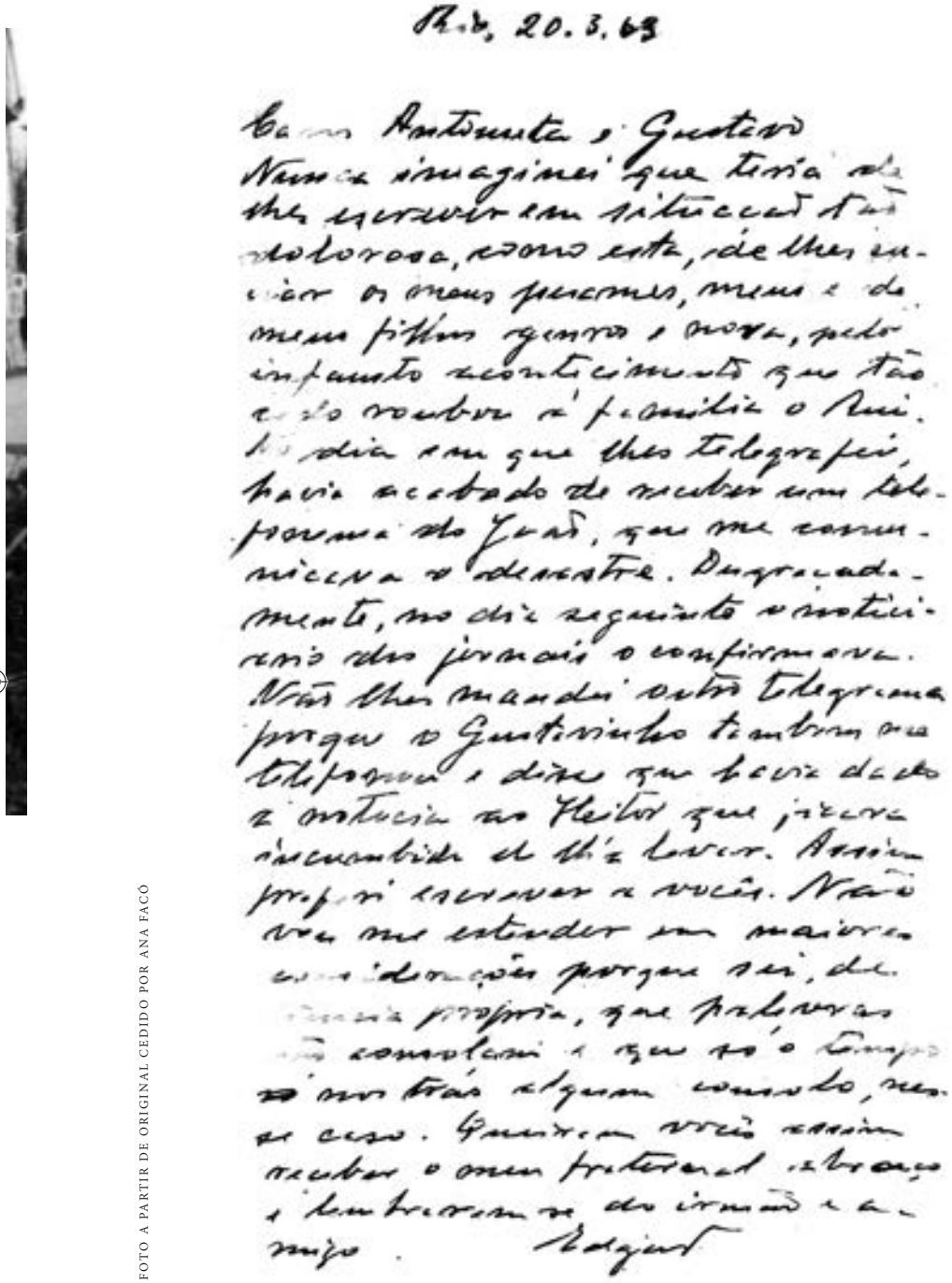
FOTO CEDIDA POR ARMÊNIO GUEDES

FOTO ACERVO DO AUTOR

FOTO CEDIDA POR GILMAR DE CARVALHO

Julia Guedes Facó com o filho Paulo e com João Jorge Amado, filho de Jorge Amado, em Praga, a caminho de Moscou, em 1952. Ao lado, capas de Estudos Sociais, de novembro de 1963, e da *Revista Brasiliense*, esta com um autógrafo de Rui datado de dezembro de 1961

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 94 3/1/2014 00:55:38



R.J., 20.3.63

Caros Antonieta e Gustavo
Nunca imaginei que teria de
lhes escrever em situação tão
dolorosa, como esta, de lhes en-
viar os meus pêsames, meus e de
meus filhos, genros e noras, pelo
infausto acontecimento que tão
cedo roubou à família o Rui.
No dia em que lhes telegrafei,
havia acabado de receber um tele-
grama do Jarbas, que me comu-
nicava o desastre. Infelizmente,
no dia seguinte a notícia
era dos jornais e confirmava.
Não lhes mandei outro telegrama
porque o Gustavinho também me
telefonou e disse que havia dado
a notícia ao Heitor que ficara
incumbido de lhe dar. Assim
prefiro escrever a vocês. Não
sei se me entender em maiores
considerações porque sei, de
experiência própria, que palavras
não consolam e que só o tempo
é que traz algum conforto, mes-
mo assim. Queridos vocês aceitem
receber o meu fraternal abraço
e lembranças de irmão e a-
migo. Edgard

FOTO A PARTIR DE ORIGINAL CEDIDO POR ANA FACÓ

Carta de Edgard Facó lamentando a morte de Rui dirigida a Antonieta e Gustavo.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 95 3/1/2014 00:55:39

FOTO ACERVO DE ARMÊNIO GUEDES

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 96 3/1/2014 00:55:40

FOTO ACERVO DO AUTOR

Ana Facó, irmã de Rui, com Luis-Sérgio Santos, no dia 9 de fevereiro de 1983. Na página oposta, Julia Guedes Facó e Rui Facó em foto tirada na Bahia.

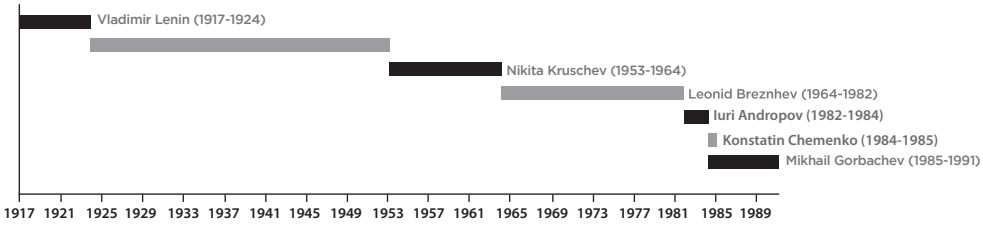
livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 97 3/1/2014 00:55:41

FOTOS BANCO DE DADOS OMNI

Acima, a aeronave modelo igual à que Rui viajava. Depois, Carlos Marghella filiado ao PCB e, ao lado, Joseph Stalin, em foto oficial.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 98 3/1/2014 00:55:43

De Lenin a Gorbatchov, ascensão e queda do regime



Jorge Amado — com cigarro na boca — e Zélia Gattai em Moscou, com amigos. Acima, a cronologia do poder: de Lenin a Gorbatchov, ascensão e queda do regime.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 99 3/1/2014 00:55:44

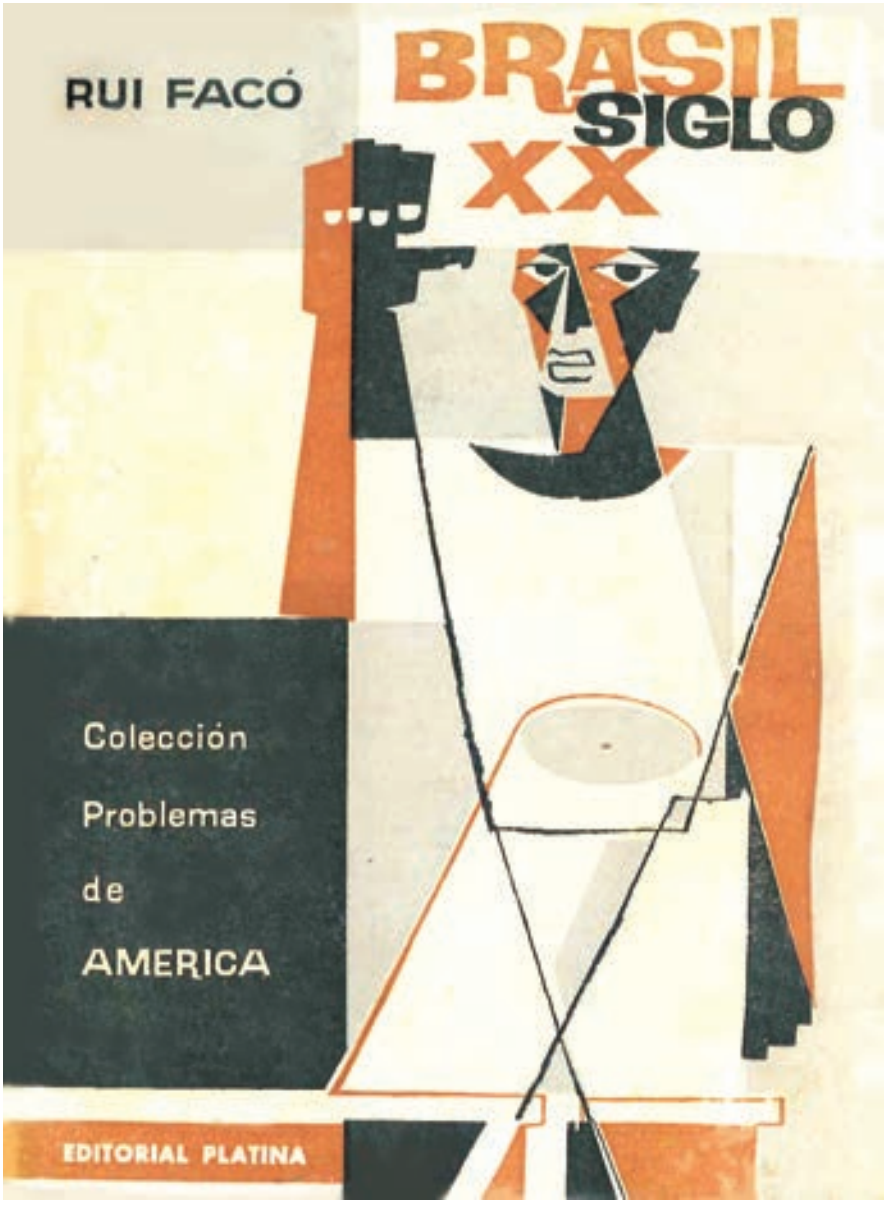
José Baltazar Ferreira Facó, pai do desembargador Boanerges de Queiroz Facó. Abaixo, o desembargador José Maia de Queiroz, contemporâneo de Rui no Liceu do Ceará

Ao lado, Astrojildo Pereira, o emblemático fundador do PCB e crítico literário

FOTOS BANCO DE DADOS OMNI

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 100 3/1/2014 00:55:48

FOTO ACERVO VALDO FACÓ _ BRASÍLIA



Capa da edição em espanhol do livro *Brasil Século XX*.

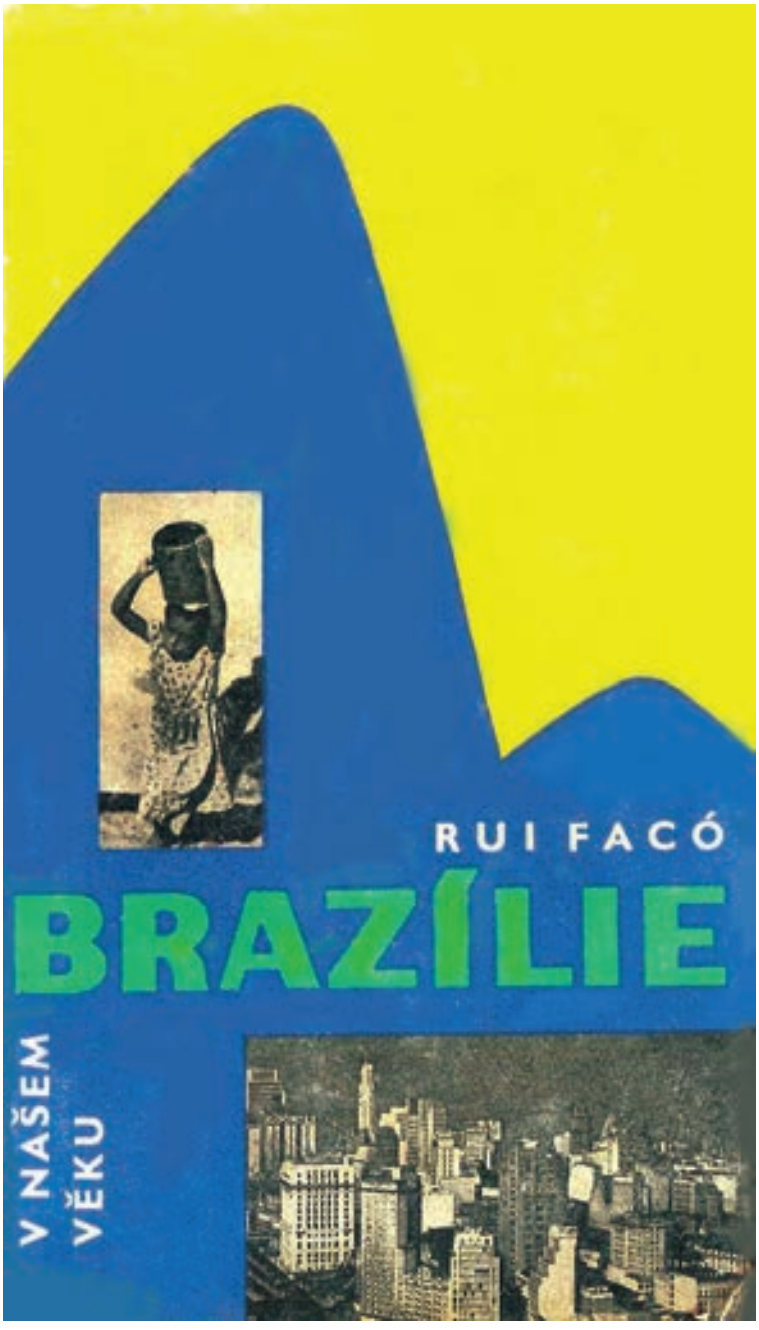
livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 101 3/1/2014 00:55:50

FOTO ACERVO VALDO FACÓ _ BRASÍLIA

Capa da edição italiana do livro *Brasil Século XX*.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 102 3/1/2014 00:55:53

FOTO ACERVO VALDO FACÓ _ BRASÍLIA



Capa da edição tcheca do livro *Brasil Século XX*.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 103 3/1/2014 00:55:59

Colección Problemas de América

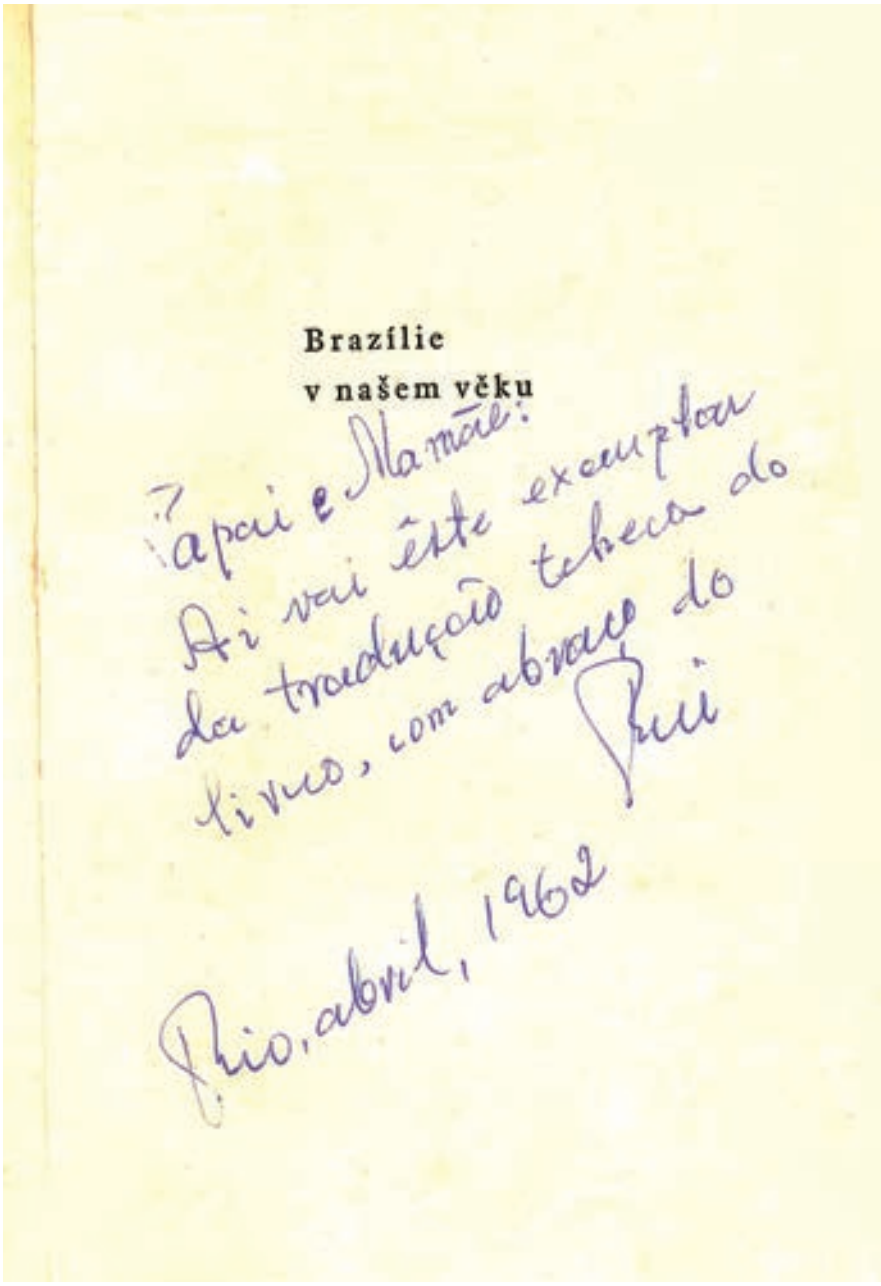
Do Papai,
Mamãe, Ana e
Eunice, com
abraços do Rui

Rio, 14.IV.61

BRASIL SIGLO XX

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 104 3/1/2014 00:56:01

FOTO ACERVO VALDO FACÓ _ BRASÍLIA



Nestas duas páginas, autógrafos de Rui para os pais, Gustavo e Antonieta, e para os irmãos que moravam com aqueles, em Beberibe, Ceará.

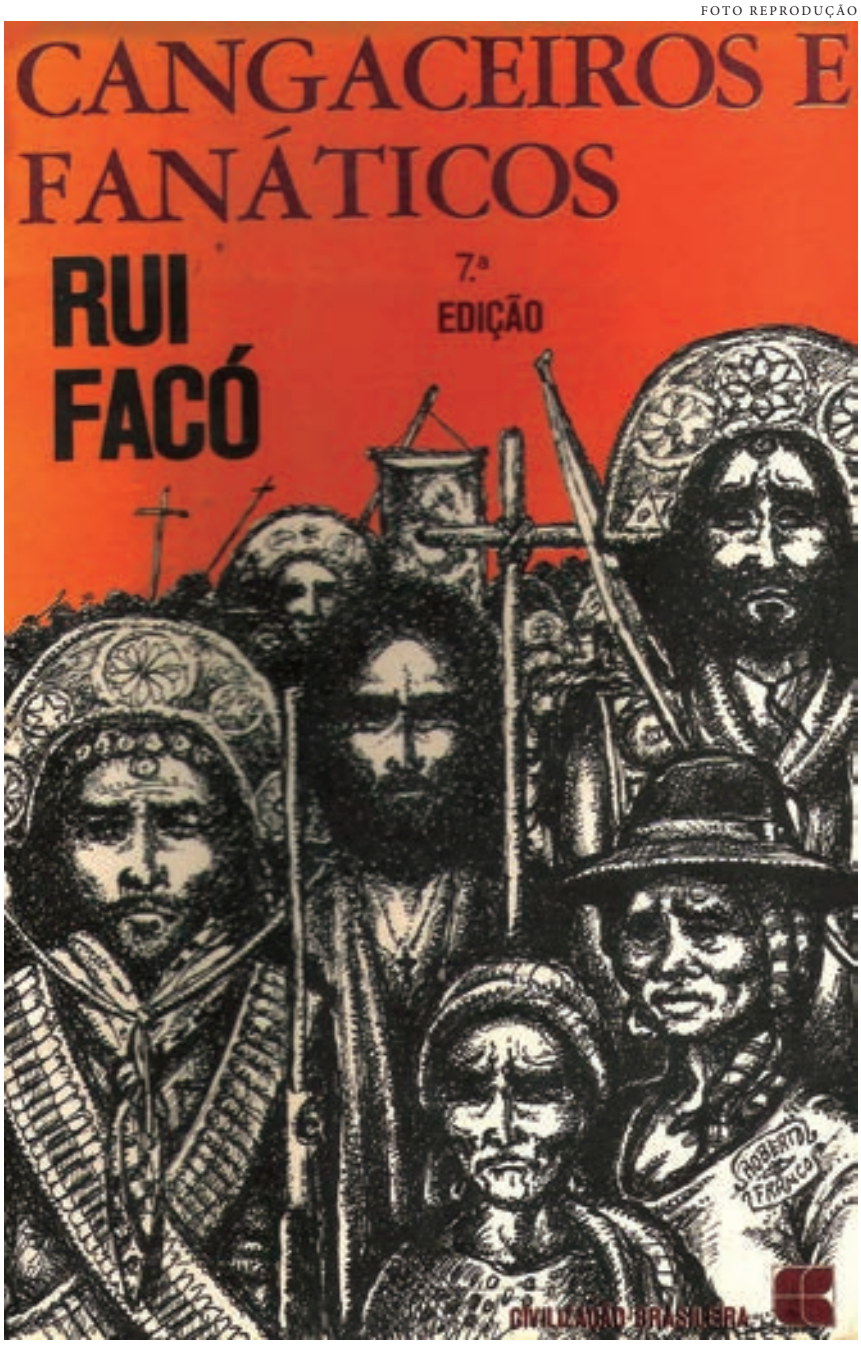
livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 105 3/1/2014 00:56:04

FOTO ACERVO VALDO FACÓ _ BRASÍLIA

Acima, capa da primeira edição de *Cangaceiros e Fanáticos*, de 1963. Na página seguinte, capa a partir da terceira edição, com desenho de Roberto Franco.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 106 3/1/2014 00:56:11

FOTO REPRODUÇÃO

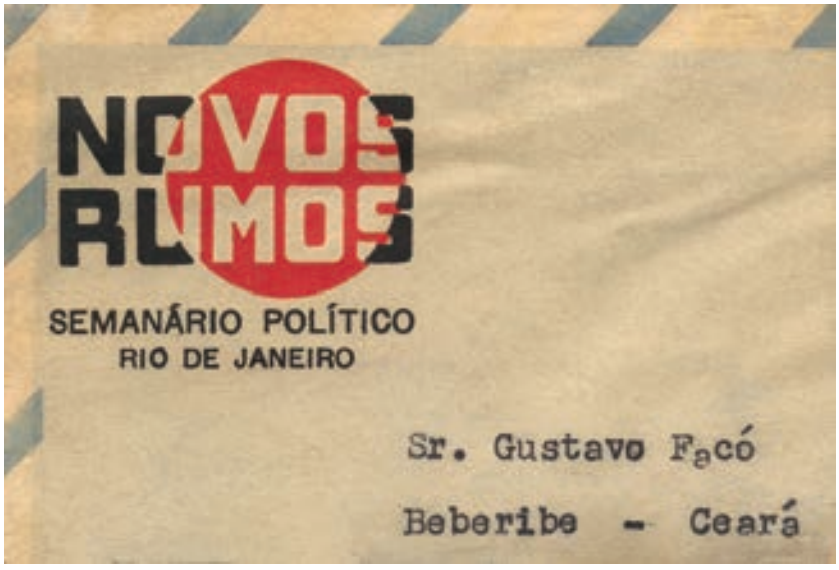


livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 107 3/1/2014 00:56:17

FOTO EBC

Presidente Jânio Quadros e o brigadeiro Gabriel Grün Moss colocam a Ordem do Mérito Aeronáutico em Yuri Gagárin. Abaixo, face de envelope endereçado por Rui ao seu pai, em Beberibe, Gustavo Facó.

FOTO CEDIDA POR ANA FACÓ



livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 108 3/1/2014 00:56:19

ARQUIVO AYDANO COUTO FERRAZ _ CPDOC _ FGV

Pedro Mota Lima (primeiro, da esquerda para a direita), Aydano do Couto Ferraz, Fui Facó, Giovani Guimarães e Frederico Lourenço Gomes em Congresso de Jornalistas em Salvador, Bahia, em 1948. Abaixo, Luís Carlos Prestes é entrevistado pelo jornalista chileno José Joaquim Silva, na Casa de Correção da Capital Federal, em 28 de novembro de 1941.

FOTO CPDOC _ FGV

BRASIL SÉCULO XX

DE RUI FACÓ

Um livro para estudiosos, um livro para estudantes. Alguns dos temas nêle abordados:

- Existe preconceito racial no Brasil?
- Quais as fôrças sociais em choque no Brasil de hoje?
- Para onde marcha o movimento nacionalista?
- No Brasil a Igreja é realmente separada do Estado?
- E' efetivamente livre a imprensa brasileira?
- Que caracteriza o movimento estudantil?

Preço Cr$ 350.00.

Brasil Século XX encontra-se em tôdas as livrarias. Lançamento da

EDITORIAL VITÓRIA LTDA.

Pedidos pelo Reembôlso para Caixa Postal 165 — Rua [illegible] Estado da Guanabara

Duque de Caxias, [illegible] junho de 1963.

CID DE CESARE SALGADO — PRESIDENTE

Lançamento de livros nacionalistas e homenagem à memória de Rui Facó

Perfaz-se o comparecimento de todos os nacionalistas, nesta-feira, 28 de junho, na LIVRARIA SÃO JOSÉ (Rua São José, 38), a partir das 17 horas, a cerimônia de homenagem à memória do escritor RUI FACÓ, há pouco falecido em desastre de aviação. Nesta oportunidade serão lançados os seguintes livros, últimas edições da coleção RETRATOS DO BRASIL:

CANGACEIROS E FANÁTICOS, de RUI FACÓ

RETRATO SEM RETOQUE, de ADALGISA NERY

INTRODUÇÃO À REVOLUÇÃO BRASILEIRA de NELSON WERNECK SODRÉ

INFLAÇÃO E MONOPÓLIO NO BRASIL, de ALBERTO PASSOS GUIMARÃES

DELMIRO GOUVEIA — PIONEIRO E NACIONALISTA de F. MAGALHÃES MARTINS

Dirá breves palavras no ato o escritor ASTROJILDO PEREIRA

EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.

EDITAL DE CITAÇÃO

Pelo presente edital [illegible] SEBASTIÃO

NOVOS RUMOS

Diretor — Mario Alves

Gerente — Guttemberg Cavalcanti

Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.

Secretário — Fragmon Borges

REDATORES

Almir Matos, Rui Facó, Paulo Motta Lima, Maria da Graça Luis Ghilardini

MATRIZ

Redação: Av. Rio Branco, 257, 17.º andar, S/1712 — Tel: 42-7344

Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9.º andar, S/905

Endereço telegráfico — «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS

Anual	Cr$	250,00
Semestral .	"	130,00
Trimestral .	"	70,00

Aérea ou sob registro despesas à parte

N. avulso ..	Cr$	5,00
N.º atrasado .	"	8,00 ..

Anúncio promocional de *Brasil Século XX*, publicado em *Novos Rumos* e em outros jornais. Ao lado, convite de lançamento de livros nacionalistas dentre os quais está *Cangaceiros e Fanáticos* e, acima, expediente de *Novos Rumos* da primeira edição.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 110 3/1/2014 00:56:20

Livros mais vendidos da semana

Foram os seguintes os livros mais vendidos durante a semana que passou nas principais livrarias:

Livraria Ler

1 — Os Pastôres da Noite (Jorge Amado)
2 — Eugénie Grandet (Balzac)
3 — As Palavras (Sartre)
4 — Opinião (vários autores)
5 — A Invasão da América Latina (John Gerassi)
6 — O Golpe Começou em Washington (Edmar Morel)
7 — A Imaginação Sociológica (Wright Mills)
8 — A Revolução que se Perdeu a Si Mesma (David Nasser)
9 — Os Outros Que Se Danem (Ian Fleming)
10 — Cangaceiros e Fanáticos (Rui Facó)

Livraria Entrelivros

1 — Os Outros Que Se Danem (Ian Fleming)
2 — Opinião (vários autores)
3 — As Cidades da Noite (John Rechy)
4 — Guerrilhas e Revoluções(Gabriel Bonnet)
5 — Zapata (H. H. Dunn)
(estrangeiros)
Nacionais:

Livros mais vendidos em São Paulo

1 — O Golpe Começou em Washington, de Edmar Morel, da Editôra Civilização Brasileira (—)
2 — Rosinha, Minha Canoa, de José Mauro de Vasconcelos, da Edições Melhoramentos (—)
3 — Os Dez Mandamentos, de diversos autores, da Editôra Civilização Brasileira (5)
4 — Arraia de Fogo, de José Mauro de Vasconcelos, da Edições Melhoramentos (—)

***Cangaceiros e Fanáticos* na lista dos Mais Vendidos publicada no jornal *Diário Carioca*, de 10 de maio de 1965 e, quando da terceira edição, uma nova onda nasce em relação ao livro a ponto de permanecer muitas semanas na lista dos Mais Vendidos do *Jornal do Brasil* como retratam as edições do caderno *Livro* de 16 de dezembro de 1972, e nas edições de 27 janeiro de 1973, de 24 fevereiro de 1973 e de 31 de março 1972, dentre tantas outras. Na página seguinte, a página 5 da edição de 22 de março de 1963 de *Novos Rumos*, homenagens a Rui.**

LIVRO

GUIA MENSAL DE IDÉIAS E PUBLICAÇÕES

ROTEIRO DO LIVRO PARA PRESENTE

Portinari revista e Debret reeditado

Veneza: tudo começou com uma cartilha

Um Companheiro

Mesmo para não homens de imprensa, habituados a falar quotidianamente com todos que escrevem ou nos batem à porta, sempre existe um certo constrangimento em quem escreve, especialmente em quem sente, profundamente dolorosa, e desagradavelmente trágica da nossa querida companheira e muito amiga Rui Facó. Ela nos nossa vasta na redação de NOVOS RUMOS, foi cercada, mutilada a família dos que fazem e escrevem este jornal.

Entramos Rui Facó no esplendor de sua vida, que foi toda ela e de um intelectual a serviço do povo brasileiro. Sua fidelidade à causa do progresso, que começou com a leitura de seu existência consciente, ainda quase adolescente, depois como jovem jornalista, escritor e poeta, tornou-se mais sólida ainda, a partir de 1945, com o aparecimento da imprensa popular em nosso país. Desde então, Rui Facó passou a dedicar todo o seu tempo e capacidade criadora ao movimento comunista, no qual ele via o que de mais avançado já produziu a humanidade em toda a sua trajetória milenar. Como redator de NOVOS RUMOS, Facó estendeu com familiaridade no tempo mais remoto, a especialidade profissional, sobre uma eficiência incomum, exemplo para cada um de nós, seus companheiros de trabalho. Nos materiais de Rui Facó nos conhecemos a presença de duas elementos: a preocupação de defender sempre e sempre as interesses do povo e a clareza que se tornavam acessíveis às pessoas simples, aos trabalhadores, aos camponeses.

Rui Facó era também um escritor. Desde cedo juventude e por todo a sua vida, nunca ajustou as atividade criadora ou à sua facilidade, dedicando-se ao estudo e à pesquisa dos grandes problemas nacionais, da história de nosso país. Homens notáveis, trabalhador, cientista e escritor sistematicamente as obras que escreveu. Ao curso dessa intensa atividade intelectual acrescentou uma grande experiência política e literária, como orgânico, nos trabalhos, seus problemas. O único de seu livro «Brasil, século XX», tanto aqui como em vários outros países, é fruto desse esforço e da seriedade com que foi preparado. Os que o conheceram há mais tempo, que o sabiamos em plena força de sua desenvolvimento e de sua afirmação como escritor, podemos avaliar melhor a perda que nos acaba de representa para a vida intelectual brasileira.

Com uma compreensão do mundo eminentemente humanista, Facó, como escritor, não se isolava da vida coletiva. Ao contrário, era um ativo militante político. Na elaboração de seu livro «Cangaceiros e Fanáticos», cuja próxima aparecimento diz não verá, não se limitou ao intenso trabalho de pesquisa de fatos. Foi ao interior do Nordeste, ao seu Ceará, conversou, colheu depoimentos, viveu. Foi ver no local as condições que fizeram surgir aquelas fenômenos que são o objeto de seu livro. E mais: nessas viagens fazia confraternizações, aprendia e ensinava, fazia amigos, com eles se tinha muitos. Porque outra característica de Rui Facó era sua condição de criatura profundamente humana, sua tolerância, a capacidade de interessar-se pelas coisas simples e que decorria de um grande amor à vida.

Diz o povo que um homem deve sobretudo aos pessoas no mundo deixando um filho, plantando uma árvore e escrevendo um livro. Paulo, seu filho, com quem nos solidarizamos nesta momento de dor, todo, planta, sabe, gostaria, também o orgão. Aquela que lhe deixa o nome honrado e digno do seu companheiro Rui Facó.

Rui Facó, em companhia de seus amigos Moacir Félix e Álvaro Lins.

Em meio de autógrafos na barraca da Editorial Vitória, na Feira do Livro de ano passado, Rui Facó entre os escritores Milton Pedrosa, Dalcídio Jurandir, Jacinto Moraes e Luiz Carpeaux, e o editor José Gutman.

Rui Facó: Dados Biográficos

Dentro de alguns meses Rui Facó completaria 50 anos. Nasceu numa cidade do interior, Fortaleza, Estado, no Ceará, e é de estudos de 1931. E nos seus anos de estudo, quase ainda adolescente, começou a colaborar em vários jornais e revistas literárias. Foi nessa época que Rui Facó iniciou sua atividade política e intelectual, ligando-se à juventude comunista e trabalhando junto aos operários e camponeses. Em 1934, com 21 anos, Rui Facó já era um militante político e intelectual conhecido. Nesse ano, ele foi eleito deputado estadual pelo Partido Comunista, mas não chegou a tomar posse, pois o Tribunal Eleitoral cassou o registro daquele Partido. Rui Facó foi um dos fundadores da Aliança Nacional Libertadora, organização de frente única antifascista e antiimperialista, que desempenhou papel importante na vida política brasileira nos anos 1934-35. Em 1935, Rui Facó foi preso pela primeira vez.

Começou então uma longa série de prisões e perseguições. Rui Facó foi encarcerado na Casa de Detenção, na Polícia Especial, na Colônia Correcional de Dois Rios e em outras prisões. Em 1937, foi condenado a 4 anos de prisão. Cumpriu a pena em Fernando de Noronha, onde ficou até 1942. Logo depois, foi convocado para o Exército, como soldado, e serviu durante dois anos. Em 1945, com a anistia, Rui Facó voltou à vida pública, participando ativamente da campanha eleitoral daquele ano. Foi eleito deputado federal pelo Ceará, na legenda do Partido Comunista, e exerceu o mandato até 1947, quando o Partido foi novamente posto na ilegalidade.

Rui Facó passou a dedicar-se à atividade política e intelectual clandestina. Foi um dos fundadores do jornal Imprensa Popular, em 1948, e, depois de ter sido redator-chefe desse jornal, passou a trabalhar para outros órgãos da imprensa comunista. Foi um dos redatores de TRIBUNA DO POVO, de Belo Horizonte, e de HOJE, do Rio de Janeiro. Em 1954, foi eleito deputado federal pelo Distrito Federal, mas não chegou a tomar posse, pois o Tribunal Eleitoral cassou o registro do Partido Comunista. Em 1955, Rui Facó foi novamente preso, ficando na Polícia Especial até o início de 1956. Logo depois, foi nomeado redator-chefe de NOVOS RUMOS, cargo que exerceu até a morte.

Rui Facó foi também um dos fundadores da Associação Brasileira de Escritores, em 1945, e membro de sua primeira diretoria. Em 1947, foi eleito presidente da Associação Cearense de Imprensa. Em 1958, foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Imprensa, e membro de sua diretoria até 1960. Em 1959, foi eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores, cargo que exerceu até a morte.

Rui Facó publicou os seguintes livros: «Jangadeiros» (1941), «Fundamentos da Cultura» (1945), «Cangaceiros e Fanáticos» (1963) e «Brasil, século XX» (1963). Deixou também vários livros inéditos, entre os quais «Os Tenentes e a Revolução Brasileira», «Os Fundamentos da Nacionalidade» e «Os Fundamentos da Cultura Brasileira».

Rui Facó era casado com a escritora Maria Luiza Tucci, com quem teve um filho, Paulo, e uma filha, Ana Maria.

"Cangaceiros e Fanáticos" Nôvo Livro de Rui Facó

No próximo mês de abril deverá ser lançado um livro de Rui Facó — "Cangaceiros e Fanáticos" — editado pela Civilização Brasileira. Representando uma nova tentativa de interpretação marxista deste fenômeno social que caracterizou a vida de grandes parcelas das massas rurais nordestinas, nos fins do século passado e começos do atual, Rui Facó dá prosseguimento a grande obra.

A seguir damos um pequeno trecho do primeiro capítulo desse livro:

[illegible]

Uma série de crises — de ordem econômica, financeira, de estabilidade — agravou-se nos últimos anos da década de 50 no Brasil, abrangendo muitos setores da vida nacional. Ao cabo de cerca de 4 anos de governo, dois deles sob a presidência de Juscelino Kubitschek, a economia nacional se encontrava em estado de grave crise, que se refletia em todos os setores da vida nacional.

Uma dessas crises — a política — atingiu o seu ponto culminante com a renúncia do presidente Jânio Quadros, em agosto de 1961, e a tentativa de golpe de Estado que se lhe seguiu, visando impedir a posse do vice-presidente João Goulart, eleito juntamente com o presidente renunciante. Essa crise política, que ameaçou mergulhar o país numa guerra civil, só foi superada graças à resistência das forças democráticas e patrióticas, que conseguiram assegurar a posse do vice-presidente, mediante a implantação do regime parlamentarista de governo.

Mas a crise econômica e financeira continuou a se agravar, atingindo proporções alarmantes. Em fins de 1962, a inflação ultrapassava a casa dos 50% ao ano, a dívida externa atingia a cifra de 3 bilhões de dólares, a produção industrial e agrícola estagnava ou mesmo declinava em alguns setores, a especulação e o agiotagem campeavam em todos os setores da vida econômica, o custo de vida subia vertiginosamente, a miséria e a fome se alastravam pelo país, a desnacionalização da economia nacional se acelerava, o imperialismo norte-americano, através de seus monopólios, dominava cada vez mais a economia brasileira, a reação se fortalecia e se preparava para novos golpes contra as liberdades democráticas e as forças progressistas.

Tratava-se, então, de uma crise de caráter global, que envolvia todos os setores da vida nacional, e que, por isso mesmo, não podia ser resolvida por medidas parciais, mas exigia uma solução global, uma mudança radical na política econômica e financeira do governo, uma política nacional e democrática, que pusesse fim à espoliação imperialista e à dominação dos monopólios norte-americanos, que assegurasse o desenvolvimento econômico independente do país, que garantisse a elevação do nível de vida das massas populares, que assegurasse as liberdades democráticas e a participação ativa do povo na vida política nacional.

Foi ainda a necessidade de uma solução global para a crise que levou o presidente João Goulart a propor ao Congresso Nacional, com a mensagem de 13 de março último, um conjunto de reformas de base, que, segundo ele, constituiriam o início de uma nova política econômica e financeira, que poderia dar início à solução daquela crise. Entre essas reformas figurava a reforma agrária, que, segundo o presidente, era a mais importante e urgente de todas as reformas de base.

Foi ainda a necessidade de uma solução global para a crise que levou o presidente João Goulart a propor ao Congresso Nacional, com a mensagem de 13 de março último, um conjunto de reformas de base, que, segundo ele, constituiriam o início de uma nova política econômica e financeira, que poderia dar início à solução daquela crise. Entre essas reformas figurava a reforma agrária, que, segundo o presidente, era a mais importante e urgente de todas as reformas de base.

A derradeira mensagem do amigo Facó

Prefácio

Não falo para fazer-lhe [illegible] Tudo isso é pertinente [illegible] Não falo, porém, [illegible] Não falo [illegible] Falo [illegible] Falo [illegible]

CAPÍTULO DOIS

O COMEÇO

Uma origem rural

Rui Facó nasceu em 4 de outubro de 1913, em Beberibe, no litoral leste do Ceará, a 73 quilômetros de Fortaleza. Um menino de engenho, filho de Gustavo Facó e de Antonieta, primos legítimos, como era costume nos sertões, onde as famílias mais tradicionais não se permitiam misturas. Assim como preservavam os traços sanguíneos, preservavam os nomes, repetidos em profusão. Gustavo era filho de Gustavo Francisco de Queiroz Facó e de Maria Francisca da Cunha Facó, e Antonieta, filha de João Balthazar Ferreira Facó e de Francisca Ferreira Facó.

Rui era o mais velho de extensa prole. Plínio e Pedro, os irmãos seguintes, migraram para a Amazônia, em busca de melhores dias, de onde nunca mais retornaram. Morreram, provavelmente, vítimas de doenças tropicais, como a febre amarela.

Gustavo, o quarto filho, chamado "Itá", migrou para o Rio de Janeiro, onde anos depois, seria interlocutor, convivência e tiete de Rui durante anos. Depois nasceram Heitor, Eurípedes, Paulo e outro Paulo

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 113 3/1/2014 00:56:35

que morreu ainda bebê, Maria do Carmo, também morreu criança, Maria Antonieta, Ana e o mais novo, Hélio que, ainda jovem, morreu de câncer, em Fortaleza, embora tenha deixado duas filhas. Ana, a penúltima, tinha uma relação intensa de amor e profunda admiração por Rui. Nascida no dia 22 de julho de 1926, ela guarda detalhes de Rui de modo extremamente passional. Ana morreu em 2012 depois de longa e sofrida convivência com o mal de Parkinson.

Ana Facó falava com ênfase, voz um misto de grave e suave, bem pontuada, límpida.

— Ele era uma pessoa maravilhosa. Eu era completamente apaixonada por ele. E acho que um homem não podia ser mais tudo do que ele era. Muito gentil, muito interessado no que a gente estudava. Ele era fora de série.

Rui era todo manso. Aos olhos de Ana, exercia autoridade com ternura. "Sabia ser positivo, mas era todo manso", lembra. Esbelto, caminhando a passos curtos mas precisos, elegante, já na juventude gostava de ternos de cortes perfeitos, de linho, em tom cinza claro. Cabeleira rala, sua calvície foi se aprofundando da fronte para trás chegando a ser marcante já aos trinta anos.

Ana era a irmã do coração de Rui. "Ele gargalhava, dava umas risadas gostosíssimas. Quando estávamos com as nossas primas Luiza e Laís — que tinham sido meninas de infância junto a ele em Beberibe — era uma coisa incrível... A risada dele era a coisa mais linda." Grave, profunda.

A casa grande de Gustavo fora construída no Beco das Almas, apelido para a Rua João Balthazar, na pequena Beberibe dos anos 1930. Era a casa número um. A área construída é de 220 metros quadrados e fica no extremo norte da rua. O terreno lateral é de pouco mais de trezentos metros, mas com uma enorme profundidade, chegando mesmo a se confundir com a região de várzea do rio Choró a cerca de

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 114 3/1/2014 00:56:35

dois quilômetros, a várzea Guaiaí. Na estação de chuvas grande parte do terreno virava um brejo só.

A cidade de Beberibe ficava ilhada até os anos 1960, quando foi construída a estrada alta, o asfalto rasgando a mata baixa e dando acesso à civilização a custo de um desvio de alguns quilômetros da região alagada da vazante do rio Choró, lugar adequado para salinas, espraiado por detrás de dunas e de rala vegetação de muricizeiros e cajueiros que a separavam do oceano Atlântico.

Mais próximo da casa, o Corrente Casa Grande também tinha suas enchentes. Ele nasce no sítio Bom Jardim, e corta a cidade de Beberibe.

Principalmente no inverno dos anos 1930 até os anos 1950, a viagem a Fortaleza era uma pequena aventura. Era preciso ir a cavalo até Cascavel e, então, pegar um ônibus para Fortaleza. A viagem a cavalo era pela várzea alagada do rio Choró. Quando o rio estava alto, era preciso usar uma canoa para chegar ao solo do Choró, em Cascavel, a que Beberibe já pertencera, anos antes. A viagem de Cascavel para Fortaleza demorava quase um dia.

‡

Depois do primogênito Rui, veio Heitor de Queiroz Facó, nascido no dia 4 de março de 1918. Só após os trinta anos Heitor deixou a cidade, foi para Fortaleza trabalhar no Departamento de Correios e Telégrafos, com um salário mensal de dois contos de réis. Dava para viver. Foram trinta anos sem fazer nada, poucos estudos e trabalhos domésticos como, por exemplo, ir comprar peixe na praia de Morro Branco, cavalgando, acompanhando o pai. "Minha mãe era uma santinha. Quando eu chegava, ela ia bater os ovos para eu tomar gemada. O papai, quando chegava do cartório, ela ia fazer alguma coisa no fogão

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 115 3/1/2014 00:56:35

a lenha, porque naquele tempo era fogão a lenha."

Muitas vezes Gustavo ia a Morro Branco a pé, caminhava os quatro quilômetros até a praia, porque seu animal de cavalgar estava cansado. "Ele era grandioso. Um coração grande que dava a última gota de sangue por qualquer um dos seus filhos", lembra Valda Facó, filha de Heitor, neta de Gustavo mas, na verdade, criada por este a quem chama de papai. "Eu só dormia com ele sentado na beirada da minha rede, contando-me histórias ou fazendo-me cócegas na barriga com o bigode e eu lembro que doía. Ele dizia: 'vai lá para o teu cantinho'. Ele [Gustavo] nunca me bateu; mamãe [Antonieta] é que de vez em quando dava uns cocorotes."

‡

A casa de Rui tem uma acústica incrível. No vão principal, um oitão de mais de vinte metros coberto com telhas brancas sobre estrutura de caibros e vigas de carnaúba. Debaixo dele estão a sala de estar, com duas portas de entrada, uma na frente e outra na lateral, uma sala de leitura, onde ficava o enorme rádio de válvulas e um relógio de parede alimentado a corda e, em seguida, a sala de jantar, ponto de encontro da família para fartas conversas sempre regadas a risos e certas ironias.

A casa tem duas alas paralelas, nas extremidades de cada lado, parte delas construída com dinheiro que Rui mandou. Uma espécie de anexo, um anexo norte e um anexo sul, simétricos.

Na ala norte estavam três quartos. O primeiro, com janela dando para a frente da casa, era de Gustavo e Antonieta. Além disso, uma grande penteadeira e um santuário em madeira replicando a arquitetura gótica com uma Nossa Senhora em estilo barroco ao centro.

As meninas ficavam no quarto do meio e os meninos dormiam

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 116 3/1/2014 00:56:35

nas salas. Depois da reforma veio a água encanada e o banheiro foi transferido de fora para dentro da casa. A água era bombeada para a caixa, uma construção externa à casa, de onde escoava por gravidade.

Antes do asfalto, a estrada vicinal confundia-se com o lamaçal de maré alta e das chuvas. O ônibus *pickup* — chamado misto — só atravessava o Choró, que divide Cascavel de Beberibe, quando o rio estava baixo, numa região já próxima à foz. Não raro o ônibus atolava. Muitas vezes chegava à cidade encrustado de lama. Com ele vinha parte do contato civilizado de Beberibe com o mundo, jornais, revistas e as cartas. A energia elétrica só chegou ali na segunda metade dos anos 1960 — o motor, na Casa de Força do município, era ligado às seis horas e desligado às dez. O rádio era o único meio de comunicação eletrônico.

Depois que Rui saiu de Beberibe, para estudar, as cartas passaram a ser o grande canal de comunicação entre ele, Ana e a família. O percurso começa por Fortaleza, depois Salvador, Rio de Janeiro, Praga e Moscou.

Em Fortaleza, Rui estudou no Liceu do Ceará, no antigo prédio da Praça dos Voluntários, onde funcionou depois, nos anos 1980, a Secretaria de Segurança. Ali foi contemporâneo de José Maria de Queiroz bem como no curso de Direito da Universidade do Ceará.

José Maria de Queiroz, juiz e desembargador, nasceu no dia 11 de junho de 1914, no sítio Lucas, em Beberibe — "todos nós nascemos lá, com uma parteira do mato" —, filho de João Queiroz Ferreira com Migueline de Castro Ferreira, donos de fecunda prole. "Eu não tive muito contato com ele depois que ele [Rui Facó] deixou a faculdade", conta Queiroz, que entrou na faculdade em 1934 e concluiu em 1939. Rui cursou no Ceará um ou dois anos apenas. Logo mudou-se para Salvador onde seu tio, João Facó, era secretário de polícia, amigo do poderoso Juracy Magalhães.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 117 3/1/2014 00:56:35

Em Fortaleza, Rui morava na Praia de Iracema, na Rua dos Tabajaras, com duas tias, irmãs do pai dele. A casa das tias ficava no fim da linha do bonde elétrico.

Rui era pouco mais alto do que José Maria, este com 1,73m. Era corado, nariz adunco, com entradas indicando uma calvície por vir.

A rotina no Liceu naquele início dos anos 1930 era pela manhã. A farda cáqui. Calça comprida, meias brancas e sapatos pretos. "Estudávamos Ciências, Geografia, História e Sociologia com o professor Jáder de Carvalho; Latim, com o professor Hermínio Araújo e o padre Quinderé; Português, com o professor Martins de Aguiar e Otávio Farias; o professor de Física era um médico carioca chamado Roberto Lisboa; ele era professor catedrático no Liceu e era do Colégio Militar; ensinava Física no Liceu e História Natural no Colégio Militar".

Na Faculdade de Direito, os professores eram Meneses Pimentel, Eduardo Henrique Girão, Andrade Furtado, Antônio Furtado, Mauro Costa, Dolor Barreira, Gustavo da Costa Braga e Eduardo e Silva.

Graduado, José Maria fez concurso para juiz e foi para um lugar chamado Cachoeira, hoje, Solonópole, no sertão do Ceará, onde passou dez meses, depois pediu remoção para Cariré, ao sul de Sobral. De lá, foi para Jaguaretama e depois para Jaguaruana. Sua primeira promoção foi de Jaguaruana para Tauá, onde ficou um ano. Daí foi para Senador Pompeu onde ficou dois anos. Depois foi para Lavras, dois meses, seguindo para Iguatu onde ficou um ano e foi comissionado como corregedor no Crato, onde passou um ano e, então, foi para Fortaleza no fim de 1955. Foi promovido a desembargador, em 1956, ingressando no Tribunal de Justiça. Em 1965, pediu aposentadoria porque entrou em vigor a Lei Orgânica da Magistratura que dava benefícios inferiores aos magistrados, em comparação à lei anterior. "Então, eu adiantei em cinco anos a minha aposentadoria para não ser atingido por essa lei", conta José Maria.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 118 3/1/2014 00:56:35

Quando o capitão Edgar Facó, tio de Rui, foi convidado, em 1930, pelo então Presidente do Estado José Carlos Marques Peixoto, seu contemporâneo no colégio, para comandar a polícia, foi promovido a major. Aí veio a Revolução de 1930 e ele foi "arriado" do poder, mas continuou a carreira e chegou a general e ao Supremo Tribunal Militar. "Um oficial muito competente", lembra o desembargador. Edgard era irmão do capitão João Facó que morava em Salvador e acolheu o Rui.

José Maria só voltou a ver Rui 17 anos depois, em 1956, e, num jantar no restaurante do Ideal Clube, na Praia do Meireles, em Fortaleza. O prato principal foram cenários para a URSS.

‡

À medida que a distância aumentava, a comunicação ficava mais difícil. Quando passou a morar no Rio de Janeiro, Rui voltou a Beberibe poucas vezes. Já construíra outros laços lá. Uma vez por ano ou mais tempo entre um ano e outro, às vezes, mais de um ano sem vir, lembra Ana. O contato era por carta, ele escrevia muito, mandava muito jornal, muito livro, e também roupas e dinheiro. Com os livros sempre uma palavra de reforço: leiam, estudem, leiam, estudem. "Isso aí — educação — era o principal para ele", conta Ana. Rui mandava muito conselho para os irmãos estudarem, mas as condições à época eram adversas, em especial, porque na cidade não havia escola para graus mais avançados.

A infância de Rui foi toda ali naquela casa, cercada por cajueiros, mangueiras, sapotizeiros e coqueirais. Ao fundo, no quintal, Gustavo construiu uma casa de farinha. Mesmo plantando cana, de onde tirava a maioria dos recursos para financiar a família, nunca teve engenho. Preferia terceirizar um dos engenhos da cidade, o dos Bessa ou o do seu irmão Péricles, no Sítio Bom Jardim, ou no Sítio Lucas que além

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 119 3/1/2014 00:56:35

de produção leiteira também tinha um engenho. Outro engenho era no Sítio Caga-Fogo — homenagem ao vaga-lume, inseto que pisca luz durante a noite —, administrado por Olavo Facó, irmão de Oto e de Orlando e filhos de Joaquim Facó e Maria Moreira. Joaquim era primo legítimo de Gustavo e de Antonieta, os pais de Rui. O Sítio Novo, que era dos pais do Olavo, também tinha engenho. A plantação principal de Gustavo era a cana. Ao contrário de Ana que adorava ir aos engenhos, Rui preferia vê-los ao largo.

Além da cana-de-açúcar, a roça de mandioca, de macaxeira — um nome regional para aipim — e de milho era farta, compondo um verdume bonito. Gustavo beneficiava a cana principalmente no engenho do Sítio Lucas — de Pedro Queiroz, irmão da Zéia Queiroz e de Antônio Queiroz — que foi prefeito de Beberibe — e do desembargador José Maria de Queiroz, entre outros, primos de Rachel de Queiroz. E, também, no engenho principal da região, que era o de José Bessa. Da cana tirava-se, principalmente, a rapadura e a cachaça.

Os negócios da família de Gustavo Facó concentravam-se no sítio. Plantava cana e mandioca e conduzia uma pequena pecuária. Na casa de farinha, o mutirão da transformação da mandioca em seus derivados.

Nas farinhadas realizadas na casa de farinha nos fundos da casa grande, Eurípedes Facó, irmão de Rui, era a presença mais altiva. Desempenhava o papel de executivo, de gestor, o mais ligado aos negócios.

As farinhadas eram uma festa. Era um São João, era um carnaval, era uma festa de gala: o dia da farinhada. Ficavam os filhos e os netos todos ao redor e descascando o monte de mandioca colhida pelos peões. "Eu cansei de ficar com o bucho inchado de tanto comer farinha inchada", lembra Valda, referindo-se à farinha antes da fase de secagem.

— Não coma a farinha inchada, menina, vai lhe dar bucho

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 120 3/1/2014 00:56:35

inchado!, alertava Antonieta. E dava mesmo!

— Eu comia mesmo assim, depois ia tomar aquelas 'gororobas' que ela fazia, aqueles chás de marcela para que eu fizesse a digestão.

No processo de cozinhar a farinha quando a massa começa a inchar, inicia-se a fase da manipulação, a princípio lenta, depois rápida, pelo farinheiro. Ele se posta em pé na parte superior do enorme forno. E começa a puxar a farinha, para frente e para trás, com um enorme rodo. Em decorrência, ficavam os carocinhos inchados e a meninada ia lá, sem ninguém ver, enchia a mão e colocava na boca.

Como lembra Valda, Antonieta era muito enérgica, austera, mas muito boa, mãezona. "Era uma galinha valente", lembra Valda. "Na hora que a gente ia para a pracinha, ela ficava de um lado da porta e o papai [era assim que a neta Valda tratava Gustavo] do outro lado e a fila de netos descendo para ir para a pracinha ou à missa e tinha que passar entre os dois; dava beijo em um e no outro e descia a calçada, e ela dizia: "levante os ombros, minha filha. Levante a cabeça, minha filha. Nunca baixe a cabeça para ninguém. Ninguém é melhor do que você."

Ela sempre dizia isso. "O papai era mais calminho, era mais maleável. Quando a gente queria ir para uma festa, a gente pedia a ele. Muitas vezes, o Heitorzinho, que gostava muito de festas, esperava eles dormirem e pulava a janela para ir às festas; papai fazia de conta que não via", relata Valda. "Mas a mamãe tinha que ser daquele jeito, tão decidida, senão ela não aguentava, porque era gente demais; além dos filhos e netos, ainda vinham os agregados atrás de um prato de feijão; muitas vezes, pessoas vinham atrás do papai para que ele fizesse algum documento, aqueles contratos que o papai fazia do próprio punho e não cobrava nada. Dias depois, chegava uma galinha, um saquinho de goma, ou de farinha... Era assim que o povo pagava".

Na Beberibe daquela época, Gustavo, tabelião, era o emissor de documentos de legalidade — a lei era cumprida pela assinatura dele.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 121 3/1/2014 00:56:35

Em 1961, Valda encontrou com Rui em Beberibe, nas férias. Ele era como se fosse um ser inatingível; não que ele fosse grosseiro, ou que ele quisesse parecer ser inatingível. Eu olhava para ele de baixo para cima, como se ele fosse muito grande, como se ele fosse um deus.

A imagem idealizada de Rui batia com sua imagem real. Ele era um escritor, um grande escritor, e isso era consolidado pelo orgulho com que Gustavo construíra esta imagem. De Antonieta, o orgulho era maior ainda. "Rui era louco pela mamãe, alucinado pela mamãe", lembra Valda, referindo-se à Antonieta, na verdade, sua avó.

Valda emociona-se: "Então, eu me criei, desde pequena, vendo e ouvindo e sabendo dos livros e da vinda dos livros e de como ele era importante. Ele era subversivo. Ele lutava pelas causas do Brasil e aquilo, para mim, era a glória mesmo que eu não entendesse muito bem o que era o Comunismo, mas eu sabia que ser comunista, naquela época, era ser um revolucionário; eu era sobrinha de um homem que estava fazendo a história que eu já estudava."

Quando Valda via o Rui, ficava deslumbrada. "Era uma coisa assim... Eu olhava e ficava caladinha... Dias depois, chegou à minha mão uma caixinha linda... Um relógio todo de ouro com quatro brilhantes na tampinha do relógio. Foi o único presente que ele deu a alguém da família. Ele não era de presentear, mas eu acho que, como eu era de estudar muito, uma aluna nota dez, ele via o meu sacrifício e o sacrifício do papai em vir me ver no colégio interno em Fortaleza onde eu era empregada das freiras..."

Valda estudava com bolsa de estudos conseguida junto a um político de Fortaleza e tinha que tirar nota boa para conservar a bolsa. Ela se renovava automaticamente. Feliz com o desempenho da sobrinha, veio o presente memorável, um excesso para quem era tão contido no consumo.

Mesmo em férias, Rui não brincava. Preferia ficar lendo deitado

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 122 3/1/2014 00:56:36

com discreta elegância numa rede. Ele era todo diferente dos irmãos. Contido, educado, fino. Rui tinha modos finos, um estilo europeu. Vestia-se bem, aparência sempre muita limpa, as mãos sempre muito limpas e demasiado brancas, alvas.

Sem ostentar luxo, suas roupas eram de cortes bem delineados, sempre bem engomadas e muito bem dobradas.

Rui viajava com uma pequena mala, de couro, bem alta, parecendo aquelas malas de colocar chapéu antigo, só que era redonda, era sem canto. "Era uma mala diferente... Eu olhava muito para a mala... Com medo, porque eu não sabia o que tinha dentro."

Ele não tinha amigos em Beberibe. Nas poucas idas a Beberibe se enfurnava em casa e ficava o tempo inteiro grudado com a mãe Antonieta. Em todos os lugares. Na cozinha, ela fazendo o almoço, ela fazendo uma tapioca e ele junto, sentado em uma cadeira. Ali, ele não tirava conversa com ninguém, era bem reservado. "Ele não ia para casa de ninguém", lembra seu irmão Heitor. "Ele sempre foi assim: muito no canto dele, sem se misturar. Ele não sentava no chão ou em uma janela. Ele sempre foi uma figura diferente. Era como se ele sentisse que era mais do que a gente. E nós sentíamos que ele era muito diferente da gente."

Rui era magro, esguio, alto como a mãe, com mais ou menos 1,80 m, bonito, olhos muito azuis, da cor dos olhos de Antonieta, as orelhas muito pregadinhas, iguais as orelhas de Gustavo. Ele usava um relógio com pulseira de couro, grande, e tinha um outro, de bolso. Habitualmente usava um colete por cima da camisa.

"Ele tinha hábitos bem elitizados. É como se ele tivesse sido criado em berço de ouro. Ele podia não ter pais ricos, mas ele foi educado como rico", lembra o irmão Heitor Facó.

Um outro sobrinho de Rui, Valdo Facó, nascido em 1943, irmão de Valda, filhos de Heitor, ficou marcado pelo estilo do tio, nas poucas

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 123 3/1/2014 00:56:36

vezes que o viu.

Ele era extremamente metódico, extremamente sistemático, extremamente cuidadoso.

Numa cena marcante, o garoto Valdo — irmão de Valda —, aos dez anos, lembra do tio na calçada, à altura da porta da casa de Gustavo, em Beberibe, sentado em uma cadeira de balanço, balançando as pernas e lendo um livro. O curioso sobrinho viu depois, que se tratava de *Os Maias*, em dois volumes.

"Foi a primeira vez que eu o vi. Não sei se ele estava de férias, mas muito rapidamente ele chegou e cumprimentou a vovó, o vovô, a Ana, dormiu", relata Valdo Facó. "Em seguida, de manhã, tomou leite, porque o vovô tinha um gado no quintal. Depois sumiu. Pelo que eu pude observar, um cara muito elegante nos modos, na fala, no andar. Ele andava muito arrumado. Sapato de solado bem volumoso, marrom.

Os filhos de Gustavo buscaram seus rumos e suas oportunidades de trabalho considerando as adversidades locais. Poucos ficaram em Beberibe.

Eurípides, o gestor, morreu precocemente, num acidente de carro quando dirigia uma Rural que saiu do asfalto em alta velocidade e colidiu com um poste, na estrada que liga Beberibe a Cascavel, por volta das 18 horas. Era o dia 16 de junho de 1976, o mesmo ano que Eurípedes Júnior nasceu, só que meses depois, no dia 20 de setembro. Eurípedes deixou somente este filho, com Edite, que mora em Beberibe.

‡

Beberibe — nome indígena que significa lugar onde cresce a cana — nascera da convergência de dois grandes sítios instalados nas primeiras décadas do século XIX por Baltazar Ferreira do Vale e Pedro de Queiroz Lima. Aquele, no Sítio Bom Jardim, e este no Sítio Lucas,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 124 3/1/2014 00:56:36

distantes cerca de dois quilometros um do outro.

O Sítio Lucas exerce uma influência marcante no surgimento e na expansão da cidade de Beberibe. E, ainda hoje, é uma referência especial na cidade, guardado como um monumento, uma obra arquitetônica original, típica do final do século XIX — um casarão. O nome vem de José Lucas de quem João Ferreira Queiroz comprou o sítio. Mas o casarão foi construído pelo próprio João.

A propriedade original cobria um raio de mais de dois quilômetros quadrados. Zéia Queiroz, nascida em 1925, "solteira, graças a Deus", neta de João Ferreira Queiroz, e moradora do casarão do Lucas, lembra que a área territorial onde hoje é a sede da cidade de Beberibe pertencia quase em sua totalidade ao sítio. Ele não era ganancioso.

— Eu vou tirar a minha parte e o resto eu doo para o padroeiro da cidade, raciona João. E aí disseram: o padroeiro é Jesus, Maria, José. Pois então, eu faço a doação para ele, retruca João, em uma reconstrução imaginária relatada por Zéia. E aí, lembra ela, a cidade foi desenvolvendo, mas meu avô morreu, construiu a casa mas não deu tempo nem de forrar o teto e o meu pai manteve a estrutura do mesmo jeito.

Os caibros são de carnaúba e as telhas, brancas — sob as quais foram colocadas ripas da madeira — as guardiãs de um oiteiro de cerca de oito metros de altura.

‡

São dois irmãos: o João Queiroz Ferreira, no Sítio Lucas, e Pedro Queiroz, no sítio Bom Jardim. Pedro ficou com aquela propriedade e meu avô ficou com essa, conta Zéia. Pedro Queiroz teve um filho, Acelino, que migrou para Quixadá, no Sertão Central do Ceará, avô da escritora Raquel de Queiroz.

O pai de Zéia teve 15 filhos, de dois casamentos. Da primeira

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 125 3/1/2014 00:56:36

mulher, Maria da Penha Facó Ferreira, ele teve seis filhos; e da segunda, Migueline de Castro Ferreira, teve nove, incluindo Zéia. Destes, em 2002, somente cinco estavam vivos, dentre eles José Maria de Queiroz, que morreu em 2007.

A primeira mulher de João Queiroz Ferreira, pai de Zéia e do desembargador José Maria de Queiroz, era uma Facó, Maria da Penha.

Zéia viveu, ela própria, um episódio marcante, peculiar à política oligárquica dos rincões. Adolescente, foi para Fortaleza estudar no tradicional colégio Imaculada Conceição, dirigido pelas irmãs católicas. Ali ficou quatro anos interna ("para não dizer o contrário", brinca). Diplomou-se professora no colégio Santa Cecília, o que lhe valeu um ano a mais em Fortaleza. Mas, quando, na festa de graduação, foi receber seu diploma das mãos do governador Faustino de Albuquerque, uma surpresa desagradável.

O Colégio Santa Cecília era dirigido por dona Almerinda, irmã de Faustino. Então, durante os quatro anos que ele passou no poder, ela levava aquela turma de concludentes e ele dava uma "cadeira" para cada um. Na verdade, um emprego de professor preferencialmente em escola do lugar de origem do aluno. "Quando chegou no meu nome, por incrível que pareça — só pelo meu nome —, ele olhou para Dona Almerinda e disse: "Não, eu não vou dar a ela não." Aí, eu perguntei: "Por que, governador?" A Dona Almerinda perguntou também. "Por que, Faustino?"

— Porque ela é irmã de um adversário muito forte meu: Raimundo de Queiroz Ferreira.

— O senhor não é permanente nessa cadeira. Um dia o senhor sairá e eu colarei grau a que tenho direito, retrucou Zéia.

O governador riu. Só depois do fim do mandato de Faustino, o irmão de Zéia, Raimundinho, conseguiu com o governador Raul Barbosa a "cadeira" de Zéia para Beberibe, onde ela ficou de 1951 a

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 126 3/1/2014 00:56:36

1988. Desses, um ano como professora e o restante como diretora, uma pedagoga nata, exemplar, austera, como mandava o manual da época.

‡

O nome Facó surgiu quando do batismo de Francisco Baltazar Ferreira Facó, pai da escritora Ana Facó. Esta Ana Facó é irmã do pai de Gustavo Facó e, portanto, tia-avó da Ana Facó, irmã de Rui — na família Facó os nomes se repetem exaustivamente.

— Queiroz e Facó têm as mesmas raízes, lembra Ana. Mas a política municipal encarregou-se de colocá-los em lugares opostos.

— Papai era Gustavo de Queiroz Facó. O meu nome era só Ana Facó porque foi em memória da tia do meu pai, Ana Facó, que era professora em Fortaleza, na Escola Normal, que formava normalistas, as professoras da época, e que deu nome ao grupo escolar de Beberibe — a principal escola da cidade durante décadas —, e uma outra em Fortaleza. Ana foi a primeira diretora de Escolas do Ceará.

As famílias Queiroz e Facó surgem de uma mesma gênese a partir das convergências do Sítio Lucas e do Sítio Bom Jardim. Trata-se de uma dissidência meramente semântica. O Sítio Lucas fica mais ao litoral, tem casarão de dois andares com fachada de frente para o nascente, rodeado por vegetação e marcado por um velho pé de umbu-cajá que, nas safras, pinta o chão de uma amarelo discretamente queimado. O Sítio Bom Jardim fica ao sul, mais para o sertão, na região quilombola de Caetanos, e é bem menos vistoso que o Lucas.

Na verdade, a palavra Facó é uma corruptela que surgiu a partir de 1814 e foi agregada ao nome de Francisco Balthazar Ferreira, aos vinte anos, quando os pais o foram registrar em cartório — o registro tardio era um costume da época. Essa tese é sustentada por Luís Carlos Facó, no livro *Garimpando Lembranças*. Francisco Balthazar nasceu

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 127 3/1/2014 00:56:36

em Cascavel, no dia 17 de julho daquele ano. Naquela época, Beberibe ainda não existia juridicamente.

Na hipótese 1, "Facó" teria sido apelido inventado por uma tia, Maria Ferreira, referindo-se a Francisco.

Na hipótese 2, ao nascer, Francisco teria sido entregue aos cuidados de uma velha escrava, de pouca afinidade com a língua portuguesa. A dificuldade em pronunciar Francisco fê-la contrair os sons de palavra para algo assemelhado à grafia Facó. Um ato semântico que acabou fundando uma dissidência dentro das famílias Ferreira e Queiroz. A força da palavra — o seu inegável caráter original — e a rápida disseminação desta na região passou a prevalecer em Francisco e acabou sendo agregada ao final do seu nome, como relata Esperidião de Queiroz Lima, no clássico *Antiga Família do Sertão*, Livraria Agir Editora, 1946.

Francisco era irmão de João Thomaz Ferreira. Aos cinco anos de idade foi residir no Sítio Lucas. Teve uma educação escolar básica e aos 14 anos voltou aos canaviais, despertando em um tio paterno, Anastácio Lopes Ferreira, certo sentimento a ponto de sugerir que o jovem continuasse seus estudos sob suas expensas, só que em um seminário. Na certeza de que não cumpriria os votos de castidade, Facó recusou entregando-se à lavoura.

Casou-se em 25 de fevereiro de 1843 com Maria Adelaide Queiroz, filha de Pedro de Queiroz Lima. Do consórcio nasceram 16 filhos, sendo que dois morreram ainda bebês. Os outros foram José Balthazar, Gustavo, Francisco Balthazar, Maria Francisca, João, Raimundo, Anna, Joaquim, Catharina, José, Maria da Penha, Pedro, Balthazar e Antônio. José Balthazar e Francisco Balthazar chegaram a estudar em Pernambuco.

Era ele, bem como todos os de sua família convictamente devotados ao Partido Liberal, embora não fosses partidários exaltados,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 128 3/1/2014 00:56:36

militantes. Era incapaz de transigir por maior que fosse a conveniência, celebra Ana Facó, a escritora, na sua obra póstuma publicada em 1938.

— O meu voto é do meu chefe, que só faz o que é direito, reforça Ana, reproduzindo o que seria um provável refrão dos colonos de Facó — uma âncora eleitoral na região.

Francisco Balthazar Ferreira foi perdendo a visão gradativamente. Em 1869, preocupado com o futuro dos filhos, levou-os da região do Lucas, onde se localizava o Sítio Caga-Fogo, para Cascavel, para dar-lhes escola. Na mudança foram também Joanna e João Thomaz, filhos do irmão João Thomaz Ferreira.

A cegueira decorria de catarata que deixava em situação delicada a medicina. Facó acabou indo a Pernambuco em companhia dos dois filhos que lá estudavam e do seu cunhado, Argelino de Queiroz Lima, onde se submeteu a uma delicada cirurgia. O sucesso foi tênue e, pior, logo depois sua mulher morreu, em 1871, aos 43 anos.

Três anos e oito meses depois, no dia 20 de janeiro de 1875, Facó morreu vítima de uma infecção decorrente de um tumor.

José Balthazar Ferreira Facó, filho de Francisco, o primeiro Facó, e de Maria Adelaide, nasceu no dia 24 de julho de 1847, de uma prole de 18 irmãos, dos quais criaram-se 16.

Em 1866, foi para Recife estudar Direito, cidade esta que dividia com São Paulo a sede dos cursos jurídicos no Brasil, fundados em 1827.

José Balthazar, em 1868, no primeiro ano do seu curso, também contaminou-se pela poesia, desabrochando uma verve literária.

— Já rasgou-se o negro manto,
Em que o mundo se empanava.
O mundo marcha! foi brado
Que povo a povo soltava.

José Balthazar Facó, abolicionista, foi juiz em Tauá, no sertão

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 129 3/1/2014 00:56:36

dos Inhamuns. Sob sua morte paira a suspeita de suicídio ou homicídio. Ele foi casado com Ana, irmã de João Thomaz Queiroz Ferreira, pai do desembargador José Maria de Queiroz. O João era casado com a irmã de José Balthazar, Maria da Penha. Do casamento de Ana, nasceram cinco filhos: José Facó, Eurico Facó, que morava no Rio de Janeiro formado em Direito e morreu solteiro. Frederico era telegrafista em Fortaleza. Adelaide era professora, morreu em Beberibe, Alda, e o último, Boanerges que tinha três anos quando o pai se suicidou — ou não — em Tauá. Boanerges de Queiroz Facó foi juiz e desembargador, escritor e autor de 14 livros publicados e membro do Instituto do Ceará.

José Maria de Queiroz lembra que a tese do suicídio é muito maluca e de um homicídio não tem nenhum indício. "Eu acho um pouco improvável." E cita, com suas próprias razões, o enfático escritor colombiano José María Vargas Vila: "Quando a vida é uma dor, o suicídio é um direito. Quando a vida é uma infâmia, o suicídio é um dever."

‡

Rui tinha uma relação maravilhosa com o pai, Gustavo, 1,60 m de altura, bigode farto, um pequeno proprietário com vocação social forte. Gustavo era um crítico ácido das políticas públicas que estimulavam a concentração. Existia, dentro de casa, um clima libertário, inconformado, mas sem panfletarismos, disseminado por muita leitura e pela liberdade de pensamento do patriarca.

Enquanto Gustavo incorporava o jeito bonachão, Antonieta era a mãe superprotetora. Tinha muito ciúmes do marido e, provavelmente, esse ciúme virou patológico radicalizado em evidentes indícios de esquizofrenia no final dos seus dias. "Ele era muito alegre", relembra Ana, para explicar a enorme empatia exercida pelo pai. "Mas o ciúme vinha só da cabeça dela, nunca houve motivo nenhum", assegura.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 130 3/1/2014 00:56:36

Antonieta e Gustavo eram primos legítimos. Gustavo nasceu no Sítio Bom Jardim, em Beberibe, onde morava a família do patriarca Gustavo Francisco de Queiroz Facó.

Gustavo e Antonieta casaram-se muito jovens. Ela estava na flor da idade, vinte anos. Além de Antonieta, o casal João Balthazar Ferreira Facó e Francisca Ferreira Facó tiveram mais dois filhos, Edgard e João, ambos chegaram a general do Exército. João foi, também, secretário de Segurança do Estado da Bahia. E Edgard chegou a ministro do Superior Tribunal Militar.

Com a morte de Francisca Ferreira Facó, mãe de Antonieta, João Balthazar casa-se novamente e tem mais duas filhas, Amanda e Lívia.

Gustavo Facó, era um *low profile.* Riso farto, gentil, excelente dicção, austero quando devia ser.

Gustavo investiu na formação de Rui. Jovenzinho foi para Fortaleza, com 14 anos, lembra Ana Facó, a irmã de Rui que nunca abandonou a casa grande da família, em Beberibe, até morrer, em 2012. Ana é uma espécie de guardiã. Solteira, dedicou sua vida aos livros. Autodidata entregou-se à formação dos jovens com os quais convivia como chefe do acervo da Biblioteca Municipal.

Rui foi morar em Fortaleza na Rua dos Tabajaras, na bucólica Praia de Iracema de 1927, na casa das irmãs de Gustavo, Maria Adelaide e Alda. Alda era funcionária dos Correios e Telégrafos e Maria Adelaide tomava conta da casa.

AMÉRICO FACÓ, INTRÉPIDO DISCRETO

O terceiro irmão de Gustavo era o "tio Américo", o Américo Facó, escritor e poeta que construiu parte de sua carreira no Rio de Janeiro. Américo também nasceu no Sítio Bom Jardim, em Beberibe, a 21 de outubro de 1885, e morreu no Rio de Janeiro, no dia 3 de janeiro de 1953. O sítio era propriedade de seu bisavô Pedro de Queiroz Facó.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 131 3/1/2014 00:56:36

Era filho legítimo de Gustavo Francisco de Queiroz Facó e de dona Maria Francisca da Cunha Facó. Como Rui, migrou para Fortaleza ainda jovem onde fez o curso de preparatórios. No começo de 1910 — e por problemas com coronéis do Ceará à época —, transferiu a sua residência para o Rio de Janeiro onde ganhou notoriedade como jornalista e escritor. Publicou em vários jornais e revistas. Em 1937, passou a escrever e dirigir a revista *O Espelho*, em cujas páginas Machado de Assis estreara como crítico teatral, em 1859.

Foi na revista *O Espelho* que Sérgio Buarque de Holanda publicou, em 1935, o extenso estudo "Corpo e Alma do Brasil", base do seu primeiro livro, *Raízes do Brasil*, editado ano e meio mais tarde. Sérgio também publicou na *Ideia Ilustrada*, revista dirigida por Cláudio Ganns e Américo Facó. Foi o amigo Facó quem apresentou Sérgio em uma agência de notícias, para empregá-lo.

Mesmo tendo construído sua carreira no Rio e sendo quase desconhecido pelos cearenses, Américo Facó publicou seus primeiros poemas em Fortaleza, no *Jornal do Ceará*, entre 1907 e 1908 — um jornal de oposição à oligarquia Accioly. A pena de Américo Facó fê-lo migrar para o Rio. Por três motivos: o talento de escritor, o viés político de sua escrita e, principalmente, a reação violenta de Accioly.

Seus artigos publicados no *Jornal do Ceará* — fundado por Valdomiro Cavalcante para fazer frente ao governo Nogueira Accioly — eram tão violentos que acabou sendo vítima de agressões físicas que o motivaram a ir morar no Rio de Janeiro. Sua vaga no jornal foi ocupada por Gustavo Barroso que, meses depois, teve destino igual: migrar, pelos mesmos motivos de Américo.

— Américo Facó foi de fato agredido por policiais em plena rua, testemunharia depois, em 1914, Rodolfo Teófilo, em seu *Libertação do Ceará*.

— Ao entardecer de 21 de dezembro de 1908, dois ou três solda-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 132 3/1/2014 00:56:36

dos da polícia à paisana deram violenta surra no poeta nas imediações da Praça Marquês do Herval, relata Gustavo Barroso.

Américo Facó foi salvo pela intervenção do capitão do Exército Castelo Branco, morador na casa da esquina, atraído pelos seus gritos.

Américo Facó é, ele próprio, um capítulo à parte.

Em sua edição de número 37, de sábado, 26 de dezembro de 1908, o jornal *O Rebate* publica, no alto de sua primeira página, a nota "Bárbaro Espancamento", com o seguinte teor: "À última hora, quando já ia entrar para o prelo a nossa folha, soubemos que na noite de domingo passado foi barbaramente espancado por quatro capangas da polícia do sr. Nogueira Accioly, o nosso prezado colega do *Jornal do Ceará* Américo Facó."

"O espancamento teve por local a praça do Ferreira e a vítima está à morte."

No *Jornal do Ceará,* edição de 30 de setembro de 1907, um artigo de Jacy Ubirajara faz ásperas críticas "ao sr. Accioly Babaquara" que "atacou Agapito, Arthur Cyrillo, Waldemiro, Américo Facó; e agora se volta para mim em tom desesperado, tolo, insultuoso e porco, tentando sujar-me."

O jornal bimensal *A Pátria*, órgão do partido Republicano Conservador, em sua edição 205, de 4 de julho de 1914, um sábado, enumera o que chama de "a brilhante geração de moços", "uma plêiade de ilustres literatos cearenses que tem como representantes Antonio Sales, Frota Pessoa, Cruz Filho, padre Antonio Thomaz, Américo Facó, Irineu Filho, Júlio Maciel, Mário Linhares, Rodrigues de Andrade, Soares Bulcão e, claro, Leonaro Mota."

O mesmo *A Pátria*, edição de 1º. de agosto de 1914, número 213, traduz, do seguinte modo, o que publicou o *Jornal do Commercio,* do Rio, em suas páginas: "o sisudo Jornal disse que entre a moderna

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 133 3/1/2014 00:56:36

Assignaturas
Um anno ..... 5$000
Pagamento adeantado
REDACÇÃO E OFFICINAS
PRAÇA BOA VISTA
NUMERO AVULSO 200 rs.

O REBATE

Director e Proprietario—V. LOYOLA

Assignaturas
Anno ..... 5$000
Pagamento adeantado
REDACÇÃO E OFFICINAS
PRAÇA BOA VISTA

ANNO II | JORNAL INDEPENDENTE | NUM. 37
CEARA'—Sobral—Sabbado, 26 de Dezembro de 1908

O Natal de Jesus

Os seculos caminham-se na expectação anciosa da vinda do Redemptor.

Desde o dia para sempre memoravel em fortes dos destinos humanos—da promessa feita aos nossos primeiros progenitores pelo Eterno, quando elles, expulsos do Paraiso terrial, pela desobediencia ao divino preceito, trilhavam caminho da exilio—o genero humano, posto que agalhoado pelo erro, suspirava ardentemente pela chegada do seu libertamento espiritual, com o cumprimento da Messias anciosamente promettido pelos Prophetas.

Na longissima sequencia dos seculos o dos milenios lentamente sucedidos, nas diversas partes do globo ainda os mais afastados, a sua porta e cada vez mais desencontrados, o espirito humano, ainda que abysmado na mais crassa polytheismo, erguia-se soffrego por um acontecimento..., por um facto... que os annunciava fatal, necessario para o engrandecimento e rehabilitação moral

me que dirimendo pela incarnação do Verbo santificador.

Roma, a cidade grandiosa, rainha e mestra, avassalando os povos,

O edicto imperial de Octaviano Cesar reduzia aos subditos do grande Imperio o endereço de todas as familias e de todos os individuos nas respectivas circumscripções politicas e tribu, a que cada um devia pertencer: assim exigia o orgulho do senhor do mundo para saber a quanto montava o poder romano.

Era que se ia cumprir os destinos da Eterna: era que se approximava a hora em que se devia realisar as propheticias: o Messias ia nascer.

José e Maria, o casto lyrio dos valles de Palestina, a estrella ennoitada de Jehovah para este glorioso dia de Universo, apesar do avançado estado de gravidez em que se achava, apesar das asperezas do caminho, em cumprimento da lei romana, deixaram ambos a modesta morada de Nazareth, onde viviam felizes, e encaminharam-se para Bethlem, a cidade de David, de cuja prosapia descendiam.

Na cidade de seus maiores debalde bateu José [illegible] para a empresa sem-

D. MARIA CLARA S. SILVA

Ha mezes que insidiosa molestia a tradicionava ao leito,—até que, no dia 25 do corrente, teve logar o desenlace fatal.

No correr desta longissima temporada de soffrimentos atrozes, d. Maria Clara teve, nos cuidados e carinhos da familia, por quem se viu cercada, a compensação das unicas energias que despendeu na criação e educação da prole,—ella que, no lar, sempre soubera desempenhar com saude sublime, a sorte, por assim dizer,de—esposa meritoria e mãe carinhosa.

Teve muito filhos e fel os todos ciumentos; a todos viu collocados em posições elevadas, na politica, no commercio, na diplomacia e postos outros de distincção. E quando a nove dos nossos tyrannos lhe os rebellou, a resistencia soubera, no extremo tripudio de ler, no leito despedir que tinha sua hora a effectuasse completamente dessas funestas cenas, destruiram os seus dias de [illegible]

Barbaro Espancamento

A' ultima hora, quando já ia entrar para o prelo a nossa folha, soubemos que na noite de domingo passado foi barbaramente espancado por quatro capangas do politico do sr. Nogueira Accioly o nosso presado collega do *Jornal do Ceará* Americo Facó.

O espancamento teve por local a praça do Patrocinio e a victima está á morte.

SUFFRAGIOS

Segunda-feira, 28 do corrente, ás 7 horas da manhã, serão celebrados na egreja do Rosario suffragios por alma da exma. sra. d. Maria Clara de Sabóya e Silva.

A familia da extincta pede o comparecimento de seus parentes e amigos.

[illegible] Continente, da companhia Martinense, quando ao viajar para o Recife, arrebentou a caldeira em Maceió, tendo morrido do ferimentos, dentre elle, o maquinista da mesma Companhia, que acabava de fazer o resto da viagem do «Continente», voltando este á vida pela Maranduba.

O número 37, de sábado, 26 de dezembro de 1908, do jornal *O Rebate* publica no alto de sua primeira página e nota "Bárbaro Espancamento" sobre ação física contra Américo Facó, a mando de Accioly.

Zuleika Alambert em sua residência, no Rio de Janeiro.

FOTO ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE SÃO PAULO

Jornal do Ceará

ORGÃO POLITICO

ANNO – VI | Ceará–Fortaleza—Segunda-feira, 7 de FEVEREIRO de 1910. | NUM. 1151

Eleição Presidencial

PARA PRESIDENTE DA REPUBLICA

Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca

militar, residente no Rio de Janeiro

PARA VICE-PRESIDENTE DA REPUBLICA

Dr. Wenceslão Braz Pereira Gomes

advogado, residente em Minas Geraes

Candidaturas Presidenciaes

O MARECHAL HERMES DA FONSECA

Americo Facó'

Tomou hontem passagem no paquete «Alagôas», com destino ao Rio de Janeiro, o nosso querido amigo Americo Facó, mais uma victima dos m'seraveis oligarchas.

Companheiro dos mais destemidos, elle bateu-se sempre ao nosso lado, com denodo e dedicação inexcediveis, profligando em linguagem caustica mas verdadeira as immoraes roubalheiras dos acciolys.

A causa dos cearenses opprimidos encontrou sempre nelle o mais decidido defensor, sem que nada o fizesse nunca recuar,

Victima de uma cilada infame e cobarde, em que foi figura principal o snr. Raymundo Borges, genro do oligarcha e commandante da sua guarda negra, elle ia pagando com a vida a sua legitima revolta contra os dilapidadores da fortuna publica.

A sua intelligencia privilegiada e a rara tenacidade do seu espirito facilmente lhe hão de abrir as portas em um meio adiantado como o Rio.

O «Jornal do Ceará» que muito o preza, faz votos sinceros pela sua felicidade.

O *Jornal do Ceará* de 7 de fevereiro de 1910 noticia, em sua primeira página, a ida de Américo Facó para o Rio de Janeiro. Abaixo, Américo autografa *Poesia Perdida* para um amigo.

Ao caro Poeta
Ildefonso Falcão,
com a antiga estima
guardada sobre o tempo
e as distâncias interpostas,
oferece por lembrança
o seu amigo
Americo Facó.

Ric
4.III.952.

POESIA PERDIDA

geração de moços dois se destacam com excepcionais aptidões para o jornalismo: Gilberto Amado e o nosso patrício Américo Facó, o dileto discípulo de Alcindo Guanabara."

O mesmo *A Pátria*, em sua edição de 26 de setembro de 1914, em texto assinado por Leonardo Motta sob o título *Letras Cearenses* — um ensaio por onde desfilam intelectuais do Ceará —, destaca:

> Américo Facó, hoje vantajosamente iniciado na vida literária do Rio, é um distintíssimo cultor das musas. Muito tem escrito na imprensa de todo o país. Em tempo fulgiu o seu brilhante talento no *Jornal do Ceará*, redigido por Agapito dos Santos, que se fez cercar de um grupo de notáveis moços do quilate de Américo Facó, Rodrigues de Andrade, Gustavo Barroso e Junqueira Guarany. Ainda é lembrado de todos a célebre *'Carta ao Comendador Accioly'*, em versos, que valeu ao seu autor [Américo] um desacato em plena rua por disfarçados esbirros de polícia.

Edigar de Alencar (*Elogios acadêmicos*, vol. III, 1990) relata algumas das principais atividades de Américo Facó, no Rio:

> Trabalhou com Alcindo Guanabara e Quintino Bocaiúva e colaborou em revistas e jornais. Foi um dos fundadores da empresa de notícias Agência Brasileira. Exerceu ainda as funções de redator de debates do Senado. A esse tempo assumira nova posição estética, aderindo ao modernismo, embora sem jamais adotar seus exageros. Literariamente sua produção é escassa. Agripino Grieco observou que o poeta refletia muito e por isso escreveu pouco.

Na verdade, Américo foi figura proeminente como redator do Senado e seu cargo foi extinto com sua morte, em sua homenagem.

Na edição de 7 de fevereiro de 1910, em sua edição 1.151, o *Jornal do Ceará* noticia, em primeira página, a partida de Américo Facó para o Rio de Janeiro e não poupou o algoz.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 136 3/1/2014 00:56:42

Diz o *Jornal do Ceará*:

> Tomou ontem passagem no paquete 'Alagoas', com destino ao Rio de Janeiro, o nosso querido amigo Américo Facó, mais uma vítima dos miseráveis oligarcas.
>
> Companheiro dos mais destemidos, ele bateu-se sempre ao nosso lado, com denodo e dedicação inexcedíveis, profligando em linguagem cáustica mas verdadeira as imorais roubalheiras dos acciolys.
>
> A causa dos cearenses oprimidos encontram sempre nele o mais decidido defensor, sem que nada o fizesse nunca recuar.
>
> Vítima de uma cilada infame e covarde, em que foi figura principal o sr. Raymundo Borges, genro do oligarca e comandante de sua guarda negra, ele ia pagando com a vida a sua legítima revolta contra os dilapidadores da fortuna pública.
>
> A sua inteligência privilegiada e a rara tenacidade do seu espírito facilmente lhe hão de abrir as portas em um meio adiantado como o Rio.
>
> O *Jornal do Ceará* que muito o preza, faz votos sinceros pela sua felicidade.

Em sua edição de 12 de maio de 1910, o *Jornal do Ceará* publica, em quase todo o espaço de primeira página, extenso texto de Américo Facó, já trabalhando no *Jornal do Commercio*, no Rio, sobre o banditismo, o coronelismo e as oligarquias na política entranhada Brasil adentro. E dá vários exemplos de banditismo no Ceará, "como arma de vingança política" dentre os quais, o patrocinado por Accioly.

O *Jornal do Ceará* foi mais que assíduo opositor da oligarquia. Américo Facó, entre a política e a literatura, publicou pelo menos sessenta poemas no *Jornal do Ceará*, entre 1907 e 1908.

Um texto assinado por Gustavo Barroso, no *Jornal do Ceará* de 7 de novembro de 1910, sob o título "Cinismo" ainda repercute a agressão a Américo Facó.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 137 3/1/2014 00:56:42

> Não há maior miséria do que se fazer alarde da própria covardia; e essa covarde agressão feita a Américo Facó, por quatro soldados de polícia disfarçados, numa rua deserta, às horas mortas da noite, longe de desonrá-lo mais o elevou no conceito público.
>
> Nenhum homem, por mais forte que seja, se pode defender de bandidos em tropa, sozinho, a horas tais e às portas de um quartel policial donde saíram os assaltantes comandados por um major valentaço.
>
> A covardia foi deles e a infâmia ficou com aquele que, se julgando ofendido com as formidáveis acusações de Facó, não encontrou entre os seus 1.018 filhos e genros um só que tivesse a coragem de pessoalmente afrontá-lo.

Na edição de 15 de novembro de 1911, em editorial de primeira página sob o título "Frutos da Impunidade", o *Jornal do Ceará* anota, ao relatar um homicídio no bairro Benfica, em Fortaleza, por homens do governo, que "certos da impunidade que os ampara, os celerados de farda, em cujas baionetas se sustenta o sr. Accioly, vivem a praticar toda a sorte de crimes."

Américo inseriu-se rapidamente na sociedade carioca, construiu uma ampla rede de amigos, fez uma promissora carreira no Rio de Janeiro, publicou em vários jornais e foi reconhecido pela crítica literária da época.

Na *Antologia de Poetas Brasileiros Bissextos Contemporâneos* (Zélio Valverde S.A., Rio, 1946) organizada por Manuel Bandeira, Américo ganha relevo. Foi resenhado pela *Revista da Semana*, edição de 22 de julho de 1950: "Américo Facó dedica uma série de poemas em prosa, de forma original e tocados de lirismo enternecido."

No *Letras e Artes,* suplemento do jornal *A Manhã*, em 13 de outu-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 138 3/1/2014 00:56:42

bro de 1946, C. Soares, escreve sobre a mesma produção e conclui que Américo faz falta à poesia, escrevendo tão poucas vezes.

Colaborador do suplemento literário do *Correio da Manhã*, Américo publicou no dia 5 de fevereiro de 1950 o poema *Mestiça* onde se lê versos como "Na plenitude escura de teus olhos/Revive a graça ingênua e vária." No mesmo *Correio da Manhã*, publica em 20 de agosto de 1950, *O Banho*, poema em prosa com sutil carga erótica que compõe *Sinfonia Negra*.

Era também colaborador regular do *Diário Carioca*.

Américo foi referenciado por Sérgio Buarque de Holanda no consistente suplemento *Literatura e Artes* do *Diário Carioca*, de 12 de agosto de 1951.

Decididamente, Américo Facó consolida-se rapidamente na paisagem carioca. O colunista social do *Diário Carioca*, o antológico e original Jacinto de Thornes, anota em sua coluna do dia 26 de agosto de 1951: "Ontem à tarde chegaram três visitantes. Os senhores Alvaro Lins, Odorico Tavares e Américo Facó, os três editados pela José Olimpio. O primeiro era *Jornal da Crítica sexta série*, o segundo *Bahia, Imagens da terra e do povo,* e o terceiro *Poesia Perdida*. Mandei servir um escocês para os rapazes e brindamos a editora"

A edição de domingo, 26 de agosto de 1951, do suplemento literário do *Diário Carioca*, saúda Américo:

> Um acontecimento literário é o aparecimento em bela edição da livraria José Olimpio do livro Poesia Perdida, de Américo Facó, um dos homens de letras mais rebeldemente discretos do Brasil. O poeta Américo Facó, incluído na *Antologia dos Poetas Bissextos*, organizada por Manoel Bandeira, tinha publicado anteriormente apenas um livro de poemas em prosa, em edição fora do comércio, intitulado *Sinfonia Negra*. Em *Poesia Perdida* ele reuniu alguns de seus raros poemas, todos eles no

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 139 3/1/2014 00:56:42

> sentido formal inédito no Brasil, uma vez que a pesquisa do valor do verso transcende o desenho escultural do parnasianismo, em busca daquela pureza verbal que foi o ideal de Mallarmé.

No suplemento literário do *Correio da Manhã,* de 16 de setembro de 1961, Carlos Drummond de Andrade publicou uma extensa resenha sob o título *Poesia Nobre* cujo objeto é o livro *Poesia Perdida*. Escreve Drummond:

> Américo Facó, letrado do gosto mais seguro, possuidor da língua nacional nas belezas evidentes como nas ocultas que ela propõe a quem queira escrever, compôs esse livro diferente, que nos redime de todos os maus volumes aparecidos e por aparecer, nossos e alheios.

E, bem mais adiante, na bela resenha de Drummond:

> [...] Américo Facó e sua lição deve impressionar pelo que encerra de luminosa humildade: o poeta não é portador do fogo sagrado, mas o precavido possuidor de uma lanterna de bolso, que abre caminho entre as trevas do dicionário.

Augusto Frederico Schmidt também escreveu densa resenha sobre o livro *Poesia Perdida*, "a obra de maturidade de Américo Facó". No *Correio da Manhã*, de 23 de setembro de 1951, página 2 do primeiro caderno, lê-se: "Na arte de Américo Facó refletem-se pesquisas cuidadosas de poética, sem a desordem e a dissolução formal; nisso o autor de *Poesia Perdida* manteve sua inflexível dignidade clássica."

Raimundo Magalhões Júnior refere-se a Américo como "uma "inteligência de escol, uma cultura tão séria quanto modesta."

No dia 4 de janeiro de 1953, o *Diário Carioca*, assim como outros jornais, noticia a morte de Américo Facó. Lê-se no *Diário*:

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 140 3/1/2014 00:56:42

Faleceu, ontem, à noite, em sua residência, o poeta Américo Facó, que exercia desde a mocidade a profissão de jornalista. Facó foi uma das personalidades mais interessantes e ricas da sua geração.

[...] Durante o governo do ministro José Linhares, Américo Facó desempenhou o cargo de diretor do Departamento Nacional de Informações, tendo sido ainda diretor da Divisão de Enciclopédia do Instituto Nacional do Livro.

Em seu livro de prosa *O Observador no Escritório* (Editora Record, 1985) Carlos Drummond de Andrade dedica passagem ao seu amigo Américo Facó:

Agonizante há três dias, meu amigo poeta Américo Facó expirou às 20:30 de sábado, 2 de janeiro, após quase cinco meses de doença. O primeiro mês, passou-o numa casa de saúde da Rua Conde de Irajá; os demais, em sua casa da Rua Rumânia, instalado numa poltrona comprada alguns dias antes de internar-se.

[...] Minha convivência com Facó vinha dos últimos anos do meu trabalho no gabinete de Capanema. A princípio, contatos cerimoniosos, embora na década de 30 eu fosse, em Belo Horizonte, correspondente da Agência Brasileira, dirigida por ele. Depois, maior convívio, e a cortesia, mantendo-se, estendeu-se em confiança e amizade. Na casa da Rua Rumânia, durante três noites, confiei-lhe os originais do meu livro Claro Enigma e ouvi suas opiniões de exímio versificador. Eu "convalescia" de amarga experiência política, e desejava que meus versos se mantivessem o mais possível distantes de qualquer ressentimento ou temor de desagradar os passionais da "poesia social".

Paciente e gentil, Facó passou um mínimo de nove horas, contando as três noites seguidas, a aturar minhas dúvidas e indecisões. Se não aceitei integralmente suas observações, a verdade é que as três vigílias me deram ânimo a prosseguir no rumo que me interessava. E me fizeram

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 141 3/1/2014 00:56:42

sentir a nobreza do seu espírito de autêntico homem de letras, mais preocupado com a linguagem e seus recursos estéticos do que com a fácil vida literária das modas e dos bares.

Américo ganhou do amigo Drummond, *post morten*, o belo poema publicado em *Fazendeiro do Ar*, 1954:

VIAGEM DE AMÉRICO FACÓ
Carlos Drummond de Andrade

Sombra mantuana, o poeta se encaminha
ao inframundo deserto, onde a corola
noturna desenrola seu mistério
fatal mas transcendente: àqueles paços

tecidos de pavor e argila cândida,
onde o amor se completa, despojado
da cinza dos contatos. Desta margem,
diviso, que se esfuma, a esquiva barca,

e aceno-lhe: Gentil, gentil espírito
sereno quanto forte, que me ensinas
a arte de bem morrer, fonte de vida,

uniste o raro ao raro, e compuseste
de humano desacorde, isento, puro,
teu cântico sensual, flauta e celeste.

Outra intelectual da família foi Maria Facó de Araújo, sonetista e poetisa, filha de José Facó de Araújo, tio de Gustavo. Todos de Beberibe.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 142 3/1/2014 00:56:42

Só que José Facó era dono de uma fazenda em Aracoiaba, a fazenda Córrego do Quinxinxí, no sertão central cearense, para onde depois migrou. Ele foi o primeiro Facó a migrar para Quixadá. Na zona rural de Quixadá já existiam membros da família Queiroz, principalmente o ramo ligado a Daniel de Queiroz e Clotilde Franklin de Queiroz, pais da escritora Rachel de Queiroz, que nasceu em Fortaleza, em 17 de novembro de 1910.

‡

Rui, de certo modo, refaz os passos do tio, também com enorme intensidade intelectual e com uma carga política maior, um ortodoxo engajamento e militância comunista com reflexos marcantes em toda a sua obra.

Em Fortaleza, aos 14 anos, foi estudar no Liceu do Ceará e recebeu, algumas vezes, a visita da irmã Ana e de outros irmãos.

Depois do Liceu ingressou na Faculdade de Direito do Ceará e, depois, transferiu o curso para Salvador.

Quais influências recebeu para fazer Direito?

Provavelmente o fato de seu pai Gustavo ter sido tabelião, mas também o desejo do pai e a força de uma tradição à época.

— Eu tenho a impressão de que o papai influenciou. Acredito que papai tivesse muito gosto que ele fizesse Direito, lembra Ana Facó.

O Rui que inspirou o nome do primogênito de Gustavo e Antonieta é nada menos que Rui Barbosa, leitura obrigatória na casa da família.

Os Facós daquela geração tinham Queiroz no sobrenome, exceto Rui. "O Rui foi em homenagem ao Rui Barbosa e por isso papai não botou o Queiroz", diz Ana.

— Do mesmo modo que o nome dele foi colocado em home-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 143 3/1/2014 00:56:42

nagem ao Rui Barbosa, o meu foi em homenagem à Ana Facó, tia do meu pai, relembra Ana.

Na verdade, a árvore genealógica de Queiroz e, principalmente, de Facó é uma sucessão de nomes repetidos.

Na casa do seu Gustavo e da dona Antonieta todos tinham uma loucura por livros. "Principalmente os mais velhos e depois eu", conta Ana.

— Eu era alucinada, ainda hoje sou. Nunca estudei, nunca consegui estudar fora, mas não tenho nada contra isso não. Para mim letra foi a melhor coisa que inventaram.

Ana relembra:

— Eu gostava de ler tudo, gostava e gosto. Tenho muita pena de não ter podido estudar, só quem estudou mesmo foi o Rui.

Os outros irmãos estudaram pouco. O Heitor não estudou embora seu filho, também Heitor — tratado como Heitorzinho —, tenha se formado em Engenharia. O Paulo tinha horror a livros e Eurípedes estudou pouco, mas lia, gostava de ler.

O velho Gustavo apostou tudo no Rui. "O Rui era louco por livros" e certamente esse foi um fato crítico no seu envolvimento, já em Fortaleza, com o pensamento de esquerda. E, depois, determinante para sua ida a Salvador, onde concluiria o curso de Direito.

— Quando o Gustavo soube que Rui era membro do Partido Comunista, qual foi a reação dele?

— Foi tudo difícil, até a minha mãe mesmo ficava à noite: 'Reza Gustavo, reza!!', lá da redinha — a propósito da militância de Rui. E ele respondia: 'eu estou rezando, eu estou rezando.'

Na verdade, Gustavo não era um religioso católico nos moldes desejados por Antonieta. Ele respeitava a religião. Não comungava sempre e isso chegou a influenciar os filhos. Ficava mais sério quando falava sobre coisas como uma ação política melhor, diferente, com

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 144 3/1/2014 00:56:43

impacto social. Ele lia muito, lia continuamente, tanto livros como revistas. Temas como reforma agrária e distribuição de renda fazia parte das conversas em família, de modo natural, uma maneira de discutir os problemas conjunturais brasileiros. Isso fazia da família do "seu" Gustavo algo diferente naquela Beberibe do final dos anos 1950. O convívio daqueles Facós era muito dentro da própria família, embora tivessem uma boa relação com a cidade.

Depois de uma certa idade, Antonieta exercia uma marcação estreita em Gustavo. Ciúmes.

— A mamãe tinha um ciúme horrível do papai. Ele dava umas risadas gostosíssimas, tão satisfeito da vida. Mas, às vezes, para a gente era ruim, sabe?, esse estresse dela.

Antonieta, branca, tinha um biotipo muito elegante, algo que se estendia ao andar, à postura, à fala. Andar algo aristocrático, discretamente marcial. Olhos azuis, lindos os olhos dela. Seu ciúme trouxe graves constrangimentos para a família. Gustavo, por outro lado, nunca perdeu a paciência com ela, mas os filhos tinham uma certa revolta porque sabiam que tudo era fantasia, fruto de doença. E, com o pai, uma injustiça. Num dos momentos mais ostensivos das crises de ciúme, Gustavo já estava com 76 anos. E, em anos passados, informado sobre o ciúme da mãe, Rui recomendava, entre uma ponta de ironia e outra de humor: 'Diga à mamãe que ela só está assim porque está indo pouco à igreja.' Ele dizia muito isso. E sempre repetia quando ia a Beberibe: 'Mamãe, onde é que está sua religião? A senhora não tem mais com o que se preocupar e fica se preocupando com o papai.' A rigor, este apelo à religião dos pais mesmo que algumas vezes em tom irônico, refletia, também, a sua formação católica.

Gustavo foi tabelião durante muitos anos no Cartório Mu-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 145 3/1/2014 00:56:43

nicipal de Beberibe.

Depois, toda a família de Gustavo passou uma temporada em Pacajus, cidade que hoje integra a Grande Fortaleza. Uma transferência forçada. Deixou Beberibe por questões políticas. Envolvia-se na política local, sem exageros, mas se envolvia. Ele definia bem em quem os filhos podiam votar, mas preocupando-se em argumentar politicamente, doutrinariamente e estrategicamente.

— Ele foi transferido para Pacajus, mas ele não gostou da transferência não. Ele tinha uma saudade imensa do Beberibe e da casinha dele, e preferiu voltar. Nós adorávamos lá porque era muito mais animado do que no Beberibe. Fizemos muitos amigos e amigas.

A família ficou em Pacajus por dois anos, de 1944 a 1946.

Na volta para Beberibe Gustavo continuou tabelião, mas por pouco tempo. O preço da volta foi a renúncia ao cargo. Além disso, Beberibe era o seu lar. Os filhos foram casando, ficando rapazes, cada um cuidando da sua vida, uns viajaram, foram embora para o Rio de Janeiro, para a Bahia também.

Primeiro foi Rui, depois migraram o Gustavo, o Plínio, o Pedro. A rigor, todos migraram, outros morreram. Só Ana ficou.

Além disso, Gustavo voltou também porque tinha irmãos em Beberibe.

Um deles era Péricles Facó, que morava no Sítio Bom Jardim. Péricles era branco, como Gustavo, mas, ao contrário deste, calvo e mais encorpado, a mesma estatura, 1,75m. Para a realidade local, ele era rico, às vezes recebia a gente pobre numa coberta de palha a poucos metros da casa grande. Refestelado numa rede com varandas espanando o chão de barro batido, abria uma caixa colocada no topo de um criado mudo, tirava cédulas novíssimas de réis ou cruzeiro e dava a seus humildes visitantes que chegavam mudos e saíam calados — o ritual de doação se consumava após um trêmulo boa tarde por

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 146 3/1/2014 00:56:43

parte do visitante.

A despeito disso, ele era rude nos modos e no trato. Muito diferente de Gustavo Facó, um *gentleman*. Também a exemplo do irmão Gustavo, Péricles casou-se com uma prima legítima, Adelaide Facó de Araújo, mas nunca teve filhos.

Rui Facó exercia uma forte influência nos irmãos. Nas vezes em que foi de férias a Beberibe, gostava de passear a cavalo às tardes, deitava numa rede no alpendre da casa de farinha, onde ficava lendo e refletindo. Gostava também de caminhar nas areias desertas da vila de pescadores Morro Branco, distante quatro quilômetros de sua casa.

Dava opinião sobre as coisas, mas sem panfletarismo. Seu pensamento crítico não era destrutivo.

— Mas, mesmo assim, a gente via tudo que ia na cabeça dele.

As críticas conjunturais traduziam-se na remessa de jornais e revistas e, certamente aí, havia uma seleção ao gosto de Rui. Ele mandava muitos livros para a casa de Beberibe. E incluía nas remessas recortes de tudo que publicava. Havia um cuidado imenso para que os irmãos lessem.

Além da vaidade intelectual que cultivava com discreta medida, Rui era muito vaidoso, principalmente com a aparência das roupas, por mais discretas que fossem. Seu charme se traduzia principalmente na risada gostosa, sempre enfatizada pela irmã Ana, ela própria dona de uma contagiante e elegante gargalhada. Além disso, se comunicava com clareza tanto com os irmãos quanto com a gente de fora. Uma dicção excelente. Tinha o dom da oratória, a meu ver, pelo menos.

Um dos seus hábitos domésticos era pedir que sua mãe cantasse. Quando ia a Beberibe, de férias, pedia que Antonieta cantasse para ele as músicas de que gostava na infância. Era um enlevo, uma cena de densa ternura. Antonieta tinha a voz muito bonita, e cantava, cantava

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 147 3/1/2014 00:56:43

e, algumas vezes, ele adormecia.

Havia sempre uma grande expectativa com a chegada do Rui.

— A gente passava o ano todo esperando. Para nós era uma alegria única. E o tempo que ele ficava entre nós era de muita generosidade e leveza. Ele tinha um riso maravilhosamente farto, gostoso...

Nas brincadeiras, em casa, Rui "implicava" principalmente com o pretume do Paulo, o irmão que era bem moreno ao passo que os outros eram predominantemente claros. Falava seu "nêgo safado", mas tudo acabava em abraço e gargalhada. Paulo era o único moreno da família.

‡

No dia 15 de março de 1963, às 13h55min, o avião Douglas DC-6B explodiu ao colidir com rochas na Cordilheira dos Andes. A carreira fértil de intelectual orgânico de Rui Facó fica abreviada.

Em Beberibe a notícia chegou imprecisamente pelo rádio, mas foi consolidada na velocidade do telegrama. A reação foi de pavor, incredulidade, embora parecesse sempre que o pai Gustavo esperasse o pior. Pelo menos é essa a percepção da pequena Valda, filha de Heitor, mas criada pelos avós. Ana também reforça a tese.

— Eu acho que a gente nem tinha muita razão para ter incredulidade porque ele vivia assim viajando, viajava muito e naquela época era muito fácil acontecer, conta Ana.

Gustavo, então com setenta anos, reagiu com enorme serenidade.

— Meu pai era muito tranquilo, ele sentia, mas era muito tranquilo. Ele procurava nos controlar, passar aquela tranquilidade dele para a gente que a vida é assim mesmo. Agora foi pavoroso, para nós foi horrível.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 148 3/1/2014 00:56:43

Ana sentiu-se destroçada, enorme sensação de impotência ante o peso da perda.

Rancor para com Deus?

— Eu, pelo menos, não tive não. Não acredito muito que Deus mande nessas coisas não. Nunca acreditei muito não. Acredito num Deus, mas num Deus diferente.

Com um lento fluxo de informação sobre o acidente, em Beberibe a notícia da morte de Rui consolidou-se em uma semana, principalmente devido a recortes de jornais que parentes do Rio enviaram. Assim, mesmo sem corpo, sem cadáver, a morte se consumara.

Antonieta também ficou apavorada. Ela achava aquilo tudo uma injustiça, um sentimento de impotência tomava conta da casa. Versões desencontradas e longínquas como as ondas curtas do rádio que vêm e vão — vozes do além. Ninguém podia fazer nada.

Nessa fase da vida madura, a utopia de Rui era a utopia da igualdade social — que a vida melhorasse para o povo em geral.

— O principal plano da vida dele era esse. A família ficava em segundo lugar, o que ele queria acima de tudo era ver a melhora de vida para o povo, lembra Ana.

Rui estava totalmente engajado no Partido Comunista, mais que isso, ele era um integrante influente.

— O partido para ele era um sonho. Só que era um sonho realizado, um sonho que ele achava que estava realizado.

Quando Rui morreu, seu tio Edgard, irmão de Antonieta, morava no Rio de Janeiro. Embora estivesse em outro papel, o tio general escreveu uma carta comovente a Gustavo e a Antonieta.

20/3/1963

Cara Antonieta e Gustavo,

Nunca imaginei que teria de lhes escrever em situação tão dolorosa

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 149 3/1/2014 00:56:43

> como esta. Enviar os meus pêsames, meus e de meus filhos, genros e noras pelo infausto acontecimento que tão cedo roubou da família o Rui. No dia em que lhes telegrafei havia acabado de receber um telegrama de João que me comunicava o desastre. Desgraçadamente, no dia seguinte é noticiado nos jornais e confirmava. Não lhes mandei outro telegrama porque o Gustavinho também me telefonou e disse que havia dado a notícia ao Heitor. Não vou me estender em maiores considerações porque sei de instância própria que palavras não consolam, e que só o tempo nos traz algum consolo, mesmo nesse caso. Queiram vocês assim receber o meu fraternal abraço e lembrarem-se do irmão e do amigo,
>
> *Edgard.*

A família sempre esteve mais próxima de João que de Edgard. O general João Facó morava em Salvador à época de Rui e chegou a apoiá-lo várias vezes, inclusive com dinheiro. João também é fonte no livro *Cangaceiros e Fanáticos*.

João Facó, tio de Rui, foi Secretário de Segurança da Bahia à época do governo de Juracy Magalhães.

No livro, Rui constata que "A Revolução de 1930 foi um duro golpe contra o poder político dos grandes latifundiários, sobretudo nordestinos, em cujos domínios subsistiam os restos feudais", amparado pela informação de João que é referido em nota de rodapé.

E ainda: "Os coronéis foram desarmados de modo generalizado a ponto de, na Bahia, o próprio chefe de polícia comandar a ação em diferentes municípios do interior. Coronéis foram detidos, interrogados, suas fazendas devassadas no processo de desarmamento. Foram mais de 90 toneladas de armamentos e munição apreendidos", conta João Facó a Rui.

O Gustavinho, referido na carta de Edgard, é o "Itá", que também morava no Rio, notório pavio curto, militante *undercover* do partidão.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 150 3/1/2014 00:56:43

— O tio João era uma pessoa assim bem simples, muito risonha, muito diferente de Edgard que era fechado, lembra Ana.

Gustavo Facó, "Itá", militante comunista e operador de ações do partido em campo, no Rio, também escreveu aos pais, sobre a morte de Rui. "É revoltante, mas nos dá a certeza de que estamos no caminho certo, de que a luta de Rui é também a nossa luta, e de que este e muitos outros crimes cometidos impunemente serão expiados um dia, será o dia do "juízo final" para os criminosos, e disso "eles" sabem também, mesmo que consciência eles não tenham", extravasa.

Quando o Almir Matos lançou seu livro *Cuba Revolução na América*, começou uma caça às bruxas. A regra era prender comunista por todos os lados. "Itá" foi um dos aprisionados. Preso, apanhou bastante. Foi solto por influência do coronel João Henrique Facó, filho do general João Facó. Lélio, o outro filho de João, também era coronel.

Gustavo ficou trinta dias sumido. Os militares já estavam no poder, era meados de 1964.

Valdo, que morava no Rio, à época, trabalhando nas Casas da Banha, soube do fato através do amigo comum e primo em segundo grau Francilipe Facó Magalhães da Cunha.

— Olha, pegaram o Gustavo... os gorilas pegaram o Gustavo.

A articulação para soltar Itá envolveu o pai de Francilipe, que era executivo dos Correios. Foi ele quem entrou em contato com o coronel João Henrique Facó, diretor da Escola Nacional de Formação, que mandou soltar Itá e disse para ele "sumir do mapa".

Francilipe era primo de Rui. José Maria Facó, irmão de Caio Facó, é casado com Simone, irmã de Francilipe.

Itá sumiu. Foi para Beberibe, para o ostracismo, como ele falava, e por lá ficou até a promulgação da Lei da Anistia pelo presidente João Figueiredo, em de 28 de agosto de 1979. Em seguida reassumiu sua

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 151 3/1/2014 00:56:43

função no IAPI, no Rio de Janeiro.

Oposto de Rui no temperamento, "Itá" era o mais explosivo dos irmãos. Temperamental, estouradaço. "O que ele tinha que dizer, ele dizia logo, ele decidia a parada na hora", relata o sobrinho Valdo Facó.

Paulo, filho de Rui, estava estudando em Moscou.

O Armênio, referido na carta de Itá, é Armênio Guedes, irmão de Julia Guedes, a já então falecida mulher de Rui.

No calor da perda de Rui foram levantadas suspeitas de sabotagem do avião, ainda mais porque parte dos passageiros eram cubanos e o mundo vivia o ápice da Guerra Fria e a América Latina era mais um objeto do desejo de soviéticos e de norte-americanos. Tanto para Che Guevara quanto para Fidel Castro, mas principalmente para Che, a Bolívia seria um campo ideal para o início de uma série de revoluções na América Latina, ainda mais depois do sucesso da Revolução Cubana.

Foi noticiado que os primeiros a chegarem no local onde caiu o avião foram dois ou três adidos militares americanos, chamados de "abutres" pela imprensa de esquerda. Naquele ápice da Guerra Fria o comunismo se espraiava pela América Latina. Os Estados Unidos estavam, de fato, preocupados com esta ameaça. Em março de 1960, o presidente americano Dwight Eisenhower aceita que os contrarrevolucionários sejam treinados pela CIA, a Agência Central de Inteligência. Na Ásia, os americanos encenam violentos combates no Vietnam do Sul, para evitar o avanço do comunismo. Também em janeiro de 1960, Cuba e Estados Unidos rompem relações diplomáticas. Três meses depois, em 17 de abril, um grupo de anticastristas treinados pela CIA tenta retomar Cuba de Fidel com a invasão da Baía dos Porcos. Em 1960 é construído o Muro de Berlim. Fidel Castro é excomungado pelo Vaticano.

A Guerra Fria vive seu apogeu. A ameaça do comunismo e o modo como Cuba enfrentava o inimigo americano eram uma injeção

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 152 3/1/2014 00:56:43

de adrenalina na dicotomia ideológica.

Por isso, a hipótese de o acidente aéreo que matou Rui ter sido sabotagem foi bastante disseminada. Era o que se dizia. Ainda mais no auge da Guerra Fria, em que um clima pesado de teorias conspiratórias, contrainformação e guerrilha retórica contaminava todos os flancos.

Luís Carlos Prestes chegou a proclamar essa tese. De fato as circunstâncias do acidente são sombrias e soma-se a isso o fato de emissários americanos terem chegado ao lugar do sinistro antes de todos. O fato atenuante são as condições de tempo, ruins.

‡

O patriarca Gustavo Facó morreu com noventa anos e Antonieta também, logo depois dele. Morreram muito próximos um do outro. Gustavo nasceu no dia 17 de abril e Antonieta no 4 de janeiro.

A frase do Rui marcante para sua irmã caçula, Ana, era:

— Leiam, leiam. Ele gostava de falar para a gente ler.

Rui ingressou no jornalismo aos 16 anos, logo que chegou a Fortaleza, no jornal *Folha do Povo*.

Ana Facó ficou como a guardiã da memória da família. Ela se ausentou de Beberibe poucas vezes. Residiu sozinha até morrer, em 2012, na casa construída pelo pai, Gustavo. Nunca casou, não teve filhos e sempre se dedicou à leitura, em especial, literatura brasileira. Na casa, havia uma coleção com as obras completas de Monteiro Lobato — um nacionalista defensor do petróleo é nosso, como depois viria a ser Rui —, exemplares de *Brasil Século XX*, em vários idiomas, e alguns outros livros, alguns didáticos como o clássico *Crestomatia*.

— Os irmãos eram todos mais ou menos a mistura dos dois, do papai e da mamãe. A mamãe era muito neurastênica por causa dos ciúmes que tinha do meu pai. E ele acabava se divertindo com isso,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 153 3/1/2014 00:56:43

dava cada gargalhada mais gostosa do mundo.

Rui só deixou Beberibe aos 16 anos. Ia à Igreja, fez a primeira comunhão ali mesmo onde conviveu também com os padres do local. O padre Antônio da Graça Martins era respeitado, depois veio o Padre Pedro e o Padre Renato, este com uma fama de galanteador, talvez o ônus de sua aparência de galã de Hollywood. Era um padre vistoso e bonachão. A casa de Rui fica a 150 metros da paróquia Jesus, Maria e José, em Beberibe.

O sítio de Gustavo tinha uma área de várzea. Havia muita fruta, muita verdura — cajus, atas, graviolas, siriguela, laranja, limão, sapoti e muitos tipos de manga, com destaque para a manga-rosa e para a manga coité, passando pela manga espada e as manguitas — saborosíssimas. E muita produção agrícola que assegurava o sustento dos filhos. A cidade de Beberibe, a quatro quilômetros do litoral, nunca fora atingida gravemente pela seca.

— Da produção agrícola deriva a rapadura e a farinha. Agora, fruta tinha muito. Tinha o pântano, o Corrente Casa Grande que vinha lá do Bom Jardim, é o que corta tudo, até por aqui ainda era ele —, diz Ana.

Sobre os hábitos domésticos de Rui, a caçula Ana Facó lembra dele na casa de farinha, deitado numa rede e lendo. Isso, fora das épocas de farinhada, quando estava ociosa a Casa de Farinha, construída no quintal da casa, a cem metros dos fundos da casa que tinha três saídas, das quais uma com uma descida diagonal que evitava degraus.

Outro lazer era cavalgar. A ponto que os animais não eram suficientes para todos.

O cavalo era o meio de transporte usual. Gustavo cavalgava bem, até pelo hábito. Ia quase que diariamente visitar o irmão Péricles, no Sítio Bom Jardim, e no Sítio do Joaquim Facó, pai de Olavo e Orlando, que acabaram virando prefeitos da cidade de Beberibe, o primeiro em

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 154 3/1/2014 00:56:43

um mandato e o segundo, em dois. Joaquim é o avô de Odivar, que cumpriu dois mandatos.

Gustavo plantava cana para fazer rapadura nos outros engenhos, "nós nunca tivemos engenho, tínhamos a casa de farinha", disse Ana.

‡

Dos anos 1960, 1970 para cá, a infraestrutura da cidade de Beberibe melhorou, a cidade se urbanizou.

Nos anos 1970 chegou a energia elétrica de Paulo Afonso propulsionada pela visão de Virgílio Távora. Este foi o principal advento, uma mudança de hábitos e de consumo. Depois o calçamento, o asfalto veio bem depois porque primeiro era só aquele calçamento grosseiro. O comércio melhorou, cresceu, mas a agricultura e a pecuária começaram a perder espaço.

— Acho que nos anos 1970 começaram os assaltos, ou foi um pouquinho depois. Ana chegou a ser uma vítima regular dos ladrões e assaltantes. Objetos de uso doméstico foram furtados algumas vezes.

Ana Facó, sobre a utopia de Rui. "Pois é, ele esteve em Moscou, mas não sei dizer quanto tempo ele ficou lá não, mas sei que ele levava muito a sério, ele achava que a salvação do mundo estava ali."

Continua:

— O Rui não era exaltado não. Ele queria tudo de bom para quem ele achava que merecia, o povo em geral.

Mas o Itá, o outro irmão militante, era revoltado. "Eu acho que ele não acreditava muito em Deus não. O Rui não acreditava."

Sobre Paulo, filho de Rui:

Paulo Facó, filho de Rui Facó, foi a Beberibe uma única vez mas na percepção de sua tia Ana, decepcionou-se muito. "A família não tinha o gabarito que o pai dele tinha", diz. "Eu tenho a impressão".

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 155 3/1/2014 00:56:44

Dos irmãos de Rui, Plínio e Pedro, além de Ana, também não tiveram filhos. Eles morreram na Amazônia, para onde migraram em busca de melhores dias desolados com uma economia à base do plantio de cana e da mandioca.

— Eles eram informados, porque todos liam muito. O Rui mandava: "leitura, leitura, leitura". Mandava dizer que a gente lesse, lesse, lesse. E eu acho que todos liam muito. E não se conformavam com a vida daqui, explica Ana.

Heitor teve o Heitorzinho, o Valdo e a Valda.

O Eurípedes, como vimos, teve um único filho.

Ana Facó, a mais nova irmã de Rui, morreu em 17 de julho de 2012, cinco dias antes de completar 87 anos.

JOSÉ BALTHAZAR FERREIRA FACÓ

No livro *José Balthazar Ferreira Facó* organizado por Boanerges Facó, temos, no prefácio, datado de 24 de julho de 1961, uma síntese da obra e das ideias da personagem em foco, referência basilar da família Facó.

> Meu pai deixou-me numa orfandade de oito meses e doze dias. Mas cresci e vivi num ambiente em que pairava constante a sua memória.
>
> Com afagos maternos ouvi sempre pronunciar o seu nome com o carinho e a saudade que deixa um ente querido, que não volta mais ao convívio dos seus.
>
> Quando tive uso de razão compreendi o que ele fora no seio dos contemporâneos, o valor de sua obra e o esquecimento de seu nome entre os pósteros.
>
> Aguardei-lhe o centenário de nascimento para lhe render uma homenagem de amor filial. Contei com a intelectualidade conterrânea e com os sodalícios culturais de Fortaleza nessa homenagem, que se tornou

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 156 3/1/2014 00:56:44

de todos como demonstra o capítulo (XVI) do *In Memoriam*. São atestado vivo dessa afirmação as palavras de Beni Carvalho e Américo Facó, dois notáveis cearenses falecidos, num encontro fortuito nas ruas do Rio de Janeiro, ao tempo das comemorações, quando disse Beni para Américo: "As solenidades das comemorações do dia 24 de julho constituíram uma consagração nacional.

José Facó, embora filho de pais católicos, como o eram os seus demais antepassados, floresceu nas letras pátrias por três lustros (1868-1883), quando a cultura humana havia sofrido uma renovação no *fond em camble*.

A ciência avançara, fizera progressos e descobertas no 'século das luzes' , que a tornaram antagônica à Religião.

A filosofia do século XVIII considerou as religiões uma invenção de seus corifeus, mentalidade errônea que desapareceu com a filosofia do século seguinte.

O Biografado, escrevendo sobre filosofia (Capítulo X), diz que 'a língua é um produto espontâneo da natureza humana, como o direito, a arte, a religião, o estado.' Era a filosofia do seu século.

Espírito de seu tempo, se tivesse deixado 'memórias', poderia lhes ter dado título semelhante às de Alfredo de Musset.

Escrevendo-lhe a biografia não tive em mira o 'falseamento da verdade', mas procurei apresentá-lo, interpretá-lo e fotografá-lo como ele o foi na realidade, uma vez que a biografia é história.

A publicação deste livro tem sido grandemente retardada. Escrevi-o na época do centenário, há quatorze anos, não pela vaidade, mas pela satisfação de trazer à presença dos contemporâneos um nome que teve notável destaque entre a intelectualidade de seu tempo, como emerge claramente destas páginas, mas que caiu no esquecimento e se tornou desconhecido.

Sei que o volume focaliza cultura de quase um século, mas se tem valor, à semelhança do diamante que se oculta sob espessa camada

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 157 3/1/2014 00:56:44

de cascalho ou da pérola que vem de secreções de certos moluscos, há de ser reconhecido.

Pensei poder publicá-lo no centenário de sua esposa (2-8-1855), mas só agora vem à luz da publicidade, sem esquecer o interesse tomado por Hesíodo Facó, neto do biografado.

Neste livro examinam-se suas ideias filosóficas e políticas, a sua vida acadêmica e pública, a sua personalidade de homem de letras, de cidadão e magistrado, enfim o seu 'pensamento vivo'.

Fiz-lhe resumo de obras ('David'e 'Américo'), embora saibam que nem sempre representam o todo com fidelidade porque lhes podem escapar detalhes e passagens indispensáveis à compreensão do conjunto.

Dado seu afeto por Xilderico de Faria e sua admiração por Osório, organizei dois capítulos do *In Memoriam* sobre o grande soldado da Pátria e o homem de letras do Ceará.

Devo observar que o capítulo IV contém dois artigos de 'liberalismo partidário' da autoria de J. Facó 'Nulidade da Eleição de Senadores' e 'A Oposição', editoriais do 'Cearense', de 13 de abril de 1879 e 16 de abril de 1879, órgão do Partido Liberal. Mas que a esse tempo ele não ocupava cargo de Magistratura. Era Procurador Fiscal da Tesouraria da Fazenda da Província do Ceará.

Como Magistrado e representante do Ministério Público, era intransigente na sua conduta de juiz, embora fosse um liberal convicto, como se constata das páginas desta Biografia. E o que se verifica na leitura do capítulo mencionado, com relação a um desacato sofrido por alguém, na sua ausência, em São Bernardo das Russas, onde ele exercia, as funções de Promotor Público.

Essa sua intransigência melhor se constata de uma de suas cartas à esposa, que se não destinava à publicidade, onde se lê: 'Tenho recebido cartas a respeito da eleição de Canindé, mas nada fiz e nem farei. Acima de tudo está a minha dignidade, como mandei dizer a ele mesmo'.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 158 3/1/2014 00:56:44

Na época ele ocupava o cargo de juiz de direito em São João do Príncipe (Tauá) e tratava-se da reeleição à Assembleia Geral do Dr. Paulino Franklin do Amaral, barão de Canindé, seu primo e compadre. A íntima amizade entre os dois se evidencia da correspondência incluída neste livro.

Elaborada na época das comemorações centenárias (24 de julho de 1947), edita-se esta obra sem quaisquer modificações ou alterações posteriores, salvo o Apêndice, em que se encontram notas sobre o centenário de Anna Maria Ferreira Facó (2 de agosto de 1955), esposa de José Facó, sobre seus ascendentes e descendentes e impressões de leitura de Dolor Barreira e Cruz Filho.

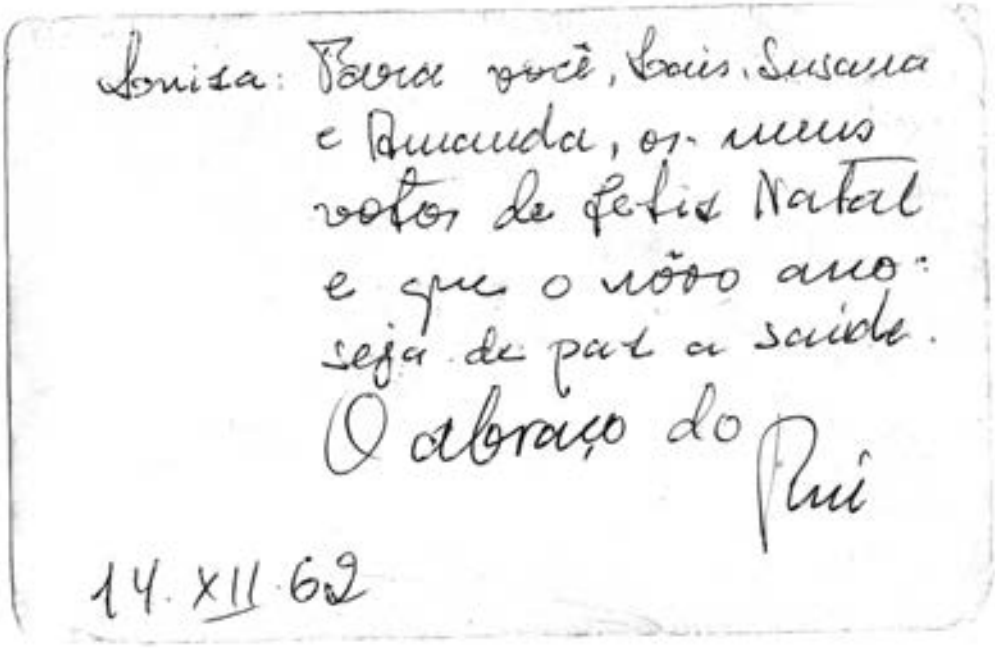
Que seja bem sucedido o 'José Balthazar Ferreira Facó' (*In Memoriam*) são os desejos do seu humilde organizador.

Fortaleza, 24 de julho de 1961.

Boanerges Facó.

A família Facó, hoje espalhada pelo Brasil, continua tendo Beberibe como sua base afetiva e política. Olavo Facó, Orlando Facó e Odivar Facó foram prefeitos daquele município cearense e continuam influenciando a política local. Oto Facó foi vereador em 1954. Jarley Facó, filho de Oto, foi vice-prefeito e vereador. Paulo Facó foi vereador de Fortaleza e deputado estadual no Ceará. José Carlos Facó foi deputado estadual pelo Estado da Bahia.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 159 3/1/2014 00:56:44


Sonisa: Para você, Luis, Susana e Lucinda, os meus votos de Feliz Natal e que o novo ano seja de paz e saúde.
O abraço do Rui
14.XII.62

Cartão escrito por Rui Facó para seus familiares em Beberibe, datado de 14 de dezembro de 1962. Na frente, a Matriz de Santo Antonio, em Recife.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 160 3/1/2014 00:56:47

CAPÍTULO TRÊS

ÉRAMOS TODOS COMUNISTAS

A vida em Salvador

Rui Facó foi morar em Salvador em 1936, então com 23 anos, para continuar seu Curso de Direito, iniciado um ano antes em Fortaleza. Àquela época era comum jovens de Fortaleza e de outras cidades do Nordeste irem estudar em Salvador, polo de excelência em Direito, Medicina e Engenharia. Rui foi para a Faculdade de Livre Direito da Bahia, fundada a 15 de abril de 1891, reconhecida, já na vigência da primeira Constituição republicana brasileira, pelo Decreto nº. 599, de 18 de outubro de 1891, do Governo Federal. Foi federalizada em 19 de dezembro de 1956 — incorporada ao conjunto da Universidade Federal da Bahia. O diretor da Faculdade, de 1934 a 1938, era Filinto Justiniano Ferreira Bastos sucedido por Aloysio de Carvalho Filho que a dirigiu até 1945.

Foi no ambiente da faculdade que Rui conheceu Armênio Guedes e teve neste um dos seus maiores amigos numa relação consolidada não apenas na militância, mas também com laços de família.

Armênio vem de uma família de onze filhos de dona Ador-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 161 3/1/2014 00:56:47

zinda Dulfina dos Santos Guedes, "Sinhá" e do "seu" Júlio Augusto de Castro Guedes. Do primeiro ao nono filho nasceram no interior da Bahia, em Mucugê, na Chapada Diamantina. Armênio nasceu ali, em 30 de maio de 1918. Dois anos antes, havia nascido Julia Guedes, na mesma Mucugê.

Armênio lembra que tanto a família do seu pai como a família de sua mãe davam muita importância ao aprendizado, à educação. Seu Júlio Augusto, por exemplo, preparou-se para entrar no seminário — talvez porque fosse mais barato. Mudou-se para Salvador para estudar. Na véspera de entrar no seminário ele viu a casa onde ele iria estudar e, entre atônito e decepcionado com as precárias condições, resolveu pegar o caminho de volta e passou a ganhar a vida como garimpeiro.

Desde o início do século XIX a região de Mucugê foi parcialmente ocupada por fazendeiros criadores de gado. Mas ganhou notoriedade como polo de exploração de pedras preciosas, despertando o sonho do eldorado em nordestinos e mesmo em gente de outras regiões.

Há registro de que o primeiro diamante garimpado ali foi em 25 de junho de 1844 pelas mãos de Cristiano Pereira do Nascimento, afilhado de José Pereira do Prado, o "Cazuza do Prado", um tradicional coronel. A notícia da pedra, acidentalmente achada no leito do riacho das Cumbucas enquanto Cristiano lavava as mãos, alastrou-se como fio de pólvora desencadeando uma corrida do ouro, ou do diamante. A força e influência política dos coronéis da região de Mucugê era enorme. Assim como em outros grotões, eles faziam suas próprias leis e repeliam qualquer tentativa de ameaça a essa hegemonia. Tanto assim que, em 1926, quando a Coluna Prestes, em campanha nacional, passou por ali foi rapidamente expulsa à bala.

Seu Júlio Guedes, de boa compleição física, era um bom mergulhador o que lhe deu vantagem como garimpeiro de diamante. Evoluiu na atividade e virou lapidador, uma atividade melhor remunerada,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 162 3/1/2014 00:56:47

ao agregar valor ao produto bruto. Ganhou dinheiro suficiente para educar todos os filhos, inclusive na universidade, em Salvador.

Letrado, seu Júlio Guedes queria mais e passou a conciliar a atividade no garimpo com a de professor. Ensinava um pouco de francês e português para aquelas pessoas que queriam aprender e faziam garimpo. Vendo que o garimpo era uma atividade instável, na qual não podia apostar sua sorte, "seu" Júlio Guedes organizou e implantou uma lapidação de diamante. Tranformou-se rapidamente num profissional demandado por causa de sua peculiar habilidade no trato com aquelas pedras. Finalmente começava uma história de rentabilidade, depois de uma experiência ruim no comércio, um negócio que acabou falindo.

O recomeço veio depois da Primeira Guerra Mundial, nos anos 1920, quando envereda no negócio de compra e venda de diamantes, numa intermediação que mais tarde evoluiria para a figura do lapidador. Viajava pelo interior da Bahia, de garimpo em garimpo, fazendo uma partida de diamante, comprava o diamante bruto, lapidava-os. Depois viajava para o Rio de Janeiro onde vendia suas peças a comerciantes de Amsterdã que as enviavam à Europa onde estavam as grandes lapidações. Guedes prosperou nesta atividade comercial até a crise de 1929. Aí montou uma lapidação, valendo-se dos seus conhecimentos de joalheiro e de relojoeiro.

A família foi criada nesse ambiente de trabalho árduo, onde o patriarca sisudo, obstinado, se movia pela determinação de dar educação formal aos filhos. Não queria juntar dinheiro, não ambicionava acumular, ter propriedades, o que de fato nunca teve. Todo o dinheiro foi usado para educar os filhos. Ele achava que cada filho educado, teria como se mover por si só.

Na Bahia dos anos 1920, quando muito se estudava, fazia-se até o ginásio. E, antes de surgir o ginásio só se estudava até o preparatório. Mas na família do "seu" Guedes, de quatro filhos homens e sete filhas

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 163 3/1/2014 00:56:47

mulheres, era diferente. Mesmo as mulheres, todas, também estudaram no ginásio — fato raro em se tratando de mulher naquela época. Só uma é que fez somente a escola primária — a chamada escola normal, de formação de professoras.

— A minha irmã Julia começou também fazendo escola normal, quando estava no primeiro ou segundo ano ela viu que aquilo não satisfazia seus horizontes, lembra Armênio.

— Não é isso que eu quero, retrucou Julia nos primeiros meses de escola normal.

Aí, decidida, saiu e prestou o exame de admissão para o ginásio no mesmo ano em que seu irmão Armênio fez a admissão.

Julia e Armênio fizeram a prova de admissão juntos. E, aprovados, fizeram o curso juntos. "Ela era mais aplicada do que eu, estudava mais, eu tinha mais jeito para outras coisas", conta Armênio. "A Julia era mais aplicada, estudava tudo."

Armênio tinha um gosto especial por História e passou, também, a se dedicar a matemática porque queria fazer engenharia. Mas quando terminou o ginásio já estava metido até a goela em política, ligado aos comunistas baianos, aos professores comunistas. Então, descambou para o Direito em cuja Faculdade estava concentrado o maior grupo de comunistas de Salvador e, portanto, da Bahia. E Julia respirava o mesmo vírus do comunismo. A ideia da revolução rumo a uma sociedade igualitária, enfim, à utopia de um Estado de iguais.

A iniciação ao comunismo aconteceu num ginásio laico, que nada tinha a ver com religião — uns até mesmo contestavam a existência de Deus.

— Então, quando eu fui para a Faculdade de Direito já estava ligado ao movimento de esquerda.

Armênio e Julia também ingressaram juntos na Faculdade de Direito e foi aí que conheceram Rui Facó. Houve empatia imediata,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 164 3/1/2014 00:56:47

convergência de ideias, noites a fio discutindo autores, teses e elaborando teorias sobre o futuro da humanidade num mundo diferente do modelo ameçado pela hegemonia capitalista. O grupo era amplo e dele fazia parte a futura advogada Julia, que logo se enamorou de Rui. Um caso acabado de afinidade eletiva.

O cenário evervescente e contaminado de ideologia fez Rui rapidamente imbricar-se na Faculdade. Como vimos, Rui sai do Ceará e vai para a Bahia também porque as oportunidades eram melhores e onde a efervescência intelectual e os debates de esquerada eram maiores. Em 1935, a faculdade tinha uns quarenta jovens comunistas, militantes que se reuniam diariamente. Já no ano de 1936, depois do movimento de 35, isso diminuiu bastante. Havia uma ascensão do integralismo.

E os comunistas de Salvador seriam exportados para o Brasil tranformando-se em figuras proeminentes do Partido no plano nacional. Em 1932, Armênio recém-ingresso no PCB, foi à primeira reunião de uma célula estudantil, em Salvador, onde Carlos Marighella era o instrutor da turma. Juntamente ao Rui e a Julia, foi seu primeiro encontro com o controverso comunista, à época, codinome Estanislau, que virou líder guerrilheiro. Instrutor era o dirigente que transmitia a linha do partido, definindo tarefas e responsabilidades, e fazendo a conexão da célula ao conjunto da organização. Na época Marighella já era uma legenda na Bahia.

‡

Rui casou com Julia Guedes e com ela teve um filho, Paulo, que casou com a italiana Giusepina e teve Júlio e Helena, formada em Direito pela Universidade de São Paulo e que nunca conheceram o avô. E a família de Rui, em Beberibe, nunca chegou a conhecer Julia que morreu em Moscou, de câncer.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 165 3/1/2014 00:56:47

Julia, a companheira militante, inspirou um poeta Rui, acidental, para lá de bissexto. O poema Amor Distante foi publicado no dia 2 de setembro de 1945, na página 10 da *Tribuna Popular*, o jornal do Partido — uma verdadeira licença poética deste.

AMOR DISTANTE
Para Julia

Os trabalhadores venceram
e eu me lembrei de ti:
— Ela também está alegre
com a vitória dos trabalhadores.

Prestes falou
e eu me lembrei de ti:
— Ela também está ouvindo
a palavra do povo brasileiro.

O Partido se instalou
e eu me lembrei de ti:
— Ela sabe que eu estou assistindo
à instalação do novo Partido.

A URSS declarou guerra ao Japão
e eu me lembrei de ti:
— Ela também está olhando
o nascer da aurora no Extremo Oriente.

Veio a paz total para o mundo
e eu me lembrei de ti:

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 166 3/1/2014 00:56:47

— Ela também está sentido
a carícia das asas da paz total sobre o mundo.

Olhei o mar e o sol da Guanabara
e eu me lembrei de ti:
— Ela também se lembrará de mim
quando vir o mar e o sol da Bahia.

Rio, 14 de agosto de 1945
Rui Facó

— Nós só conhecíamos Julia por meio de cartas, ela nunca veio ao Ceará, lembra Ana Facó. "Agora, escrevia cartas tão entusiasmadas, ela dizia: 'vocês não imaginam o homem que é esse irmão de vocês'. Ela escrevia coisas lindas."

Julia se correspondia principalmente com Ana, mais expansiva, mas cosmopolita, influenciada pelas leituras das revistas de atualidades. "Eu era a mais metida com os livros."

— Todas as cartas de Julia tinham elogios maravilhosos a Rui.

E, na correspondência, Rui sempre mandava muitas fotos, dele e de Julia.

Paulo Facó, filho de Rui Facó, morreu em São Paulo em 2001.

Rui concluiu a faculdade em 1937, escrevia para vários jornais, partidários, engajados, mas ganhava o pão na redação dos *Diários Associados*, do polêmico Assis Chateaubriand. Seus textos eram, preferencialmente, sobre questões sociais, eventualmente, factuais e mais esporadicamente alguma crítica literária, hábito que veio a enfatizar nos anos 1950.

Na Faculdade de Direito, então particular e a única na Bahia

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 167 3/1/2014 00:56:47

— na verdade, era uma fundação organizada pelo professor Bernardino de Souza, advogado sergipano que também reativou o Instituto Histórico e Geográfico da Bahia — conviviam as células que discutiam as questões estudantis e as questões do partido. Problemas nacionais, como a entrada do Brasil na guerra, problemas do estado, problemas internacionais também eram discutidos. A célula de João Falcão funcinava na Faculdade de Direito.

Um período de grande movimentação das células foi, justamente, quando o Brasil entrou na guerra, pois o PCB aprovava esta medida. Houve uma mobilização de jovens e de massas para apoiar a política do governo, quando este rompeu com o Eixo, não porque fossem governistas, mas o mais importante, na ocasião, era a luta contra o nazifascismo.

"Entrei na faculdade numa reação ao Estado Novo", lembra João da Costa Falcão. Ele participava da campanha do paraibano José Américo de Almeida, pré-candidato à Presidência da República. O outro candidato era de São Paulo, Armando de Sales Oliveira, que se apresentava como oposição.

José Américo de Almeida deveria ser apoiado por Getúlio Vargas para as eleições de 1938 — na verdade, Getúlio esvaziou esta candidatura. As eleições não aconteceram, porque Getúlio deu o golpe em 10 de novembro de 1937, iniciando a ditadura do Estado Novo.

Getúlio alegou o perigo comunista denunciando "a ameaça" representada no Plano Cohen, uma peça fraudada pela contrainformação.

O Plano Cohen, lembra João Falcão, "era um documento falso que dizia que os comunistas iam tomar o poder e tinha uma relação de pessoas que eles iriam fuzilar. Tudo mentira. Esse plano foi preparado pelo Olímpio Mourão, o mesmo que teve participação no início do golpe de 1964, que era integralista e ficou encarregado de fazer um

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 168 3/1/2014 00:56:47

Flagrantes do PLENO DA VITÓRIA

Reportagem de RUI FACÓ e RUI SANTOS

Tribuna POPULAR

Com o fim do Estado Novo, Prestes foi anistiado, elegendo-se Senador. Foi Senador de 1946 a 1948. Acima, reportagem do jornal *Tribuna Popular*, assinada por Rui Facó e pelo fotógrafo e cineasta Rui Santos, em 19 de agosto de 1945.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 169 3/1/2014 00:56:51

Contrário o Povo Brasileiro à Cessão De Bases Militares Aos Estados Unidos

Tem o caráter de insolência e chantagem a pressão exercida sôbre o governo para arrancar concessões incompatíveis com os nossos brios e as tradições nacionais

(Leia na última página)

OCEANO ATLÂNTICO

CEARÁ

R.G.NORTE

PARAÍBA

Recife

PERNAMBUCO

ALAGOAS

BAHIA

SERGIPE

TERRITÓRIO DE FERNANDO DE NORONHA

NEM FORTALECE A PAZ NEM A DEFESA NACIONAL

COM INDISFARÇAVEL preocupação as fôrças patrióticas acompanham o desenvolvimento das negociações, sempre mantidas em rigoroso sigilo, entre o govêrno brasileiro e o norte-americano para a instalação de bases de fogueiros teledirigidos em nosso território.

Todos os brasileiros honrados sentem os graves riscos que acarreta à soberania nacional qualquer concessão, sôbre qualquer título, de parte do sr. Kubitschek, às exigências dos Estados Unidos. Todos sabemos das restrições tenazes que os militaristas do Pentágono opõem à retirada de suas tropas das bases que ocupam no exterior. Temos nossa própria experiência: foi necessário poderosa campanha popular para que os EE. UU. retirassem seus soldados das bases que lhe cedemos durante a guerra. E estávamos, então, num período em que a política da «guerra fria» estava, apenas, seus primeiros passos.

Além disso, a instalação de bases para controle de armas modernas e extremamente agressivas, como as dos teleguiados, coloca do território e território brasileiro como objetivo de ataque num conflito de largas proporções em que se empenhem os Estados Unidos.

Finalmente, não se pode desprezar o fato, constante na história de diversos povos, de que o país que cede parte de seu território para a instalação de fôrças militares estrangeiras expõe-se, sempre, a uma ingerência política cada vez maior de país ocupante em seus assuntos internos. A pretexto de manter a segurança de suas instalações e de seus soldados, os Estados Unidos terão, cada vez mais, razões para se nomear cada, mais um pretexto para fortalecer as pressões que exercem sôbre o govêrno brasileiro, para arrastá-lo a uma política de guerra e continuas concessões aos monopólios norte-americanos.

E' com semelhante situação de graves preocupações para o nosso povo que o sr. Juscelino Kubitschek pronuncia o discurso aos alunos da Escola Superior de Guerra, discurso que pretende justificar concessões completamente incompatíveis com os aspirações de nosso povo. Afirmações do Presidente da República como as de que o país está preparando, juntamente com os Estados Unidos, seu sistema de defesa tendo em vista — é o único fato que cita relativo à situação internacional — as consequências práticas que podem resultar de um conflito que transborde dos limites estritos da Hungria, mostram não somente o sentido desta pressão norte-americana para a cessão de bases brasileiras, mas também a posição equívoca do Chefe do Govêrno diante de questões que dizem respeito à vida e ao futuro de nosso povo.

Evidentemente, a situação criada pela contra-revolução já ensanguentada na Hungria só poderia ultrapassar nossa ameaça à paz mundial se as potências imperialistas, como os EE. UU., pretendem vir utilizá-la como ocasião de uma carnificina mundial. O Brasil jamais poderia, como o quer o Sr. Kubitschek, cooperar política ou militarmente com os que alimentam êstes planos infames.

O povo brasileiro não concorda nem concordará jamais em que, servindo-se de conhecidos chavões há muito empregados pelo sr. João Neves da Fontoura para justificar a política entreguista que trouxe ao Itamarati, o atual govêrno volte às cegas aos compromissos que assumiu como candidato para realizar a orientação sempre advogada pelo bando golpista. Esta política, sem dúvida a par com lesivos à segurança nacional.

VOZ OPERÁRIA

Nº 397 — RIO DE JANEIRO, 22 DE DEZEMBRO DE 1956

NESTA EDIÇÃO

BOLETIM DE DEBATES

ARTIGOS DE:

- Hoi Fioló — Os Debates e o Papel de VOZ OPERÁRIA
- Luis Berges — O Trabalho Cultural Sob Influência do Culto à Personalidade
- Carlos Rogério Garcia — O Culto à Personalidade na URSS e no Brasil
- José Navarro — O Mandonismo e o Subjetivismo
- Marcos Silveira — A Relação Entre o Culto e Nossos Métodos de Trabalho

Primeira página do jornal *Voz Operária* de 22 de dezembro de 1956, número 397. Ao lado, detalhe do expediente do jornal em edição de 3 de dezembro de 1949.

VOZ OPERÁRIA

ANO I — Rio, 3 de dezembro de 1949 — N.º 28

Diretor Responsável:
Waldyr Duarte

Redação e Administração:
AV. RIO BRANCO 257
11.º and — Sala (711-17)

ASSINATURAS:

Anual	Cr$ 30,00
Semestral	Cr$ 15,00
Número avulso	Cr$ 0,50
Atrasado	Cr$ 1,00
Rio de Janeiro - Brasil	D.F

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 170 3/1/2014 00:56:54

plano preventivo no caso dos comunistas tomarem o poder".

Há controvérsia sobre isso. Embora tenha participado ativamente do golpe de 1964 sobrevive a tese de que Mourão foi injustamente ligado ao Plano Cohen.

Falcão lembra que aquele "era um plano preventivo de defesa da ação integralista. Esse documento foi parar na mão de Góes Monteiro, que era chefe do Estado Maior das Forças Armadas, que levou o plano ao general Eurico Gaspar Dutra (então ministro da Guerra), e os dois resolveram transformar o documento como se fosse dos comunistas. E os jornais publicaram assim. Gerou um pânico na sociedade.

"Os comunistas apoiavam a candidatura do José Américo. Assim configuraram a candidatura como um perigo ao País. Aí deram o golpe e o Congresso apoiou. Decretaram o Estado de Emergência. O Congresso conferiu poderes ao presidente a fazer prisões sem justificativa. Começaram a prender os comunistas. Queriam prender o governador do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, que teve que fugir para o Uruguai. Instalaram assim o Estado Novo."

Nessa conjuntura de ebulição, havia muita discrição nas células comunistas, pois não era conveniente uns saberem dos outros, devido à clandestinidade. Havia um certo perigo iminente. As células eram compostas de quatro a cinco elementos e podiam ter várias em uma mesma faculdade, para não chamar a atenção, já que não eram estimuladas reuniões em que fosse visto qualquer aglomerado de estudantes.

Só para dar um exemplo do grau de discrição e clandestinidade. Em princípio João Falcão nem sabia que Facó e Julia eram comunistas. Ninguém sabia quem era quem. Podiam até imaginar, mas era conveniente não ter a certeza.

O jornalista João da Costa Falcão, fundador do *Jornal da Bahia,* em 1958, e que revolucionou as técnicas de redação da imprensa baia-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 171 3/1/2014 00:56:54

na, ao introduzir nas suas matérias o conceito do *lead* e *sublead*, ou pirâmide invertida — foi militante do PCB e sempre esteve envolvido com questões que ligavam militância e imprensa.

Falcão costumava encontrar Rui na casa de Julia, já que ambos frequentavam muito a casa dos Guedes — família de comunistas ou simpatizantes —, e isso incluía a mãe de Julia, Dona Sinhá Guedes, Adorzinda. "Julia era magra, morena, simpática. Muito comunicativa", lembra João Falcão. Ele formava um trio inseparável com Armênio Guedes e Célio Guedes, este torturado e morto em 1964 em situação ainda controversa quanto à descoberta do seu paradeiro já que estava em local de refúgio.

Em 1938, Falcão filiou-se ao PCB pelas mãos de Diógenes de Arruda Câmara, na época, estudante de Agronomia.

Uma de suas primeiras ações na imprensa foi a criação da revista *Seiva*. Lançada por determinação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em dezembro de 1938, em pleno Estado Novo, trata-se de uma iniciativa genuinamente baiana. Esta foi a primeira revista do PCB e teve em João da Costa Falcão seu principal editor. A revista era censurada pelo poderoso DIP — Departamento de Imprensa e Propaganda.

Rui Facó participou como colaborador da Revista, escrevendo sobre sociologia, questões sociais e um dos seus temas preferidos, conflitos e desigualdades no campo e reforma agrária.

A revista *Seiva* era dirigida por quatro estudantes, sendo que somente Falcão era ligado ao PCB. Era ele quem fazia os contatos com os dirigentes. Os diretores eram Virgildal Sena, Eduardo da Silva Guimarães e Emo Duarte além de Falcão. Os outros nomes chegaram no entusiasmo pela atuação em uma revista.

A *Seiva* imprimia, por edição, cerca de 1.500 exemplares, que circulavam em todo o estado da Bahia. Com uma rede de correspondentes em vários estados, era distribuída por assinatura nacionalmente.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 172 3/1/2014 00:56:54

Teve sustentabilidade financeira durante seus cinco anos de vida, muito devido ao fato de João Falcão ter uma boa relação com o comércio e conseguir publicidade.

"Até 1939, era impressa na Tipografia Renascença, da família de Moema Gramacho. Era uma gráfica comum, mas eram simpatizantes do Partido Comunista. O velho Gramacho e os filhos Delô e Descartes. Alguns netos da família trabalharam posteriormente no Jornal da Bahia", conta João. "Depois dessa fase, em 1940, eu inventei de fundar uma gráfica, para a revista, material do partido e comercial também".

Nos fins de 1939, surge uma sociedade comercial proprietária da Gráfica Modelo, com capital próprio e razão social de Nogueira & Falcão Ltda., registrada na Junta Comercial e sediada na Cidade Baixa, em Salvador, que passou a imprimir a revista *Seiva*.

Os colaboradores vinham através do partido. Um dos colaboradores, por exemplo, foi Carlos Lacerda que usava pseudônimos.

A revista funcionou até julho de 1943, quando, por ordem do então Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, mandou fechar a revista e prender os seus componentes. O motivo foi a publicação de uma reportagem com o General Manoel Rabelo, membro do Supremo Tribunal Militar, homem de muito prestígio dos americanos e do presidente. O general fez uma crítica contundente à orientação do Exército na luta contra o fascismo. Ele estava criticando a participação do Brasil na guerra.

Como o Ministro da Guerra não o pôde punir fechou a revista e prendeu os diretores (João da Costa Falcão, Wilson Falcão — irmão dele, e o então repórter Jacob Gorender), acusando-os de terem publicado uma matéria apócrifa, mentirosa. Gorender — filho de Nathan Gorender, judeu ucraniano socialista e antisionista —, nasceu em 20 de janeiro de 1923, em Salvador, e tornou-se um dos mais importantes

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 173 3/1/2014 00:56:54

historiadores brasileiros, dono de uma visão crítica e orginal.

Eles foram libertados depois que a delegação baiana, em um congresso da União Nacional dos Estudantes — UNE, pautou essa questão e o chefe de delegação, Fernando Santana, que depois viria a ser deputado federal em 1958 e na redemocratização, junto a um representante da UNE procuraram o presidente Vargas, levando uma carta do General Rabelo confirmando a entrevista e reivindicando o não processo pelo Tribunal de Segurança Nacional.

Mesmo com a libertação, a revista foi proibida de circular.

Apesar da *Seiva* ser legal perante o governo, depois do episódio da proibição o Partido optou por não a continuar até mesmo como publicação clandestina. A *Voz Operária* já tinha surgido como o jornal da Central do Partido e já era ilegal.

Falcão, devido à arraigada militância, teve que se exilar no período de janeiro a junho de 1941, porque estava sendo procurado pela polícia.

João Falcão morreu aos 92 anos de idade, no dia 27 de julho de 2011, em Salvador, na Bahia. O velho comunista, ex-segurança e motorista de Luís Carlos Prestes, escreveu o livro *O Partido Comunista que eu conheci* e também preparou uma biografia de Prestes.

No ensaio *Comunistas, Cultura e Intelectuais entre os anos de 1940 e 1950,* Augusto Buonicore, historiador, destaca que

> [...] a principal publicação comunista a circular no final do Estado Novo foi *A Continental,* dirigida por Armênio Guedes e na qual colaboravam Milton Cayres de Brito, Rui Facó, Mário Alves, Maurício Grabois, Edison Carneiro entre outros. Depois de 1943 ela passou a ser o porta-voz oficioso da Comissão Nacional de Organização Provisória do Partido Comunista, defendendo sua política de 'união nacional' e de 'pacificação da família brasileira'. Mesmo assim, ela acabou sendo proibida de circular em 1944,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 174 3/1/2014 00:56:54

na última grande investida repressiva do Estado Novo contra o PCB.

O estudo de Buonicore faz um detalhado relato das publicações comunistas no recorte temporal proposto no título.

‡

A Era Vargas — 1930 a 1945 — teve uma relação direta com os comunistas. Muito mais de repressão e uma rápida abertura. Getúlio Vargas chega à presidência da República com a Revolução de 1930 — nome que se deu à derrubada de Washington Luís, à consequente "cassação" do presidente eleito, Júlio Prestes, e à ascensão de Getúlio, o líder inconteste do movimento. Ele leva o prêmio natural por ter se destacado como líder dentro do movimento que impediu a posse do paulista Júlio Prestes, seu oponente, que o derrotou nas urnas com o apoio do presidente Washington Luís. O presidente Luís, na iminência de passar o cargo a Prestes, é deposto. A oposição, denominada Aliança Liberal, rechaça com veemência os resultados das urnas: um total de 1.890.524 votos apurados. O argumento para o golpe foi o de que a eleição teria sido fraudada, isto é, o Governo Federal usou a máquina, suborno e corrupção na boca da urna para eleger Prestes. Vargas lançara um documento denunciando fraudes praticadas pelas mesas eleitorais sob o amparo da legislação eleitotal. Além disso, os líderes do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais estavam ressentidos pelo fato de o paulista Washington Luís querer colocar outro paulista no governo, Júlio Prestes. Teria que haver revezamento.

O processo eleitoral era frágil e vulnerável. A manipulação na contagem de votos, o argumento da correção e do revezamento de grupos políticos regionais no poder serviram de argumento para o

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 175 3/1/2014 00:56:54

golpe, no arremedo de democracia da época.

A 3 de novembro, Getúlio recebe o poder de uma junta militar provisória que governa o Rio de Janeiro por dez dias. Aos olhos do Partido Comunista tudo não passava de uma revolução burguesa. E a ameaça bolchevique passou a ser um fantasma que preocupava, constantemente, a nova estrutura de poder. O governo, que seria provisório, vai ficando, ficando. Vargas institucionaliza a figura do interventor federal em nível estadual, ligado diretamente ao Presidente. E passa, também, a decidir não apenas na esfera do Executivo, mas na do Legislativo. Cresciam as pressões para a convocação de eleições dentro do bloco de apoio revolucionário. Vargas, ao contrário, encorajava os vários grupos dos seus aliados de 1930 a pleitearem, divergirem e organizarem-se. Um caos supostamente organizado.

A partir de 1934, com um novo desenho constitucional, cresce no Brasil um movimento de frente popular, a Aliança Nacional Libertadora — ANL, umbilicalmente ligada ao Partido Comunista, liderada por Luís Carlos Prestes. Eram bandeiras da ANL o cancelamento da dívida externa — "imperialistas", a nacionalização das empresas estrangeiras e a liquidação dos latifúndios.

Existia um clima de radicalização tanto na esquerda quanto na direita do integralista Plínio Salgado, que se inspirava no fascismo europeu — ambos altamente ideologizados.

Um dos *slogans* da esquerda que estimulam um golpe dentro do golpe era "Abaixo o Governo odioso de Vargas! Abaixo o fascismo. Por um governo popular nacional revolucionário. Todo poder à Aliança Nacional Libertadora!"

Com a radicalização das disputas e polêmicas entre seus inimigos, o governo Vargas fica cada vez mais forte. Sem dúvida, o maquiavélico Vargas estimulara tanto a esquerda quanto a direita a assumirem posições radicais criando, assim, as condições objetivas

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 176 3/1/2014 00:56:54

para seu novo golpe, em planejamento.

A 13 de julho de 1935, a polícia fecha a ANL, a esquerda é empurrada para a ilegalidade. Com rebeliões de militares comunistas no final de 1935, Vargas tinha, finalmente, provas de conspiração armada da esquerda e de sua ameaça à segurança nacional. Em dezembro, Vargas consegue carta branca do Congresso para praticar atos policiais impiedosos contra a esquerda e, a 5 março de 1936, Luís Carlos Prestes, que conseguira se esconder até ali — junto a mulher, Olga Benário —, é preso. A ditadura Vargas entrega Olga à Alemanha nazista, em setembro, e ali, depois, ela foi executada numa câmara de gás, como milhares de judeus. Inicialmente, destacada como guarda-costa de Luís Carlos Prestes, Olga tornou-se sua companheira, e com ele teve uma filha, Anita Leocádia Prestes.

A repressão era intensa. O golpe vem na madrugada de 10 de novembro de 1937. Vargas fecha o Congresso e travou o sistema político. O Estado é o ser supremo, os partidos políticos não intervêm na política e o Legislativo perde suas funções. O poder era Vargas — funda-se o Estado Novo. Todos os grupos políticos de algum relevo foram pulverizados pela polícia e as Forças Armadas.

Depois, Luís Carlos Prestes avaliou que os comunistas superestimaram o potencial revolucionário em 1935.

— Nosso erro não foi empunharmos armas, mas não termos conseguido ampliar a frente, a União Nacional, em não termos conseguido desmascarar, por completo, a propaganda fascista, afirmou Prestes em 1945.

No Estado Novo, Prestes continua confinado na cadeia e um Tribunal de Segurança Nacional o condena a 48 anos de prisão.

Em 1945, os comunistas apoiaram Getúlio. Termina o Estado Novo, Prestes sai da prisão na anista ampla concedida pelo governo. O Partido Comunista é legalizado e endossa a solução "Constituinte

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 177 3/1/2014 00:56:54

com Getúlio".

Mais tarde, Prestes desmente que tenha sido anistiado em 1945 por força de um acordo com Vargas — a versão dos jornais da época.

— O que houve, e isto é uma posição de princípios para os comunistas, é que o Brasil naquele momento estava em guerra contra o nazismo e o governo de Vagas havia rompido relações com a Alemanha nazista, colocando o Brasil ao lado das nações que lutavam contra o nazismo.

O Secretário de Segurança do interventor de Vargas na Bahia, Juracy Magalhães, era o então capitão João Facó, tio do Rui, irmão de Antonieta.

‡

Armênio, Rui e Julia conhecem-se em 1936, em Salvador. Eram colegas na Faculdade de Direito e companheiros de partido. Militavam juntos como integrantes de um grande grupo de comunistas na faculdade, então o maior núcleo do partido na Bahia e, assim, um centro de ideias em ebulição, de teorias revolucionárias e de fermentação de novos quadros. Existiam outras células na Medicina na Engenharia.

Além deles, também faziam parte do grupo comunista o Edison Carneiro, antropólogo importante, e Clóvis Amorim, dentre outros. Um grupo de intelectuais de esquerda que se via quase todos os dias.

Clóvis Amorim fora um dos integrantes da Academia dos Rebeldes, criada em 1927 pelo jornalista e poeta Pinheiro da Veiga, grupo literário do qual Edison Carneiro também fazia parte ao lado do jovem Jorge Amado, Guilherme Dias Gomes, João Cordeiro, Alves Ribeiro, Aydano do Couto Ferraz, Emanuel Assemany, Sosígenes Costa e Walter da Silveira. Todos, comunistas. Jorge Amado, mais tarde, conviveria com Rui no Rio de Janeiro e, rapidamente, em Praga.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 178 3/1/2014 00:56:54

Um outro intelectual do grupo era Dias da Costa. Na época da Faculdade, eles se reuniam no Bahia Bar.

— A Faculdade só funcionava de manhã e, à tarde, a umas cinco horas, a gente sempre se encontrava no Bahia Bar. Aquele grupo todo dia, tinha uns que chegavam três horas, entre quatro até seis horas, era um ritual, seis horas saía, cada um pegava o seu bonde e ia para casa. A gente discutia muito, era mais literatura. Tinha muita polêmica entre os mais inflamados, tinha gente que não era do partido, outros que eram, mas todos eram muito de esquerda. Alguns faziam críticas em relação ao problema da democracia na União Soviética.

A efervescência intelectual e a atividade de esquerda era gasolina no palheiro.

— Foi nesse ambiente que eu conheci o Rui, o partido estava se articulando, o Juracy tinha uma posição boa em relação ao combate ao integralismo, então isso facilitava um pouco a nossa vida na legalidade, conta Armênio Guedes.

Naquela conjuntura, como vimos, a Bahia oferecia mais facilidade para o trabalho na legalidade do que em outros estados. Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo eram muito violentos.

Rui Facó, logo que chegou na Bahia, passou a conciliar a militância com a atividade jornalística — uma militância muito ligada ao jornalismo. No jornalismo, a príncipio, não profissionalmente, mas logo começou prover-se a partir de um emprego formal em jornais dos *Diários Associados*, primeiro no *O Estado da Bahia* (era o jornal de prestígio da época, com pendores de esquerda, ainda mais porque tinha uma grande quantidade de comunistas nos seus quadros). O primeiro contato de Rui com a produção profissional do jornalismo acontecera em Fortaleza, no jornal *Folha do Povo*.

Mas os primeiros dias na nova cidade não foram fáceis. Rui vivia muito pobremente, dieta franciscana, dinheiro minguado. Mo-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 179 3/1/2014 00:56:54

rava na Rua do Bispo, numa pensão de estudantes, onde convivia com muitos estudantes cearenses, principalmente de medicina. Era uma colônia grande, já à época o Pará e a Bahia rivalizavam em termos de qualidade de ensino. O grosso dos alunos ia mesmo para a Bahia porque as faculdades tinham maior reputação — Medicina e anexos, Odontologia e Farmácia. E ainda Direito e Politécnicas, onde estavam as engenharias Civil, Elétrica, Mecânica.

Chegou com algum dinheiro e recebia uma ajuda regular da família até ingressar nos Associados. A vida, antigamente, era mais barata. Ninguém tinha seu próprio automóvel. O guarda-roupa de Rui era franciscano e ali se destacavam dois ternos de roupa. O consumo era pouco, alguma coisa a mais na vida cultural, mesmo que as ofertas fossem muito limitadas. Também, aquela Salvador sequer teatro tinha, somente cinema. Concerto musical era uma coisa rara.

Como Armênio, Rui também começou a se interessar pelo partido ainda no Ginásio, um em Salvador, outro em Fortaleza. Ambos ingressaram na faculdade em 1935, nas suas respectivas cidades. Juntos, ganharam as eleições, em 1936, da Associação Universitária da Bahia — AUB, e passaram a trabalhar no jornal da instituição. Alves Ribeiro também era um outro intelectual baiano, inteligente, crítico.

O Golpe de 1937 leva Rui Facó e muitos outros comunistas da Bahia e do Brasil inteiro para a cadeia. Na prisão Rui estreita a amizade com Diógenes de Arruda Câmara, também do grupo, estudante pernambucano da família Arruda Câmara, famosa já no século XIX principalmente por ter biólogos entre os seus. O Padre Arruda Câmara também foi preso com Facó.

Em uma entrevista aos jornalistas Iza Freaza e Albino Castro, em Roma, em junho de 1979, Diógenes de Arruda relata que a prisão era um forte colonial na Bahia. Diógenes dividia cela com Rui, Nestor Duarte, Aliomar Baleeiro e com "um gaúcho que havia participado

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 180 3/1/2014 00:56:54

da Coluna, chamava-se Sibélio, um professor da escola de agronomia chamado Wagner Cabral e uns líderes sindicais". Ele conta que, certo dia, receberam a visita do novo comandante do Batalhão de Caçadores, o chefe de polícia e o delegado de Ordem Política e Social.

Ele conta:

> Mandaram todos os presos políticos formarem e, um deles, não me recordo se era o comandante do batalhão de caçadores, fez uma pregação e disse que por baixo daquela farda tinha o que mais orgulhava ele, que era uma camisa verde [integralista]. E disse: Bem, todos os que são comunistas dêem um passo à frente, porque alguns vão para um campo de concentração no Mato Grosso e outros vão ser fuzilados. Então, nós nos olhamos, e resolvemos, quando ele disse dê um passo à frente, todos darmos um passo à frente. E respondemos: Pior é na guerra. O homem ficou tão desmoralizado que deu meia volta volver e desapareceu [risos].

Sobre Rui, em especial, Diógenes de Arruda diz: "Rui Facó era meu amigo, era um jornalista brilhante."

Na prisão, os laços estreitavam-se e a ideologia comunista ganhava mais força. Esperança e utopia potencializavam o ideal de Estado na cabeça daqueles jovens.

Do outro lado, o sentimento anticomunista também consolidava-se, como podemos ver, anos depois, no pensamento do Marechal Odylio Denys, figura importante em muitos momentos da História da República.

O pensamento militar, linha dura, da época é bem representado pelo marechal Odylio Denys, que considerava o comunismo o mal do século.

— Num país democrático, em qualquer parte do mundo, quem está no poder, além de ter que se defender dos democratas que estão em

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 181 3/1/2014 00:56:55

oposição e que querem, naturalmente, subir e tomar o poder, terá que estar atento aos manejos dos comunistas, que trabalham para mudar o regime e, consequentemente, acabar com os partidos democráticos.

Comunista comia criancinha, um senso comum que era a tradução do pensamento militar linha dura do marechal. Eles mereciam ser exterminados pois representavam uma ameaça à democracia.

— Quem se coloca contra o comunismo, tem que estar sempre atento com a guerra interna revolucionária, provocada e alimentada pela Rússia para perturbar e dominar por intermédio das suas filiais, as quintas-colunas, que têm em todos os países.

Diz o marechal:

— O Partido Comunista trabalha de modo constante para assumir o poder, utilizando todos os meios para desacreditar os homens públicos e abalar seu governo. [...] Sempre acompanhei a marcha do comunismo, que no Brasil começou a aparecer de modo já inquietante no fim da década de 1920. Depois, foi num crescendo até 1935, quando elementos militares atrevidos e dispostos tentaram tomar o poder e foram dominados pelas forças fiéis ao governo.

O primor do pensamento ultraconservador traduz-se na sua opinião sobre as ações do general golpista Augusto Pinochet. "O Chile é que está sabendo tratá-los como merecem."

Preso, Rui Facó consolida ainda mais suas convicções principalmente por não ver legitimidade na ação policial e na repressão ostensiva aos comunistas. No entanto, não há nele um sentimento de revolta, raiva ou rancor.

Armênio Guedes formou-se em Direito na Bahia, em 1940, e um anos depois, em 1941, mudou-se para São Paulo. Só em 1943 é que Rui chega ao Rio, então já casado com Julia, um ano antes, depois de um namoro à antiga, "não era namoro como hoje não." De certo modo Armênio foi o promotor do namoro dos dois. Por afinidade de ideias e

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 182 3/1/2014 00:56:55

pela densidade intelectual Armênio ficou tão amigo do Rui, encontros tão frequentes e uma convivência cada vez mais estreita, tanto devido à faculdade, mas principalmente pela militância. Isso fez com que Rui encontrasse Julia muito mais que regularmante.

Lembra Armênio:

— Nós fizemos algumas revistas. Eu era mais militante comunista, ele era mais intelectual, mas também militante comunista e jornalista. Ele era muito ligado com os intelectuais baianos como um psicanalista, Isaías Paim, ele ajudou muito o Paim a fazer a revista *Flama*.

Rui escreveu e trabalhou na *Flama*, depois escreveu para a *Seiva*, mesmo em situações diferentes, ele estava sempre fazendo qualquer coisa em imprensa. O Rui era um excelente repórter, reforça Armênio.

Ele trabalhou — e Armênio também, só que este saiu antes — no jornal *O Estado da Bahia,* de 1936 a 1943. Os Diários Associados tinham dois jornais na Bahia, primeiro *O Estado da Bahia*, depois compraram outro velho jornal baiano, o *Diário de Notícia*.

Diferentemente de Rui, Armêmio tinha formação de tipógrafo. Sabia usar um componedor — base na qual se compunha o texto, tipo por tipo, uma trabalho manual ao estilo Gutemberg —, andava com desenvoltura nas oficinas da gráfica. Coisa mais para artesão.

Rui não tinha ou não queria esse talento.

— A primeira revista que eu fiz foi a revista *Seiva*. Era da época de Gutemberg, os tipos eram manuais. Levava dois meses para fazer esse negócio de revista.

— Prefiro ficar por aqui mesmo, retrucava Rui sobre sua preferência pela redação.

— Ora, Rui, todo bom comunista deve dominar o processo das oficinas, brincava Armênio, com a vontade de induzi-lo a tanto.

Armênio Guedes foi um grande amigo de Rui. Em junho de

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 183 3/1/2014 00:56:55

2003, no seu apartamento da Rua Aracaju, no Pacaembu, São Paulo, ele fez e serviu um café expresso produzido, na sua cafeteira amiga enquanto conversa por mais de três horas sobre Rui. Em seguida, saiu para um mais um expediente à tarde na sede do jornal *Gazeta Mercantil*, onde trabalhava. O jornal deixou de circular anos depois. Nascido no dia 30 de maio de 1918, ele era dois anos mais novo que Julia, nascida em 1916. Aos 86 anos, Armênio é um respeitado jornalista, simples, memória e forma física em perfeita ordem, a despeito do tempo.

Em 2009, Armênio Guedes foi presença luminosa no evento de abertura do XVI Congresso do PPS, no Rio de Janeiro, evento que reúne velhos e novos comunistas. Saudado e homenageado agora como presidente de honra da Fundação Astrojildo Pereira. O PPS é o sucedâneo do velho PCB e abriga comunistas históricos a exemplo do seu desafeto PCdoB, outro ramo do Partidão que, igualmente, disputa a honra da sucessão direta.

Naqueles anos de clandestinadade, em que todos os registros tinham que ser feitos no Departamento de Imprensa e Propaganda — DIP, do governo, uma estratégia que o Partido adotava era registrar vários títulos de jornais e revistas, de modo que, quando um era fechado ou sabotado, logo outro era lançado, sem descontinuidade.

Para fazer um registro lá, tinha-se que levar um atestado de idoneidade. E o Rui sempre militando na imprensa profissional como articulista, como especialista mesmo, fazia tudo: notícia, artigo, ensaio, editorial, reportagem.

‡

Armênio migrou de Salvador para São São Paulo ao lado de Diógenes de Arruda que havia sido preso, e o partido tinha sido quase

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 184 3/1/2014 00:56:55

totalmente destruído. Na verdade, trata-se de uma saída estratégica porque ir para São Paulo era mais seguro que ir para o Rio — naquele estado havia sido preservado um núcleo do Partido.

— Quando o Arruda saiu da cadeia, eu me desliguei do jornal e vim correndo para ver se a gente reorganizava os contatos e começava a reestruturar a direção nacional do PC, que era nossa grande ambição, mas quando chegamos em São Paulo tinha caído de novo a direção do partido aqui.

O PC estava em conflito interno, a direção tinha caído, mas também um conflito que tinha surgido de um grupo trotskista, muito famoso. Em 1937, 1939, 1940, eles tiveram muita influência, desagregaram um pouco o partido, mas tinha caído mesmo pela repressão policial. A direção tinha conseguido ficar aqui em São Paulo por algum tempo, mas no começo de 1941 teve uma repressão muito grande, estavam querendo se aliar ao eixo achando que o eixo ia vencer a Guerra.

— Em São Paulo, nós tivemos ligação com jornalistas baianos que eram irmãos de um companheiro do partido na Bahia, Milton Cayres de Brito, que foi da direção nacional do partido, e foi também deputado em 1946. O Milton tinha um irmão que era jornalista, Nabor Cayres de Brito, muito bem relacionado e era do partido, conhecia todo mundo. Primeiro nós fomos para Campinas fazer uma cobertura. O Arruda era agrônomo e foi fazer estágio no Instituto Agronômico de Campinas, então nós acabamos morando lá: eu, ele, a mulher dele que era minha prima.

O grupo estabeleceu-se em Campinas — era mais seguro — e vinha a São Paulo somente para coordenar algumas coisas do Partido, até quando se deu a invasão da União Soviética e aí todos se mudaram para São Paulo, onde começaram a trabalhar. Depois, se mudaram para o Rio.

No Rio já havia um grupo que estava reorganizando o partido

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 185 3/1/2014 00:56:55

que era o Comitê Nacional de Organização Provisória (CNOP) e que resultou na Conferência da Mantiqueira, a reunião do PCB durante a Guerra.

— Nós nos encarregamos de uma revista, a revista *Continental*, que circulou durante umas sete ou oito edições e chegou a tirar oito mil exemplares. Mandávamos para o Brasil inteiro. Montamos uma editora que editava livros. Editamos uma série de livros. Era a Editora Horizonte, na verdade, tínhamos duas editoras, a Horizonte até 1964, aí colocamos uma editora grande, mais importante. A Horizonte encampou a outra. A Editora Horizonte, no começo, era para editar folhetos, editamos um conto de Carlos Drummond de Andrade, editamos coisas que eram possíveis, alguns romances revolucionários, críticos. Trabalhei até o fim da Guerra; com o fim da Guerra trabalhei em organizações de massa, esse era o período que eu estava aqui e o Rui ficou lá em Salvador.

Nesse período de guerra, a comunicação por carta era apenas com a Julia e tudo ficava mais difícil porque Armênio e os outros comunistas estavam na ilegalidade.

— Só depois, em 1943, foi que eu comecei a trabalhar efetivamente em jornal, lembra.

Antes, Armênio trabalhou na influente agência de notícias *United Press International — UPI*. Depois, quando surgiu a *International News Service* foi para lá, brigado que estava com a *United Press* — eles não queriam que eu assumise o outro emprego. Depois trabalhou em um órgão criado durante a Guerra sob um convênio entre o Ministério da Saúde e o Instituto de Relações Interamericanas dos Estados Unidos, o Serviço Especial de Saúde Pública — SESP. Aqui, passou a produzir textos para jornal. Devido aos problemas graves de informacão sobre educação sanitária, ele produzia para o SESP textos explicativos, didá-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 186 3/1/2014 00:56:55

ticos, sobre o tema, para publicação em jornais de grande circulação. Armênio susbstiuiu Rubem Braga neste trabalho. "O Rubem Braga foi para umas férias, aí eu entrei no lugar dele", lembra. Ali, dividiu a posição de Rubem com o Moacir Werneck de Castro.

— Eu vim para o Rio em 1945. Eu me lembro que no golpe de 29 de outubro, quando o Getúlio foi deposto, nessa época eu era secretário particular do Prestes, morava com o Prestes —, conta Armênio. Ele trabalhou com Prestes durante três anos, de 1945 a 1947. Ao mesmo tempo, exercia funções no jornal do Partido, atuando como gráfico na montagem do jornal *Tribuna Popular*. Deixou os dois empregos e só voltou a trabalhar na imprensa depois da anistia, quando saiu do Partido, em 1983.

— Eu tive muita sorte, só fui preso por horas. Uma vez foi quando eu fazia a revista *Continental*: um dia o DIP invadiu a redação e prenderam-nos. Eu era o secretário da revista. Fecharam a revista, foi uma reação final do medo de Getúlio.

— Só depois da guerra, eu volto a encontrar o Rui. Aí, nós tivemos sempre uma vida muito paralela, de colaboração, até a ida dele para Moscou, em 1952.

— Ele vai, ele e o Wagner, depois o Ferraz. Era no período que a gente vivia clandestino, o Rui não, ele tinha uma atividade legal. Era uma clandestinidade um pouco forçada, nós devíamos ter enfrentado a luta pela legalidade e voltar aos tribunais, mas nós tínhamos certa tendência ao gueto, aquela coisa de achar que na clandestinidade tínhamos mais autenticidade. Ao contrário dos outros partidos que lutavam, iam para o tribunal, iam presos. Já nossa legalidade era só assim, era manter alguns órgãos legais que eram dirigidos por vários cargos clandestinos. E o Rui quando vem, depois da Guerra, já estava entrosado no esquema da imprensa no partido.

— O Rui trabalhava em que órgão?

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 187 3/1/2014 00:56:55

— Ele trabalhava na *Classe Operária* onde ele sempre colaborava. Depois do vigésimo congresso, a imprensa do partido mudou toda, eram jornais artificiais, nós tínhamos a imprensa popular no Rio, era perseguida pela polícia, de vez em quando o jornal tinha que trocar o nome porque a polícia suspendia — já tínhamos vários nomes registrados. No outro dia saíamos com outro nome. Por exemplo, o jornal *Tribuna Popular* foi suspenso, sai então como *Imprensa Popular*, aí suspendiam *Imprensa Popular* e a gente voltava com o *Tribuna Popular,* porque o perído de suspensão já tinha expirado, e assim íamos. *Voz Operária* era o *Classe Operária* inicialmente. A gente ficava nesse jogo, mas, na verdade, o Rui nunca esteve clandestino.

O Rui era funcionário do partido que trabalhava no jornal.

No dia 13 de maio de 1947, o jornal *Tribuna Popular* denuncia que a residência de Rui Facó foi violada pela polícia política a pretexto de ver em tall ou qual residência estariam funcionando células do partido. "A polícia está procurando agora criar um ambiente de pânico que permita ao grupo fascista do governo levar a cabo todos os seus objetivos antidemocráticos e antipatrióticos", enuncia o jornal.

Atuante e visível, com textos contundentes no jornal *Tribuna Popular* e intensa militância no Partido, Rui Facó era bem visado. Sua residência à Rua General Glicério, 400, apartamento 1202, no Rio de Janeiro, foi invadido pela polícia "depois de haverem quatro brutamontes tipo polícia-especial insistido, ante a senhora que os recebeu, de que precisavam a todo custo apurar a denúncia de que ali funcionava uma célula." Há uma semana o general Dutra jurara respeitar a Constituição que diz em seu artigo 141, parágrafo 15 que "a casa é o asilo inviolável do indivíduo."

Quando candidato à presidência da República Eurico Gaspar Dutra, ex-ministro da Guerra do governo de Getúlio Vargas, prometeu a legalidade para o Partido Comunista. Eleito, iniciou uma caça às

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 188 3/1/2014 00:56:55

bruxas, mandou o partido para a ilegalidade. Um acórdão do Tribunal Superior Eleitoral, em 1947, considerou o PCB fora da lei. Em 1948, rompeu relações com a União Soviética.

Rui, também, incursionou pelo cinema como um dos roteiristas do documentário brasileiro que mostra como se formou e cresceu o Partido Comunista do Brasil, "Vinte e quatro anos de lutas", cujo slogan é "Um grande filme para contar a história de um partido glorioso". Com direção do carioca e militante Ruy Santos, fotógrafo e cineasta, o filme, de 1946, teve roteiro assinado por Jorge Amado, Rui Facó e Astrojildo Pereira. O filme foi exibido pela primeira vez no dia 13 de outubro de 1946.

Astrojildo Pereira, dirigente nacional e fundador do Partido, diz que se trata de uma reconstituição documental das principais etapas da vida do Partido Comunista do Brasil, desde sua fundação em 1922 até a II Conferência em 1946.

Astrojildo lembra que o partido não nasceu por acaso, em 1922. Relata Astrojildo:

> Sua fundação foi uma decorrência natural das lutas do povo brasileiro. Logo depois da guerra, de 1918 a 1921, registraram-se grandes lutas, fortes movimentos operários em todo o país. Muitas greves e reivindicações. O Partido nasceu, assim, como uma necessidade sentida do proletariado para sua organização política. Deve ser mencionado, ainda, que esse foi um período, também, de muitas lutas na política interna, das quais sairiam os movimentos de 5 de julho. Está claro que essas lutas a que me refiro exprimiam as contradições que se iam acentuando entre a velha estrutura semifeudal dominante e as forças produtivos e progressistas.

Outro grande momento cinematográfico do PCB foi outro documentário de Ruy Santos sobre o comício de Luís Carlos Prestes quando cerca de oitenta mil pessoas lotaram o estádio do Pacaembu,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 189 3/1/2014 00:56:55

em São Paulo, no dia 15 de julho de 1945. Era o segundo discurso público de Prestes após nove anos de prisão durante o governo de Getúlio Vargas. O poeta Pablo Neruda, senador pelo Partido Comunista chileno, foi presença no comício.

Em 1952, Rui Facó vai para Moscou com toda a família, inclusive com seu filho, Paulo, que havia nascido na Bahia.

Armênio chegou a Moscou logo depois, também em 1952. Rui, Julia e Paulo fizeram uma longa viagem de navio. Do Brasil até a Itália e de lá para Praga, de trem, onde Armênio os encontra logo em seguida.

O grupo ficou em Praga quase um mês, estadia muito agradável, hospedados em tradicional hotel, Parige, adaptado de um castelo medieval. Juntaram-se ao grupo o escritor Jorge Amado e o poeta chileno Pablo Neruda. Foi uma convivência muito rica.

Jorge Amado era do Comitê da Paz, tinha sido expulso da França e foi para Praga. Rui e família estavam em Praga, esperando o visto soviético. O grupo passou um fim de semana junto em um castelo de intelectuais onde o Jorge tinha uma acomodação — o Jorge, a Zélia Gattai, João Jorge Amado e Paloma Jorge Amado, filhos de Jorge e Zélia — perto de Praga, Dobra Gigi. Paloma Jorge Amado nasceu em Praga, a capital da então Tchecoslováquia, em 1947, no período de cinco anos em que a família Amado ficou exilada na Europa (1948 a 1953). João Jorge nasceu um anos antes, no Rio de Janeiro..

De Praga o grupo vai para Moscou. Rui integrou-se na rádio de Moscou, enquanto Armênio ficou um período em hospital — "eu fui inicialmente fazer um tratamento no pulmão, eu sabia que tinha uma coisa, mas não sabia o que era." Ali ficou quatro meses, tratando de uma "mancha no pulmão", depois de uma sequência de fracassadas tentativas de tratamentos no Brasil, onde passou pelas mãos de vários médicos. Uns diziam que era brucelose, outros diziam que era tuber-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 190 3/1/2014 00:56:56

culose, outros diziam que era uma pneumonia atípica.

Além do tratamento de Armênio, o grupo estudava e fazia treinamento na escola do Partido Comunista de Moscou.

— Passei uma temporada no hospital em Moscou. Meu contato com o Rui era muito esporádico. A escola do partido ficava a 60 km de Moscou. A viagem era de trem e o Rui, de vez em quando, ia nos visitar.

O melhor dia para atualizar a conversa era no domingo. Às vezes, Armênio ia na casa do Rui, conversas, comida, amenidades, saudades no Brasil e fé no futuro que se imaginava vir a ser.

Foi quando, em Moscou, Julia ficou doente. Um câncer de mama, descoberto em 1954, passou a ser uma chaga grave. A cirurgia, uma mastectomia, aparentemente teria resolvido o problema. Mas o câncer retornou e Julia morreu em 1958. Armênio soube da notícia por telegrama, pois já retornara ao Brasil. Rui e Paulo ficaram órfãos de mulher e mãe em Moscou. Este encarando a viuvez e cuidando também da recuperação do filho, que nasceu com um problema congênito, uma atrofia na perna, que dificultava o andar. Paulo foi submetido a sucessivas cirurgias de correção, que, no entanto, somente atenuaram o problema estético, perceptível apenas quando andava.

Dias difíceis.

‡

Adalberto Temoteo da Silva nasceu em São Miguel dos Campos, Alagoas, no dia 21 de novembro de 1918.

Começou a militar no PCB desde os 14 anos, no dia 5 de maio de 1943. Ele estudou com Rui em Moscou. No primeiro ano, era festa, novidade. No segundo ano, castigo. Temperaturas de até 40 graus abaixo de zero em Moscou. Nos encontros semanais de brasileiros, a vodka era ingrediente necessário.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 191 3/1/2014 00:56:56

Concordava que numa temperatura daquelas era impossível sobreviver sem vodca. Ele não bebia muito, bebia, na verdade, quase nada considerando a temperatura lá fora. A vodka funcionava como termostato para compensar a pressão do frio exterior.

Adalberto, codinome Temoberto. Todos tinham apelidos; fazia parte da cultura da época e do treinamento. *Undercovers*. Rui era Rui, que em russo soa como um palavrão. Temoberto encontrou Rui em junho de 1955. Ficaram internos — o regime era duro — numa casa de repouso fora do centro de Moscou, enclausurados. Àquela época, Rui estava mais graduado. Já havia feito parte do curso de formação e trabalhava na Rádio Moscou. As aulas eram ministradas em espanhol — os brasileiros tinham que entender espanhol para acompanhar o curso, dividido em três partes: Filosofia, Economia Política e História, e durava dois anos, em regime integral, fechado. Tudo isso com o viés de apontar bem o inimigo lá fora, o modelo capitalista, concentrador e excludente. Os cursos davam treinamento militar e condicionamento político-ideológico. Havia motivos para os disfarces no cenário de Guerra Fria. Turmas anteriores que facilitaram com a segurança, abrindo mão da disciplina ortodoxa, tiveram alguns dos seus integrantes mortos, na Espanha, quando faziam a viagem de volta ao Brasil.

Centenas de militantes brasileiros foram treinados na Escola de Quadros, o famoso Instituto de Marxismo-Leninismo do PC Soviético, e na Escola do Konsomol (Juventude do PCUS), em cursos com duração de dois meses e até dois anos.

Assim, os brasileiros em Moscou enfrentaram um período de linha dura. Rui achava aquilo um excesso, um absurdo, mas devíamos respeitar, relemba Temoberto. Ele sempre foi uma pessoa muito aberta, opinava sempre. Suas falas em Moscou exercitavam um russo ainda precário, mas não se inibia quando era corrigido.

Na Rádio Moscou Rui Facó centrava sua ação principalmente

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 192 3/1/2014 00:56:56

em coordenar as informações que seriam transmitidas para o Brasil no noticiário captado à noite em ondas curtas. Uma das locutoras do noticiário era Fátima Brandão, dona de uma voz convincente, grave e extremanente pontuada. Era filha de Octavio Brandão.

Algumas vezes o grupo de brasileiros se reunia no apartamento de Rui, no centro de Moscou, perto do magazine GUM — um antecessor do que chamamos hoje de supermercado. O famoso shopping GUM, erguido entre 1888 e 1894, fica a leste da Praça Vermelha ou, em Russo, Krasnaja Ploshchad. A morada de Rui ali "era um *apertamento*", lembra Temoberto, com cerca de sessenta metros quadrados mas vivia-se razoável, com dignidade.

Temoberto assegura que essa foi a melhor fase de sua vida e lembra como Rui e Armênio eram parecidos, uma cópia um do outro no estilo, na postura, no pensamento. "Foi a melhor fase da minha vida. Aprendi o que não sabia." Ele voltou para o Rio em 1954.

‡

Armênio voltou para o Brasil em fevereiro de 1955, um pouco depois do período Juscelino, eleito em novembro do ano anterior. Só em 1958 é que ele retoma o contato direto, pessoal, com Rui, quando este retorna da União Soviética. Alugaram um apartamento e foram morar juntos, no Rio. Com a morte de Julia, Rui decidiu retornar ao Brasil no mesmo ano de 1958. Alugou um apartamento com o cunhado Armênio e sua mulher Zuleika Alambert, no Rio de Janeiro. Ficaram ali na Rua Maria Angélica, no Jardim Botânico, de 1958 até 1963.

— Morávamos eu, ele e a minha mulher de então. Aí, o Rui começou a namorar uma moça e, com a vida em comum, você começa a ter umas complicações. A jovem namorada de Rui era Olga,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 193 3/1/2014 00:56:56

uma moça judia.

Paulo, filho de Rui, já com 16 anos, foi morar com os pais de Julia, na Bahia, mas logo voltou para a União Soviética, onde se formou em engenharia na Universidade Patrice Lumumba. O nome original era Universidade Russa da Amizade dos Povos, instituição de ensino e pesquisa localizada no sul de Moscou e, juntamente à Universidade de Moscou e à Universidade de São Petersburgo, uma das mais prestigiosas universidades da Rússia. A seleção dos alunos brasileiros ficava a cargo do PCB.

Ali, estudava gente de toda parte do mundo. Era uma universidade focada em formar estudantes do terceiro mundo com alunos principalmente da África e da América Latina.

De 1958 a 1963 é o período que Rui e Armênio trabalham no jornal *Novos Rumos*. Antes, em 1956, data do XX Congresso do PCB, a imprensa do partido foi toda reformulada. Surgiu o *Novos Rumos*, um título que no entender do grupo fundador expressaria o conceito de um jornal para jovens.

"Este jornal surge da necessidade de assegurar o pensamento de vanguarda da classe operária, um órgão de decisão mais vivo e atuante, mais capaz, portanto, de participar e influir na grandiosa luta que trava o povo brasileiro pela emancipação nacional, a democracia e o progresso social", expressava o editorial da edição número 1, relativa ao perído de 26 de fevereiro a 6 de março de 1959.

A missão revolucionária do jornal estava clara:

> A equipe que faz *Novos Rumos* não desconhece as dificuldades de toda ordem que terá que enfrentar para cumprir sua missão. Estamos certos, porém, de que tais dificuldades serão vencidas, se contarmos com o apoio dos trabalhadores e do povo. Este apoio não significa apenas estímulo, ajuda e compreensão. Significa também a

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 194 3/1/2014 00:56:56

crítica santa e a opinião sincera.

Em um ensaio publicado em 1962, Rui questionava a desunião das esquerdas no Brasil.

"Mas de que revolução se trata?", pergunta ele, ao referir-se a livros sobre o tema revolução lançados naquele ano.

> Não há muita clareza neste ponto. Pode-se dizer mesmo que a confusão é mais ou menos geral, numa prova incontestável do quanto as chamadas esquerdas estão desafinadas, dissonantes e mesmo discordantes entre si. Uns opinam que estamos maduros para a revolução socialista. Outros que, ante a revolução agrária, não podemos mais cogitar da distribuição dos latifúndios em propriedade privada, pois temos que passar a coletivização da propriedade. Para outros, a revolução limita-se ao desenvolvimento econômico e a uma relativa autodeterminação nacional, e ir adiante seria um crime...

E continua Rui:

> Infelizmente, porém, não é só na conceituação de revolução na sua etapa que se desentendem os autores deste e de outros trabalhos publicados durante o ano findo. A maioria deles assume ainda uma posição que se poderia qualificar, de maneira um tanto sumária, como sectária, no sentido de que apontam soluções radicais inadequadas à situação que atravessa o nosso país. É desnecessário lembrar o quanto assim podem confundir e induzir a erro numerosos leitores, particularmente entre a juventude, menos experiente e menos atenta às nuances da realidade nacional e mais propensa, pelo ardor juvenil, às soluções aparentemente radicais, 'revolucionárias'.

Rui explicita seu argumento:

> Se este é o principal aspecto negativo de várias das obras de que nos ocupamos aqui, tem-se que reconhecer que é altamente positivo o seu

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 195 3/1/2014 00:56:56

surgimento mesmo. Têm o grande mérito — afora as qualidades inegáveis de algumas delas — de abrir um debate que se tornava imprescindível, ante a crescente complexidade dos problemas que a nação brasileira terá de resolver e que não poderiam continuar entregues à improvisação e ao empirismo.

Percebe-se que os autores dos trabalhos a que nos referimos aqui se voltam para a realidade concreta, procuram interpretá-la honestamente, conforme os interesses do povo e da nação. E é este outro mérito seu. Revelam em geral uma enorme inquietação ante os problemas do país, mas ao mesmo tempo um natural otimismo, a certeza de que eles podem ser solucionados por nós mesmos, desde que os trabalhadores e o povo participem do seu encaminhamento. O não ceticismo, o não pessimismo constituem, assim, outras tantas características dos escritores e publicistas voltados para as soluções a partir da posições de esquerda. Têm de comum que não estão satisfeitos com o presente, a não ser pelo fato de que ele deve ser o ponto de partida para a negação de uma ordem de coisas que não podem mais subsistir a etapa preparatória de uma nova ordem econômica, política, social.

Nesse texto, "Nota Internacional", em *Novos Rumos*, vemos um Rui Facó altamente dialético em relação ao fim da Guerra Fria.

Nem se podia esperar mais.

Encerrou-se, como se esperava, sem nada de espetacular, o encontro de Viena entre os chefes de governo da União Soviética e Estados Unidos, primeiro ministro Kruschev e presidente Kennedy. O comunicado final das conversações de Viena é extremamente sumário. Enumera apenas os que foram objeto de debate — as provas nucleares, o desarmamento, o tratado de paz com a Alemanha.

[...] Nem se podia esperar mais.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 196 3/1/2014 00:56:56

Não pode haver, por isso, decepção ou pessimismo, a não ser uma preconcebida atitude derrotista de porta-vozes dos círculos mais reacionários, dos partidários do prosseguimento da Guerra Fria e da própria deflagração da guerra.

O encontro de Viena veio reafirmar a possibilidade de manter a coexistência pacífica, de evitar a guerra mundial e até mesmo as guerras localizadas.

[...] A vitória econômica do socialismo tem um reflexo direto e imediato na política internacional, proporcionando novas condições para a coexistência pacífica entre capitalismo e socialismo. O encontro Kennedy-Kruschev é uma prova disso. E quanto maiores forem os êxitos do socialismo, quanto mais lutarem as forças empenhadas na conquista da independência dos povos coloniais e semicoloniais, maiores as garantias de paz no mundo.

A volta às conversações e, certamente, as próximas negociações em conferências cujas cúpulas são um triunfo dos povos em sua longa e constante luta pela paz.

Em uma outra edição de *Nota Internacional*, sob o título "Uma política independente para a América Latina", Rui Facó não poupa críticas à política intervencionista de Kennedy, presidente dos Estados Unidos, em defesa de Cuba.

Há indícios cada vez mais evidentes na América Latina de uma tendência dos países deste continente assumirem posição independente em problemas de política exterior. Esta tendência se acentuou depois do vergonhoso fracasso da intervenção dos Estados Unidos em Cuba, através da invasão da ilha por mercenários exilados na Flórida. O fato veio comprovar novamente o anacronismo da política agressiva que pretendem manter a todo custo os imperialistas ianques. Kennedy,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 197 3/1/2014 00:56:56

em plena época de vitória do socialismo, num bom número de países e de avanço das ideias socialistas no mundo, na época da derrubada final do colonialismo, comete a loucura de ressuscitar uma política morta e enterrada de há muito: a política do 'bastão longo' do primeiro Roosevelt, Theodore. Mas não só não encontrou o apoio que esperava por parte dos principais países latino-americanos para intervir em Cuba, como sabe de que agora por diante será sempre mais difícil aos Estados Unidos imporem a sua vontade neste terreno.

Assim é que o governo do Sr. Jânio Quadros, mesmo sem a coragem suficiente de assumir uma posição de aberta independência em relação aos Estados Unidos, não pôde ignorar a conferência dos chamados 'países não comprometidos, ou países neutros, que se inicia dia 5 de junho no Cairo. Faz-se representar o Brasil nesta conferência por um diplomata com a categoria de observador'.

Nas vizinhanças dos Estados Unidos, no México, fala-se da possível formação de uma 'terceira frente' de países latino-americanos, africanos e asiáticos para assumirem 'posição equidistante' em relação ao bloco das potências imperialistas e no campo socialista. Sabendo-se que os países coloniais e semicoloniais sempre constituíram reserva do imperialismo em casos de guerra, compreende-se o quanto o imperialismo tem socavadas as suas posições caso esta tendência se acentue e ganhe corpo.

Este 'neutralismo', naturalmente, tem os seus limites. Não se pode ser neutro entre as lutas pela independência dos povos coloniais e semicoloniais e os esforços desesperados do imperialismo para continuar oprimindo esses povos. Mas favorece concretamente a causa da paz mundial e das lutas de libertação dos povos coloniais e dependentes recusar-se a participar das alianças de guerra e das empreitadas intervencionistas do imperialismo.

A nova tendência — que apenas se delineia — dos países da

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 198 3/1/2014 00:56:56

América Latina para adotarem uma política exterior independente é já uma resposta à tentativa dos monopólios e dos trustes de mantê-los acorrentados às suas 'alianças regionais', mesmo quando mascaradas de 'Aliança para o progresso', como a recém-anunciada por Kennedy. É uma afirmação, embora ainda tímida, da vontade dos nossos povos de se libertarem não só economicamente como politicamente. Afirmação da vontade de paz dos povos americanos, que não querem ser arrastados a uma guerra mundial ou a guerra locais, que podem ser o foco de uma confragração universal.

Isto não significa que não existem resistências — e fortes e desesperadas — ao novo curso que vislumbra em alguns círculos mais realistas — e mais sensato — da burguesia nacional dos países da América Latina. Os Estados Unidos, por sua vez, se empenham por todos os modos pela conservação do velho *status quo*.

E conclui Rui:

Num mundo em revolução para a independência nacional, o progresso autêntico e o autêntico bem-estar dos povos, a América Latina não pode manter-se à margem. Ela também desperta e luta. Cuba é a sua consciência, a sua vanguarda, a sua prova de fogo. Os acontecimentos de nossos dias mostram que a América Latina pode dar uma importantíssima contribuição à causa da paz mundial e da coexistência pacífica entre os povos.

No texto o "Caso Húngaro — Vergonha para a ONU", publicado em *Novos Rumos*, Rui critica o comportamento da imprensa hegemônica alinhada, no noticiário internacional, às grandes agências de notícias. "O mais que conseguiram foram algumas manchetes mentirosas, que vão ajudando a desmoralizar as agências telegráficas — duas ou

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 199 3/1/2014 00:56:56

três — que fazem as primeiras páginas de nossa 'grande' imprensa."

Eis o texto, que mostra uma maturidade do autor e, ao mesmo, tempo, com estilo, a voz do militante:

> Seria ridícula, se não tivesse um grave reflexo na situação internacional, a infeliz decisão da Mesa da Assembleia Geral da ONU de incluir novamente a chamada 'questão da Hungria' na agenda de seus debates.
>
> Os acontecimentos contra-revolucionários da Hungria datam de 1956. Já então, o fato de a ONU tentar discuti-la como um caso internacional constituía a inadmissível ingerência nos assuntos internos daquele país. As tropas soviéticas entraram naquele ano na Hungria para esmagar os contra-revolucionários, atendendo a um pedido do legítimo governo da Hungria, que os inimigos do socialismo tentavam derrubar para restaurar o capitalismo. Foi um ato de soberania do governo húngaro, um governo revolucionário firmemente decidido a salvaguardar as conquistas da Revolução na Hungria. O exército soviético atendeu ao chamado de um aliado, cumprindo um acordo internacional defensivo, previsto no Tratado de Varsóvia.
>
> Que a reação mundial se enfurecesse ante sua derrota, nada mais natural. Intolerável era a ONU meter-se onde não tinha que ver, num país cujo governo soberano repelia com dignidade sua intromissão indébita.
>
> Esmagada a contra-revolução húngara, restaurada a tranquilidade no país, a intervenção da ONU vinha, apenas, agravar a situação, acender ódios, estimular os reacionários que sonham em restabelecer o antigo domínio da capital, da exploração do homem pelo homem, minar o campo socialista.
>
> Que a ONU incorresse em erro ao calor dos acontecimentos de 1956, ainda admite-se. O que não se admite é persistir a ONU no mesmo erro de três anos passados. Porque o único resultado possível de uma nova e desarrazoada discussão do chamado 'problema húngaro' é estimular as

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 200 3/1/2014 00:56:56

mesmas forças contra-revolucionárias que desencadearam a baderna de 56, assassinaram patriotas húngaros, espalharam a destruição e a morte nas ruas de Budapeste. Os trabalhadores húngaros não estavam com o cardeal Mindzenti nem com o príncipe Sterhazi, grandes latifundiários, outrora ligados ambos ao imperialismo. Os trabalhadores húngaros defendem a revolução. Continuam a salvaguardá-la heroicamente quando, ainda hoje, marcham de armas nas mãos para suas fábricas. Porque sabem que seus inimigos não dormem. E uma prova disso é a decisão da Mesa da AssembleiaGeral da ONU reavivando o 'caso' húngaro. Por intermédio de quem? Do representante de um país não independente, 'sir' Leslie Munro, do domínio britânico da Nova Zelândia. Apoiado por quem? Pelos Estados Unidos e Inglaterra, países imperialistas que não vacilam em intervir pelas armas em outros países, como aconteceu no ano passado, no Líbano e na Jordânia, como tem acontecido tantas vezes em nosso continente (lembrai-vos da Guatemala).

E o mais vergonhoso é que o representante do governo do Sr. Juscelino Kubitschek não vacilou em levantar sua voz no 'conjunto coral' da Mesa da Assembleia Geral da ONU, em favor dessa vergonha.

Atos semelhantes não contribuem para amainar a Guerra Fria. Desta forma, está-se servindo precisamente aos adeptos do prosseguimento da Guerra Fria, os imperialistas, os que lucram com o armamentismo e com a tensão internacional.

No artigo "Outro Fracasso da Reação", Rui Facó debruça-se, novamente, sobre um tema de política externa calçando-se em fatos que davam base para uma crítica consistente ao imperialismo americano como estratégia conjuntural.

Decepcionaram-se amargamente os que esperavam da visita do presidente Eisenhower à Índia uma declaração conjunta indo-americana

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 201 3/1/2014 00:56:56

contra a China. Embora permaneça o impasse na questão da fronteira contestada entre os dois grandes países asiáticos, o primeiro-ministro Nehru não se prestou à manobra antichinesa pretendida pela reação mundial. Ao contrário, na declaração conjunta sobre a visita de Eisenhower à Índia, o chefe do governo indiano reafirma textualmente que seu país 'permanece inquebrantável em sua convicção de que as divergências entre as nações devem ser solucionadas pacificamente, por meio de negociações e do entendimento, e não pelo recurso à força.'

No entanto, vejam-se os telegramas transmitidos pelas agências norte-americanas (UPI e AP) sobre a visita de Eisenhower a Índia. Durante dias seguidos, a nota dominante dos despachos dessas agências eram as insídias contra a China, tentando envenenar a opinião pública. Antecipavam que certamente Eisenhower e Nehru lançariam um desafio a Pequim, que Nova Delhi receberia ajuda militar para uma guerra sagrada contra a China, e mesmo que a Índia aderiria ao Pacto Militar do Atlântico Norte.

O comunicado conjunto indo-americano de Nova Delhi foi uma ducha de água fria na imaginação ardente dessas fontes de intriga internacional. Seu tom é moderado e otimista quanto às possibilidades de manter-se a paz, de realizar-se a coexistência pacífica entre os povos.

A decepção dos adeptos do prosseguimento da Guerra Fria deve ter sido enorme. O mais que conseguiram foram algumas manchetes mentirosas, que vão ajudando a desmoralizar as agências telegráficas — duas ou três — que fazem as primeiras páginas de nossa 'grande' imprensa.

Porque a tendência irreversível dos povos é pôr para sempre a guerra fora da lei.

Expressão clara desse anseio dos povos é o novo surto de crise da Organização do Tratado do Atlântico Norte. Mais uma vez, a França abala a famosa 'unidade' atlântica. As divergências agora reveladas pelo general americano Nathan Twining, em sessão secreta, e depois divulgadas

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 202 3/1/2014 00:56:56

oficialmente, relegaram a segundo plano a própria excursão de Eisenhower. O secretário de Estado Herter correu a Paris. Reuniu-se o conselho da OTAN. Seu secretário-geral, o socialista de direita Spaak, feroz partidário da Guerra Fria, tenta inutilmente manter a integridade do famigerado bloco de guerra quente e agressão. O novo clima de coexistência pacífica e alívio da tensão internacional apressa-lhe a decomposição.

A posição da França é sintomática. Certamente que existem as dificuldades em torno da questão da Argélia, na qual os Estados Unidos não podem apoiar a França mais abertamente do que o fazem contra os argelinos. Mas quando a aliança França-EEUU estremece tão seriamente, é sinal de que a OTAN se tornou o elo muito fraco. A defecção francesa era imprevisível há alguns anos, mesmo depois de iniciada a guerra na Argélia. Ainda hoje não é uma realidade, mas é uma possibilidade.

O sopro de paz que varre o mundo, sobretudo depois da visita de Kruschev nos Estados Unidos, pode sanear a atmosfera internacional e eliminar para sempre a ameaça de uma catástrofe bélica. Esforços em sentido contrário existem, mas os ferrenhos adeptos da continuação da Guerra Fria sentem hoje a terra tremer sob seus pés. É a paz que avança.

Rui via no projeto de Juscelino Kubitschek uma sedição ao capitalismo. Para o Brasil que incrementava a produção industrial ampliava o abismo entre ricos e pobres, pois "nossa agricultura continua submetida ao regime semifeudal dos latifúndios, com a massa miserável dos que não consomem". Como se vê, sua crítica estava voltada contra a ausência total de um política distributiva e emancipadora.

O Brasil de hoje isolado do passado, das lutas heróicas de nosso povo, dos seus sofrimentos e sacrifícios, como se o Brasil desenvolvimentista de JK fosse obra de mágica...

Avançamos, é verdade, no terreno industrial, mas é um avanço

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 203 3/1/2014 00:56:56

> ainda desarmônico, carregando o ônus da secular exploração imperialista, que deforma inevitavelmente qualquer economia. É uma deformação, e aberrante, estarmos incrementando a ritmo acelerado a nossa produção industrial enquanto nossa agricultura continua submetida ao regime semifeudal dos latifúndios, com a massa miserável dos que não consomem.
>
> Não que abandonemos a indústria pela agricultura, como desejariam os monopolistas americanos e seus advogados, mas este mesmo progresso se estancará se não transformarmos radicalmente a estrutura agrária do país.

‡

Nas duas fases de Rio de Janeiro, tanto antes quanto depois de sua temporada em Moscou, Rui Facó teve sua formação influenciada por Astrojildo Pereira, um dos ícones do movimento de esquerda no Brasil.

Astrojildo Pereira Duarte da Silva (1890-1965) foi um dos fundadores do Partido Comunista do Brasil. Sua militância política começa aos 19 anos, escrevendo em jornais anarquistas, como o *Guerra Social*. Em 1919, participou de um grupo libertário e dirigiu seu meio de divulgação, o jornal *Spartacus*. Durante o primeiro ano de fundação do PCB, Astrojildo assume sua secretaria geral, tornando-se, em 1925, um dos principais redatores da publicação oficial do Partido: *A Classe Operária*. Em 1930, foi afastado da secretaria-geral do PCB e deixou a militância do Partido, para onde reingressou em 1945. Foi preso em 1964, na eclosão do golpe militar no Brasil, mas ganhou liberdade no ano seguinte, por problemas de saúde, vindo a falecer logo a seguir.

O Partido Comunista Brasileiro foi fundado na cidade de Niterói a 25 de março de 1922 por nove delegados que representavam 73 militantes das várias regiões do Brasil. Eram eles: Abílio de Nequete (barbeiro de origem libanesa), Astrojildo Pereira (jornalista do Rio de

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 204 3/1/2014 00:56:57

Janeiro), Cristiano Cordeiro (contador do Recife), Hermogênio da Silva Fernandes (eletricista da cidade de Cruzeiro), João da Costa Pimenta (gráfico paulista), Joaquim Barbosa (alfaiate do Rio de Janeiro), José Elias da Silva (sapateiro do Rio de Janeiro), Luís Peres (vassoureiro do Rio de Janeiro) e Manuel Cendón (alfaiate espanhol). O nome de fundação do partido é "Partido Comunista do Brasil", mas seus militantes se referiam a este indistintamente como Partido Comunista Brasileiro e Partido Comunista do Brasil, como demonstra a carta de Astrojildo Pereira à Internacional Comunista, em 9 de agosto de 1922.

Astrojildo era um excelente crítico literário, estudioso de Machado de Assis, e foi fundador do PCB, em 1922. Em 1929, na condição de secretário-geral, afasta-se do partido para onde só volta no fim da Guerra, em 1945. Trabalhou muito com o Rui, conviveram muito, eram muito amigos, nesse período todo do jornal *Novos Rumos*. Astrojildo foi também diretor da revista *Estudos Sociais*, onde Armênio Guedes era secretário de redação.

Sua relação com Machado é atávica. Nascido a 8 de outubro de 1890, no interior do estado do Rio, aos 18 anos, cruzou a cidade do Rio de Janeiro em direção ao bairro do Cosme Velho, vindo de Niterói, para prestar uma última homenagem a um moribundo que não conhecia pessoalmente e que partia sob o silêncio indiferente da cidade que ajudou a imortalizar na literatura. A atitude do jovem Astrojildo, de tão comovedora, mereceu de Euclides da Cunha um artigo publicado no dia seguinte, no *Jornal do Commércio*, sob o título "A Última Visita", comentando a morte de Machado de Assis na madrugada do dia 29 de setembro de 1908.

— Astrojildo era uma pessoa corretíssima, intelectual, de grande valor, muito disciplinado ao partido, não tinha nenhuma vaidade, era muito conceituado no Rio, mas sem nenhuma vaidade, lembra Armênio Guedes. "Era uma figura realmente para ser estudada. Muito

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 205 3/1/2014 00:56:57

lúcido, muita cultura literária. Estudou Lima Barreto, Machado de Assis — era frequentador assíduo da Livraria São José."

Sobre o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética — PCUS, autores como Luiz Sérgio Henriques — um dos colaboradores de Carlos Nelson Coutinho na tradução de *Cadernos do Cárcere,* de Gramsci, ao lado de Marco Aurélio Nogueira — consideram que este foi uma esperança de renovação. Diz ele:

O XX Congresso do PCUS, o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, representaria, em 1956, uma esperança de renovação, com a denúncia dos crimes do stalinismo. A esperança, contudo, tinha limites insuperáveis. Por mais dura que fosse a denúncia destes crimes, permanecia intocado o mistério do stalinismo como sistema econômico-social, destituído de mecanismos minimamente democráticos: de fato, como descrição de todo um sistema, de pouco ou nada valia a fórmula oficial do "culto à personalidade". Assim, pouco mais de uma década depois da estupenda vitória antifascista, o comunismo — tanto no "socialismo real", quanto nos diversos partidos ligados a esta experiência — voltava a viver escolhas decisivas: fossilizar-se no stalinismo, encaminhar algumas reformas "pelo alto", buscando um medíocre consenso passivo, ou efetivamente democratizar-se.

O XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética aconteceu entre os dias 14 e 26 de fevereiro de 1956. O secretário do Partido, Nikita Kruschev, com seu célebre discurso, denunciou as violências, os expurgos, as execuções e as limitações à liberdade impostas pelo regime de Stalin, a quem sucedia.

Citando Marco Antônio Tavares Coelho, Henriques lembra o plurarimo de correntes no XX Congresso, característica marcante nos partidos políticos.

Encarregado de um longínquo "aparelho" para as reuniões

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 206 3/1/2014 00:56:57

do Comitê Central do PCB, o narrador [Coelho] observa e registra comportamentos de figuras tão diversas, como um alquebrado Astrojildo Pereira (mas, na ocasião, jovialmente entusiasmado com um romance recém-lançado, o *Grande Sertão* rosiano), Luís Carlos Prestes (fiel até o fim à "estrela vermelha" do Kremlin), Armênio Guedes (um dos formuladores-chave da mudança então possível), Agildo Barata (crítico "de direita" da orientação anterior), os stalinistas impertinentes.

Novos Rumos era um semanário muito bem feito, com as limitações técnicas da tipografia e do cliché. Na equipe, profissionais de primeira linha a exemplo de Luiz Mário Gazzaneo que trabalhou no *Jornal do Brasil* e com o Ênio Silveira na Editora Civilização Brasileira. Luiz Mario Gazzaneo morreu aos 84 anos, no dia 12 de outubro de 2012, no Rio. Era graduado em cinema pela Escola de Cinema do Museu de Artes de São Paulo e começou no jornalismo no jornal *Notícias de Hoje* do Partido Comunista, em São Paulo, como crítico de cinema. Em 1959, foi para o Rio de Janeiro e assumiu a chefia da redação do jornal *Novos Rumos*, do PCB, até o dia 1º de abril de 1964, quando o jornal foi invadido e destruído.

Moacyr Andrade em antológico ensaio no *Jornal do Brasil* em memória de Dias Gomes, falecido em São Paulo no dia anterior, sob o título *O militante político indomáve*l, publicado na página 2 do *Caderno B* de 19 de maio de 1999, fala da relação daquele com Rui Facó, ambos filiados ao Partido, sendo Dias Gomes, heterodoxo.

Diz Andrade:

> Dias Gomes teve intensa atividade política por mais de três décadas principalmente no extinto PCB ao qual filiou-se no início dos anos 1940.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 207 3/1/2014 00:56:57

> Já se dividindo entre a dramaturgia no rádio e na televisão, não dispensava, 'no início dos anos 1960, uma visita quase diária, no fim da tarde, à redação de *Novos Rumos*, o jornal oficial do PCB, na esquina da Avenida Rio Branco com a Rua Santa Luzia'. O que o levava até ali era principalmente uma interminável conversa com o escritor Rui Facó, redator da folha, autoridade em cultura sertaneja, cangaço, fanatismo religioso, coronelismo, todo o Brasil rural tão presente na obra do teatrólogo.
>
> No livro de memórias lançado em 1998 (Apenas um Subversivo, Editora Bertrand Brasil) fala Dias Gomes fala da sua vida no Partido: 'fazia me lembrar muito o colégio de padres maristas onde fiz o curso primário. Por seu culto à disciplina partidária, por sua obediência religiosa à ortodoxia marxista-leninista, por sua cega admiração por tudo que viesse da União Soviética. Era como a infalibilidade do papa, indiscutível. Minha índole contestadora tinha dificuldade em adaptar-se. [...] Na verdade, minhas transgressões disciplinares já prenunciavam o que vim a constatar mais tarde e que me levaria a deixar o Partido: eu era e sempre seria um péssimo militante.'

Depois de seis anos na clandestinidade, Gazzaneo voltou ao jornalismo em 1971, e foi trabalhar com Samuel Wainer na revista *Domingo Ilustrado*, da Bloch Editores, dirigida por Adolpho Bloch. Passou pelas revistas *Fatos e Fotos* e *Cartaz*. Em 1973, ingressou no *Jornal do Brasil* como redator da Editoria Internacional. Ali, foi ainda chefe de reportagem, editor de Cidade e editor-executivo. Em 1983, saiu do JB para a agência de notícias do jornal *O Globo* onde ficou na editoria Nacional até dezembro de 1987.

Gazzaneo também trabalhou como diretor da agência de notícias *Nova Press*, que tem como foco notícias do Leste Europeu. Em 1991, deixou a agência para atuar em campanhas eleitorais. De 2000

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 208 3/1/2014 00:56:57

a 2010, trabalhou no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como Coordenador de Comunicação Social. Foi no IBGE, no Rio de Janeiro, que Gazzaneo falou a este autor sobre Rui Facó.

Roberto Freire, presidente nacional do PPS, um dos sucedâneos do PCB, assim vê Gazzaneo em nota divulgada no *site* do PPS por ocasião de sua morte:

> Extremamente vinculado à cultura italiana, Luiz Mario Gazzaneo traduziu para o português obras clássicas do pensamento social, de que são exemplo *Maquiavel, a política e o Estado moderno*, de Antonio Gramsci, e *Breve história das religiões*, de Ambrogio Donini, sendo de destacar que sempre se identificava com as ideias do PC Italiano, sobretudo de seus líderes históricos Gramsci, Togliatti e Berlinguer. Militante e dirigente nacional dedicado, tanto do PCB quanto do PPS, que o sucedeu, em 1992, era considerado um dos expoentes da visão humanista e democrática do socialismo. O Diretório Nacional do PPS, do qual Luiz Mario Gazzaneo foi um dos seus membros destacados, transmite aos seus familiares — viúva, filhos e netos — os seus mais fraternos e sentidos votos de pesar por essa difícil perda e lhes deseja muita paz de espírito, para suportar tão amplo e profundo vácuo.

Foi Gazzaneo quem viajou ao Chile para cuidar do traslado dos restos mortais de Rui.

Gazzaneo é fonte segura sobre Rui. "O Rui era uma pessoa caseira. Ele era um conselheiro do Giocondo Dias [Giocondo Gerbasi Alves Dias, nascido em Salvador, a 18 de novembro de 1913, e falecido no Rio de Janeiro, a 7 de setembro de 1987, militar brasileiro, comunista, ex-secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro]. Muitas coisas que o Giocondo sabia, pensava ou formulava, ele consultava o Rui. Eu me lembro que, logo depois de congresso de Belo Horizonte, o congresso das Ligas Camponesas que Rui foi cobrir, e escreveu "Reforma Agrária:

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 209 3/1/2014 00:56:57

na lei ou na marra", saiu um artigo do Giocondo. O Giocondo escreveu um artigo refutando, do ponto de vista político, as posições radicais do Julião. E ele conversou muito com o Rui, antes de fazer esse artigo."

Enfatiza Gazzaneo:

— O Rui era crítico das posições radicais.

Gazzaneo lembra que sua relação com o Prestes não era ruim, era boa. "Eu viajei com o Prestes, ficamos um mês juntos, o que eu posso te dizer é que o Prestes foi um bom companheiro de viagem. Eu me lembro que uma das coisas que eu conversei com ele foi sobre a necessidade de se comemorar a data da Intentona. Nós viajamos no final do outubro e voltamos para o Brasil no começo de dezembro em 1961. Fomos para o XXII Congresso dos Partidos Comunistas em Moscou. Depois, fomos à Alemanha e à Tchecoslováquia. Em Paris, um episódio interessante: chegamos por volta das 11 horas e acomodamos-nos no hotel; à tarde fomos à embaixada soviética para resolver os problemas de visto, os embaixadores receberam-nos e as passagens para Moscou já estavam compradas para o dia seguinte pela Air France. Em seguida, colocaram um carro à disposição do Prestes para dar um passeio na cidade. Por volta de 7h30min, o Prestes disse:

— Vamos ao *L'Humanité*.

— Vamos!, eu concordei.

O *L'Humanité* era o jornal do Partido. Funcionava em um prédio antigo, daqueles do século XIX, na Boulevard Haussmann. Entramos na portaria onde estava um senhor de idade a quem dissemos que queríamos falar com o diretor do jornal. O homem perguntou: "Quem são vocês?" O Prestes se adiantou e disse:

— Prestes!

O homem do *L'Humanité* retrucou, atônito:

— Prestes? Luís Carlos Prestes?

Gazzaneo continua:

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 210 3/1/2014 00:56:57

"Foi uma loucura... O Prestes ficou emocionado. Fomos convidados para jantar... Quer dizer, ele era ídolo também lá no *L'Humanité*. Ele era uma expressão mundial. As relações com os jornais com a direção do partido sempre foram civilizadas, poucas vezes houve problemas. E olha que nós fizemos coisas!"

Segundo Gazzaneo, Prestes nunca sugeria pautas ao *Novos Rumos*. Às vezes, escrevia um artigo. O jornal jamais foi censurado pelo partido. Se havia crítica, a crítica era *a posteriori*.

Em *Novos Rumos*, Rui tem oportunidade de exercitar amiúde seu talento de pesquisador, redator, entrevistador, bibliófilo. Ele tinha aptidão intelectual muito grande, era dono de uma disciplina impressionante no trabalho intelectual. Sem dúvida, estava no auge de sua produção intelectual e mostrava seu rigorismo na pesquisa, no estilo. Foi nessa época que escreveu dois livros sob o título *Brasil Século XX*, com edição ligada ao PCL da Argentina. Foi lançado lá, primeiramente.

A Biblioteca Nacional registra que *Brasil Século XX* foi publicado no Brasil em 1960 pela Editorial Vitória, do Rio de Janeiro, um estudo sobre o Brasil, política e governo, desde 1889. O livro foi traduzido e teve edições em alemão, italiano, russo, tcheco e castelhano.

Na edição do suplemento literário do *Jornal do Brasil*, de 29 de janeiro de 1961, lê-se "Além de um documentário sobre a participação de Kruschov na última assembleia geral das Nações Unidas, a Editora Vitória lançou a tradução de uma obra clássica de Engels e o ensaio de Rui Facó — *Brasil Século XX,* no qual a situação atual do país é apreciada do ponto de vista da corrente política e ideológica a que pertence."

No jornal *Nossa Voz*, da comunidade judaica, edição de 12 de janeiro de 1961, Astrojildo Pereira debruça-se, mais uma vez, sobre o livro *Brasil Século XX*. "É seu primeiro livro, mas livro maduro, de

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 211 3/1/2014 00:56:57

rico e substancioso conteúdo e de escrita sóbria, acessível a qualquer leitor". E, mais adiante: "é obra baseada em copiosa documentação, não a documentação pura e simples, a documentação em grosso, mas aquela que resulta de uma adequada seleção crítica."

No jornal *Nossa Voz*, o sociólogo Moisés Vinhas lamenta, em artigo, que Rui "poderia ainda realizar tanto! Por isto afirmamos que o desaparecimento de Facó constitui uma lacuna para nós, para o povo, para a nação e para a humanidade."

E diz mais:

> Uma estrada guiava Rui: o amor ao povo, às suas coisas, por suas lutas, suas esperanças, seu futuro.
>
> A interpretação marxista da formação das classes, a caracterização da atual superestrutura em desenvolvimento nos seus aspectos universais, particulares e complexos, ele os ensaiou de modo feliz para ele e para nós.
>
> Rui Facó enfatiza na obra que 1930 foi uma reviravolta na história do Brasil. Os principais acontecimentos relatados em *Brasil Século XX* são datados a partir do movimento revolucionário de 1930.

Sobre *Brasil Século XX*, Astrojildo Pereira escreveu ainda:

> Contam-se pelos dedos os livros brasileiros dedicados ao estudo dos problemas brasileiros, cuja elaboração se tenha feito à luz do marxismo. Somos de uma pobreza mais do que franciscana neste particular. Daí que a publicação de um livro desse tipo tome desde logo as proporções de verdadeiro acontecimento, como é o caso agora do volume de Rui Facó — *Brasil Século XX*, dado à lume pela Editorial Vitória em bonita apresentação gráfica.
>
> [...] O livro de Rui Facó destaca-se, na abundante safra bibliográfica das últimas semanas, precisamente por constituir uma obra de escritor marxista, um escritor que amadureceu seu espírito realizando

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 212 3/1/2014 00:56:57

assíduas pesquisas nos domínios da história política, econômica e social do Brasil. É seu primeiro livro, mas livro maduro, de rico e substancioso conteúdo e de escrita sóbria, acessível a qualquer leitor. Digamos ainda que *Brasil Século XX* é obra baseada em copiosa documentação, não a documentação pura e simples, a documentação em grosso, mas aquela que resulta de uma adequada seleção crítica.

Astrojildo Pereira, na mesma crítica publicada em *Novos Rumos*, descreve a estrutura do livro *Brasil Século XX*:

> O livro divide-se em cinco partes, na primeira das quais traça o autor excelente esboço histórico da formação da nacionalidade, assinalando os fatores básicos que condicionaram o surgimento do nosso povo. Na segunda parte, delineia-se o 'encontro do passado com o presente', e aí são apontadas certas particularidades que caracterizam a nossa evolução como povo, particularidades que entretanto não fogem, como pretendem os historiadores e sociólogos das classes dominantes, à lei universal da luta de classes como fundamento da história de todos os povos antes de atingirem o estágio socialista. A terceira parte estuda o período em que se inicia em nossa história a ruptura dialética com o passado. É o período cujos primórdios datam de um primeiro surto industrial que se verificou no país, ainda em meados do século XIX, desenvolvendo-se a pouco e pouco, avançando e recuando, até tomar impulso mais decidido a partir de 1918-20 e sobretudo a partir de 1930. É o período de lenta ascensão da burguesia e do surgimento paralelo do proletários, período de aguçamento das lutas de classes — latifundiários no poder, burgueses que disputam o poder, proletariados que se batem contra a exploração e a opressão. É o período igualmente de crescente penetração do capital imperialista.
>
> Na quarta parte apresenta-se um quadro vivo das forças de classe em choque no Brasil atual, com os seus partidos, as suas manobras políticas, os seus instrumentos de ação política, econômica e ideológica, e por fim

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 213 3/1/2014 00:56:57

— o movimento nacionalista, que possui um nítido caráter revolucionário nas nossas condições de país subdesenvolvido e peado em seus anseios de progresso pela dominação imperialista. Na parte final, a afirmação do presente se desdobra em clara perspectiva dos caminhos do futuro. As lutas pela independência econômica e consequente consolidação da independência política, pela reforma agrária, pela industrialização progressista, pela democracia, pela elevação do nível de vida material e cultural das massas — eis os grandes caminhos que palmilhamos atualmente, com as vistas voltadas para o futuro. O futuro iluminado pelo Socialismo.

Em apêndice, organizou Rui Facó uma utilíssima cronologia política e econômica do Brasil, que se completa por alguns dados relativos à instabilidade do poder central e às Constituições Brasileiras; e ainda alguns quadros estatísticos que servem para ilustrar certas passagens do texto.

Pela simples descrição que estou fazendo do livro, creio que se pode fazer uma ideia aproximada da sua orientação e da sua importância. Acrescentarei apenas que *Brasil Século XX* me parece um livro já agora indispensável a leitores brasileiros e estrangeiros que desejam adquirir um conhecimento panorâmico exato, traçado com a melhor orientação científica, do Brasil e das lutas do povo no século presente. Como não há neste mundo nenhum livro perfeito, é óbvio que podemos apontar no livro de Rui Facó alguns senões em passagens menos felizes, que em nada, entretanto, prejudicam a excelência da obra. [*Novos Rumos*, Rio de Janeiro, semana de 30 de dezembro de 1960 a 5 de janeiro de 1961]

Astrojildo morreu aos 85 anos, em 1965, dois anos depois da morte de Rui.

Também sobre *Brasil Século XX*, Moisés Vinhas teceu análise durante sua apreciada Conferência como homenagem ao transcurso, no dia 4 de outubro de 1963, do cinquentenário de nascimento de

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 214 3/1/2014 00:56:58

Rui Facó. Vinhas proferiu sua palestra em junho de 1963, na União Brasileira de Escritores, em São Paulo. Posteriormente, a revista *Estudos Sociais* publicou trechos. Membro do PCB, dirigente nacional, Vinhas milita no Partido desde a década de 1930. Participa do levante comunista em 1935, no Recife, consegue evadir-se e homizia-se em Salvador, onde militou até 1939. Depois desse ano, vai para São Paulo e participa ativamente do cotidiano do PCB, a ponto de produzir um livro contando a história do partidão.

Daquela conferência sobre o livro de Rui, *Brasil Século XX*, uma passagem, dentre outras:

> Facó discute certos problemas da nossa História: conceitos que esposava, como as relações da Igreja com o Estado, sobre a revolução de 1930, sobre o papel da imprensa, até então não abordados com essa objetividade. Ao tratar desses assuntos, e dos demais, encara os fatos em processo de desenvolvimento. Nos seus escritos sente-se uma segurança e mesmo fé no futuro do País. Este transbordar de confiança tem seu alicerce na sua fé e nas forças do povo brasileiro, a quem defendeu dos insultos, denegrimentos dos opressores estrangeiros, seus agentes nacionais e dos céticos. Outro fator que influenciou esta sua segurança foi sua vivência, o conhecimento da trajetória dos destinos da humanidade para uma sociedade sem classes, a sociedade em que reina o verdadeiro humanismo e a cultura no mais alto sentido.
>
> Facó, além disto, é original no abordar dos assuntos, assim como ao tratar da formação do povo, através do diálogo de Alviano e Brandônio, extraído do diálogo primeiro do antigo livro Diálogo das Grandezas do Brasil, de 1618, de Ambrósio Fernandes de Brandão. Ao contrário de vários historiadores que condenam a mistura das raças que povoam este País, e que veem um perigo de a raça negra sobrepujar os brancos, caindo assim no racismo, exalta esse fato como 'uma das mais sábias soluções do colonizador europeu: solução imposta pela necessidade'. Este amalgamento

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 215 3/1/2014 00:56:58

das raças, Facó liga às façanhas da conquista do interior pelos bandeirantes, e descobre nestes fatos a formação do espírito nacional, da consciência e da força do povo, com sua originalidade, sua língua própria enriquecida de termos africanos e tupi-guaranis, sua cultura e suas lutas contra os holandeses e as ideias de sua libertação do jugo português, igualmente. Não desliga, mas, pelo contrário, funde esta formação do povo com seu espírito revoltado contra a opressão e a escravidão: amalgama, assim, o espírito rebelde contra a escravização dos índios que preferiram o extermínio à escravidão; às longas e tenazes lutas dos escravos negros por sua libertação, com as campanhas de Canudos, os cangaceiros, os Lampiões, os beatos, os movimentos republicanos e a libertação do imperialismo e do latifúndio: este constitui um fio único na formação do povo brasileiro, na sua maneira de ser e na perspectiva do futuro.

Facó, como já disse, não obstante denunciar as mazelas da escravidão e da dominação estrangeira que determinam a miséria e o atraso, considera 'o povo organicamente otimista e alegre e que sabe externar o seu otimismo e alegria à medida que se asseguram melhores condições de existência, que vê o atraso superado e o progresso avançar, vencendo todos os enormes obstáculos que lhe têm sido opostos durante séculos'.

Extremamente irmanado com o povo, estigmatiza os aspectos do racismo em relação aos negros e demonstra como em determinados setores da vida econômica, cultural e administrativa aparece a discriminação. Revela como elementos da influência dos setores racistas da América do Norte penetram em nosso País e como entram em choque com a formação e a tradição do povo.

O trabalho de Moisés Vinhas *Aspectos da Vida e da Obra de Rui Facó* é o mais completo texto biográfico sobre Rui com análise detida sobre os dois livros do autor: *Brasil Século XX* e *Cangaceiros e Fanáticos*. Vinhas, também, apreende a utopia que persegue toda

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 216 3/1/2014 00:56:58

a vida e obra de Rui.

Escreve Moisés Vinhas:

> A perspectiva de Facó — cheia de fé e segurança — é de libertação da opressão estrangeira, de consecução da reforma agrária radical, de unidade objetiva de ação, em conjunto ou em separado, organizadamente ou de forma espontânea, no terreno econômico, social, político e ideológico, estatal, jurídico, parlamentar e extraparlamentar, em todos os setores da vida, das forças do povo, contra os mesmos obstáculos e inimigos comuns. Não suprime ou exclui a luta de classes dentro das próprias forças do movimento nacionalista; todavia, é com justeza que vê nisto fator de impulso no movimento, da unidade da base de luta dos contrários e pela hegemonia do mesmo. Não deixa de perceber que embora todas as forças do movimento nacionalista sejam uma frente de oposição às forças retrógradas, entre aquelas mesmas há forças que no próprio processo envelhecem e tornam-se obstáculo para sua marcha que não pode cessar, donde a natural luta interna pela hegemonia; não obstante essa luta, são aliados por objetivos comuns enquanto durar esta etapa do processo da luta pela libertação nacional.

E continua Moisés Vinhas:

> Facó, em todos os seus escritos, aborda programas de reivindicações na presente etapa — limitadas e radicais —, mas não se afasta da realidade e do presente, teme voltar às interpretações errôneas do passado referente às últimas décadas do movimento revolucionário. Por isso, tanto em sua obra *Brasil Século XX* como em *Cangaceiros e Fanáticos* e nas suas principais reportagens, preocupa-se com as formas de luta que se sucederam na história do povo brasileiro, suas origens e peculiaridades, diferenças e analogias e seus resultados no caudal único e para objetivo final.
>
> Preocupa-se especialmente com a luta das massas na sua última

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 217 3/1/2014 00:56:58

> obra; faz pesquisa sobre os movimentos populares, assim como os do interior brasileiro, e em todos eles descobre terem sido motivados pela referida estrutura agrária caduca e a repressão impiedosa da classe de latifundiários, o que vem se repetindo na atualidade: assassínios de tocaia como ocorre na Paraíba, e confinamento na cadeia, por falar em reforma agrária, como ocorreu com Jofre Correia em São Paulo. Em todas as formas de luta atua o interesse material — ligado à terra ou à exploração. Onde atua a repressão violenta, entra em ação a violência popular — a violência sempre principia por parte da reação.

Em sua preciosa peça ensaística Moisés Vinhas destaca ainda outra qualidade de Rui:

> [...] Não poderíamos deixar de assinalar a importância que Rui Facó dava ao papel do trabalho cultural, ao intelectual e em especial ao intelectual de pena neste processo histórico de afirmação da nação.
>
> Estas palavras podem parecer excessivas para a modéstia exemplar de Rui, e porque ele não mais se encontra entre nós. Mas não são muitas. É que Facó era realmente uma pessoa excepcional, uma vida a serviço do povo. Representa o Homem de nossa era, cuja vida é um acontecimento em si e para toda a humanidade que almeja e luta pela unidade na terra.

Milton Pinheiro, membro da Comissão Política Nacional do PCB, destaca a angulação original na obra de Rui e enfatiza:

> Novos atores, trabalhadores do campo e da cidade tiveram em Rui Facó o pesquisador participante, o cientista social e historiador que não foi leviano com a verdade das lutas que marcaram, no Brasil, o breve século XX.

Naquela época o *point* dos intelectuais era a Livraria São José

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 218 3/1/2014 00:56:58

— onde o livro *Cangaceiros e Fanáticos* foi lançado — e a Livraria José Olímpio, embora esta fosse mais do Graciliano Ramos e dos que chegaram no Rio um pouco depois. A livraria São José era de Oliveiro Simões, uma figura marcante na vida literária no Rio de Janeiro. Ele comprava livros, vendia livros e os intelectuais ouviam-no muito, tinha um gosto literário muito grande.

O escritor e tradutor Hélio Pólvora, em ensaio sobre Graciliano, lembra que "nos fundos da Livraria José Olympio Editora, na Rua do Ouvidor 110, quase esquina com Avenida Rio Branco, há um marquesão no qual poucos ousam sentar-se. É o refúgio de Graciliano Ramos, que tem o hábito de acomodar-se a um canto e cruzar as pernas magras".

Rui Facó era amigo de Graciliano Ramos com quem conversava amiúde sobre questões regionais do Nordeste, sobre a condição precarizada da região e, principalmente, sobre a ausência de uma política pública na perspectiva do proletariado.

Rui e Graciliano moraram no bairro das Laranjeiras, no Rio. "O Graciliano adorava o meu sobrinho, o Paulo, que tinha um defeito na perna. A vida dele [Paulo] era toda intelectual, já lia Monteiro Lobato", lembra Armênio.

O Rui tinha, também, uma visão literária boa, fez resenhas críticas sobre o livro de João Guimarães Rosa, sua "autobiografia irracional", escrito em 1956, *Grande Sertão: Veredas*, publicados em *Estudos Sociais*. O título da resenha é *O romance do Sr. Guimarães Rosa e o problema da terra no Brasil* e saiu em *Estudos Sociais*, número 2, de julho e agosto de 1958.

Esse é o terceiro estudo publicado sobre o livro de Guimarães Rosa. Aqui, a narrativa de Guimarães Rosa é abordada como obra "eminentemente popular", "um retrato quase sociológico do interior do Brasil", como atestam, em artigo acadêmico Maria Célia Leonel

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 219 3/1/2014 00:56:58

e José Antonio Segatto. Facó destaca, ainda, "outra qualidade do romance: o lirismo vigoroso e belo de que está impregnado". Todavia, a qualidade mais notável da composição é "o seu profundo realismo" que o coloca no "mais alto degrau" da literatura brasileira. Trata-se do "documentário de uma época", de um "mundo gerado pelo latifúndio, pela grande propriedade territorial, pelo monopólio da terra casado aos restos feudais".

Rui Facó entende que,

> Aí está o melhor retrato do latifúndio semifeudal, com toda a sua brutalidade e selvageria, gerando o cangaceiro e os retirantes [...] Este é o sertão visto pelo romancista Guimarães Rosa. O sertão heróico e trágico, valente e sofredor, povoado de seres profundamente humanos, como Riobaldo, obrigados a viver uma vida de tropelias, sem consciência de sua situação de oprimidos, sem terem encontrado ainda o caminho certo para se libertarem da exploração do latifúndio.

Rui fez crítica literária, mas muito focado na questão agrária.

Ele tinha uma grande admiração pelo Euclides da Cunha. Estudou muito todo aquele movimento do Ceará, em torno do Padre Cícero e de Floro Bartolomeu. Tinha uma enorme biblioteca sobre a questão agrária, a história do problema agrário no Brasil.

O filme do Gláuber *Deus e o Diabo na Terra do Sol* é um pouco baseado nisso, no *Cangaceiros e Fanáticos*. O Floro Bartolomeu, em especial, era muito estudado por ele.

O subtexto de *Cangaceiros e Fanáticos* remete à utopia de Rui: uma mudança estrutural do Estado a partir de uma ampla reforma agrária.

Armênio divergia de Rui neste ponto. "Eu achava que nós devíamos nos preocupar mais com uma política agrária onde se começasse a praticar do que ficar trabalhando para o grande dia da

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 220 3/1/2014 00:56:58

reforma agrária, da grande revolução agrária. Ele só via o começo da mudança estrutural, não via como as pequenas rupturas levam a uma transformação."

Os momentos de ruptura na história são muito poucos, são as grandes revoluções. Mas as pequenas rupturas, na ditadura militar, por exemplo, na redemocratização do país, no processo de transição, foram muito eficazes e recorrentes. Armênio afastou-se do partido por discordância com a luta armada. "Eu não me identificava inteiramente com a posição, o Prestes nunca teve uma posição muito clara pela luta armada, ele engolia a ala do partido que foi contra a luta armada."

Mas, até as vésperas de 1964, alguns elementos do partido achavam que deveria ser feito um assédio ao movimento pelas reformas, mas reformas feitas dentro da lei, na legalidade, e eles tinham um plano maquiavélico de fazer um grande movimento, uma marcha sobre Brasília, cercar o congresso, e obrigar o Congresso a fazer as reformas na marra.

Armênio: "Eu acho que a posição do partido, ao se afastar do PTB, do PSD, de Amaral Peixoto e outros que sempre se colocavam contra um golpe de direita udenista e o partido era aliado deles, nesse momento a esquerda cresceu. A reforma agrária que eles queriam era pontual, só o momento da revolução e não o processo gradativo de evolução para o trabalhador rural. Muitas vezes, o programa agrário era mais do trabalhador rural do que do camponês que queria a terra para trabalhar. A conquista do Agreste é uma verdadeira revolução no campo."

Rui era um intelectual engajado em tempo real. Na parte II de *Cangaceiros e Fanáticos*, intitulada Canudos e o Conselheiro, ele justifica, em nota prévia, sua motivação, que é a de corrigir o conservadorismo da historiografia oficial em relação à comunidade de Canudos

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 221 3/1/2014 00:56:58

e sua chacina, a maior guerra civil do Brasil, extermínio cruel!

Diz Rui:

— Se Euclides da Cunha, estudioso honesto da realidade brasileira, mas com profundos preconceitos e falsas concepções estreitamente antropológicas e geográficas, não percebeu a essência da luta dos habitantes de Canudos, vendo unicamente seu fundo religioso, de fanatismo, não se justifica que esse ponto de vista errôneo prevaleça na historiografia do Brasil.

Portanto, *Cangaceiros e Fanáticos* propunha-se a uma correção histórica, contra uma historiografia do opressor.

Rui também lembra que Pedro Calmon se referiu a Canudos como reduto da ralé celerada dos sertões. Rui vai demonstrar agora que Canudos não foi, como escreveu Calmon, "apenas um conflito religioso, produzido pela barbárie sertaneja".

E o faz com determinação e a minúcia de um artesão, determinado a recuperar fatos, contextualizá-los e inseri-los em um *continuum* social, desalienando Canudos da realidade regional do Nordeste e, do Brasil.

A expressão *Cangaceiros e Fanáticos* está associada ao pensamento crítico de Rui Facó. O lançamento póstumo do livro, em 1963, passou a ser, no regime militar, uma das publicaçoes mais lidas e discutidas, mesmo que de modo clandestino. Todo o olhar social do autor, seu profundo humanismo e criticismo são alvo de tentativa de desconstrução pelo olhar conservador.

Darcy Ribeiro usa a expressão, em 1995, certamente como uma referência direta a Rui a despeito de não referenciá-la.

Vejamos esse "diálogo" entre Rui, de 1963, e o Darcy, de 1995, no livro deste, *O Povo Brasileiro — A formação e o sentido do Brasil*:

— O sertanejo arcaico caracteriza-se por sua religiosidade singela tendente ao messianismo fanático, por seu carrancismo de hábitos,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 222 3/1/2014 00:56:58

por seu laconismo e rusticidade, por sua predisposiçao ao sacrifício e à violência. (Darcy, 1995)

— Não nego a existência do fenômeno, uma espécie de misticismo, de messianismo não cristão, embora formalmente influenciado pelo cristianismo. (Rui, 1963)

— Suas duas formas principais de expressão foram o cangaço e o fanatismo religioso, desencadeados ambos pelas condições de penúria que suporta o sertanejo, mas conformadas pelas singularidades do seu mundo cultural. (Darcy, 1995)

— O que discuto é a sua essência, a eclosão e motivação das lutas no falso pressuposto de que elas têm no misticismo ou messianismo sua origem e seu fim. (Rui, 1963)

— Posso assegurar que os fenômenos de misticismo ou messianismo, que se convencionou chamar de fanatismo, disseminados pelos sertões em nosso passado ainda recente, têm um fundo perfeitamente material e servem apenas de cobertura a esse fundo. (Rui, 1963)

— É de assinalar que o cangaço surgiu no enquadramento social do sertão, fruto do próprio sistema senhorial do latifúndio pastoril, que incentivava o banditismo, pelo aliciamento de jagunços pelos coronéis com seus capangas (guarda de corpo) e, também, como vingadores. (Darcy, 1995)

— Por que surgiu o cangaceiro? Que gerou o capanga? "Empreendemos aqui uma tentativa de compreensão daqueles fenômenos. Relatos existem, numerosos. Interpretações, nenhuma", responde Rui.

PADRE CÍCERO E LAMPIÃO

Cangaceiros e Fanáticos era o livro de estreia intelectual de Rui, não que *Brasil Século XX* seja um livro menor. Mas, aqui, o autor mostra sua ambição intelectual e sua capacidade de elaborar teses a partir de argumentos consistentes e fartamente documentados. Como repórter,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 223 3/1/2014 00:56:58

Rui não abriu mão de suas fontes primárias e uma delas é mesmo Luís Carlos Prestes a propósito da Coluna Prestes no Nordeste, e de uma empreitada contratada a Virgulino Lampião e seu bando para combatê-la, o que de fato não aconteceu — o combate, a contratação sim.

O livro é um ensaio denso, dividido em várias partes, algumas já publicadas em revistas do Brasil e na *Nóvaia i Novêichaia*, de Moscou, em 1959. A este ensaio soma-se outro, ambos dedicados a Canudos, e este, publicado pela primeira vez em duas edições consecutivas da *Revista Brasiliense*, São Paulo, números 20 e 21, datados de dezembro de 1958 e janeiro de 1959. Ambos foram revisados e acrescidos.

O fato é que *Cangaceiros e Fanáticos* é um texto original e sua tese central é o monopólio da terra e o que lhe decorre. O que poderia ser um panfleto, tendencioso, acaba tornando-se uma peça com rigor acadêmico, todo referenciado, mas não tão pasteurizado. A presença do autor e sua articulação textual altamente dialética é o *leitmotiv* da narrativa. Rui esteve em Canudos, em 1939, quando ainda encontrou ali fontes primárias valiosas, pessoas que conviveram com o Conselheiro. Rui conversou com Manoel Ciríaco de quem "não lhe ouvimos uma vez sequer alusão a fanáticos para designar os habitantes de Belo Monte do Conselheiro". Ao visitar Juazeiro do Norte, em 1960, Rui constatou que os "afilhados" do Padre Cícero ou os seguidores do Beato Lourenço também não são chamados de "fanáticos".

Essa é discussão relevante no livro de Rui. A expressão "fanáticos" está contaminada de ideologia. Trata-se de um ato de truculência semântica que estereotipiza um determinado tipo de comportamento. Constata Rui: "Aqueles homens que empunhavam armas e se tornavam cangaceiros, ou que se reuniam em torno de um monge ou conselheiro e eram chamados de fanáticos, não passavam, na realidade, de vítimas de uma monstruosa organização social que se está modificando hoje ao sopro das vertiginosas transformações

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 224 3/1/2014 00:56:59

por que passa o mundo contemporâneo e que nos envolvem, sacudindo a letargia em que vivia nosso interior." Há esperança em Rui e isso também faz de *Cangaceiros e Fanáticos* um livro respeitado e referenciado.

Rui critica a historiografia oficial, afeita a relatos e avessa a interpretações. "A própria aceitação da ordem de coisas vigentes e a crença na sua imutabilidade determinavam os preconceitos e os erros para compreender os fenômenos patológicos resultantes."

Rui não tem dúvida em seu diagnóstico. "Foi o monopólio da terra que nos reduziu ao mais lamentável atraso cultural, com o isolamento, ou melhor, o encarceramento em massa das populações rurais na nossa hinterlândia. [...] Analfabetismo quase generalizado. Ignorância completa do mundo exterior, mesmo o exterior ao sertão, ainda que nos limites do Brasil."

Rui assegura que o agravamento da situação acontece a partir da segunda metade do século XIX quando "o centro de gravidade econômica foi-se transferindo gradativamente para o Sul, mais desenvolvido do ponto de vista capitalista. O Nordeste, com seus arraigados remanescentes feudais e acentuada debilidade técnica, foi perdendo terreno em todos os domínios."

Nos Estados Unidos a colonização começa com uma reforma agrária, ao passo que no Brasil as capitanias hereditárias fundam uma concentração de terras que se espraia até hoje. Mas Rui não usa essa comparação, provavelmente, sob a influência da Guerra Fria e da ameaça americana sob o mundo comunista.

Rui afirma, com propriedade e consistência, que o monopólio da terra era a matriz do cangaceiro e do jagunço. Neste cenário o trabalhador vivia como semisservo. Cangaceiro e jagunço eram duas faces da mesma moeda, ambos vítimas de uma conjuntura perversa que unia o Estado opressor e um modelo anacrônico de proprie-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 225 3/1/2014 00:56:59

dade. "O latifúndio produzia o mal e o alimentava", assegura Rui. "Provocava a miséria entre os despossuídos, em cujo seio nasciam os bandoleiros, que se voltavam contra o latifúndio, ainda que de maneira inconsciente."

E aqui nasce o jagunço: "A força deste [o latifúndio] era tão grande que conseguia corrompê-los, desviá-los do seu caminho de rebelião contra a ordem dominante e colocá-los a seu serviço, aliciando-os, como jagunços, para sua própria defesa."

O jagunço é potencial cangaceiro rebelado transformado em cangaceiro manso, na expressão de Optato Gueiros, citado por Rui.

Rui também denuncia a estratégia de dispersão de neutralização do potencial revolucionário dos desterrados, promovida pelos latifundiários. "Dispersos, tornaram-se impotentes, malbarataram o formidável potencial de energias revolucionárias neles represadas durante séculos."

Nessa estratégia, Padre Cícero e os coronéis do Cariri desempenharam papel essencial, assegura Rui. O padre era um amortecedor das tensões dos camponeses desviando suas angústias para a esperança em Deus. Com isso, beneficiava sempre os latifundiários já que "o assalto em massa às grandes propriedades" era iminente.

O Padre Cícero entregava à insaciedade dos latifundiários do Cariri aqueles homens que buscavam mais do que trabalho, assegura Rui. "Muitos milhares de sertanejos foram distribuídos como gado entre os coronéis do Cariri, dispersando-se e indo trabalhar quase de graça nos sítios locais, inclusive do próprio Padre Cícero."

Rui também diz que o Padre sempre fez crer em sua capacidade de obrar milagres, mesmo quando silenciava. "Os míseros que se aglomeravam em Juazeiro deviam, portanto, esperar de fenômenos extraterrenos sua salvação."

E, finalmente, o Padre agia como advogado dos grandes la-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 226 3/1/2014 00:56:59

tifundiários sempre inventando uma desculpa para suas violências. Para ele, Padre Cícero, em toda sua existência, foi o "frenador das lutas das massas campesinas concentradas em Juazeiro e vizinhanças", aqui uma referência ao Caldeirão, dizimado. Rui é implacável, mas não irado, em relação ao papel despolitizante de Padre Cícero, sempre na perspectiva do *status quo* do latifúndio de Igreja.

Rui relembra um epsisódio relatado por Floro Bartolomeu com uma exemplar atuação do Padre Cícero. Conta Rui:

> Como exemplo, é significativo este fato narrado por Floro Bartolomeu: 'Um chefe político de um dos municípios do Cariri, homem de grande prestígio e por demais autoritário, em 1909, fez recolher parte de seu gado de leite ao roçado de um de seus rendeiros, que ainda conservava o milho virado, bem como o algodão em plena produção. O pobre lavrador, temendo fazer alguma reclamação ao autor [da façanha], foi ao Juazeiro e queixou-se ao Padre Cícero. O Padre, não obstante ter a certeza de que tal chefe era o autor da perversidade, disse ao queixoso não ter sido o dono da terra, mas sim algum perverso. Fê-lo esperar e foi escrever uma carta ao chefe... O Padre depois que o homem se retirou, disse: Foi o próprio chefe quem mandou fazer isso [...] Conclusão, o coronel, quando recebeu a carta, simulando ignorar o fato, imediatamente mandou retirar o gado [...] O pobre lavrador [...] voltou ao Juazeiro e disse [ao Padre]: 'Bem que meu padrinho disse que não foi o coronel; pois ele mandou logo retirar o gado e garantiu que castigava o perverso.'

Mas Rui ressalva o carisma, a perspicácia e a liderança inconteste do Padre Cícero que acabaram desaguando na ideia de milagre a partir das dicas do sacerdote sobre questões básicas de higiene pessoal.

> [...] não podemos esquecer algumas causas "positivas" na sua formidável projeção em todo o Nordeste. Seu apostolado se inicia de ma-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 227 3/1/2014 00:56:59

> neira diversa dos demais sacerdotes católicos: não cobra em dinheiro os serviços religiosos. É o ponto de partida da sua popularidade, ao lado, é claro, de certas manifestações místicas coincidentes com as das camadas mais atrasadas da população sertaneja local. A cidade de Crato era o centro do vale, mas quem não podia pagar casamento, batizado, missas votivas dirigia-se a Juazeiro, que apenas surgia, em busca do jovem padre que não recebia dinheiro por coisas sagradas... Depois, na medida em que cresceu o ajuntamento em torno da capela do "santo", aquela população miserável e enferma, que não conhecia médico nem jamais havia procurado uma farmácia, encontrava nos conselhos do Padre Cícero os ensinamentos para curas que realmente se efetivavam. Muitas vezes, simples conselhos higiênicos elementares que a população pobre desconhecia totalmente. E vieram as lendas dos 'milagres'...

No argumento inicial de *Cangaceiros e Fanáticos* Rui remete-nos para o problema central, o cerne da questão — o monopólio da terra, como ele se estabelece, consolida-se e reproduz-se:

> Uma série de crises — de ordem econômica, ideológica, de autoridade — expressas em rebeliões espalhadas em vastas áreas do interior do Brasil, abrangendo muitos milhares de habitantes do campo, é a característica principal do período de transição que compreende o último quartel do século XIX e o primeiro deste século em nosso País.
>
> Que foram Canudos, Juazeiro, o Contestado, Caldeirão, Pau de Colher, Pedra Bonita, que precedeu a todos, com traços mais ou menos idênticos, ao lado do cangaceirismo, que se prolongou até os fins da década de 30? Para a nossa história têm sido encarados como fenômenos extra-históricos. 'Banditismo', 'fanatismo' são expressões que os resumem, eliminando-os dos acontecimentos que fazem parte de nossa evolução nacional, de nossa integração como Nação, de nosso lento e deformado desenvolvimento econômico.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 228 3/1/2014 00:56:59

> Mas, seriam simples criminosos esses milhares, dezenas de milhares de pobres do campo que se rebelavam nos sertões, durante um tão largo período de nossa história? Seriam apenas os 'retardatários' da civilização, como os qualificava Euclides da Cunha?
>
> Evidentemente, não. Constituiriam, se assim fosse, uma percentagem de criminosos de todo anormal, desconhecida em qualquer país, em qualquer época histórica. Eram muito mais frutos do nosso atraso econômico do que eles próprios retardatários. Hoje, compreendemos e sentimos que eles eram uma componente natural do nosso processo evolutivo, a denúncia do nosso próprio retardamento nacional, o protesto contra uma ordem de coisas ultrapassadas e que deveria desaparecer.

Rui não poupa a figura de Floro Bartolomeu. Graduado pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1904, migrou para o Ceará em 1908, seduzido pelo potencial de uma mina de cobre no município de Aurora. Acabou indo morar em Juazeiro do Norte, onde abriu uma farmácia, ponto de atendimento da população, como médico e também como rábula. Daí, foi um passo para estabeleccer amizade com o carismático Padre Cícero Romão Batista.

Rui asserta:

> Na figura deste falso romeiro que acabaria sendo o mentor político e o árbitro das decisões do Padre Cícero — Floro Bartolomeu da Costa — travamos conhecimento com um tipo de coronel que se foi tornando comum no Brasil com o crescimento da burguesia nacional. É o misto de coronel e burguês, de latifundiário e capitalista, simultaneamente chefe de cangaço e político das grandes capitais, e que, nos meios políticos, seja do município, do Estado ou em âmbito nacional, vai defender diretamente os interesses de sua grei, mas procurando conciliar por todos os meios os interesses da burguesia e do latifúndio. Hoje pode comandar

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 229 3/1/2014 00:56:59

> um bando de jagunços, pegar em armas ele mesmo à frente de grupos de homens rústicos e decididos, e amanhã falar na tribuna do Parlamento federal, manter órgão de imprensa para defender-se dos ataques dos inimigos políticos e conservar-se em armas no interior para impor seu prestígio local, repelir um assalto do adversário à sua fazenda ou tomar de assalto a fazenda do adversário e corresponder-se amistosamente com o governador do Estado, com o ministro da Guerra, com o presidente da República. Floro Bartolomeu foi um desses tipos, uma de suas mais altas expressões no Brasil.
>
> [...] Floro Bartolomeu entrou logo em contato com o sacerdote famoso e, em pouco tempo, conseguiu tornar-se homem da máxima confiança e da intimidade do Padre, servindo-o como médico particular.
>
> [...] O nome de Floro Bartolomeu projetou-se rapidamente por todo o vale do Cariri e passou a ser respeitado não apenas por ter-se tornado um homem de confiança direta do Padre Cícero, mas por sua coragem pessoal, sua decisão de enfrentar inimigos numa luta armada com poderosos locais, verdadeiro chefe que se revelara.

Rui especula sobre a hipótese de ter sido Floro Bartolomeu o inspirador do famoso pacto dos coronéis, "um dos documentos mais significativos da história do coronelismo no Brasil. A aliança insólita foi assinada em Juazeiro, em 4 de outubro de 1911, numa importante assembleia que congregava em torno do chefe político local, o Padre Cícero, como árbitro das divergências que perturbavam intermitantemente a paz no Cariri, os coronéis de todos os municípios da zona. Nada menos de 17 chefes políticos municipais".

Rui entende que "O Cariri, com os 'milagres' do Padre Cícero e a esperteza de Floro Bartolomeu, funcionava como válvula de contenção da sangria enorme que desfalcava permanentemente as reservas humanas do Nordeste. O grande perigo estava em perder essas reservas".

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 230 3/1/2014 00:56:59

Rui resgata um ato extremo de transgressão da energia revolucionária de um subalterno contra sua própria gente. Trata-se de Virgulino Lampião. A conjuntura era a fase posterior à Primeira Grande Guerra. Às mudanças de ordem econômica, "deve-se acrescentar a efervescência política que empolgou o País, ao iniciar-se a década de 1920". Aqui, o intelectual de carteirinha se expõe com certo viés:

> Os efeitos psicológicos da Primeira Guerra Mundial, as agitações operárias que se seguiram imediatamente à revolução socialista na Rússia, determinando uma formidável onda de greves e agitações operárias e populares no Rio, em São Paulo, no Recife, o crescimento da pequena burguesia urbana e suas aspirações de um lugar ao sol deram como consequência a fundação do Partido Comunista Brasileiro, em 1922, e uma espetacular tentativa de rebelião armada, resumida ao levante do Forte de Copacabana e seguida, em 1924, de uma mais séria sublevação de tropas em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Desta última, saiu a Coluna Prestes, como um rastilho de pólvora a arder pelos sertões do Brasil. Na sua longa marcha de sacrifícios e heroísmo, durante dois anos, a Coluna, não obstante a ausência de objetivos concretos, de longo alcance, de seus chefes, foi um elo de ligação entre a cidade e o campo, uma aragem dos novos ventos que sacudiam a vida urbana, despertando a consciência revolucionária entre as massas oprimidas das populações rurais.

Pois a Coluna Prestes criou as condições objetivas para um fiasco de Bartolomeu em relação ao Padre Cícero.

Continua Rui:

> Os 'revoltosos', como eram chamados, no Nordeste, os homens da Coluna Prestes, mobilizavam-se contra si o ódio dos chefetes locais e dos grandes latifundiários — e é sintomático como, por instinto, lançaram-se à sua perseguição os coronéis da mais elevada categoria, aqueles que contavam com os maiores exércitos de jagunços — tinham os 'revoltosos'

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 231 3/1/2014 00:56:59

> a seu favor a admiração sem limites da pequena burguesia e dos trabalhadores das cidades e do campo. Os pobres e humildes lhes votavam grande simpatia, reforçavam-lhe os contingentes, davam-lhe toda a ajuda possível.

É aí que Lampião — inimigo público dos grandes proprietários e seus asseclas, incluindo os líderes políticos da região que se confundiam no mesmo papel qual Médico e Monstro —, entra na história.

> Em 1926, Lampião é chamado a Juazeiro, com o objetivo pré-determinado e a aquiescência das próprias autoridades federais, de armá-lo para dar combate à Coluna. Floro Bartolomeu recebe dinheiro do governo central com esta finalidade expressa: armar capangas contra os 'revoltosos'. Não foi Floro, dizem, mas um seu lugar-tenente Pedro Silvino, quem teve a ideia de mobilizar precisamente o chamado Rei do Cangaço para lançá-lo contra a Coluna. O certo é que Lampião entra em Juazeiro, acompanhado de um contingente de uns 40 capangas, conversa com o Padre Cícero, recebe uma falsa patente de capitão do exército e avultada quantidade de armas e munições. Obtém a bênção do Padre Cícero, a quem promete se regenerar, e segue seu destino. Mas se escolher um caminho, deve ser qualquer outro que o distancie da Coluna.

Depois, Rui checou com Prestes que jamais Lampião procurou entrar em contato com a Coluna, "dela deve ter sempre fugido, tal a fama de valor de seus componentes", valoriza.

Rui especula que,

> o principal motivo por que Lampião não tratou jamais de cumprir seu acordo com os chefes de Juazeiro foi precisamente a popularidade que desfrutava a Coluna, a glória de seu comandante, a repercussão de seus feitos entre as populações rurais. Lampião saíra daquela mesma gente simples, cujos filhos ingressavam voluntariamente nas fileiras da

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 232 3/1/2014 00:56:59

> Coluna, e via quem a perseguia como cães de fila: os coronéis, os grandes fazendeiros. Isso, muito embora Floro Bartolomeu lançasse mão de sua capangada para tentar impedir a passagem da Coluna pelo sul do Ceará.

Mas, outra hipótese, é que Lampião viu que nas fileiras da Coluna estava gente como ele, revoltados, em levante real com letalidade potencial contra o *status quo*. Com sua patente de capitão na mão e armado até os dentes por seus próprios algozes, aqueles contra quem combatia, e ainda abençoado pelo "Padim Ciço", Lampião e seu bando se internaram nas brenhas do sertão de Ceará e de Pernambuco e é provável que tenha dado uma "banana" pra todos aqueles seguida de uma gutural gargalhada que só Glauber Rocha faria representar em *Deus e o Diabo na Terra do Sol*.

Cangaceiros e Fanáticos é uma obra, até então, inédita em sua perspectiva de análise e, portanto, demasiadamente original.

Isso sinaliza para o que teríamos por vir de Rui, um pensador à frente do seu tempo. Sua pujança intelectual e capacidade de articulação e conexão de fatos sem nunca ser panfletário ou raso mostra que o Brasil perdeu um grande analista, precocemente.

A Rui não foi dada a oportunidade de dialetizar seu pensamento em compasso com a história. Nem jamais lhe imaginaria que, um ano depois de sua morte, o Brasil mergulharia numa zona nebulosa que ficaria mais escura em 1968. Seus contemporâneos, a maioria, até mesmo Marighella, tiveram oportunidade de escolher *Novos Rumos*, uns mais ao centro, outros mais à direita, outros mais à esquerda e, no caso de Marighella, à esquerda da esquerda, a luta armada, uma leitura ortodoxa de *La revolución*, como ensinaram os bolcheviques e, por aqui, Fidel.

Padre Cícero morreu em Juazeiro do Norte, sul do Ceará, no

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 233 3/1/2014 00:57:00

dia 20 de julho de1934, aos noventa anos, onde está sepultado na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Sua imagem é um ícone de fé popular, principalmente no Nordeste do Brasil.

‡

De uma a duas vezes por semana Rui embrenhava-se nos sebos do Rio de Janeiro, numa garimpagem interminável, percorrendo as prateleiras e pilhas de livros com a paciência de um eremita. Seu hábito repetido regularmente fê-lo um cliente especial, meticuloso e pertinente nas buscas. Tinha atenção especial para as obras e trabalhos que tratavam do problema da terra no Brasil.

Dos muitos estudos de Rui sobre a questão agrária resultou *Cangaceiros e Fanáticos*, lançado duas semanas depois de sua morte. A ideia do livro, hoje com mais de 18 edições, foi germinada a partir de ensaios de Rui publicados no *Novos Rumos*.

Rui esteve no Congresso de camponeses que aconteceu em Belo Horizonte, em 1963. Ele escreveu algumas matérias muito interessantes a respeito disso. Desse período, a produção de Rui sobre reforma agrária é tão intensa e rica que daria um livro de coletânea. Mas a maioria dos textos dorme em acervos dispersos, embora há algum tempo dois amigos de Rui tenham tido a ideia de reuni-las num volume. Grande parte das reportagens e ensaios veio de viagens de Rui a pontos críticos no Brasil, como o norte do Paraná e regiões de Goiás, passando pelo oeste paulista.

Na edição de dezembro de 1961 de *Estudos Sociais*, Rui Facó publicou um artigo sob o título "Notas sobre o problema agrário", em que são enumerados problemas estruturais da agricultura no Brasil.

> A primeira manifestação da crise agrária no Brasil, no último século [século XIX], é a escasssez de mão de obra. Ao iniciar-se a segunda metade

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 234 3/1/2014 00:57:00

> do século XIX, o problema da terra no Brasil, para os latifundiários, estava estreitamente ligado à falta de braços suficientes.
>
> [...] Para os fins do século, o problema agrário no Brasil toma um novo aspecto. Alguns ideólogos da nova classe vão se impondo, a burguesia, os quais representavam também as aspirações da crescente pequena burguesia urbana, começaram a bater-se contra o monopólio da terra. A crise agrária não resultava mais unicamente da escassez de mão de obra.
>
> [...] O regime latifundiário foi mantido com a imposição à Nação do ônus do seu atraso.
>
> [...] a medida básica, inicial, o ponto de partida é aquele: remover o maior entrave ao pleno desenvolvimento econômico e social do País — o latifúndio semifeudal. Porque, uma vez liquidado esse peso morto na vida econômica do Brasil, novas forças econômicas e sociais despertarão no campo, ajudando a impulsionar vigorosamente o nosso progresso.

É curioso observar que nos textos de Rui sempre há uma proposta final de apaziguamento nacional pela linha social em favor dos mais pobres, o proletariado emancipado de sua condição, e conciliando a isso a soberania nacional.

Noutro momento, ele defende que o Partido Comunista foi o primeiro a ficar do lado, como bandeira, das massas camponesas. Este é um texto com maior densidade intelectual, domínio sobre o tema e grande estilo textual. Aqui, temos um denso aperitivo do que viria a ser *Cangaceiros e Fanáticos*.

> O problema da terra, para o PCB, só lentamente foi sendo compreendido como um problema fundamental da Revolução brasileira. O partido carregava ainda o peso de influências anarquistas, que só via o proletariado moderno, o operário da fábrica, sem pensar o quanto lhe era imperioso possuir aliados, numerosos e firmes, na sua longa caminhada para o poder. Aliás, com exceção dos social-democratas russos, os demais

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 235 3/1/2014 00:57:00

socialistas desprezavam o campesinato trabalhador.

No entanto, o marxismo-leninismo já possuía, elaborados, os princípios da aliança operário-camponesa, com os primeiros trabalhos básicos de Marx e Engels, desenvolvidos depois por Lênin em sua polêmica com Plekhanov, que subestimava o papel das massas camponesas na Revolução proletária.

No caso do PCB, nos primeiros anos da sua existência, contribuíram para a ausência de uma política partidária em relação ao campo: 1º A debilidade teórica de seus dirigentes; 2º O desconhecimento da própria realidade no campo. Os comunistas, nos primeiros anos de sua existência organizada em partido, limitavam suas atividades às grandes cidades, em particular ao setor operário e à intelectualidade.

Mais tarde, numa entrevista a Mário Augusto Jacobskind, no jornal *Tribuna da Imprensa*, de 24 de março de 1981, Luís Carlos Prestes usou este argumento de Facó, reinvidicando para o Partido a originalidade da bandeira da reforma agrária.

— Lutamos sempre pela democracia, disse Prestes. E arremata:

—Fomos os primeiros a levantar a necessidade da reforma agrária, como também os primeiros a levantar a necessidade da luta contra o imperialismo, contra a espoliação do nosso povo pelas multinacionais.

E sequencia Rui Facó no seu texto precursor de *Cangaceiros e Fanáticos*:

O BLOCO OPERÁRIO-CAMPONÊS

Foi em 1923, seis anos depois da fundação do PCB, que se impôs aos comunistas o problema agrário. O país vinha sendo abalado havia mais de um lustro por movimentos de caráter revolucionário, nos quais predominavam as reivindicações de superfície das camadas médias da população. O 5 de julho de 22, o 5 de julho de 24, a Coluna Prestes eram as expressões

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 236 3/1/2014 00:57:00

mais salientes deste estado de espírito revolucionário que empolgava as populações urbanas. Foi a Coluna Prestes o primeiro grande elo de ligação entre a cidade e o campo, não obstante a falta de um programa concreto dos 'revoltosos' e a total ausência de uma ação de sua parte junto às populações campesinas pobres, que entretanto simpatizavam francamente com os feitos da Coluna e seus chefes. Mas, através da Coluna, o sopro de rebeldia das cidades chegava ao meio rural. Era precisamente isto que mobilizava os grandes latifundiários de um extremo a outro do país para combater a Coluna, como o fizeram com particular relevo os 'coronéis' Franklin Lins e Horácio de Matos, no interior da Bahia, e Floro Bartolomeu e Pedro Silvino, chefes políticos do Cariri que, com o consentimento e a passividade do Padre Cícero, armaram Lampião e lhe deram patente de oficial do Exército.

Em 1928, com a efervescência da campanha eleitoral para a substituição de Washington Luís, os comunistas com seu partido na ilegalidade, fundam o Bloco Operário e Camponês para concorrerem ao pleito. Na realidade, esse ensaio de frente única, perfeitamente justo como tática, de camponês só tinha o nome. Representação camponesa nele não existia, não havia contato efetivo entre o partido e as massas campesinas. Isto, naturalmente, por falta mesmo de clareza teórica sobre a importante questão.

Mas era um primeiro passo no bom caminho.

Em 1929, em seu terceiro congresso, o partido se definia em relação ao problema da terra.

As 'Teses e Resoluções' adotadas pelo III Congresso do PCB têm um capítulo 'Sobre a Questão Camponesa', onde se diz num reconhecimento autocrítico: 'Até aqui a questão camponesa não havia sido examinada pelo partido com a necessária atenção. Só nos últimos tempos começou ela a interessar alguns de nossos militantes...'

Define então a linha do Partido quanto ao problema do campo: A nossa palavra de ordem fundamental deve ser: Terra a quem a cultiva. Propõe também uma série de reivindicações de caráter imediato, referen-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 237 3/1/2014 00:57:00

tes a salários, cooperativas de consumo, saneamento, instrução primária, impostos, combate enérgico e decisivo aos restos de escravidão", horas de trabalho, liberdade de associação e 'união com os trabalhadores industriais na luta contra os dois imperialismos opressores, inglês e americano, e contra os seus aliados nacionais'.

Este documento trata a seguir das reivindicações específicas das principais categorias de trabalhadores do campo: arrendatários, pequenos proprietários, operários agrícolas, peões.

Era um grande avanço sobre o II Congresso, de 1925, quando as 'Teses e Resoluções' se limitam a um breve parágrafo em que constata ser 'absolutamente necessário e urgente iniciar um trabalho sério e sagaz para resolver a questão sobre todas grave das relações do PCB entre as massas camponesas do Brasil'.

De documentos anteriores, encontramos apenas um folheto assinado por S. B., intitulado *Situação da classe trabalhadora em Pernambuco*. Um ótimo trabalho para a época, com dados objetivos, de quem conhece bem a realidade no campo pernambucano. Mas um trabalho individual. Há outro documento importante, anterior a 25 (segundo Astrojildo Pereira), dirigido 'Aos 9 milhões de trabalhadores do interior do Brasil', precedido pela epígrafe: 'Conquistemos para a luta internacional de classes os 9 milhões de trabalhadores do Brasil'. São conclamações e diretivas — nada mais.

1934 — ORIENTAÇÃO LENINISTA

Não conheço todos os documentos dos comunistas brasileiros em relação ao problema agrário. Mas não tenho dúvida de que um dos mais importantes entre os primeiros é o que foi publicado nos números 2/3 da *Revista Proletária*, em 1934 [editada no Rio de Janeiro]. É um trabalho longo, bem elaborado e cuja principal característica, na minha opinião, é tentar uma apreciação a mais objetiva possível da realidade brasileira no campo, à época. Diz-se aí:

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 238 3/1/2014 00:57:00

"O Brasil é um país de predominância colossal da grande propriedade latifundiária, semifeudal, do Estado e da Igreja. A propriedade agrícola camponesa é inteiramente insignificante e é encontrada principalmente no sul (os colonos do Estado do Rio Grande do Sul) e ao redor das grandes cidades. Na exploração das massas camponesas trabalhadoras dos campos, as sobrevivências pré-capitalistas (semi-escravistas e semifeudal) dominantes entrelaçam-se estreitamente com os elementos capitalistas'. E adiante: 'Nas relações agrárias do Brasil é característico não a simples coexistência lado a lado como vizinhos numa proximidade mecânica (em uma mesma ou diversas economias) das relações semifeudais e capitalistas, mas precisamente seu entrelaçamento não somente em qualquer economia, mas também em relação ao único e mesmo trabalhador'. E ainda: 'Não negando, de modo algum, a existência no Brasil do proletariado agrícola realmente livre (isto é, livre da dependência feudal escravista), é necessário acentuar com toda a precisão que a massa fundamental daqueles 7/8 milhões de trabalhadores aos quais a estatística e a literatura brasileira se referem como a uma categoria de 'operários agrícolas', na realidade está cerceada pelas inúmeras relações pré-capitalistas em toda a estrutura das relações agrárias no Brasil. Por isso não pode deixar de ter dentro de si os inúmeros traços de sua origem. Os grupos em transição da escravidão e da servidão para o assalariado capitalista ocupam em sua composição um lugar muito importante'.

Este trabalho interessantíssimo da *Revista Proletária* se baseia na concepção leninista do problema camponês, cita Lênin, mas ao mesmo tempo — e isto me parece de grande significação — procura ver concretamente o que era a nossa própria realidade. Refere-se às diversas categorias de trabalhadores agrícolas no Brasil, aos tipos de relações de produção, entrando mesmo na apreciação da diferença entre preços de importação elevados ou estacionários e os preços de exportação reduzidos de nossos produtos primários, diferença que os latifundistas procuravam compensar intensificando a exploração do trabalhador rural, daí: 'O processo de

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 239 3/1/2014 00:57:00

pauperização dos camponeses recebe uma nova aceleração. A queda do volume de exportação de uma série de culturas de exportação importantes e a redução da produção agrícola provocam o desemprego colossal no seio do proletariado agrícola do Brasil, e ao mesmo tempo conduzem a que se intensifiquem os métodos semifeudais e semi-escravagistas da exploração'.

Depois, segue-se a conclusão lógica da posição do Partido Comunista ante as massas campesinas: 'Uma das mais importantes tarefas do PCB é tomar a direção da luta dos camponeses que se desdobra, e, para obtê-la, conseguir a sua confiança revolucionária, assegurando assim nas suas massas pobres e médias um aliado para a classe operária'. E de maneira mais ampla e peremptória: 'Somente colocando-se na direção dos camponeses pobres e médios, combatendo pela liquidação revolucionária das sobrevivências pré-capitalistas, do jugo imperialista e nacional que pesa sobre eles, poderá o proletariado no Brasil preparar as condições necessárias à sua própria libertação de classe'.

Aí já temos a aliança operário-camponesa como condição indispensável para a emancipação social do proletariado e, portanto, para a revolução.

No citado documento, considera-se que 'a tarefa central da revolução democrático-portuguesa do Brasil é, a par do desenvolvimento da luta contra o imperialismo, a liquidação da propriedade agrícola semifeudal dos latifundistas, do Estado e da Igreja'.

Como levar a cabo esta tarefa central? Di-lo ainda o documento em apreço: 'os pontos de apoio fundamentais do trabalho do PCB, nos campos onde exista o proletariado agrícola, devem ser os sindicatos de operários agrícolas. Estes são as principais correias de transmissão de influência proletária sobre os camponeses, os centros fundamentais da mobilização e da organização revolucionária das massas'.

Este documento elaborado pelo Secretariado para a América do Sul e do Caribe, sobre uma análise feita pela I. C. sobre o trabalho do PCB no campo — conforme a indicação da revista — , pelos dados concretos

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 240 3/1/2014 00:57:00

> que apresenta, mostra que o partido já se preocupava seriamente com o problema agrário. É também o ponto de partida para uma linha definida em favor da aliança operário-camponesa, capítulo básico do seu programa.
>
> Posteriormente, o amplo movimento de massas que foi a Aliança Nacional Libertadora, onde os comunistas exerciam grande influência, teria como lema o trinômio: Pão, Terra, Liberdade.

Armênio Guedes escreveu uma matéria que julga interessante "porque era um pouco de água fria naqueles caras que achavam que nós estávamos na véspera de uma revolução agrária, que o Congresso era uma espécie de gota-d'água" para a revolução. Foi ali que Francisco Julião lançou a palavra de ordem "viver a pátria livre ou morrer pelo Brasil" — como se sabe, a reforma agrária gourou.

Armênio entende que aquilo não era expressão do movimento camponês como é por exemplo hoje, o MST, que tem massa. "Eu não creio que seja uma expressão muito grande no movimento camponês embora acredito que tenha gente urbanizada que é recrutada para isso."

— Eu dizia sempre que aquela era mais uma expressão do movimento democrático da cidade pela reforma agrária. O movimento democrático de esquerda lutava pela reforma agrária e procurava organizar os camponeses, através das Ligas Camponesas, com alguma expressão do Julião. Mas nem de longe se assemelhava a um movimento camponês como existia na Rússia em 1905, com milhares de insurreições camponesas. Era uma onda, era um movimento camponês, era uma luta pela terra, era um camponês ainda meio feudalizado, era o povo da gleba.

— E, então, logo depois desse congresso de Belo Horizonte, o Rui também escreveu várias matérias, eu escrevi também, coisa pequena, mas particularmente focalizado nisso.

Rui trocava muitas ideias com um estudioso da questão agrária,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 241 3/1/2014 00:57:00

Alberto Passos Guimarães, que tinha alguns livros interessantes sobre o problema agrário, como *Quatro Séculos de Latifúndio*. Eles eram muito amigos, trocavam informações, estudavam muito, discutiam muito.

Sobre *Quatro Séculos de Latifúndio,* primeiro lançado em 1963, mas que teve sucessivas edições, Antônio Houaiss, em prefácio à 7ª edição, afirma que o livro é uma "síntese do infeliz processo dos quatro séculos de latifúndio brasileiro. O autor analisa a história agrária do Brasil colonial — o regime das sesmarias — do feudalismo até as crises de superprodução e as transformações capitalistas".

No ensaio *A reforma agrária na visão dos intelectuais da década de 1960,* o autor Andrius Estevam Noronha, da PUC-RS, diz que "Guimarães é visivelmente contagiado pelo período ligeiramente anterior ao golpe militar, quando o Brasil vivia numa crescente participação política das classes populares, através das ligas camponesas e do movimento pelas reformas de base. No prefácio da primeira edição, em outubro de 1963, ele deixa claro: 'Restringimo-nos, neste trabalho, à apreciação de determinados aspectos que nos parecem marcantes da formação, apogeu e declínio do latifúndio no Brasil'".

Na análise cronológica de Alberto Passos Guimarães "o latifúndio e o Brasil nasceram praticamente juntos". E reforça: "A implantação das capitanias hereditárias e a concessão de terras para os amigos da Coroa Portuguesa está inserida na forma de ocupação do território, juntamente à herança cultural que moldou a estrutura sociológica e histórica, e favoreceu a manutenção de uma concentração de terra que perdura até os dias atuais."

Escreve Guimarães:

> Ao latifúndio açucareiro, ao latifúndio cafeeiro, ao latifúndio cacaueiro, incorpora-se agora o cada vez mais poderoso latifúndio pecuário. E todos eles reunidos, constituem o último reduto das sobrevivências coloniais e feudais que estrangulam o desenvolvimento da agricultura e

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 242 3/1/2014 00:57:00

> da economia brasileira. Esse reduto tem sua base territorial nas regiões latifundiárias de Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Alagoas, de onde também partem, não por acaso, os últimos estertores da desesperada e inútil resistência contra as reformas democráticas e contra o avanço inexorável da sociedade brasileira no rumo do progresso.

Armênio Guedes lembra que "às vésperas do nosso 1964 houve uma reunião no Instituto Brasileiro de Reforma Agrária — IBRA, depois virou INCRA, naquela época João Pero Neto era o presidente, era não sei o que da Reforma Agrária".

— Nessa reunião estava o João Pero Neto, que era o presidente, estava o Alberto Passos Guimarães que era estudioso e velho membro do partido dos anos 1930, estava o Marco Antônio Tavares Coelho que foi deputado pelo Partido e tem um livro interessante *Memórias de um Comunista*, da Record, e um outro também interessante, *O Rio das Velhas — memória e desafio,* e estava o José Serra que era o presidente da UNE e Osvaldo Pacheco — eu me lembro dessas pessoas — e era para discutir o projeto de reforma agrária do Jango. A ideia era fazer a reforma agrária nas propriedades de mais de 80 hectares, uma coisa assim, era uma coisa muito radical. E nós decidimos que a reforma agrária deveria ser feita nas propriedades com mais de 500 hectares que tivessem ao longo das ferrovias, dos meios de comunicação das estradas etc. Era uma reforma agrária para acabar com o latifúndio realmente improdutivo que era o de mais de 500 hectares.

Armênio, Marco Antônio Tavares Coelho que foi deputado federal, ex-dirigente do PCB, e Alberto Passos Guimarães defendiam a posição de uma reforma agrária "racional" — que iria democratizar a produção no campo sem acabar com as propriedades capitalistas

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 243 3/1/2014 00:57:00

produtivas — e não de uma reforma "radical". Previa uma política agrária que se ampliava em uma reforma agrária.

— O cenário político da morte de Rui era de grande agitação, lembra Armênio Guedes.

O Brasil vivia a efervescência de muitos movimentos pró-Cuba e Rui Facó foi ao Chile e à Bolívia — nessa conjuntura de incertezas, perplexidades e utopias —, escrever reportagens relacionadas com o Congresso Latino-Americano de Apoio à Cuba. Na verdade, Rui viajou "disfarçado" de repórter de *Novos Rumos*, mas ele ia mesmo era na condição de delegado do Partido ao Congresso, no Chile.

Rui não chegou a mandar nenhuma matéria para *Novos Rumos*. Na época, no calor da Guerra Fria, especulou-se que o acidente teria sido uma sabotagem americana. "Quando chegaram nos Andes, no avião sinistrado, a CIA tinha chegado antes para remexer no avião", lembra Armênio . Tinha uma delegação cubana a bordo e os americanos temiam que houvesse algum indício de participação, mas a gente não sabe o que é verdade. Essa coisa não foi contestada."

Logo depois da Revolução, em 1964, nos primeiros dias, saiu no jornal *O Globo* uma nota dizendo que a casa do Rui Facó havia sido invadida e ele tinha sido preso, estava uma loucura naqueles dias.

Armênio vê Rui como uma pessoa muito correta, muito responsável no trabalho dele, o trabalho jornalístico, correto nas relações familiares e humanas. Rui morou muito tempo com Adorzinda Dulfina dos Santos Guedes, chamada Sinhá, no Rio de Janeiro. Armênio é filho de dona Sinhá com Júlio Augusto de Castro Guedes, que morreu ainda na Bahia. Rui não chegou a conhecê-lo. Dona Sinhá cuidava muito do neto Paulo que tinha um problema de nascença e exigia cuidados especiais. "Era um problema de formação, se operou no Brasil, se operou na União Soviética, mas muito pouco o resultado, no final da vida ele

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 244 3/1/2014 00:57:00

enfrentou muita dificuldade", lembra Armênio.

Rui assimilava e exercia a visão do PCB na época. Uma divergência de Armênio com Rui era clara. "Ele não via a importância do discurso de que o Brasil não iria se desenvolver somente depois da reforma agrária, o Brasil estava se desenvolvendo, já havia um desenvolvimento industrial. Tinha um período que a gente discutia muito no partido, depois da chamada declaração de marcha, em 1958".

Armênio lembra a amizade de Rui com Graciliano Ramos, vizinhos no bairro Laranjeiras, no Rio. "O Graciliano adorava o filho de Rui, Paulo, que por conta da limitação física levava uma vida de muita leitura, já lia Monteiro Lobato", conta. Graciliano nasceu em Quebrangulo, Alagoas, no dia 27 de outubro de 1892, e morreu no Rio, a 20 de março de 1953. Filiou-se ao PCB em 1945 e, em 1952, morou na União Soviética onde também encontrou Rui.

Armênio julga que "Rui tinha também uma visão literária boa, publicou uma crítica sobre *Grande Sertão: Veredas*, de 1956, em *Estudos Sociais*. Fez pouca crítica literária, mas em outra resenha trata de Euclides da Cunha, por quem tinha uma grande admiração".

O subtexto de *Cangaceiros e Fanáticos* mostra que a utopia de Rui era muito crítica em relação à necessidade de uma mudança estrutural do modelo.

— Isso é o que eu discutia muito com ele. Eu achava que nós deveríamos nos preocupar mais com uma política agrária que você começasse a praticar no cotidiano do que ficar trabalhando para o grande dia da reforma agrária, a grande revolução agrária. Ele só via o começo da mudança estrutural, não via como as pequenas rupturas levam a uma transformação, diz Armênio.

Esta é a tese de Armênio:

— Os momentos de ruptura na história são muito poucos, são

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 245 3/1/2014 00:57:01

as grandes revoluções. Mas as pequenas rupturas na ditadura militar, na redemocratização do país, no processo de transição foram importantes. Foi um processo de pequenas rupturas, e nós apostamos um pouco nisso, nós do PC da época. A defesa da luta armada encontrou resistência interna. Por isso que eu me afastei, eu não me identificava inteiramente com a posição.

Armênio entende que "o Prestes nunca teve uma posição muito clara pela luta armada. Mas até as vésperas de 1964, tinha alguns elementos do partido que achavam que a gente devia fazer um assédio ao movimento pelas reformas, mas reformas feitas dentro da lei, na legalidade. No entanto, havia o plano maquiavélico de fazer um grande movimento, uma marcha sobre Brasília, cercar o Congresso, e obrigar o Congresso a fazer as reformas na marra".

— Isso mostra uma certa rigidez ideológica, avalia Armênio. "Não era uma coisa grosseira, não era o alinhamento ao stalinismo, nem na organização do partido nem na divisão política do partido. Mas era um certo dogmatismo, algo não dialético. Eu acho que o PT herdou um pouco essa visão, em grau maior, do partido dos anos 70", analisa Armênio. O Rui também lutou pela abertura, pelo conhecimento da realidade brasileira, pela dialética. Aquela visão também dava um peso excessivo ao problema econômico que não via a importância da superestrutura, da cultura, da política. Era uma visão mecanicista, uma leitura mecanicista do marxismo."

Prestes declarou-se contra a luta armada, posteriormente, e acentuou isso numa entrevista concedida à equipe do semanário *Pasquim*, publicada na edição de 2 a 8 de novembro de 1979. Marighella e Mário Alves, da chamada ultraesquerda, defendiam a luta armada e foram expulsos do Partido em 1967. Prestes considera aqui que "os patriotas que pegaram em armas escolheram um caminho, em nossa opinião, errado e por isso não conseguiram base de massas na classe

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 246 3/1/2014 00:57:01

operária, mas apenas na juventude generosa e combativa que não concordava com certas posições de direita então defendidas pelo nosso partido".

O fato é que as discordâncias, dissidências e desilusões, aposentaram quadros vigorosos e fragilizaram o Partido.

O cristal quebrou.

Armênio Guedes nasceu no dia 30 de maio de 1918.

Célio Guedes, irmão de Armênio, era dentista.

O ambiente na casa dos Guedes era de muita igualdade na educação: as mulheres e os homens eram considerados tendo os mesmos direitos. Todos tiveram formação de terceiro grau.

‡

Rui morreu um ano antes do golpe de 1964, que, na visão de Florestan Fernandes, veio, fundamentalmente, para impedir a "transição de uma democracia restrita para uma democracia de participação ampliada". Na verdade, como lembra Caio Navarro de Toledo,

> a crescente radicalização política do movimento popular e dos trabalhadores, pressionando o Executivo a romper os limites do pacto populista, levou o conjunto das classes dominantes e setores das classes médias — apoiados e estimulados por agências governamentais norte-americanas e empresa multinacionais —a condenar o governo Goulart. A derrubada do governo contou com a participação decisiva das Forças Armadas, as quais — a partir de meados de abril de 1964 — impuseram ao país uma nova ordem político-institucional com características crescentemente militarizadas.

Numa resenha ao livro de Franklin de Oliveira, *Revolução e Contra-revolução no Brasil* (Editora Civilização Brasileira, 1962, 139

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 247 3/1/2014 00:57:01

páginas), publicada na revista *Estudos Sociais*, em abril de 1962, Rui Facó defende que a revolução é um momento necessário e inevitável na vida das sociedades humanas. "Acompanhou sempre a marcha da evolução dos povos e, dentro de determinadas condições, ajudou os povos e a humanidade civilizada a avançar em ritmos mais dinâmicos." Ele via aquele como um momento de revolução social e criticava os "retrógrados" que, em pânico, identificavam revolução com baderna.

Esta pequena resenha de Rui reflete, particularmente, um estado de espírito seu, quase um instantâneo daquele momento — e, obviamente, de alguma exacerbação por parte da esquerda, confiante na evolução do processo rumo a um Estado comunista. O tom é particularmente panfletário, traço que não é marcante em sua obra, como veremos depois.

As condições objetivas da época, marcadas por um governo populista, e pelo fortalecimento da militância comunista potencializaram a utopia da esquerda.

O ano de 1964 foi um tiro no sonho comunista da revolução — na verdade, já esfacelado em suas próprias fileiras —, a reforma agrária era abortada e a "ordem burguesa" protegida sob um invólucro de exceção legal. Funda-se, aqui, uma nova ordem e, a partir dela, um Brasil marcado por surto desenvolvimentista e exacerbada repressão política, colocando toda a esquerda na ilegalidade e, parte dela, no exílio.

O fundador do extinto *Jornal da Bahia,* o jornalista, escritor e militante político João da Costa Falcão foi contemporâneo de Rui em Salvador, na Faculdade de Direito. "Quando eu entrei na faculdade ele já estava saindo, em 1937". Falcão lembra que "as células discutiam as questões estudantis e do partido. Problemas nacionais, como a entrada do Brasil na Guerra, problemas do estado, problemas internacionais

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 248 3/1/2014 00:57:01

também eram discutidos". A célula de João Falcão, como vimos, funcionava na Faculdade de Direito. "Um período de grande movimentação das células foi, justamente, quando o Brasil entrou na guerra, pois o partido aprovava. Houve uma mobilização de jovens e de massas para apoiar a política do governo, quando este rompeu com o Eixo, não por que fossem governistas, mas o mais importante, na ocasião, era a luta contra o nazi-fascismo."

ZULEIKA ALAMBERT

Zuleika Alambert é uma mulher pioneira na política partidiária e eleitoral. Em 1954, filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e, em 1947, ganhou seu mandato de deputada por São Paulo. Mas foi cassada no ano seguinte junto a todos os deputados do PCB. Casuisticamente, o partido teve seu registro cancelado pela Justiça, após declarar apoio à autonomia do Estado de São Paulo, então ameaçado de invasão por tropas federais.

Em seu curto mandato, Zuleika apresentou projeto de lei que previa um abono de Natal aos trabalhadores assalariados e foi o embrião do 13º salário. Nos anos 1950, foi secretária-geral da Juventude Comunista. Com o golpe militar de 1964, Zuleika exilou-se na Hungria e no Chile. Em Santiago, em 1971, participou do Encontro da Juventude Mundial contra a Guerra no Vietnam de onde surgiu o Comitê de Mulheres Brasileiras no Exílio. Em 1973, com o golpe militar no Chile, recebeu asilo na Embaixada da Venezuela. Em 1974, foi para Paris na condição de refugiada, sob a proteção da ONU. Em 1979, com a Lei da Anistia, Zuleika voltou ao Brasil.

Escreveu livros como *Uma jovem brasileira na URSS* (1953), *Estudantes fazem história* (1964), *Feminismo: o ponto de vista marxista* (1986) e *Uma mulher na História* (2004). Zuleika era a inspiradora do movimento de mulheres do Partido Popular Socialista (PPS), particu-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 249 3/1/2014 00:57:01

larmente o Núcleo de Gênero Zuleika Alambert.

Zuleika conheceu Armênio Guedes no Partido, quado ele era secretário particular de Luís Carlos Prestes. "Então, ele viajava com o Prestes para cima e para baixo e eu estava sempre por perto, fazia parte da cúpula, então eu o encontrava bastante." Armênio veio trabalhar aqui no Rio e, mesmo assim, a relação com Zuleika foi evoluindo. "Em princípio não me interessei por ele não. Fui gostando depois, quando fui conhecendo a pessoa", conta. Ela destaca a inteligência de Armênio. "Eu gosto muito de homens cultos. Então, eu o conheci melhor e acabamos nos juntando logo. Nem casei oficialmente com ele, mas ficamos juntos durante 27 anos."

O enorme afeto de Armênio por Paulo acabou fazendo com que Rui Facó fosse morar na casa daquele junto ao filho, com Zuleika.

Zuleika descreve Rui:

— Ele era um pouco seco, não era de muita conversa e, quase o tempo todo, uma pessoa meio introspectiva.

Rui, de fato, não era um homem falante não. Principalmente na fase de volta ao Brasil, já viúvo, ainda estava traumatizado pela morte de Julia. Assim, Rui estava cada vez mais sério, sintético e entregava-se à pesquisa que realizava com muita compenetração. Encarnava cada vez mais o estereótipo de intelectual. Na verdade, aquele era seu estilo próprio, original, a expressão máxima do seu jeito reservado.

Zuleika lembra que, quando Rui foi morar na casa de Armênio, onde ela já estava, ainda levou para lá todas as roupas de Julia. Eu que mandei: "Ah, dá isso! Não fica guardando! Refaz a tua vida!" E continua: "A morte de Julia marcou muito o Rui, foi uma coisa muito dura para ele. Sei por que ele trouxe todas as roupas... Trouxe tudo direitinho... Depois que ele começou a dar, a se desfazer... Para se soltar, por que ela tinha morrido e não tinha conserto. Ele, então, começou a se desfazer das coisas."

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 250 3/1/2014 00:57:01

Depois é que ele foi conhecer a Olga.

Zuleika lembra que, àquela época, Rui continuava bem magro, o que acentuava sua altura e a pele branca do rosto destacava os olhos claros. Passava o tempo todo no quarto, trabalhando, pesquisando e era muito concentrado.

Rui era superorganizado. Organizado, metódico, hora marcada para tudo, pontual nas coisas dele, hora de comer era hora de comer... Ele era muito formal. "O Rui dormia tarde, ele trabalhava, lia muito, lia demais." Da casa, onde todos moravam, Zuleika herdou um presente de Rui, uma bandeija de prata vietnamita. As coisas dele, seus objetos e livros, foram tudo para o filho e para as irmãs e as tias que moravam no interior.

"Às vezes saía e ia para o jornal. Ele tinha uma vida intelectual que eu não conhecia muito e ele tinha, também, as ligações com o filho Paulo bastante acentuadas na época, porque o menino era de certa medida carente, ainda jovem, sem mãe e daquele jeito, com o problema das pernas dele... Então, ele era muito apegado ao pai também."

Enquanto moraram na mesma casa, nunca houve irritações e atritos, sempre uma boa convivência. Zuleika cuidava mais do garoto Paulo. Só mais tarde ele voltou para a URSS onde estudou na Universidade Patrice Lumumba, em Moscou. Paulo falava várias línguas, tinha uma incrível facilidade para idiomas tanto que, quando estudava em Moscou, ele dava aulas para os meninos russos, em russo. O poliglota Paulo falava alemão sem sotaque, inglês, francês, e imitava um africano falando russo.

Formado em Engenharia, Paulo volta ao Brasil e vai trabalhar na Volkswagen. "Ele era engenheiro de ponta mesmo, trabalhava com motores", conta. "Eu me lembro que ele falava umas coisas engraçadas. Dizia que a URSS, quando ela queria um motor, era capaz de derrubar um avião para tirar o motor de dentro."

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 251 3/1/2014 00:57:01

Quando os alemães precisavam de algum engenheiro para tratar de negócios direto da Volkswagen da Alemanha, ele viajava para tratar do assunto, porque ele falava alemão perfeito.

A família de Armênio foi muito trágica. Eles tiveram muitos irmãos. Eles tinham problemas genéticos. Julia, "Lia", morreu de câncer; outro irmão também morreu de câncer. Dagmar morreu de câncer, Iracema, que era muito parecida com a Julia, morreu em um desastre de automóvel no Rio. Déa que era a prima deles, também morreu no mesmo acidente, na mesma via, perto da rua Joana Angélica, onde estava a casa de Armênio. *Guedão* — aumentativo de Guedes — que era o irmão mais velho de Armênio — morreu de câncer. Célio, que era mais novo, morreu assassinado — provavelmente uma emboscada, ele era do Partido — na época da revolução. Paulo morreu de câncer no fígado.

Zuleika lembra que *Lia* — como ela chamava Julia —, era alegre, alta, e muito parecida com sua irmã Iracema. "Ela era falante... O Rui e a Lia eram muito amigos. Tanto que, quando ele foi trabalhar no exterior, ela foi com ele... Ela também trabalhou em Moscou na rádio. Ela era uma mulher muito corajosa, tanto que, quando estava para morrer, pediu para que Rui não levasse o menino Paulo lá, porque ela não queria que ele tivesse uma imagem dela de morte... Porque a família de Armênio é uma família muito corajosa, muito valente."

Curioso é que a mãe de Armênio, Sinhá Adorzinda, longeva, morreu somente aos 98 anos.

A escritora, política e líder feminista Zuleika Alambert morreu na quinta-feira, 27 de dezembro de 2012, em sua casa, no Leme (zona sul do Rio), aos 90 anos, vítima de falência múltipla dos órgãos.

O jornal *O Estado de S. Paulo* lembrou que "ela foi uma das duas primeiras mulheres a se eleger deputada estadual em São

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 252 3/1/2014 00:57:01

Paulo, em 1947 (juntamente a Conceição Santamaria, eleita na mesma legislatura).

Zuleika foi uma mulher muito à frente do seu tempo.

Em 1962, recortes do jornal *Novos Rumos* foram usados como prova de acusação em um processo de impuganação movido pelo advogado Luis Mendes de Morais Neto contra a diplomação dos candidatos eleitos Leonel Brizola, sargento Garcia Filho, Marco Antonio Coelho, Sinval Palmeira, Hércules Correia e João Massena. Ele anexou recortes com os dizeres "Prestes indica" espalhados pelo Rio.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 253 3/1/2014 00:57:01

CAPÍTULO QUATRO

SÃO PAULO, MOSCOU, RIO

Imersão na doutrina comunista

A temporada em Moscou era passagem fundamental na formação e qualificação dos melhores quadros comunistas no mundo. Em 1952, Rui foi para a União Soviética, onde conciliou estudos com a atividade literária e jornalística na Rádio de Moscou. Ele coordenava e editava as informações que eram transmitidas de Moscou para o Brasil. A filha do Octavio Brandão era locutora na rádio: Fátima Brandão tinha voz convincente, com timbre marcante. A Rádio Moscou foi ao ar em 29 de outubro de 1929, e nos anos 1950 iniciou programa noticioso em português direcionado ao Brasil. Ao lado de sua mulher Julia e do filho Paulo viveu ali até 1958 quando regressou ao Brasil, após a morte de sua mulher, Julia.

Antes de chegarem a Moscou, Rui, Julia e o filho Paulo passaram uma semana em Praga, onde encontraram com Jorge Amado, Zélia Gattai e o filho João Jorge Amado. Quatro dias depois, Armênio Guedes se juntou ao grupo. Estavam no mesmo hotel. Jorge e Rui já se conheciam desde os tempos do Partido na Bahia. Havia uma ad-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 255 3/1/2014 00:57:01

miração e uma cumplicidade. Militantes, compartilhavam a mesma utopia e , da parte de Jorge, Rui era também fonte de inspiração e de informação. Rachel de Queiroz, parente de Rui, era uma especial fonte de convergência com o sucesso de *O Quinze*, lançado em 1930. Ambos viam na literatura e no jornalismo aliados estratégicos para a emancipação da sociedade rumo ao socialismo.

Em 1952, aconteceu o XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética o Partido tornou-se o Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Essa nomenclatura prevaleceu até 1991. A expressão Partido Comunista pertencia ao nome do partido desde 1918, quando os bolcheviques se tornaram o Partido Comunista de Todas as Rússias.

Em 1952, Josef Stalin deixaria de ser o secretário-geral do Partido — que assumiu a 3 de abril de 1922 —, o cargo fora abolido. Josef Stalin atuou como Premier de 6 de maio de 1941 até sua morte em 5 de março de 1953. Foi, também, Ministro da Defesa, de 19 de julho de 1941 a 3 de março de 1947, e presidente do Comitê de Defesa do Estado durante a Grande Guerra Patriótica. Stalin foi o único oficial a ocupar cargo do Comissariado Popular de Nacionalidades de 1921-1923.

Stalin soube exercer o poder com força e obstinação. Secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética era o título do responsável maior pelo Secretariado do Comitê Central do PCUS. Com Stalin como líder da União Soviética, o cargo de secretário-geral converteu-se em sinônimo máximo de chefe do Estado.

O adjetivo Stalinismo mostra a força de Stalin. Não é considerado uma "teoria", uma vez que não sistematiza nem é original em conceitos ou doutrinas. Stalinismo designa, essencialmente, o domínio absoluto de uma dada liderança, de modo draconiano, e até com certa truculência, numa dialética particular do marxismo. Stalin tinha dificuldade em lidar com pequenas oposições. Há uma clara conotação

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 256 3/1/2014 00:57:01

pejorativa no uso contemporâneo da palavra, embora, originalmente, seu uso fosse uma celebração ao regime e ao poder.

A ruptura veio com o XX Congresso do Partido Comunista.

A Rádio Moscou era uma versão soviética para a *Voz da América*. Veiculava informações e comentários sempre convergentes e temas insistentemente recorrentes. O rádio era o meio de comunicação de massa por excelência e o veículo ideal para propaganda, como já havia experimentado Joseph Goebbels. A Rádio Moscou foi fundada em 29 de outubro de 1929, transmitindo em 24 idiomas, e depois passou a chamar-se A Voz da Rússia. A Rádio transmitia em inglês para os Estados Unidos, desde o início dos anos 1950, com transmissores posicionados a partir de Moscou. Depois, com estações retransmissoras construídas em Vladivostok e Magadan, a programação passou a chegar ao oeste dos EUA.

A Rádio Moscou iniciou, em junho de 1934, transmissões em português, para levar informações da então União Soviética aos países de língua portugesa. A rádio tinha um papel estratégico naquele momento em que a contrainformação era um dos principais combustíveis de uma ascendente Guerra Fria que viria a se acirrar no início dos anos 1960. A rádio exercia um papel importante para propagandear e dimensionar a União Soviética como a potência mundial.

Um exemplo disso: numa transmissão de 16 de agosto de 1962 a Rádio exaltava os cosmonautas russos Adrian Nikolayev e Pavel Popovich, de volta à Terra. "Ao mesmo tempo, os jubilosos russos vangloriam-se de sua superioridade no espaço e preveem voos a outros planetas. Possivelmente amanhã se realizará na Praça Vermelha uma grande concentração para dar as boas-vindas aos cosmonautas russos: Adrian Nikolayev e Pavel Popovich. É certo que o primeiro-ministro Nikita Kruschev interromperá as férias que está passando no mar Negro, para estar presente em Moscou durante a recepção aos

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 257 3/1/2014 00:57:01

cosmonautas."

Na noite do dia 5 de março de 1953, a Rádio Moscou transmitiu a notícia da morte do primeiro-ministro e secretário-geral do Partido Comunista da URSS, Josef Stalin, vítima de derrame alguns dias antes e que permanecia internado em um hospital em Moscou. "Os médicos e a precária tecnologia da época nada puderam fazer para salvar a frágil vida do imponente ditador, que, aos 74 anos, tinha o corpo devastado pela idade e em nada mais se parecia com o forte homem que havia conduzido a União Soviética à vitória sobre a Alemanha nazista em 1945", lembra em nota, a edição de 5 de março de 1953 do *Jornal do Brasil* sob o títutlo "Moscou anuncia o falecimento do primeiro-ministro Josef Stalin."

O comunicado oficial do Partido Comunista foi lido repetidas vezes na Rádio: "Deixou de pulsar o coração do camarada continuador da vontade de Lênin, o sábio dirigente mestre do partido comunista e do povo soviético, Josef Stalin. Junto com Lênin, o camarada Stalin criou o poderoso partido comunista e o desenvolveu. Junto com Lênin, o camarada Stalin era inspirador e dirigente da grande revolução de outubro [de 1917], fundador do primeiro estado socialista do mundo. Ao continuar a imortal causa de Lênin, Stalin conduziu o povo soviético à vitória mundial do socialismo em nossa pátria."

Essa foi a primeira grande cobertura de Rui Facó na Rádio Moscou. Comunicar, publicizar, enaltecer a imagem do ídolo de ferro, idolatrado pela maioria, odiado por poucos e, depois, revisionado, Josef Stalin. Na verdade, uma ação relatavimante fácil para o mundo comunista que chorou a cântaros a morte de seu líder maior.

Em seu livro *O Mundo da Paz*, publicado em 1951, Jorge Amado escreveu sobre Stalin: "Mestre, guia e pai, o maior cientista do mundo de hoje, o maior estadista, o maior general, aquilo que de melhor a humanidade produziu." Jorge Amado renegou este livro, anos depois.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 258 3/1/2014 00:57:02

O livro de Jorge teve sua primeira edição pela Editorial Vitória, Rio de Janeiro, em 1951, com 410 páginas. Foram impressas mais cinco edições, quando o autor não mais permitiu reedições. Devido a este livro Jorge Amado, os editores e as livrarias pontos de venda foram processados pela Lei de Segurança Nacional. Em maio de 1952, quando Jorge Amado retorna ao Brasil, foi reativado o processo contra a publicação do livro. O autor foi defendido pelos advogados João Mangabeira e Alfredo Franjan e o processo acabou sendo arquivado porque o juiz do caso entendeu que *O Mundo da Paz* era um livro "sectário" e não "subversivo".

‡

Milhares de pessoas tomaram as ruas de Moscou e, mesmo sob uma forte nevasca, mantiveram-se imóveis e em silêncio ao saberem da notícia da morte de Stalin. Comunistas de todo o mundo reverenciaram o líder. Mesmo com a responsabilidade de produzir conteúdo em plantão permamente, Rui deu um jeito de se misturar à multidão no funeral de Stalin.

O jornalista russo Igor Fessounenko, numa entrevista à BBC, lembra do enterro de Stalin. "Eu tinha vinte anos e morava perto do salão onde o corpo foi velado. Quase morri esmagado por milhares de pessoas que foram chorar a morte do líder."

A segunda cobertura relevante de Rui, na Rádio Moscou, foi a ascensão de Kruschev. Três anos depois, Rui foi testemunha de um choque brutal, patrocinado por Kruschev, que iniciou um ciclo de maldição à figura de Stalin.

Em um discurso "Sobre o culto à personalidade e suas consequências" em sessão fechada no XX Congresso do Partido Comunista, em 25 de fevereiro de 1956, o líder soviético Nikita Kruschev,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 259 3/1/2014 00:57:02

"denunciou Josef Stalin como um brutal déspota", segundo narra a BBC. Ele pintou um amargo retrato de um regime de "suspeições, medo e terror" construído sob a vontade e a gestão de Stalin, falecido há três anos. O discurso-relatório — chamado de relatório Kruschev, por Prestes —, só foi divulgado, integralmente, pelo *The New York Times*, três meses depois.

Mas em outubro de 1964, Kruschev caiu em desgraça total, depois de um ciclo de decadência, e foi expulso do Comitê Central do PC.

Trechos de Kruschev em seu discurso no XX Congresso do Partido Comunista:

> [...] É óbvio que foi a ausência de um nível suficiente de democracia na sociedade soviética que tornou possível o culto à personalidade de Stalin que, ao contrário do que dizem nossos adversários ideológicos, não é inevitável, mas estranho à natureza mesma do socialismo e, portanto, injustificável. [...] Imaginou-se que todos os problemas seriam resolvidos de repente. Regiões inteiras e partes do país começaram a competir. Foram baixadas, de cima, metas arbitrárias. Ocorreram em toda parte violações flagrantes aos princípios da coletivização... Porém, camaradas, se avaliarmos o papel da coletivização na consolidação do socialismo no campo, ela foi, em última análise, uma transformação de importância fundamental.

Kruschev atacou os crimes cometidos por colaboradores próximos de Stalin:

> [...] Hoje sabemos que as acusações políticas e medidas repressivas contra tantos líderes do partido e estadistas, contra tantos outros, membros ou não do partido, contra militares e responsáveis na área econômica, cientistas e personalidades da área cultural, foram o resultado de uma falsificação deliberada... O processo de restabelecimento da justiça inter-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 260 3/1/2014 00:57:02

rompido em meados da década de 1960. Agora, de acordo com a decisão da plenária do Comitê Central de outubro, foi estabelecida uma comissão para examinar novos fatos e documentos, além dos já conhecidos. Tudo isso será incorporado num tratado sobre a história do partido e da URSS, cuja preparação será confiada a uma comissão especial do Comitê Central.

Eric Hobsbawn, em *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991*, interpreta o stalinismo:

> Ao transformar-se a algo semelhante a um czar secular, defensor da fé ortodoxa secular, cujo corpo do fundador, transformado em santo secular, esperava os peregrinos diante do Kremlin, Stalin demonstrou um seguro senso de relações públicas. Para um grupo de povos camponeses e pastores vivendo no equivalente ao século XI ocidental, essa era quase certamente a maneira mais eficaz de estabelecer a legitimidade do novo regime, do mesmo modo como os catecismos simples, brutos e dogmáticos a que ele reduziu o 'marxismo-leninismo' eram ideais para apresentar ideias à primeira geração de alfabetizados. Tampouco pode o seu terror ser visto simplesmente como a afirmação do poder pessoal de um tirano. Não há dúvida de que ele gostara do poder, do medo que inspirava, da capacidade de conceder vida ou morte, do mesmo modo como não há dúvida de que ele era inteiramente indiferente às recompensas materiais que alguém em sua posição podia ter. Contudo, quaisquer que fossem seus caprichos pessoais, o terror de Stalin era, em teoria, uma tática tão racionalmente instrumental quanto sua cautela onde não tinha controle. As duas coisas, na verdade, se baseavam no princípio de evitar riscos, que por sua vez refletia a mesma falta de confiança em sua capacidade de avaliar situações ('fazer uma análise marxista', no jargão comunista) que distinguira Lenin. Sua aterrorizante carreira não faz sentido algum a não ser como uma busca obstinada, ininterrupta daquela meta utópica de uma sociedade comunista a cuja reafirmação ele dedicou a última de suas publicações, poucos meses

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 261 3/1/2014 00:57:02

antes de morrer (Stalin, 1952).

[...] Apesar de brutal e ditatorial, o sistema soviético não era 'totalitário', um termo que se tornou popular entre os críticos do comunismo após a Segunda Guerra Mundial, tendo sido inventado na década de 1920 pelo fascismo italiano para descrever seu próprio projeto. Até então fora usado quase exclusivamente para criticá-lo e ao nacional-socialismo alemão. Representava um sistema centralizado abarcando tudo, que não apenas impunha total controle físico sobre sua população como, por meio do monopólio da propaganda e da educação, conseguia de fato fazer com que o povo internalizasse seus valores. O romance 1984, de George Orwell (publicado em 1948) deu a essa imagem ocidental da sociedade autoritária sua mais poderosa forma: uma sociedade de massa de cérebro lavado, sob o olhar vigilante do 'Grande Irmão', do qual só o ocasional indivíduo solitário discordava.

Isso é sem dúvida o que Stalin teria querido alcançar embora houvesse indignado Lenin e outros Velhos Bolcheviques, para não falar de Marx. Na medida em que visava a virtual deificação do líder (o que foi depois timidamente eufemizado como 'culto da personalidade'), ou pelo menos a estabelecê-lo como um compêndio de virtudes, teve algum êxito, que Orwell satirizou. Paradoxalmente, isso pouco se deveu ao poder absoluto de Stalin. Os militantes comunistas, fora dos países 'socialistas' que choraram lágrimas autênticas quando souberam de sua morte, em 1953 — e muitos o fizeram —, eram convertidos voluntários ao movimento que, acreditavam, ele simbolizara e inspirara. Ao contrário de muitos estrangeiros, todos os russos sabiam bastante bem quanto sofrimento lhes coubera, e ainda cabia. Contudo, em certo sentido pelo simples fato de ser um governante forte e legítimo das terras russas e delas um modernizador, ele representava alguma coisa deles próprios: mais recentemente como seu líder numa guerra que fora, para os grandes russos, pelo menos uma verdadeira luta nacional.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 262 3/1/2014 00:57:02

> [...] Para a maior parte dos cidadãos soviéticos, a maioria das declarações públicas sobre ideologia e política vindas do alto provavelmente não era absorvida de forma alguma, a menos que tivesse relação direta com problemas do cotidiano, o que raramente tinha. Só os intelectuais eram obrigados a levá-las a sério numa sociedade construída sobre e em torno de uma ideologia que se dizia racional e 'científica'. Contudo, paradoxalmente, o fato mesmo desses sistemas precisarem de intelectuais, e concederem aos que não discordavam publicamente deles substanciais privilégios e vantagens, criava um espaço social fora do controle do Estado. Só um terror tão implacável quanto o de Stalin poderia silenciar completamente o intelecto não oficial. Na URSS, ele ressurgiu tão logo o gelo do medo começou a derreter — *O degelo* (1954) era o título de um influente *roman à thèse,* de Ilya Ehrenburg (1891-1967), um talentoso sobrevivente, na década de 1950. Nas décadas de 1960 e 1970, a discordância, tanto sob a forma de reformistas comunistas incertamente tolerados quanto de total dissidência intelectual, política e cultural, dominou o cenário soviético, embora oficialmente o país continuasse 'monolítico' — o termo favorito dos bolcheviques. Isso iria tornar-se evidente na década de 1980.

Num irado obituário assinado por Andrew Norman Wilson, publicado no dia 2 de outubro de 2012, no jornal *Daily Mail*, do Reino Unido, Eric Hobsbawm é acusado de ser um apologista das "brutais políticas de ditador soviético Josef Stalin". Wilson diz que Hobsbawm defendeu o assassinato de milhões de soviéticos em nome do comunismo perpetrado por Stalin. "Ele odeia os britânicos e absolve Stalin de genocídio."

Stalin foi sucedido em 5 de março de 1953, com sua morte, por Georgy Malenkov — 5 de março de 1953 a 13 de março de 1953 —, Nikita Kruschev — 7 de setembro de 1953 a 14 de outubro de 1964

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 263 3/1/2014 00:57:02

—, Leonid Brezhnev — 14 de outubro de 1964 a 8 de abril de 1982.

Foi também em 1952 que a URSS entrou nas Olimpíadas, mesmo contra os partidos ocidentais. Na época czarista, a Rússia participou das Olimpíadas de 1900, 1908 e 1912. A revolução comunista em 1917, quando o país desapareceu dando lugar à União Soviética, colocou o país à margem dos jogos.

É este o cenário do ano inicial de Rui em Moscou onde a temperatura, em dezembro, teve uma média 5,7 graus centígrados abaixo de zero, com o pico de 11 graus abaixo de zero no dia 4 de dezembro.

Em Moscou, Rui iria reencontrar o amigo Graciliano Ramos, que já estava lá.

Graciliano morreu em 1953, o mesmo ano da morte de Stalin. Em 1954, saiu, póstumo, o livro *Viagem,* crônicas, nos quais conta detalhes de sua viagem em 1952 à Tchecoslováquia e à URSS. "Em abril de 1952 embrenhei-me em uma aventura singular."

Apesar de ser filiado ao Partido Comunista, a convite de Luís Carlos Prestes, sua narrativa em *Viagem* é pretensamente neutra. Mas o livro faz crítica ao pensamento político brasileiro em especial quando se refere ao culto soviético à imagem de Stalin. "Realmente não compreendemos, homens do Ocidente, o apoio incondicional ao dirigente político; seria ridículo tributarmos veneração a um presidente da república na América do Sul."

A desgraça de Stalin é decisiva para a onda de acirramentos dentro do Partido no Brasil. Luís Carlos Prestes lembra que, após o XX Congresso do PC da União Soviética, parte da direção comunista no Brasil afastou-se do partido. Na expressão de Prestes, um afastamento, "o caminho do fracionismo" para formar outro — "o chamado PCdoBrasil".

Numa entrevista em 1985, Prestes interpreta que o XX Congresso trouxe teses novas do ponto de vista teórico. "Não foi somente

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 264 3/1/2014 00:57:02

a crítica ao culto à personalidade de Stálin. Kruschev demonstra que, com a existência da União Soviética e do campo socialista, é possível a transição revolucionária para o socialismo sem guerra civil e sem luta armada." E relembra:

— Até então seguíamos cegamente a orientação stalinista. Stalin era um grande dirigente mundial, e o que ele dizia era, para nós, a palavra segura, certa.

Prestes só tomou conhecimento do relatório Kruschev em julho de 1956, quando o Diógenes de Arruda retornou de Moscou.

Assim como tantos comunistas, intelectuais ou não, Jorge Amado estivera em Moscou em 1951, quando recebeu o "Prêmio Stalin da Paz". O Movimento Comunista Internacional defendia "Acordo de Paz", o fim das guerras, a proibição das armas atômicas, tática marketeira de ampla repercussão apenas como ato meramente retórico, considerando que o caldeirão da Guerra Fria estava em acentuado preparo.

Motivado e engajado, Jorge Amado escreveu uma carta aos jovens brasileiros:

> De distantes terras, onde a juventude é livre e feliz, onde todas as perspectivas estão abertas aos moços, saúdo a juventude brasileira reunida em seu primeiro festival.
>
> Nas mãos dos povos do mundo está colocada hoje a defesa da paz ameaçada por um punhado de homens de ambição. Aos povos cabe dizer a última palavra sobre os destinos do mundo, se serão de paz e trabalho, construção e liberdade os nossos dias, ou se serão de guerra e luto, de morte, campos de concentração e lágrimas aflitas de viúvas e órfãos.
>
> À juventude está reservado um lugar na primeira fila dos partidários da paz. É sobre os jovens que se desdobra o maior perigo, é o seu sangue, é o seu futuro que os provocadores de guerra, os pequenos

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 265 3/1/2014 00:57:02

homens do dólar, ameaçam. Em Berlim, no mês de agosto próximo, os jovens vindos dos cinco continentes dirão da sua decisão de ganhar a paz, de impô-la aos mesquinhos provocadores de guerra. Os jovens brasileiros, descendentes de Castro Alves, estarão entre eles e trarão a mensagem desse festival da juventude brasileira: mensagem de fraternidade para todos os povos do mundo e a exigência de um pacto de paz duradoura que nos permita a construção de uma pátria progressista, livre, democrática, onde a juventude seja feliz.

Desejo ao festival da Juventude Brasileira o maior sucesso.

Ele é uma grande vitória da cultura nacional do Brasil, ameaçada pelos preparativos de guerra, uma vitória de todo o povo brasileiro, uma vitória da causa da Paz mundial.

Jorge Amado

Moscou, 15 de maio de 1951.

A onda global de nova potência também migra para o esporte. Os Jogos Olímpicos de 1952, em Helsinque, capital da República da Finlândia, marcaram a entrada da União Soviética no evento. Durante quatro décadas, os soviéticos se ausentaram dos jogos olímpicos.

Poderosa e respeitada no cenário internacional, a União Soviética constitui seu Comitê Olímpico Nacional em 1952 e solicita a sua inclusão, com imediata reação negativa dos países ocidentais. Pressionado, o Comitê Olímpico Internacional (COI) não cedeu e assegurou a presença dos soviéticos e de outros países do bloco comunista no evento. Mesmo assim, a União Soviética não permitiu que a tocha olímpica passasse por seu território, no trajeto da Grécia até Helsinque.

Alegando questões de segurança, a União Soviética não alojou seus atletas na Vila Olímpica junto aos desafetos da Guerra Fria.

A Guerra Fria também chega às Olimpíadas. A rivalidade

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 266 3/1/2014 00:57:02

esportiva com os Estados Unidos estava assegurada.

Na estreia olímpica, a União Soviética mostrou seu poderio, conquistando 71 medalhas, logo atrás dos Estados Unidos, com 76 pódios. O Brasil conquistou três medalhas — uma de ouro e duas de bronze. O destaque da delegação de 108 atletas —103 homens e cinco mulheres — foi Adhemar Ferreira da Silva, medalha de ouro no salto triplo.

Adalberto Temoteo da Silva foi contemporâneo de Rui em Moscou. Nasceu em São Miguel dos Campos, Alagoas, em 21 de novembro de 1918. Começou a militar no PCB aos 14 anos, em 5 de maio 1943. Rui morava num quitinete de pouco mais de trinta metros quadrados, no centro de Moscou, por trás do supermercado Gum.

"No primeiro ano é festa, no segundo ano é castigo", lembra Adalberto. A temperatura chega a 38 graus abaixo de zero. Ele lembra que todos eram orientados a ter um codinome. O dele era Temoberto. O de Rui era Rui mesmo, um palavrão, na Rússia.

Temoberto assegura que esta foi a melhor fase de sua vida. "Aprendi o que não sabia." Para ele, Rui era como Armênio, uma cópia esculpida. Armênio também fez o Curso, uma turma antes.

Em 1952, em Moscou com a família toda, Rui recebe Armênio Guedes. "Eu cheguei logo depois, ainda em 1952, na mesma época, mas eles saíram antes daqui porque eles foram de navio." Armênio foi de navio até a Itália, da Itália foi para Praga, onde encontrou Rui, Julia e Paulo. Ficaram um mês em Praga, no Hotel Parige.

Em 1953, Rui recebeu na União Soviética a visita do companheiro Mário Alves que foi consolidar sua formação num curso de marxismo-leninismo. De volta ao Brasil, em 1954, foi eleito membro do Comitê Central do PCB. Em 1958, viajou novamente, agora para a

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 267 3/1/2014 00:57:02

República Popular da China. Na volta, assumiu direção do jornal *Novos Rumos*. A seu favor, o poliglota. Mário Alves dominava vários idiomas tanto que, na clandestinidade, sua atividade de tradutor assegurou-lhe algum dinheiro.

Zuleika Alambert rachava o aluguel da casa no Rio com Rui e Armênio. Eles tinham uma empregada baiana que cuidava das coisas. "O apartamento tinha o meu quarto, tinha o quarto de Rui, a gente usava os cantos da casa para fazer prateleira de livros, tinha uma área de empregada, um quarto de empregada, tinha uma sala de jantar grande. Não era pequena a casa. Cada quarto tinha banheiro. Tinha uma varanda grande, mas de fundo. A casa ainda existe até hoje. A rua era Joana Angélica, em Ipanema".

Fascinada por homens cultos, Zuleika Alambert teve longa convivência com Armênio. Não casaram formalmente mas ficaram juntos durante 27 anos. E Zuleika cuidou bastante tempo de Paulo, o filho de Rui. "Por isso o Facó foi morar lá em casa. Conheci o Facó através do Armênio". Isto na fase pós União Soviética.

Zuleika fala:

> A tia deles, a caçula, que era a mais nova das tias do Armênio, ela morava aqui no Jóquei e, todo fim de semana, eu e Rui íamos fazer um lanche com a velha caçula e a filha Déa. Você veja: morreu a Déa, morreu Rui, morreu a caçula e eu quase morri, não sei como me salvei... E Armênio. A gente ia tomar um lanchinho na casa dela no Jóquei. Ela morreu com cem anos... Era uma mulher muito culta. Eu a conhecia como caçula, chamavam ela de Caça, mas eu acho que o nome dela era Aidê, não tenho certeza. Então o Rui estava sempre aí, tomando a sopinha da tarde com a caçula. Depois, Déa teve o desastre de automóvel, morreu. Rui teve aquele desastre em outra ocasião e a caçula foi embora para São Paulo com os netos, ela tinha dois netos e foi morar em São Paulo. No fim da vida dela ela estava em uma casa de repouso, mas ela fazia

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 268 3/1/2014 00:57:02

> poesias, depois que a filha morreu ela fazia poesias incríveis e traduzia Sheakspeare. Porque, tanto a Sinhá... Adorzinda era a minha sogra... E era a sogra de Rui... Dona Adorzinda que eu chamava de Sinhá, ela e a outra irmã... O pai delas trabalhava em garimpo e aí, quando passava qualquer professor pelo interior da Bahia, ele chamava para ensinar as duas. Tanto é que as duas são de Mucugê, no interior da Bahia e todas duas estudaram, falavam línguas, eram duas mulheres muito preparadas.

Luiz Mário Gazzaneo conta que Rui nunca falou sobre a temporada em Moscou. "Nada. A impressão que eu tenho é que ele apagou. Ele nunca comentou nada."

Zdenek Hampejs, seu amigo tcheco, lembra que Rui carregava consigo, sem lamúrias, a saudade sempre viva da companheira morta, a quem muito amou, e a saudade também cheia de amor pelo filho Paulo, que estudava na URSS quando ele morreu, em 1963.

A temporada na URSS, de 1952 a 1958, foi para Rui anos de grande aprendizado: pôde ver na prática os grandes êxitos do socialismo, suas ambiguidades, fracassos, contradições e truculências. Soube, assim, compreender os erros cometidos na construção do socialismo, principalmente os prejuízos causados pelo culto à personalidade.

Ao regressar da URSS, Rui Facó continuou suas atividades de intelectual e jornalista, agora num projeto inovador: o jornal *Novos Rumos*. Aqui, o trabalho de Rui caracterizou-se sempre pelo seu alto nível, refletindo uma cultura amadurecida e o seu bom gosto literário.

Novos Rumos publicou uma nota. *A morte surpreendeu o nosso companheiro Rui no melhor do seu trabalho. Ao lado da obra realizada nos últimos anos — dois livros, um publicado e outro prestes*

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 269 3/1/2014 00:57:02

a ser publicado, e vários ensaios —, Rui estava cheio de projetos e já trabalhava intensamente em alguns deles.

É possível medir uma das temperaturas de Rui, e do Partido, neste artigo publicado no dia 15 de setembro de 1951, na página 3, do jornal *Voz Operária*, a seguir:

> **Teses Getulistas de Traição Nacional**
>
> No seu discurso de 7 de Setembro, o sr. Getúlio Vargas procurou defender duas teses que interessam vitalmente ao imperialismo e às classes dominantes, mas que são absolutamente contrários aos interesses nacionais do povo brasileiro.
>
> Primeira tese: — A independência econômica não se adquire necessariamente com a independência política: é tarefa lenta e difícil, que se arrasta por muitos decênios, que às vezes se retarda por séculos..."
>
> Só mesmo um representante de classes apodrecidas e condenadas ao desaparecimento pode defender tão ignobil proposição. A burguesia mesmo, em sua fase revolucionaria, jamais o fez. Para seu próprio enriquecimento, ela necessitava fortalecer seu poder político com a mais completa autonomia econômica.
>
> Em nossa época, quando o proletariado é o fiador da soberania nacional, não se concebe independência política sem a mais completa independência econômica. Sem esta, aquela não passa de um mito, pois está à mercê das potências imperialistas, dos bandos colonizadores internacionais. Não precisamos ir longe para encontrar exemplos que o confirmam. Quase todos os países da América Latina se consideram independentes politicamente há mais de um século. Na realidade, qual deles não está dominado pelos trustes e monopólios internacionais — de petróleo, de minérios, de carnes, de trigo, de frutas? Qual deles não tem mudado de governo ao sabor dos interesses financeiros de Wall Street?

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 270 3/1/2014 00:57:02

E bem recentemente a carta humilhante que o então Ministro da Fazenda Correia e Castro dirigiu ao Secretário do Tesouro do governo dos Estados Unidos dizendo-lhe textualmente: 'Deixo em vossas mãos a solução do problema vital do nosso desenvolvimento econômico e restauração de nossas finanças'.

Que vimos desde então, ontem sob Dutra e hoje sob Getúlio, senão a submissão crescente dos interesses nacionais do Brasil ao imperialismo norte-americano?

E quais as consequências dessa política de traição nacional para o povo brasileiro senão mais carestia, mais redução nos salários, mais miséria e fome, na medida em que assumimos compromissos com os traficantes de guerra dos Estados Unidos?

A tese do sr. Getúlio Vargas de que a independência econômica não se adquire com a independência politica é uma tese falsa, mentirosa, destinada a salvaguardar os interesses dos grupos financeiros ianques em nosso país. As classes dominantes querem que se dê tempo ao tempo a fim de que eles continuem a fazer negócios fabulosos vendendo carne à Swift e à Armour, manganês, minério de ferro à United States Steel, fazendo o jogo da Standard Oil pela posse do nosso petróleo, enquanto a independência econômica fica para as calendas gregas.

A segunda tese do sr. Getúlio Vargas é decorrente e complementar a primeira e se resume nestas palavras: A independência econômica 'não provém de uma revolução, mas de um processo evolutivo que se vai completando a pouco e pouco'.

É também uma tese historicamente falsa. Seu objetivo principal é barrar e tornar ilegal a luta do povo brasileiro pela sua emancipação econômica.

No entanto, ninguém ignora que toda conquista de verdadeira independência econômica em nosso tempo é fruto de revolução. Foi com a Revolução de Outubro de 1917 que os povos da Rússia e da sua periferia

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 271 3/1/2014 00:57:03

varreram não só os vendilhões tzaristas da independência nacional como os interesses estrangeiros que dominavam as jazidas de petróleo do Cáucaso e as minas de ouro do Léna. Só então, os operários e camponeses da velha Rússia puderam arrancar as raízes da servidão e construir a mais avançada organização econômica e social que conhece a História. Sob o comando de Lênin e Stálin, os povos da União Soviética edificaram o socialismo e passam ao comunismo, fazendo a URSS emergir com a mais poderosa potência de nossos dias, baluarte da paz e da independência nacional de todos os povos.

Foi através de uma longa e heróica luta de libertação nacional contra Chlang Kal Chek e seus amos imperialistas norte-americanos que o glorioso povo da China esmagou os inimigos da independência nacional chinesa, no desmentido mais categórico à teoria capitulacionista de Vargas.

Assim, é bastante claro que quando o sr. Getúlio Vargas enumera o 'imperialismo' e a 'exploração do homem pelo homem' como os principais inimigos da independência econômica de nosso país, ao mesmo tempo que hipocritamente repete uma verdade age contra ela. Tanto os monopólios internacionais como os grandes fazendeiros e capitalistas batem palmas ao discurso do chefe do governo, porque os seus atos constituem a melhor proteção ao assalto imperialista norte-americano e ao enriquecimento sem limites dos latifundiários e capitalistas.

Mas o povo brasileiro está farto de mentiras e promessas demagógicas. E prosseguirá com redobrada energia suas lutas por melhores condições de vida, em defesa do petróleo, contra as resoluções de Washington que nos envolvem nos planos de guerra dos Estados Unidos, certo de que somente através de uma luta sem tréguas por paz, pão, terra e liberdade poderá garantir a real e completa independência política e econômica do Brasil.

Rui Facó

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 272 3/1/2014 00:57:03

CAPÍTULO CINCO

OS CAMARADAS DE *NOVOS RUMOS*

Uma escola de jornalismo engajado

Foi Luiz Mário Gazzaneo quem cuidou do translado dos restos mortais carbonizados de Rui, da cordilheira dos Andes para o Rio de Janeiro. Um processo que durou 34 dias, cheio de burocracia e de dificuldades logísticas, do dia do acidente ao enterro, no cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro.

Gazzaneo foi designado pela direção do semanário *Novos Rumos* para cuidar da burocracia oficial para o translado do corpo. Rui estava viajando oficialmente pela Air France, mas fez trechos internos na América Latina pelo Lloyd Aéreo Boliviano, que operava com a companhia francesa naquela região. A Air France tentou, de início, não assumir nenhuma responsabilidade pelo translado, argumentando que o acidente havia acontecido em outra área. Esse foi o primeiro problema que Gazzaneo teve que superar, convencendo a companhia francesa após mais de um mês de insistentes tentativas.

— Foi um vai e vem intermitente ao escritório da Air France no Rio.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 273 3/1/2014 00:57:03

No sepultamento no São João Batista, a fala de Luís Carlos Prestes foi uma das mais marcantes e emocionadas. Ambos se conheciam desde o final dos anos 1940. Prestes, o ícone da esquerda, prestou a última homenagem ao companheiro.

— Rui Facó foi um intelectual do povo a serviço da Revolução, entoou com ênfase.

— Para todos nós, comunistas brasileiros, é um imenso pesar o trágico desaparecimento de Rui, emendou.

— Jornalista e escritor, Rui Facó era, sobretudo, um corajoso lutador pela causa da emancipação de nosso povo. Militando no jornalismo, destacou-se pela atuação à frente de jornais independentes, como *A Classe Operária*, ao tempo em que, por ele secretariado, representava os interesses dos trabalhadores.

Prestes lembrou que, posteriormente, com a mesma combatividade, Rui dirigiu a *Voz Operária*, jornal que, por vários anos, ajudou o povo brasileiro em sua luta contra o imperialismo e o latifúndio e em favor das grandes campanhas patrióticas, de que é exemplo a defesa do petróleo.

Prestes informava ali que, ao ser colhido pela morte no desastre aéreo, Rui Facó desincumbia-se mais uma vez da missão que lhe fora confiada pelo jornal *Novos Rumos*, do qual era redator e para o qual viajava pela América Latina fazendo reportagens.

Rui, lembra Prestes, também era diretor de *Problemas da Paz e do Socialismo*, revista teórica e de informação internacional.

— Lutador de espírito internacionalista proletário, patriota e combatente revolucionário, Facó dedicava grande carinho e interesse aos problemas do Brasil, da classe operária e dos camponeses, como está revelado em seu livro *Brasil Século XX* e em *Cangaceiros e Fanáticos*, a ser publicado. Fomos colegas no Partido Comunista, ao qual Rui se manteve filiado desde longos anos, participando nas lutas dentro

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 274 3/1/2014 00:57:03

de sua pátria ou atuando no estrangeiro, como o fez no exercício do posto de redator na Rádio de Moscou, de onde difundiu os problemas do Brasil e do seu povo.

Em seu discurso, Prestes lembra que Facó se revelou um intelectual de valor, desprendido e incansável lutador proletário, cuja perda os comunistas brasileiros lamentam sinceramente. Sua memória será sempre lembrada pelo exemplo que deixa de intelectual comunista, sempre a serviço do povo, e de homem de combate.

— Em meu nome e em nome dos comunistas brasileiros, apresento pêsames à sua família, enlutada pelo lastimável passamento.

Ao pé do tumulo foi recitado Bertolt Brecht em *Galileu Galilei*.

— Não julga o senhor que a verdade, se for realmente verdade, acabará por se impor de qualquer jeito, sem nós?

— Não! Não, não! Da verdade não passará senão aquilo que nós fizermos passar. A vitória da razão só pode ser a vitória das pessoas razoáveis.

Depois de Prestes, Marighella também falou, seguido por Orlando Bonfim, que era diretor de *Novos Rumos*. Em nome do jornal, falou.

Do acidente, no dia 15 de março de 1963 para o enterro, no dia 18 de abril, foram 34 dias de angústia, estresse e tensão.

Foi um período de muita emoção para os colegas de *Novos Rumos,* que ficaram muito chocados com o acontecimento.

UM COMPANHEIRO

Mesmo para nós, homens de imprensa, habituados a lidar cotidianamente com fatos que suscitam os mais fortes e diversos sentimentos, representou um golpe cruel, extremamente doloroso, o desaparecimento trágico do nosso querido companheiro e muito amigo Rui Facó. Há uma mesa vazia na redação de *Novos Rumos*, foi cortada, mutilada a família dos

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 275 3/1/2014 00:57:03

que fazem e escrevem este jornal.

Deixou-nos Rui Facó no esplendor de sua vida, que foi toda ela a de um intelectual a serviço do povo brasileiro. Sua fidelidade à causa do progresso, que coincide com o início de sua existência consciente, ainda como estudante, depois como jovem jornalista, escritor e poeta, tornou-se mais sólida ainda a partir de 1945, com o aparecimento da imprensa popular em nosso país. Desde então, Rui Facó passou a dedicar toda a sua energia e capacidade criadora ao movimento comunista, no qual ele via o que de mais avançado já produziu a humanidade em toda a sua trajetória milenar. Como redator de *Novos Rumos,* Facó enfrentava com familiaridade os temas mais variados. À capacidade profissional, aliava uma eficiência incomum, exemplar para cada um de nós, seus companheiros de trabalho. Nas matérias de Rui Facó era constante a presença de dois elementos: a preocupação de defender sempre e sempre os interesses do povo e a clareza que as tornavam acessíveis às pessoas simples, aos trabalhadores e aos camponeses.

Rui Facó era também um escritor. Desde sua juventude e por toda a sua vida, mesmo quando esteve vivendo na União Soviética, dedicou-se ao estudo e à pesquisa dos grandes problemas nacionais da história do nosso país. Homem metódico, trabalhador, resumia e anotava sistematicamente as obras que estudava. No curso dessa intensa atividade intelectual, acumulou uma massa de conhecimentos sobre o Brasil, suas origens, sua história, seus problemas. O êxito de seu livro *Brasil Século XX*, tanto aqui como em vários outros países, é fruto desse esforço e da seriedade com que foi preparado. Os que o conhecíamos há mais tempo, que o sabíamos em plena força do seu desenvolvimento e de sua afirmação como escritor, podemos avaliar melhor a perda que sua morte representa para a vida intelectual brasileira.

Com uma compreensão do mundo eminentemente humanista, Facó, como escritor, não se isolava da vida corrente. Ao contrário, era um ativo militante prático. Na elaboração de seu livro *Cangaceiros e Fanáticos*,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 276 3/1/2014 00:57:03

> cujo próximo aparecimento ele não verá, não se limitou ao intenso trabalho de pesquisa de banca. Foi ao interior do Nordeste, ao seu Ceará, conversou, colheu depoimentos vivos, foi ver no local as condições que fizeram nascer aqueles fenômenos que são o objeto do seu livro. E mais: nessas viagens fazia conferências, aprendia e ensinava, fazia amigos, que ele os tinha muitos. Porque outra característica de Rui Facó era sua condição de criatura profundamente humana, sua tolerância, a capacidade de interessar-se pelas coisas simples e que decorria de um grande amor à vida.
>
> Diz o povo que um homem deve assinalar sua passagem pelo mundo deixando um filho, plantando uma árvore e escrevendo um livro. Paulo, seu filho, com quem nos solidarizamos neste momento de dor, tem, assim, uma generosa herança a zelar. Aquela que lhe deixa o nome honrado e digno do nosso companheiro Rui Facó.

— O Rui, além de ser muito respeitado, era muito querido. Ele tinha postura, ele tinha comportamento... Da cúpula do jornal, nós éramos os mais jovens, lembra Armênio.

À época, Fragmon Carlos Borges era o diretor-executivo do jornal e Gazzaneo era o editor-chefe. Fragmon era um sergipano, veterano militante do partido, um jornalista competentíssimo. Em 1961, na efervescência da crise envolvendo a legalidade sobre a posse de Jango, foi preso. Ele militou durante muito tempo em Pernambuco e uma das coisas que ligava o Fragmon ao Rui era o interesse pelas questões do campo. O Fragmon produziu trabalhos denunciando o problema do latifúndio no Brasil, um desses publicado na revista *Estudos Sociais*. No ensaio *Origens históricas da propriedade da terra*, mostra o caráter feudal das capitanias hereditárias e das concessões das sesmarias onde os donatários eram investidos de poderes quase absolutos.

Rui Facó funcionou como uma espécie de revisor e consultor técnico do ensaio do Fragmon.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 277 3/1/2014 00:57:03

Eram muito amigos. E Rui era um a figura maravilhosa, um lorde no trato, na postura, na convivência. Rui, Gazzaneo e Almir Matos eram os três mosqueteiros que, diariamente, davam expediente na redação. A eles se soma Josué Almeida. Almir, jornalista baiano, cuidava mais das questões políticas. Ele trazia na bagagem a experiência como diretor do jornal do partido na Bahia. Intelectualmente inquieto, escreveu o primeiro livro sobre Cuba publicado no Brasil: *Cuba: a revolução na América,* que saiu com o selo da Editora Vitória, do Partido.

Josué Almeida produziu sobre a chamada Conferência da Mantiqueira, um ensaio publicado no jornal *Voz Operária*, número 149, de 29 de março de 1952. "Quarenta e seis militantes e dirigentes reúnem-se na mata, em plena ditadura estadonovista, para elaborar a linha do Partido e reestruturá-lo — impulsionador do movimento patriótico — a luta contra os liquidacionistas — ponto de partida para as vitórias de 1945, e para a formação de um grande Partido de massas". Nos dias 27, 28, 29 e 30 de agosto de 1943 aconteceu num ponto da Serra da Mantiqueira a 2ª Conferência Nacional do Partido Comunista. Prestes foi eleito ali, embora no cárcere, membro do Comitê Nacional do PCB.

Gazzaneo, como chefe da redação do *Novos Rumos*, era o grande "cozinhador" do jornal — além de ser o responsável pelo fechamento, também cuidava do noticiário e dos temas internacionais.

O jornal *Novos Rumos*, semanário, fechava às quartas-feiras e circulava às quintas no Brasil todo. A tiragem chegou à casa dos sessenta mil a setenta mil exemplares. Era um abrigo das ideias comunistas, revolucionárias. E obteve grande repercussão. Tinha muito bom conteúdo e uma apresentação gráfica inovadora, em formato tabloide.

O semanário nasce depois que o partido reformulou a sua política, em 1958, na Declaração de Março, e deu uma mexida completa na área de comunicação. O Partido Comunista tinha diversos jornais

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 278 3/1/2014 00:57:03

diários espalhados pelo país que produziam uma despesa enorme e davam um retorno político irrisório. Esses jornais estavam no Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Recife.

Quando a *Voz Operária* — o órgão central do partido —, fechou, todos os esforços foram concentrados no lançamento do novo veículo *Novos Rumos* que passou a ser o porta-voz do partido. Deixou de ser apenas um jornal teórico, como era a *Voz Operária*, para ser, também, um jornal de informação, mas com orientação política que ficava muito explícita nos editoriais e, claro, no noticiário, na angulação dos fatos, nos artigos e na escolha dos temas.

Assim, afinado com nova orientação política, *Novos Rumos* começa a circular em 1959, sob a razão social da Editora Aliança do Brasil Ltda. O historiador Jorge Ferreira, professor da Universidade Federal Fluminense, tem um competente ensaio sobre aquele jornal sob o título *Os comunistas e os Novos Rumos*, mas o tema está a merecer estudo conjuntural de maior envergadura.

Ferreira, em suas considerações finais, entende que *Novos Rumos* "veiculou a orientação política inaugurada com a 'Declaração de março de 1958'. Mas, em suas páginas, não encontramos moderação política". Para ele, "não há, em *Novos Rumos*, a imagem que ficou, para as gerações posteriores, de um Partido Comunista que abandonou a luta revolucionária, optando pela via institucional dentro das regras da democracia liberal ou, ainda, o reboquismo ao governo de João Goulart". E finaliza: "*Novos Rumos* foi jornal de oposição a Jango pelo menos até fins de 1963 e, fazendo coro com a Frente de Mobilização Popular, exigia a decretação imediata das reformas e um governo formado exclusivamente pelas esquerdas".

Novos Rumos era o veículo às mãos do partido. Era, também, um veículo de formação. Na semana de 25 a 31 de março de 1960, Astrojildo Pereira publicou um artigo historicizando alguns pontos

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 279 3/1/2014 00:57:03

dos primeiros dias de existência do PCB.

O Congresso de fundação do Partido não foi coisa realizada de improviso, mas resultou de um trabalho de preparação que durou cerca de cinco meses. Por iniciativa e sob a direção do Grupo Comunista instalado no Rio de Janeiro a 7 de novembro de 1921, outros grupos se organizaram, nos centros operários mais importantes do País, com o objetivo precípuo de marchar para a fundação do Partido. Tinha-se em vista estabelecer certos pontos de apoio nas regiões onde havia alguma concentração de massa operária. Compreendia-se, por outro lado, que o Partido devia ter desde o início um caráter definido de partido de âmbito nacional.

Continua Astrojildo:

O mensário Movimento Comunista, pelo Grupo do Rio, já em seu primeiro número (janeiro de 1922) explicava claramente o que se pretendia: 'Com referência à organização partidária, desejamos e preconizamos a união, solidamente baseada num mesmo programa ideológico, estratégico e tático, das camadas mais conscientes do proletariado. As experiências próprias e alheias nos aconselham unidade e concentração de esforços e energias, tendo em vista coordenar, sistematizar, metodizar a propaganda, a organização e a ação do proletariado'. Para melhor compreendermos o sentido dessas palavras, no momento em que foram escritas, devemos lembrar que a classe operária brasileira não possuía nenhuma tradição de organização política em partido independente, e que os sindicatos operários de tendência revolucionária, em cujo seio nasceu o Partido, eram organizações de orientação anarquista, baseadas numa estruturação ultraliberal, adversas a qualquer forma de direção unitária e centralizada.

Os Grupos Comunistas eram constituídos, em sua absoluta maioria, por operários ativistas do movimento sindical, e assim desde o início se constituiu o Partido sobre uma firme base proletária. Eis porque a preparação política e prática para a realização do 1º Congresso se desenvolveu em estreita ligação com a atividade dos comunistas dentro dos

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 280 3/1/2014 00:57:03

> sindicatos, com sua participação nas lutas operárias e nas ações de massa. Não é demais chamar a atenção para o que havia de positivo neste aspecto da formação inicial do Partido.
>
> [...] Convém recordar que a formação do Partido se processou durante meses de extrema tensão política, motivada sobretudo pela campanha da sucessão presidencial. Realizada a eleição a 1º de março de 1922, a luta política, em vez de amainar, cresceu de intensidade e virulência. A 5 de junho, o Forte de Copacabana tomou a palavra. Foi vencido, mas continuou fumegando. O governo decretou o Estado de Sítio. Com isso, viu-se o Partido jogado na ilegalidade, três meses e pouco depois do Congresso de fundação. Tudo se complicou enormemente daí por diante. Mas o fato mais significativo que devemos aqui salientar é que o Partido não desapareceu, nem cessou a sua atividade, nas novas e difíceis condições criadas pelo sítio.

O jornal *Novos Rumos* apoiou a construção de Brasília e a política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, inclusive a implantação de uma indústria automobilística brasileira. O jornal está alinhado a JK, a cobertura direta da sua administração é positiva.

— A pauta era direcionada, inevitavelmente! ...

O jornal viveu episódios dramáticos principalmente na crise que se seguiu à renúncia do Jânio Quadros até a posse de João Goulart. No Rio, particularmente, o governador Carlos Lacerda — líder da campanha que levou à renúncia de Jânio Quadros — estabeleceu a censura e investiu contra a imprensa.

O presidente Jânio Quadros renunciou no dia 25 de agosto de 1961, e se inicia um grande impasse: o questionamento da legitimidade da posse de João Goulart, vice-presidente, que estava em visita oficial à China comunista quando aconteceu a renúncia. Jango foi empossado

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 281 3/1/2014 00:57:03

no dia 7 de setembro de 1961 sob o regime parlamentarista de governo, encerrando a chamada "crise da Legalidade", depois de protestos, manifestações, prisões, censura. Ainda no dia 25 de agosto de 1961, a Cinelândia, no centro do Rio, foi palco de grande movimento de protesto pedindo a volta de Jânio Quadros. Depois, a multidão caminha para a sede da Embaixada Americana, ali perto, na avenida Presidente Wilson. Houve tumulto, vidraças da Embaixada são quebradas a pedradas e a polícia entra em ação com toda a força e fecha a quadra da avenida onde fica a embaixada. Naquele dia, à noite, as sedes dos jornais *O Globo*, *A Tribuna* e *Diário de Notícias* também foram alvo de protestos, com depredações.

Carlos Frederico Werneck de Lacerda (1914-1977), filho do político Maurício de Lacerda, foi eleito em 1960 o primeiro governador do estado da Guanabara e tomou posse a 5 de dezembro de 1960 — Jânio, ao mesmo tempo, foi eleito presidente da República. Carlos Lacerda desenvolveu uma carreira política e jornalística cheia de conflitos, alguns, de interesse eminentemente pessoal, mas notabilizou-se como político, dono de virulenta oratória, entre o brilhantismo e a irresponsabilidade. Foi da direita à esquerda, e vice-versa, como quem atravessa uma rua de mão dupla. Apoiou e desapoiou, depois, o Golpe Militar de 1964, vindo mesmo a alinhar-se a Jango Goulart e a Juscelino Kubitschek, em 1966.

Na crise da renúncia de Jânio, a redação de *Novos Rumos* ficava em alerta 24 horas. Rui, repórter nato, vivia em função da cobertura dos fatos. Alimentava-se disso. A sede do *Novos Rumos*, na Avenida Rio Branco, estava a um passo da Cinelândia. Dali, dava para se ouvir toda a barulheira dos protestantes, eventualmente um ou outro rojão ou estampido promovido pelos mais excitados. Havia um clima de tensão. A apuração dos fatos era totalmente artesanal, através de fontes primárias e movida pelo viés do autor. O Rio se contaminava pelo

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 282 3/1/2014 00:57:04

arraigado panfletarismo do ácido Carlos Lacerda.

Naquele momento, *Novos Rumos* conseguiu lançar uma edição extra, reforçando uma característica especial. Em épocas de crise o jornal deixava de ser semanário e passava a circular diariamente; isso aconteceu várias vezes. Em 1961, na crise do Jânio, em 1962, na campanha eleitoral, depois, na crise dos mísseis em Cuba. Naquele período o jornal circulou ininterruptamente como jornal diário. Assim, de agosto de 1962 a dezembro de 1962 o jornal circulou diariamente.

O texto de um Editorial sob o título "Abaixo ao grupo golpista. Lutemos pela constituição", assinado por Orlando Bonfim Júnior e publicado na edição de 1º de setembro a 7 de setembro de 1961 explicita muito bem a temperatura na redação e no Partido.

> **Abaixo ao grupo golpista. Lutemos pela constituição.**
>
> O país já está vivendo sobre o banco de uma ditadura reacionária. O grupo golpista que se apossou do poder já nem mais procura manter a aparência de legalidade. Sem que tenha sido suspenso nenhum dos direitos e garantias assegurados na constituição da república, e continue apenas de cor, todos os direitos e garantias são na prática pisoteadas pelos detentores do poder. Os cárceres estão repletos de milhares de operários, estudantes, militares, líderes políticos. Residências particulares são invadidas e vasculhadas. Sedes de sindicatos são ocupados pela polícia e interditados. Jornais são submetidos à censura e tem suas edições apreendidas. O povo é espancado nas praças públicas quando exerce o direito de reunião e de manifestação do pensamento. E o grupo fascista que está no poder chega ao ponto de afrontar e abertamente impedir que o Presidente da República tome posse! Afirma mesmo que não permitirá sequer que ele venha ao Brasil! Rasga-se dessa forma a Constituição. Desprezam-se os direitos do povo. Implanta-se a ditadura.
>
> Vivemos, assim, em uma hora grave e decisiva. O grupo golpista

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 283 3/1/2014 00:57:04

que tem a sua frente o Marechal Denis, o General Cordeiro de Farias, o Brigadeiro Brun Gnormoss e o Almirante Silva Sá e que tem sido um instrumento provocador. O Sr. Carlos Lacerda rasga a Constituição, implanta a ditadura, mostra-se disposto a levar às últimas consequências sua trama criminosa. Quer impor sua força aos direitos democráticos que nosso povo vem conquistando em lutas muitas vezes heróicas. Quer enxovalhar as fardas dos gloriosos pracinhas que se bateram nos campos da Europa, enfrentando a ameaça fascista e defendendo a democracia. Querem impedir que nosso povo avance no caminho do progresso, no bem-estar, da democracia, da completa emancipação econômica e política.

Ferida em seus direitos, a Nação vem reagindo com vigor crescente — as manifestações de rua e greves operárias aos pronunciamentos de forças políticas e decisões de parlamento, a oposição de jornais à declaração de governadores dos estados — ao golpismo reacionário. Já agora 'desmentidos' não conseguem encobrir que todas as tropas de terceiro exército, localizadas no Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, bem como a guarnição militar de Goiás, colocam-se declarado e decididamente ao lado do povo na defesa da legalidade democrática.

O caminho dos democratas e patriotas só pode ser um: lançar todas as suas forças na luta para derrotar os golpistas e a ditadura. Conciliar seria compactuar. Conchavos em torno de "fórmulas jurídicas", e emendas da constituição, de parlamentarismo — só pode significar a confirmação do golpe. Por que tem em vista, conforme cinicamente se propaga, manter o atual dispositivo reacionário que empolgou o poder, instaurar um governo 'enquadrado', isto é, submisso e obediente, e levar à prática uma política contra os interesses nacionais, contra o povo — uma política em que a violência, arbitrariedades e crimes praticados nesses dias são amostras significativas. Seria manter no poder os mesmos homens e grupos fixos, em função dos interesses imperialistas norte-americanos, já levaram Getúlio Vargas ao suicídio, conduziram Jânio Quadros à renúncia, e querem agora

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 284 3/1/2014 00:57:04

impedir a posse de João Goulart.

Não há dúvida de que a força dos que pretendem se sobrepor à vontade popular é apenas aparente. Intensificando as formas, a luta em defesa da legalidade democrática, contra o golpe e a ditadura, pela posse do senhor João Goulart na Presidência da República, por uma política independente e patriótica, o povo brasileiro alcançará afinal a vitória. Já estão sendo mobilizadas organizações estudantis e operárias, as associações camponesas e populares. Devemos também propor ao país a iniciativa do povo ... Organizando nas cidades, vilas, fazendas, bairros, fábricas, escolas — por toda a parte — os Comitês de luta pela legalidade democrática. A situação exige que não se perca um minuto sequer e não se poupe nenhum esforço.

Na edição do jornal *Novos Rumos*, 1º de julho a 7 de julho de 1962, outro editorial parte contra "o bando do governador Carlos Lacerda" que "recorre a processos terroristas numa tentativa de fechar a Exposição Soviética e criar contra as autoridades diplomáticas soviéticas um clima de provocações que levassem também ao rompimento de relações com a URSS." Sob o título "Esmagar os golpistas e formar Gabinete que faça as reformas", *Novos Rumos* exerce dura crítica.

As forças da reação e do golpe, reconhecidamente ligadas ao imperialismo norte-americano e que, por mais uma vez, já tentaram implantar no país uma ditadura entreguista, recrudesceram em uma criminosa atividade contra o nosso povo e independência nacional. Desencadearam violenta ofensiva, que chegou a envolver altas figuras da Igreja como o Núcleo Apostólico e o cardeal do Rio de Janeiro, com o objetivo de anular os aspectos positivos da política externa do governo. Tentaram, através de manobras sórdidas dentro do próprio conselho de Ministros, utilizando-se de 'denúncias' forjadas sobre a atividade do embaixador de Cuba, levar ao

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 285 3/1/2014 00:57:04

rompimento de relações com o governo de Fidel Castro. Tendo à frente o bando do governador Carlos Lacerda, recorreram a processos terroristas uma tentativa de fechar a Exposição Soviética e criar contra as autoridades diplomáticas soviéticas um clima de provocações que levassem também ao rompimento de relações com a URSS. E intensificaram, como foi denunciado pelo General Osvino Alves, suas tramas golpistas no seio das Forças Armadas, conspirando contra a legalidade constitucional. Agrava-se, assim, a situação do país diante da ofensiva das forças da reação e do entreguismo, as quais de novo ameaçam as conquistas e direitos dos trabalhadores e do povo e põem em risco a própria soberania da nação.

Ao analisar a crise política de agosto do ano passado e a Constituição do governo Jango-Tancredo Neves, os comunistas denunciaram a solução de conciliação com o imperialismo e o latifúndio de apaziguamento com os golpistas que tinha sido dada à crise pelas classes dominantes. E mostraram, dessa maneira, que a solução encontrada trazia em seu próprio bojo elementos de nova crise. O Conselho de Ministros formado revelava-se incapaz de resolver os problemas fundamentais da Nação. E isso exatamente por que ele nascia comprometido com a exploração latifundiária e a espoliação imperialista. Por outro lado, os golpistas, conservados em postos importantes do aparelho do Estado, particularmente nas forças armadas, continuariam suas articulações e manobras, aguardando apenas um momento oportuno para agir.

Os fatos confirmam essas conclusões. O gabinete que aí está apenas falou em reformas de base, mas nada fez nesse sentido. As forças da reação e do entreguismo intensificaram suas atividades, renovam as suas ameaças, tentam o controle total do governo. Na conspiração já denunciada estão envolvidos membros do próprio Conselho de Ministros como os senhores Moreira Sales e Virgílio Távora. São os frutos da política de conciliação até agora seguida pelo Sr. João Goulart e por setores da cúpula do PTB, aliados aos grupos mais reacionários do PSD e da UDN.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 286 3/1/2014 00:57:04

Essa política de compromissos com a reação e o entreguismo se choca com os interesses vitais de nosso povo. O governo que o nosso povo precisa não é um governo de que façam parte representantes de latifúndio e agentes do imperialismo. Ao contrário. O nosso povo precisa de um governo nacionalista e democrático. Um governo que consolide e amplie os aspectos positivos de nossa política externa, dando efetiva consequência às nossa relações comerciais e diplomáticas com os países socialistas e a defesa da paz mundial, tornando a nossa política externa realmente independente, sobre todos os aspectos. Um governo que rompa com a subserviência ao FMI e leve à prática uma política econômico-financeira de acordo com as necessidades do progresso e para o bem-estar das massas. Um governo capaz dar solução efetiva aos problemas colocados na ordem do dia, realizar agora as reformas de base, fazer a reforma agrária radical, liquidando o odioso monopólio da propriedade territorial pelos latifundiários e distribuindo as terras aos camponeses, tomar medidas eficazes contra a espoliação imperialista, por um freio na carestia da vida. Um governo que reforce e amplie a democracia para o povo, com a abolição das mediadas discriminatórias da lei eleitoral contra os comunistas, a concessão ao direito de voto aos analfabetos e soldados, a adoção de restrições legais ao poder do dinheiro nas eleições.

Nosso país vive um momento grave. As forças da reação e do entreguismo, ao mesmo tempo que intensificam a articulação golpista, lançam mão de todos os recursos e pressionam no sentido de constituir um novo Conselho de Ministros que firme instrumentos aos seus objetivos antinacionais. O povo brasileiro deve levantar-se energicamente contra o perigo real de formação de um governo mais reacionário e pró-imperialista, que pode resultar do compromisso dos setores dirigentes do PTB e as forças retrógradas do PSD e da UDN. Esta é a grande ameaça do momento. São evidentes as intenções do senhor João Goulart de prosseguir a sua política de conciliação com o imperialismo e o latifúndio. Em lugar de voltar-se

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 287 3/1/2014 00:57:04

para o povo, o Presidente da República manobra nas cúpulas para formar um 'novo gabinete de compromisso, onde mudariam os homens, mas não mudaria a política, usando como argumento a pressão das forças de direita. É a necessidade de restaurar a tranquilidade no país', tenta-se mais uma vez encontrar uma solução conciliatória através da composição com as mesmas forças que geram a intranquilidade e servem ao imperialismo e à reação. Não teria outro sentido a substituição de Tancredo Neves por Moreira Sales, ou outros deputados reacionários do PSD e da UDN, os senadores não menos reacionários desses mesmos partidos.

O povo brasileiro não há de aceitar um novo cambalacho dos termos do que gerou o pretenso 'governo de união nacional' em setembro de 1961. Existem outros pulsos no Brasil capazes de impedir uma saída antipopular da crise política. O movimento sindical, camponês, estudantil, popular, as alas nacionalistas de vários partidos, todos os democratas e patriotas devem fazer ouvir sua voz e arrancar das mãos das cúpulas partidárias e dos grupos conciliadores o problema da formação do novo Conselho de Ministros. Unidos e atuantes através de ações das massas, de uma pressão rigorosa sobre o Presidente da República e o Parlamento, as forças patrióticas e populares deverão exigir como solução para a crise a constituição de um governo nacionalista e democrático, composto de homens capazes de empreender já as reformas estruturais que o povo reclama.

Não um governo de agentes do FMI, como Moreira Sales, mas um governo com homens da Frente Parlamentar Nacionalista que tenham posição anti-imperialista clara e firme.

Não um governo com representantes do latifúndio, mas um gabinete que coloque imediatamente na ordem do dia a reforma agrária radical.

Não um governo de apaziguadores dos golpistas, como Nasser, mas um governo que tome medidas enérgicas para afastar os 'gorilas' dos postos que ocupam, seja nas Forças Armadas, seja na administração civil.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 288 3/1/2014 00:57:04

O *Novos Rumos* tinha uma gráfica própria. Era a gráfica do partido no Itambé, na Rua Leandro Martins paralela à Marechal Floriano, na zona do cais do porto.

Para evitar capacidade ociosa e melhorar o capital de giro, o Partido abria a gráfica para prestar serviços ao mercado. Imprimia jornais e panfletos. O jornal do Tenório Cavalcante, *A Luta Democrática* era rodado na gráfica do partido.

Gazzaneo lembra que o fato de a gráfica do partido rodar o jornal do Tenório foi muito útil em um dado momento.

A truculenta polícia política do governador Lacerda descobriu que estava sendo rodada uma edição extra de *Novos Rumos* e foi à gráfica apreendê-la. Informados segundos antes da chegada da polícia, rapidamente os gráficos pararam a operação e passaram a imprimir a edição do *A Luta Democrática* que iria à máquina só depois de *Novos Rumos* estar rodado. Quando a polícia chegou ao interior das oficinas viu que estava sendo impresso era *A Luta Democrática* e foi embora. A ordem era empastelar *Novos Rumos* e não o jornal do Tenório. No que eles saíram, os gráficos pararam de rodar o *A Luta* e reiniciaram a impressão de *Novos Rumos* que, rapidamente, chegou às bancas em operação de guerrilha.

Devido a esta edição, Lacerda mandou prender Fragmon. Tentaram prender o Orlando da Silva Rosa Bonfim, mas não conseguiram. O Bonfim acabara de sair para uma reunião da direção e foi avisado antes de voltar para casa, onde a polícia de Lacerda, na surdina, espreitava. [Bonfim acabou vítima fatal do golpe militar, entrou na categoria "desaparecidos" e seu corpo nunca foi encontrado. Teria sido assassinado com uma overdose de injeção]. "Nessa crise, a direção do partido decidiu abrir a redação de *Novos Rumos* no fim de semana. A crise foi em um fim de semana; foi em uma sexta-feira; nós colocamos a edição extra no sábado, no sábado o Fragmon foi preso",

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 289 3/1/2014 00:57:04

lembra Armênio. Era agosto.

O sábado seguinte era 26 de agosto. O Jânio renunciou no dia 25 de agosto de 1961. O Fragmon fora preso uma semana antes, no sábado de manhã, em sua própria casa. Todos de *Novos Rumos* foram avisados para deixar as suas casas, pois podiam ser presos. O partido defendia a sucessão constitucional, a posse do Jango. Na segunda-feira, 28, Gazzaneo foi para a redação e, logo em seguida, chegou o Rui.

Com crise e tudo, Rui repetiu serenamente o seu ritual. Tirou o paletó, serviu-se de um café com leite segurando-o delicadamente na ponta dos dedos, colocou-o nas costas da cadeira — isso ele fazia habitualmente —, olhou para Gazzaneo e, espirituoso e sereno disse: "Vamos trabalhar?", agitando as mãos e flexionando os dedos, como se o mundo não tivesse caindo lá fora.

Os dois fizeram a edição do jornal quase sozinhos. Só mais tarde é que chamaram mais duas ou três pessoas para ajudar. Outros foram preservados, porque estavam mais visados pela polícia.

— Vamos trabalhar?

— Mãos à obra, camarada, concordei. Essa frase do Rui, eu nunca mais vou esquecer... Ele falou como se nada tivesse acontecendo... Esse era bem o retrato do espírito do Rui: uma consciência da responsabilidade, da necessidade de se fazer alguma coisa, sem estardalhaço.

Lá fora o tempo estava acinzentado, nublado. Choveu à noite.

Rui era uma pessoa de hábitos finos. Chegava diariamente, sempre no mesmo horário, saía, tinha os compromissos dele e vivia um período de muita fertilidade intelectual, escrevendo *Cangaceiros e Fanáticos* — isso tomava a maior parte do tempo fora do jornal. Simultaneamente coletava material para escrever um outro livro, ainda sem título, que acabou se perdendo. Existe muito material disperso de Rui.

Novos Rumos fez oposição a Jânio desde sempre. Na edição

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 290 3/1/2014 00:57:04

de 6 de março de 1959, um ensaio-reportagem ao estilo análise de conjuntura sob o título "Quadro da sucessão presidencial" trazia os seguintes subtítulos:

— Jânio: Promoção Publicitária e divisão de partidos.

— O ex-governador paulista ressuscita velhas táticas do fascismo.

— Juraci quer ser candidato, Lacerda atrapalha.

— PSD: pobreza de nomes.

— Brizola sugere: Lott e Jango.

O texto parte para cima de Jânio:

> Dos muitos possíveis concorrentes ao Catete é o senhor Jânio Quadros, até agora, o candidato em torno do qual se faz o maior mito publicitário. O ex-governador de São Paulo, animado com a vitória do Sr. Carvalho Pinto, atirou-se aos pares de 1960 com toda decisão. Nos primeiros embates tudo vem lhe ajudando, pelo menos na aparência.
>
> Dentre essas principais caracterizam a campanha eleitoral do Sr. Jânio. Primeiro: apresenta-se como 'salvador'. Sua principal bandeira é a luta contra a corrupção, pela moralidade da coisa pública e dos costumes. Escudos como a conhecida vassoura já estão sendo profundamente distribuídos. Ao lado da anticorrupção, o desprezo e a hostilidade contra os partidos. Com isso, Jânio explora a animosidade que há em certas camadas da população contra os partidos e o parlamento. Um tática já velha, de fundo fascista, que os demagogos 'salvadores' não deixam de explorar.
>
> Segundo: para reunir forças, procura-se cingir os vários partidos, manobrando no sentido de criar alas 'janistas' em seu seio. Para consegui-lo, alimenta as ambições de dirigentes carreiristas nas agremiações visadas, insinuando a possibilidade de 'dobradinhas', e tira vantagens da onda de publicidade que o apresenta como eleito indiscutível. Essas manobras divisionistas atingem o PTB envolvendo inclusive o seu

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 291 3/1/2014 00:57:04

líder... Ferrari, já apontado pela colunista Adalgisa Néri como traidor do petebismo. O próprio PSD, apesar da solidez que deve caracterizar o partido majoritário, começa também a aparecer com sinais de avaria. O nome do Sr. Tancredo Neves, por exemplo, já foi citado como possível candidato a vice de Jânio. Mas é na UDN, principalmente, que as cisões adquirem maior profundidade. A luta está acesa entre as alas 'realistas' (Juraci) e 'moralista' (Lacerda). Os udenistas vivem a trocar desaforos através da imprensa. Embora falem em possível apaziguamento até a Convenção Nacional, em março, o certo é que a tendência é para um aprofundamento cada dia maior da divisão.

A audácia de Jânio em suas tentativas de dividir não conhece limites. Basta lembrar os fatos de agentes de Jânio terem sondado parlamentares da frente parlamentar nacionalista a propósito de sua desejada admissão na frente. Não tem importância para Jânio que ele seja um adversário consenso da Petrobras e do Movimento Nacionalista.

Há uma particularidade, que não deve escapar em relação a Jânio: a promoção 'publicitária' em torno dos viajantes ao Japão é alimentado tanto pelos seus partidários como, propositadamente, por alguns de seus adversários potenciais. É o caso de Juraci e do próprio Juscelino que desse modo pretendem pressionar a plateia e, no final, obter a solução desejada por cada qual.

Na mesma análise, editorializada, mais adiante, *Novos Rumos* enfatiza sua posição anti-Jânio e a favor do Marechal Lott e de João Goulart:

As forças nacionalistas que alcançaram importantes êxitos nas últimas eleições, não podem girar em torno de dilemas estranhos aos interesses nacionais e do povo. Para enfrentar candidaturas do tipo Jânio – de fundo indisfarçavelmente entreguista e reacionário – as forças nacionalistas tem que superar todos os fatores de dispersão que influíram

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 292 3/1/2014 00:57:04

> negativamente em três de outubro, marchando para as urnas em torno de nomes que encontram efetiva ressonância entre as massas. Deve ser assinalada, nesse sentido, a recente iniciativa do senhor Leonel Brizola, indicando como candidatos capazes de conquistar a vitória em 1960 o Marechal Lott e o Sr. João Goulart.

Uma outra nota, na edição da semana que vai de 13 a 19 de março de 1959, assinada por Rui Facó assegurava que "Trabalhadores estão com Lott e Jango contra o continuísmo":

> A semana passada em SP, esta semana no Rio, os trabalhadores dos dois principais centros do país tornaram claro, em grandiosas manifestações públicas, que estão decididos a levar à vitória a chapa nacionalista Lott-Jango e a rechaçar as manobras continuístas. Os atos do Rio e de SP revestem-se de uma enorme importância: mostram que a classe operária não admite que a Constituição seja violada para impedir o triunfo dos candidatos que têm o apoio dos trabalhadores.

‡

Na redação de *Novos Rumos* o mascote era o jovem Elio Gaspari. Era tratado como criança, carinhosamente. Gaspari assimilou um hábito de Rui, que repete ainda hoje. Tira o relógio antes de começar a escrever. A isso se soma em Rui o ritual de tirar o paletó e colocá-lo com as duas mãos no encosto da cadeira.

Quando Elio chegou à redação era um garoto, tinha 17 anos. Ele assinava como Elio Parmeggiani. Escrevia reportagens e era militante de carteirinha. O número de pessoas fixas na redação, variava de 13 a 15, fixas. O jornal, normalmente, tinha 12 páginas; um caderno só, mas, às vezes, circulava com dois cadernos e produzia muitos suple-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 293 3/1/2014 00:57:05

mentos temáticos, especiais. Eram edições monográficas, misturando informação com opinião. Elio apareceu na redação quando começaram as edições diárias do jornal e com isso a necessidade de mais pessoal. Naquele período, o próprio partido cuidou de recrutar jovens talentosos e interessados em ingressar no *Novos Rumos*. Aí aparece Gaspari.

— Era uma espécie de estagiário... , lembra Gazzaneo. Chega aquele mineiro, magrinho, alto, 17 anos... "Eu vim trabalhar". Quando vimos o primeiro texto que ele escreveu, vaticinamos: esse vai ser jornalista. Um mês depois, ele foi fazer a cobertura de um evento camponês que aconteceu na Baixada Fluminense. Gaspari fez uma reportagem brilhante, contrariando poucos que disseram "você está louco, mandar esse menino para lá???"...

O Rui foi eleito padrinho de casamento do Elio Gaspari que se revelou rapidamente, competente e sensível às coisas. Ele era o mascote da redação e foi acompanhado, em seus primeiros dias, por Rui que comentava e observava seus textos.

Rui também era muito ponderado nas opiniões. Nas assembleias do partido ele era um ponto de equilíbrio. Nos três congressos realizados pelo partido, em 1960, clima tenso e ele sempre era um fator de ponderação. Foi em 1960, que uma dissidência criou o PC do B. Os militantes chegaram a aprovar uma resolução, condenando um dirigente e o Rui chamava a atenção para isso e acaba revertendo certas posições. Ele e a equipe de *Novos Rumos* eram mais do que simples jornalistas, eram pessoas que tinham uma história de militância dentro do partido.

Rui morava no Jardim Botânico com o Armênio e sua companheira Zuleika Alambert. Moravam em um apartamento térreo, na rua Maria Angélica. Seu irmão, Gustavo, era militante, mas atuava em outra

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 294 3/1/2014 00:57:05

linha, em operações logísticas, na área de comunicação e propaganda, mas na clandestinidade. Ele ajudava na distribuição da *Voz Operária*.

Zuleika Alambert, comunista, militante, compartilhou muitos momentos de sua vida com Rui e com o filho deste, Paulo. Final dos anos 1950, Rui já viúvo. Julia, que Zuleika de modo recorrente chama apenas de Lia, morrera em Moscou. Rui voltou primeiro ao Brasil. Paulo ficou mais tempo na Europa. "Morávamos eu, Armênio, Paulo e o Facó", reforça Zuleika. "E foi até meio trágico, porque o Facó era muito apegado a Lia, mulher dele, gostava muito dela." A melancolia só esmaeceu anos depois. Em 1963, quando morreu, Rui namorava.... "Ele ia refazer a vida dele, quando aconteceu essa desgraça." Com a morte do pai, Paulo foi morar em São Paulo, na casa da outra irmã do Armênio, Moema, e lá namorava uma equatoriana, mas acabou casando com a italiana "Pina", sua colega de Volkswagen, e tiveram dois filhos.

O namoro com a equatoriana não deu certo, entrou em desgaste a ponto de ela tripudiar de Paulo, de sua deficiência física. "Ela começou a dizer que ele parecia um molambento, porque ele nasceu com uma perna mais curta que a outra", lembra Zuleika.

Paulo, o único filho de Rui, era um menino intelectualmmente superdotado. Ele, com nove anos, leu toda a obra de Graciliano Ramos. Ele era um gênio. Muito, muito inteligente. Ele cantava tudo quanto era baião do Nordeste. Era um menino maravilhoso e soube educar bem os filhos. A menina era pianista, o menino também estudou muito. Além desses dois filhos, Paulo teve um outro, com a equatoriana.

Rui era uma pessoa muito zelosa da privacidade dele. Tanto era que ninguém sabia, exceto Armênio, de uma relação amorosa sua com Olga. Os amigos de *Novos Rumos* só souberam do fato depois. Gazzaneo só soube às vésperas do enterro, quando estava tratando

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 295 3/1/2014 00:57:05

da remoção do corpo de Rui e Olga o procurou na redação de *Novos Rumos*, para falar que tinha uma relação com o Rui.

Muito discreto, era esguio, não fumava. Pele rosada. Bebia pouco, e só em casa, só uísque. Tinha hábitos alimentares muito saudáveis. Devia cuidar do corpo. Tinha uma mente ótima, vestia-se muito bem; era elegante.

— A gente brincava com ele. Ele ia de gravata sempre... Camisas brancas, sempre brancas e gravatas discretas, lembra Gazzaneo.

Discreto e fechado. Não falava sobre a família, do Ceará, dos pais, nem da mulher Julia, falecida. Mesmo Gustavo que morava no Rio, que era do partido, só ficou mais conhecido dos amigos de *Novos Rumos* depois da morte do Rui. Ele adorava o Rui, que era uma espécie de ídolo na família.

Quando morreu, oficialmente Rui estava viajando pela América Latina fazendo uma reportagem para o *Novos Rumos*. Na verdade, ele havia recebido uma incumbência do Partido de assistir e participar de um congresso latino-americano, um evento internacional de camponeses em La Paz. Evidentemente que ele iria escrever matérias para o *Novos Rumos*, mas ele era, primeiro, um membro delegado do partido. Foi uma decisão da direção do Partido.

— Nós nem sabíamos que ele ia participar do Congresso Internacional de Camponeses. Ou fazer matéria para o *Novos Rumos*, lembra Gazzaneo.

No avião sinistrado, só havia Rui de brasileiro, 14 passageiros cubanos e passageiros de outras nacionalidades. O que indignou muitas pessoas, como Gazzaneo, foi o fato de Rui arriscar-se a viajar numa linha aérea mambembe. Em condições de tempo ruins, numa região inóspita. Uma zona difícil, montanhosa.

A relação de Rui com a Olga parecia dar mais tranquilidade

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 296 3/1/2014 00:57:05

do que ele usualmente tinha. Depois da morte da Julia, foi a primeira relação que o Rui teve. Ele estava em um momento maravilhoso da vida dele; feliz com o já anunciado sucesso editorial de *Cangaceiros e Fanáticos*. O Ênio Silveira, editor do livro, ficou satisfeitíssimo. A Civilização Brasileira já havia encomendado um outro livro a Rui.

Rui era muito discreto, protegia muito sua privacidade e todos respeitavam isso.

A Livraria São José, que hoje é um sebo, era, à época, o ponto de encontro de intelectuais, administrada por Carlos Ribeiro, era o *point* dos intelectuais. Jorge Amado, no período em que morou no Rio, Drummond, Graciliano... Essa gente toda frequentava a São José no final da tarde!

Depois, no Rio, o reencontro no *Novos Rumos*, e, depois, lançaram um jornal diário que durou quarenta dias, em 1960. O *Hoje*, dirigido por Alberto Passos Guimarães, teve como chefe da redação o Almir Matos e Gazzaneo como secretário da redação.

Gazzaneo foi homem da cozinha do jornal, foi repórter, fez tudo!

O Armênio é uma das maiores figuras da história do Partido. O Armênio é uma cabeça política. Gazzaneo diz que "Armênio entendeu, muito antes de muita gente, que muita coisa estava errada e precisava mudar dentro do Partido e na política do Partido. O Armênio foi um dos responsáveis, junto ao Alberto Matos Guimarães e ao Giocondo Dias, pela Declaração de Março de 1958, que mudou os rumos da política do Partido. É a resolução de março de 1958."

Depois da crise do XX Congresso, que repercutiu, brutalmente, no PCB partido, a crise do stalinismo *versus* o partido ou um realinhamento. O grupo stalinista era mais aberto. Com a crise do XX Congresso, houve pressões para que o Partido fizesse revisões na sua política, enormes pressões. Essas pressões culminaram na Declaração

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 297 3/1/2014 00:57:05

de Março de 1958. Nesse período, o Prestes saiu da clandestinidade e deu todo o apoio ao grupo que fez a declaração.

A Declaração de Março de 1958, aprovada pela direção do PCB, os comunistas brasileiros adotam uma nova orientação política. Agora, o partido defende a conquista de um governo nacionalista e democrático através do processo eleitoral e da pressão de massas, excluída a via armada prevista anteriormente nos documentos do PCB.

O primeiro parágrafo da Declaração de Março:

> Modificações importantes têm ocorrido, durante as últimas décadas, na estrutura econômica que o Brasil herdou do passado, definida pelas seguintes características: agricultura baseada no latifúndio e nas relações pré-capitalistas de trabalho, predomínio maciço da produção agropecuária no conjunto da produção, exportação de produtos agrícolas como eixo de toda a vida econômica, dependência da economia nacional em relação ao estrangeiro, através do comércio exterior e da penetração do capital monopolista nos postos-chave da produção e da circulação.

Anita Leocádia Prestes, filha de Olga e Prestes, lembra que "consumada a posse de João Goulart na presidência da República, em 7 de setembro de 1961, tinha início, para os comunistas, uma nova etapa na luta pela aplicação das resoluções partidárias aprovadas em março de 1958 e, posteriormente, confirmadas no V Congresso do PCB. Seria mantido o mesmo objetivo tático, definido na Declaração de Março de 1958: a luta por um governo nacionalista e democrático.

De uma acirrada dissidência com o PCB nasce o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) em 1962.

No Estatuto do Partido Comunista do Brasil, capítulo 1, sob o título "Do Partido", Artigo 1º, lê-se:

> O Partido Comunista do Brasil, fundado em 25 de março de 1922,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 298 3/1/2014 00:57:05

> reorganizado em 18 de fevereiro de 1962 e legalizado, na fase atual, em 27 de maio de 1985, é o partido político da classe operária e do conjunto dos trabalhadores brasileiros, fiel representante dos interesses do povo trabalhador e da Nação. Organização política de vanguarda consciente do proletariado, guia-se pela teoria científica e revolucionária elaborada por Marx e Engels, desenvolvida por Lênin e outros revolucionários marxistas.

O Partido Popular Socialista traz para si o privilégio de ser o sucedâneo direto do antigo PCB. Em seu Estatuto, Capítulo 1, sob o título "Do Partido, seus Princípios e Objetivos", se escreve:

> Art. 1º - O Partido Popular Socialista — PPS, sucessor do Partido Comunista Brasileiro — PCB, fundado em 25 de março de 1922, é uma organização política, com personalidade jurídica de direito privado, com sede e foro em Brasília, Distrito Federal, com prazo indeterminado de duração, e registro definitivo deferido pelo Tribunal Superior Eleitoral, em 6 de março de 1990, recebendo o número 23 para todos os fins e efeitos eleitorais, se rege, nos termos do artigo 17 e seguintes da Constituição Federal, por este Estatuto e pelo seu Código de Ética e Disciplina.

Em 1960, no processo do V Congresso, Maurício Grabois divulgou uma série de artigos de um grupo que recusou a revisão da linha revolucionária do Partido Comunista do Brasil, iniciada com a publicação da Declaração de Março, em 1958.

Maurício Grabois, um pilar da história do Partido Comunista do Brasil, nasceu em Campinas, São Paulo, mas foi acidentalmente registrado pela segunda vez em Salvador (BA).

Na seção "Tribuna de debates", do jornal *Novos Rumos*, ficaram claras as posições antagônicas. De um lado ficaram: Maurício Grabois, João Amazonas, Diógenes de Arruda Câmara, Pedro Pomar, Carlos Nicolau Danielli e Ângelo Arroyo. Do outro lado estavam: Luís Carlos

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 299 3/1/2014 00:57:05

Prestes, Mário Alves e Jacob Gorender, dentre outros. Da cisão saiu o Partido Comunista do Brasil — PCdoB. O PCB continuou com a mesma sigla mas mudou seu nome de Partido Comunista do Brasil para Partido Comunista Brasileiro.

Depois, em 1978, Diógenes de Arruda avaliou que Maurício Grabois foi essencial tanto do ponto de vista político-ideológico como prático, "no trabalho de reorganização marxista-leninista do Partido de 1961 a 1962, contribuindo de forma destacada, juntamente com o camarada Amazonas, para o esclarecimento de importantes problemas da revolução brasileira e na elaboração do Programa do Partido, aprovado na Conferência Nacional Extraordinária de fevereiro de 1962".

CONTEÚDOS CORTANTES

Na edição inaugural de *Novos Rumos* relativa à semana de 28 de fevereiro a 6 de março de 1959 Rui Facó publicou, na página 2, o texto "URSS-1965" onde faz um astuto exercício de econometria, projetando salários e preços para um cenário de cinco anos. Na União Soviética. Em contraponto faz uma crítica aos "mundos e fundos" prometidos por JK e "o custo de vida sobe em ritmo acelerado". O salário real diminuiu, embora tenha aumentado o salário mínimo "pois os preços não param de subir". Rui também critica a ausência de planejamento econômico pelo Governo Federal. Diferentemente, assegura, do que acontece nas 15 repúblicas federadas da URSS, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, onde estão, dentre outros, russos, ucranianos, armênios, georgianos, bielorussos. Também em contraponto ao Brasil, destaca a redução gradativa da jornada de trabalho na URSS — no Brasil "o patrão faz questão de cada minuto" — e os projetos para investimentos em física.

No subtítulo "40 milhões de crianças e jovens frequentarão (obrigatória e gratuitamente) as escolas — 35 horas de trabalho na

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 300 3/1/2014 00:57:05

semana e dois dias de descanço — Moradia confortável para todos: serão construídos 15 milhões de apartamentos e casas — Impossível prever o avanço da ciência e da técnica".

Também no número um de *Novos Rumo*s, Luís Carlos Prestes pública ensaio de quase uma página, destacando o que acredita ser o crescimento da consciência política do povo latino-americano. "Os povos latino-americanos veem no imperialismo ianque e seus agentes internos em cada país o inimigo principal a combater."

E em uma análise de conjuntura da fase pré-eleitoral assegura que Jânio Quadros se apresenta como salvador em "luta contra a corrupção" hostilizando os partidos e o Parlamento. "É uma tática já velha, de fundo fascista, que os 'demagogos' salvadores não deixam de explorar". O jornal entende que Jânio procura cindir os vários partidos tentando criar alas "janistas" dentro deles. "A audácia de Jânio em sua tentativa de dividir não conhece limites."

A edição inaugural traz, ainda, outra reportagem de página inteira destacando, em título de duas linhas, todo em maiúsculo "Caminho da mais justa sociedade do mundo: a sociedade comunista", onde trata das resoluções, para os próximos sete anos, do XXI Congresso do Partido Comunista da União Soviética, no dia 5 de fevereiro daquele ano.

O jornal traz reportagens, informações, doutrinação e muita opinião expressas em seções como "Teoria e Prática" que pergunta: "Nacionalismo é uma Ideologia?", e ensaios como "A igualdade e a independência dos Partidos Comunistas", de Mário Alves. Há também "História do Movimento Operário" onde, sob o título "Surge uma nova classe: o proletariado", fica claro o conceito de mais-valia e expropriação.

Astrojildo Pereira estreia sua seção "Notas sobre livros", onde o texto principal versava sobre o livro de John Reed, *Dez dias que*

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 301 3/1/2014 00:57:05

Levantando As Cortinas Da COFAP

MÁQUINA DE VOTAR AUMENTOS ACIONADA PELO CEL. MINDELO

Pode ser uma arma contra a carestia mas se transformou em QG dos exploradores do povo — Duas eminências pardas: Nilo Sevalho e Beré — Dispondo de um crédito rotativo de 400 milhões de cruzeiros e apesar das exigências de lei, a Presidência da COFAP não publicou ainda um só balancete de 1958 — Onde aparece o general Nelson de Melo comprando três latas de azeite — A vontade dos trabalhadores: manutenção da COFAP, mas democratizada

NOVOS RUMOS

ANO I — RIO DE JANEIRO, SEMANA DE 28 - 2 A 4 - 3 - DE 1959 — N.º 1

Nossos Propósitos

Este jornal surge da necessidade de assegurar ao pensamento de vanguarda de classe operária um órgão de difusão mais vivo e atuante, mais aberto, portanto, de participar e influir na grandiosa luta que trava o povo brasileiro pela emancipação nacional, a democracia e o progresso social.

NOVOS RUMOS integra-se com entusiasmo e ardor combativo na frente unitária dos forças nacionalistas e democráticas, que lutam por superar os obstáculos ao desenvolvimento independente e progressista do país e pela eliminação do capital monopolista estrangeiro, a chaga da estrutura agrária. Empenha-se-ao sinceramente no tarefa comum de fazer a unidade de todos as correntes patrióticas e populares, compreendendo que esta unidade é fator básico para a vitória do povo brasileiro sobre o imperialismo norte-americano e seus agentes internos.

Na movimento nacionalista e democrático, NOVOS RUMOS abre-se de porta-de-viro dos interesses da classe mais revolucionária, a proletariado. Consideramos que a classe operária, incorporando-se à luta geral do povo por uma desenvolvimento independente, bem, simultaneamente, a dever histórico de defender seus próprios interesses, mantendo sua independência na terreno ideológico e político. Cabe à classe operária o estudo da importância do meio conveniente e movimento nacional e democrático e, após a realização dos objetivos fundamentais da atual etapa da revolução brasileira, conduzi-la para a conquista de objetivos mais avançados, para a vitória do socialismo. NOVOS RUMOS abre seus páginas à luta pela unidade e organização do movimento operário, às campanhas por defesa dos reivindicações vitais e imediatas dos trabalhadores.

Frente aos problemas do mundo, NOVOS RUMOS colocar-se-á ao lado dos forças do progresso e da paz, ao lado dos países socialistas, dos povos libertados do terrível imperialismo e daqueles que ainda lutam, como nós, para quebrar as cadeias da dependência nacional.

Jornal do pensamento operário de vanguarda, NOVOS RUMOS fundamenta sua aparição das exigências dos princípios do marxismo-leninismo, a justa concepção revolucionária do desenvolvimento da sociedade que teve sua validade comprovada pelos fatos mas últimos cem anos. A luz desta teoria que transforma o mundo, nos dispomos a interpretar a realidade de nosso país, tendo em conta suas particularidades específicas. Esperamos contribuir, dêste modo, para a educação e a autoconsciência dos trabalhadores brasileiros, para a formação de sua consciência política.

Aderir ao ideal do marxismo não significa, porém, fechar-se em atitude de intolerante sectário. O marxismo-leninismo é científico, por princípio, e toda criadores, porque as transformações revolucionárias não são fruto de ação de pequenos grupos de líderes divorciados das massas, e sim da situação histórica dos próprios povos. Em cada país, são protagonistas as povo. Este jornal quer intensificar esses seus contactos. Encontrará que NOVOS RUMOS estará sempre ao lado e pronunciará de vanguarda e circulará mais amplos dos trabalhadores e do povo.

A equipe que faz NOVOS RUMOS não desconhece as dificuldades de toda ordem que terá de vencer. Sabe muito bem que as dificuldades serão vencidas, se contarmos com o apoio dos trabalhadores e do povo. Este apoio não significa apenas estímulo, mínio e compreensão. Significa também a crítica franca e a ajuda sincera.

O coronel Anderson Mindelo é quem ocupa o ministério de economia de preços e que está cobrindo a COFAP

5

BOB, O MOTORNEIRO

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 302 3/1/2014 00:57:06

Na página anterior a edição número 1 de *Novos Rumos* relativa à semana de 28 de fevereiro a 6 de março de 1959. Acima e ao lado, a evolução da marca do jornal.

FONTE: ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL, RJ

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 303 3/1/2014 00:57:07

NOVOS RUMOS

Diretor — Mario Alves

Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.

Secretário — Fragmon Carlos Borges

REDATORES

Almir Matos, Rui Facó, Paulo Mota Lima, Maria da Graça, Luis Ghillardini

MATRIZ

Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1713 — Telefone: 42-7344

Gerência: Av. Rio Branco, 257, 1º andar, S 905

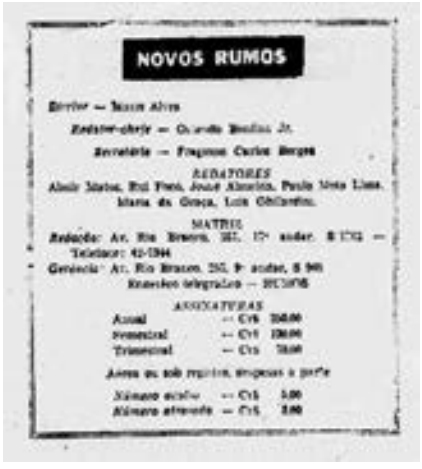
Endereço telegráfico — NOVOS RUMOS

ASSINATURAS

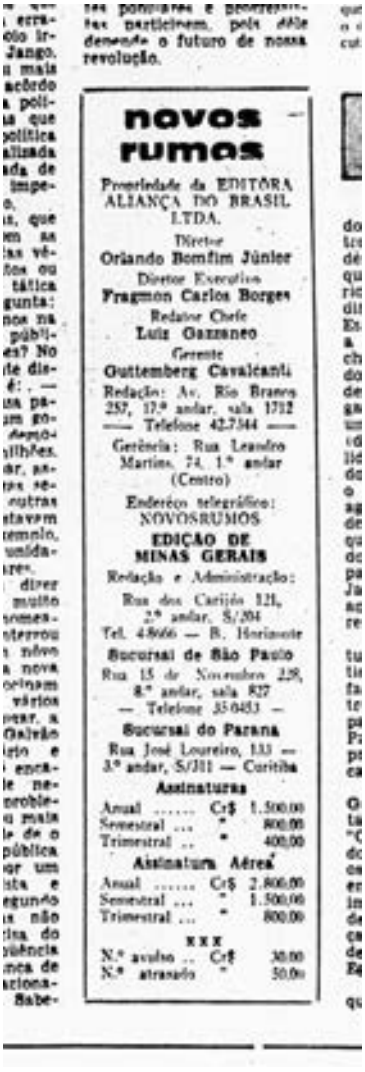
Anual	— Cr$	260,00
Semestral	— Cr$	130,00
Trimestral	— Cr$	70,00

Aérea ou sob registro, despesas à parte

Número avulso	— Cr$	3,00
Número atrasado	— Cr$	5,00



NOVOS RUMOS



novos rumos

Propriedade da EDITÔRA ALIANÇA DO BRASIL LTDA.

Diretor
Orlando Bomfim Júnior

Diretor Executivo
Fragmon Carlos Borges

Redator Chefe
Luiz Gazzaneo

Gerente
Guttemberg Cavalcanti

Redação: Av. Rio Branco 257, 17.º andar, sala 1712 — Telefone 42-7344

Gerência: Rua Leandro Martins, 74, 1.º andar (Centro)

Endereço telegráfico: NOVOSRUMOS

EDIÇÃO DE MINAS GERAIS

Redação e Administração: Rua dos Carijós 121, 2.º andar, S/204 Tel. 4-8666 — B. Horizonte

Sucursal de São Paulo
Rua 15 de Novembro 228, 8.º andar, sala 827 — Telefone 35-0453 —

Sucursal do Paraná
Rua José Loureiro, 133 — 3.º andar, S/311 — Curitiba

Assinaturas

Anual	Cr$	1.500,00
Semestral ...	"	800,00
Trimestral ..	"	400,00

Assinatura Aérea

Anual	Cr$	2.800,00
Semestral ...	"	1.500,00
Trimestral ...	"	800,00

XXX

N.º avulso ..	Cr$	30,00
N.º atrasado	"	50,00

Expedientes de *Novos Rumos*, do número 1 à última edição, já com nova logomarca.

FONTE: ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL, RJ

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 304 3/1/2014 00:57:08

Na edição inaugural de *Novos Rumos* relativa à semana de 28 de fevereiro a 6 de março de 1959 Rui Facó publicou, na página 2, o texto "URSS-1965" onde faz um astuto exercício de econometria, projetando salários e preços para um cenário de cinco anos. Na União Soviética.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 305 3/1/2014 00:57:08

FALA PRESTES

SÔBRE A SUCESSÃO PRESIDENCIAL

* As massas querem uma nova política e exigem um candidato capaz de realizá-la.
* A orientação entreguista e antipopular do govêrno torna inviável o apoio das fôrças patrióticas e democráticas a nomes batejados pelo Catete.
* Jânio Quadros: um agente do entreguismo e da reação.
* Juraci Magalhães: inaceitável para o povo um candidato de conchavo entre a UDN e o PSD
* Advertências a Lott e Jango.

ANO I — RIO DE JANEIRO, SEMANA DE 7 A 13 DE MARÇO DE 1959 — Nº 2

NOVOS RUMOS

REDAÇÃO: AV. 13 DE MAIO, 257 — SALA 1702

'O Govêrno não vai em política uma política que o leva à impopularidade'

Os Responsáveis

DEMISSÃO DE LUCAS LOPES

Exigem os dirigentes sindicais e estudantis de Minas e a Comissão Organizadora do II Congresso Nacional dos Metalúrgicos

Prestes na primeira página do número 2 do semanário *Novos Rumos*, de 7 a 13 de março de 1959. Na página oposta, a última página da mesma edição.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 306 3/1/2014 00:57:10

3 MAY 27

SUCESSÃO PRESIDENCIAL

FALA PRESTES

A formulação da plataforma e a escolha do candidato à Presidência da República não podem mais ser decididos longe das vistas do povo. As massas exigem uma nova política e querem um candidato capaz de realizá-la. Inviável o apoio das fôrças nacionalistas a nomes bafejados pelo Catete. Jânio é um agente do entreguismo e da reação — (Reportagem na primeira página)

ANO I — NÚ 7 A 13 DE MARÇO DE 1959 — N.º 2

NOVOS RUMOS

REDAÇÃO: AV. RIO BRANCO, 257 — SALA 1712

LER NESTA EDIÇÃO

UNIFICAR E ORIENTAR AS LUTAS CONTRA A CARESTIA

TEXTO NA 11.ª PAGINA

DEMISSÃO DE LUCAS LOPES

É O QUE EXIGEM LÍDERES SINDICAIS E ESTUDANTIS DE MINAS GERAIS

(Reportagem na 1.ª pág.)

JÂNIO: UM PROGRAMA ENTREGUISTA DE GOVERNO

REPORTAGEM NA 3.ª PAG.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 307 3/1/2014 00:57:11

"ESTUDOS SOCIAIS"

Está circulando o número duplo 3-4 da revista «Estudos Sociais». Do seu sumário, cuja matéria compreende cêrca de 200 páginas, constam trabalhos de interêsse sôbre variados assuntos: políticos, econômicos, literários, sociológicos, etc., além de críticas de livros e revistas.

Queremos salientar, por sua rica documentação, o capítulo de um livro (inédito) do economista Aristóteles Moura sôbre aspectos atuais da economia brasileira. Em fundamentado artigo, Jacob Gorender faz uma análise do livro do professor Guerreiro Ramos «Redução sociológica». Mário Alves estuda os resultados das eleições de outubro e o movimento nacionalista. Astrojildo Pereira publica um longo trabalho sôbre o pensamento dialético e materialista de Machado de Assis. O problema da terra, que desperta crescente interêsse entre economistas, políticos e imprensa, consta neste número de «Estudos Sociais» com trabalhos de caráter histórico e da atualidade: dêle tratam Fragnon Carlos Borges, Manuel Paiva e Duvitiliano Ramos. O professor Pascoal Leme apresenta um bem documentado artigo sôbre a situação do ensino na América Latina, neste momento em que o problema entre nós está merecendo atenção dos especialistas e legisladores. Destacamos também o artigo de Fábio Lucas «À margem da Revolução brasileira» e a bem argumentada crítica ao livro discutido do professor Hélio Jaguaribe sôbre o nacionalismo.

Temos assim um ótimo número de «Estudos Sociais», digno do conceito que já adquirira a revista por seus números anteriores.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 308 3/1/2014 00:57:12

COFAP: MÁQUINA DE VOTAR AUMENTOS
ACIONADA PELO CORONEL MINDELLO

Órgão capaz de ser útil na luta contra a carestia da vida, a COFAP se transformou em simples instrumento de legalização das pretensões dos tubarões e açambarcadores. O coronel Mindelo dirige a orquestra manejando o Conselho à sua vontade. E começa desrespeitando a própria lei que criou a COFAP: movimentando um crédito rotativo de quatrocentos milhões de cruzeiros, não publicou em 1958 siquer um balancete mensal. Os trabalhadores querem, dentro das medidas necessárias para uma efetiva contenção dos preços, que a COFAP seja democratizada, modificando-se a composição do seu Conselho

(REPORTAGEM NA PRIMEIRA PAGINA)

Semana de 28-2 a 6-3-59

UM ÔLHO NA UDN E OUTRO NO PTB

Reportagem na 3ª página sôbre a sucessão presidencial

Na página oposta, anúncio da revista *Estudos Sociais* publicado no número dois do semanário *Novos Rumos*, 7 a 13 de março de 1959. Acima, pressão sobre Jânio.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 309 3/1/2014 00:57:13

abalaram o mundo. Reed era figura de proa do Partido Socialista nos EUA, e exerceu papel central na fundação do Partido Comunista dos Trabalhadores, na ilegalidade. O livro é o testemunho do autor nos dias da Revolução Russa de 1917. Astrojildo saudava a reimpressão do livro, pela Editora Zumbi, de São Paulo. "É o melhor retrato, a mais viva reportagem daqueles dias de novembro de 1917, que assinalaram o advento do socialismo no mundo", escreve, lembrando que Lenin "em pessoa" recomendava a leitura deste livro "para melhor compreender o verdadeiro significado da revolução bolchevique".

Anos depois, escreveu o historiador J. P. Taylor: "Ninguém jamais imaginaria que os bolcheviques conseguissem ficar mais do que três dias no poder — a não ser, talvez, Lênin, Trotski, os operários de Petrogrado e os soldados mais ingênuos..."

A utopia que virou realidade embalou o mundo.

E o Barão de Itararé — codinome de Apparício Fernando de Brinkerhoff Torelly — assina sua seção com o estilo de fino humor "Cineminha-Cinemanha".

Na última página, dois temas, sendo um a foto chamada com Jânio Quadros sob o título "Um olho na UDN e outro no PTB", uma alusão ao estrabismo de Jânio e um trocadilho com a expressão "Um olho no peixe, outro no gato".

Já na primeira página da segunda edição uma manchete em letras garrafais "Fala Prestes" seguindo-se "sobre a sucessão presidencial". Cinco pontos são destacados a título de subtítulo:

* As massas querem uma nova política e exigem um candidato capaz de realizá-la.

* A orientação entreguista e antipopular do governo torna inviável o apoio das forças patrióticas e democráticas a nomes bafejados pelo Catete.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 310 3/1/2014 00:57:13

* Jânio Quadros: um agente do entreguismo e da reação.

* Juraci Magalhães: inaceitável para o povo um candidato de conchavo entre a UDN e o PSD.

* Advertências a Lott e Jango.

Prestes propaga que "a formulação da plataforma e a escolha do candidato à Presidência da República não podem mais ser decididos em conchavos de gabinete, longe das vistas do povo."

Diz Prestes à reportagem de *Novos Rumos*:

"As massas trabalhadoras e populares querem uma nova política. Exigem um candidato capaz de promover o desenvolvimento independente do país, assegurar o bem-estar do povo, defender a economia nacional da investida dos trustes e realizar uma política exterior independente da pressão imperialista."

Para ele, o governo JK que subiu ao poder "apoiado pelas forças nacionalistas e democráticas" vem pondo em prática uma política econômico-financeira que leva rapidamente à desmoralização e à impopularidade não só do presidente Kubitschekk como das forças políticas que cercam e apoiam."

"O governo vacila, cede à pressão do imperialismo norte-americano e dos setores entreguistas."

Em coluna vertical no lado externo na primeira página, um editorial sob o título "Os Responsáveis" aponta os graves problemas da carestia, "a alta desenfreada dos preços". E, depois de criticar a mudança de rota de JK o editorial pede a cabeça dos responsáveis pela implementação da política econômica, do ministro da Fazenda Lucas Lopes e do economista Roberto Campos "homens de confiança dos trustes [...] responsáveis diretos pelas medidas antinacionais cujos efeitos negativos se fazem sentir na alta dos preços e na situação angustiosa do povo."

O jornal *Novos Rumos* publica grandes reportagens, mesclan-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 311 3/1/2014 00:57:13

do informação com opinião, sempre com viéis do Partido, destacando "o programa entreguista do Governo Jânio" e coloca em cena Leonel Brizola, então governador do Rio Grande do Sul, endossando críticas àquele. "A candidatura de Jânio representa o antinacionalismo. Por suas posições entreguistas, Jânio não pode ter o apoio dos patriotas."

A seção "Teoria e Prática" traz o artigo "Dois aspectos do movimento nacionalista" e a "História do movimento operário" trata dos Ludistas, ou destruidores de máquinas.

E o humor do Barão de Itararé vai pra cima de quem? "Jânio sabe que todo demagogo, com mania de vassoura, acaba doido varrido... O povo de São Paulo viu o que ele fez com a vassoura, varreu os pequenos e escovou os grandes. Vassoura dura, de piaçaba para os humildes; e escova macia para tirar a caspa da própria gola e afastar os fiapos dos casacos dos magnatas."

"Mas, justiça se lhe faça. Jânio fez uma limpeza em regra. Sim, limpou os cofres de São Paulo. Limpou o bolso do povo com impostos brutais."

Ainda no número dois, o jornal trata da seguinte questão: "Capital vai para Brasília: que será do Rio?"

Em outra edição *Novos Rumos* relata a visita à sua redação de um jornalista cubano, Lionel Soto, do jornal "Hoy", de Havana. O título *Cuba: A Revolução — Não foi comunista nem anti-comunista*. A entrevista, no formato pergunta e resposta antecedido por um pequeno texto introdutório trata, principalmente, da expectativa em relação ao ciclo iniciado por Fidel Castro. O texto, não assinado, é de Rui, como já vimos, um dos cozinhadores do jornal.

Na edição de 4 a 10 de dezembro de 1959, Rui Facó assina a seção "Crônica Internacional", criticando a omissão do noticiário da grande imprensa sobre as manifestações contra os Estados Unidos em Tóquio e no Panamá. "O povo japonês protesta contra um pacto que

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 312 3/1/2014 00:57:13

tenta envolvê-lo em compromissos militares para fins de agressão. E o povo japonês não esquece ter sido uma das principais vítimas da última guerra mundial."

No Panamá, escreve Rui, "os patriotas panamenhos reclamam o que têm todo o direito de reclamar: sua soberania sobre o Canal que atravessa seu país a exemplo do que foi feito com o Canal de Suez pelo Egito."

E mais adiante, na conclusão: "Mesmo quando se admiram os Estados Unidos, se reconhecem as maravilhosas qualidades do povo norte-americano, já não se reluta em atacar os responsáveis pelas ocupações de territórios alheios — os imperialistas. Estão eles irremediavelmente no pelourinho da história expostos à execração universal. Já foram obrigados a abandonar boa parte dos países que ocupavam. Serão forçados a abandonar os restantes. As potentes manifestações de Tóquio e Panamá reforçam esta convicção."

Novos Rumos, em editorial de primeira página, pede a punição de Carlos Lacerda no episódio da chacina dos mendigos do Rio da Guarda pela polícia do governador objeto de uma CPI na Assembleia Estadual da Guanabara. A CPI emperrou. "Carlos Lacerda, Gustavo Borges, [Cecil] Borer [diretor do Dops carioca] e companhia estão possuídos do legítimo receio do prosseguimento da apuração da chacina de mendigos. Tentam por todos os meios impedir que os fatos sejam investigados até o fim e se revelem as suas verdadeiras proporções."

Noutra reportagem, sob o título "Lacerda: dois anos ....." *Novos Rumos* diz que "o líder golpista dá [...] mais uma demonstração de sua condição de fariseu irremediável, fazendo hoje o que condenava nos governantes quando representava de oposicionista."

O longo texto relata vários episódios autoritários de Lacerda e sua visão de que "todos os delinquentes e criminosos moram nas fa-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 313 3/1/2014 00:57:13

velas" bem sua repressão a qualquer "movimento reinvidicatório dos trabalhadores."

Uma prática comum em *Novos Rumos* eram os cadernos especiais — "não podem ser vendidos separadamente" — com pauta monográfica como a edição relativa à semana de 15 e 21 de março de 1963 que põe o dedo na ferida focando o tema "As divergências do Movimento Comunista" com artigos traduzidos do *Diário do Povo*, de Pequim, como o editorial de 31 de dezembro de 1962 sob o título "As divergências entre nós e o camarada Togliatti".

Palmiro Togliatti foi secretário geral do Partido Comunista Italiano, de 1927 até sua morte, em 21 de agosto de 1964.

"O partido comunista italiano é um partido que possui uma gloriosa tradição de luta nas fileiras do movimento comunista internacional", começa o editorial para, mais adiante, mostrar as diferenças entre o PC Chinês e o PC Italiano. E não são poucos.

O texto ocupa quatro páginas do jornal, sem ventilações, em cinco colunas verticais em cada página, um tijolaço.

Outra personagem recorrente nas páginas de *Novos Rumos*, representante do Tio Sam no Brasil, foi o diplomata norte-americano Lincoln Gordon, embaixador dos Estados Unidos no Brasil entre 1961 e 1966. Gordon era a encarnação do mau na visão dos comunistas. Anos depois, no livro *A Segunda Chance do Brasil — A Caminho do Primeiro Mundo* (2001), o diplomata e acadêmico apresentou seu ponto de vista sobre os motivos que levaram o Brasil a não se tornar uma potência mundial no início dos anos 1960.

"Mister Gordon" como assim o tratava o semanário comunista, ganhou manchete garrafal na edição 213 de *Novos Rumos*, referente a semana de 22 a 28 de março de 1963. "Fora Mister Gordon!" exclamava o jornal.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 314 3/1/2014 00:57:13

"O sentimento patriótico do nosso povo repele com energia a nova e descarada intromissão do governo dos Estados Unidos nos assuntos internos do nosso País", dizia o jornal. Mais adiante: "O fato concreto é este: os imperialistas ianques julgam-se com o direito de exigir modificações até na composição do governo brasileiro, na alta administração do País. Como se fôssemos uma simples colônia, eles, os representantes da metrópole, decidiriam sobre quem deve ou não exercer os cargos públicos."

"Contra essa afronta aos brios nacionais é que se levanta a consciência patriótica do nosso povo. Mr. Gordon, o embaixador que se atribui funções de vice-rei, tem sido o instrumento dessa intolerável política de violação de nossa soberania."

[...] Acabemos de uma vez com a intromissão do governo norte-americano no Brasil. Fora Mr. Gordon!"

Bem antes, na edição de número 151, referente à semana de 29 de dezembro de 1961 a 4 de janeiro de 1962, Josué Almeida assinou o artigo, com chamada de capa, "Os quatro mitos de Mr. Gordon", comentando e detonando uma conferência de Gordon, em São Paulo, que "vem merecendo loas da grande imprensa, na sua unanimidade, embora, assinale-se, de passagem, ninguém consiga ultrapassar *O Globo* na bajulice com que se prosterna diante do ilustre estrangeiro."

E aí Josué Almeida expõe os quatro mitos que vão desde as famosas barreiras alfandegárias que impactam em restrições e aviltamentos no preço do café brasileiro "importado por oito empresas americanas", passando pela "sabotagem na industrialização", pelas "remessas de lucros", pela "estabilização do atraso", pelas "remessas invisíveis".

"Em relação ao Brasil — para não falar na Bolívia, na Venezuela, no Equador, na Colômbia, em Cuba de Batista etc — os investimentos americanos são preferencialmente em setores não básicos,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 315 3/1/2014 00:57:13

na produção de quinquilharias ou no comércio. Mesmo no caso da indústria automobilística, verdadeiro maná para o capital estrangeiro em geral, as duas maiores empresas ianques — a Ford e a General Motors — só se decidiram a abrir fábricas aqui (e produzem somente motores a gasolina e não a diesel) depois que perceberam que se não viessem perderiam o mercado brasileiro para outras empresas, principalmente alemãs."

Josué lembra, também, o crescente desemprego nos Estados Unidos, fenômeno que tirou do presidente Kennedy a expressão "trágico paradoxo do nosso tempo." Isso promoveria a expansão para novos mercados, novas fronteiras.

Extenso, não se trata de artigo raivoso. Bem escrito e bem argumentado, é hoje agradável leitura e importante documento da tensa conjuntura da época.

A edição de 7 a 13 de setembro de 1962, um artigo trata da "legalidade" que introduziu na Constituição de 1946 um artigo "que praticamente impede a realização de uma verdadeira reforma agrária, ao determinar que as indenizações devem ser pagas previamente e em dinheiro — e não a prazo em títulos públicos". Depois de desfilar sobre várias outras "legalidades" o artigo conclui que "A 'legalidade' dos golpistas, os amigos de Mister Gordon e propagandistas da Aliança para o Progresso, é reinado sangrento do latifúndio e da extrema miséria no campo."

No período eleitoral de 1962, *Novos Rumos* passou a ter edições diárias, um desafio para a redação e para as oficinas gráficas.

Um exemplo dessa presença mais ostensiva numa conjuntura marcada pelo acirramento da correlação de forças — o cenário eleitoral — é a edição de 25 de setembro de 1962, de número 13, na numeração diária. Lincoln Gordon é destaque na edição, coadjuvando a manchete principal, "Intervenção Americana nas Eleições". Ao

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 316 3/1/2014 00:57:14

embaixador Gordon dedica-se a segunda manchete da capa: "Gordon oferece 80 milhões de dólares para o Brasil apoiar a Guerra contra Cuba". Ao lado desses, outro desafeto merece editorial de primeira página sob o título "Cinismo". Trata-se de Juracy Montenegro Magalhães, governador da Bahia de 1959 a 1963. Magalhães, como vimos, foi interventor naquele Estado entre 1931 a 1934, depois governador, de 1935 a 1937, deputado federal de 1946 a 1951 e senador , de 1955 a 1959.

O cearense, de Fortaleza, começou aquele dia amargando a ira do jornal *Novos Rumos*.

"Além de entreguista e açulador de cães contra o povo, Juraci [grafia do jornal] Magalhães é cínico — e cínico primário. Convencido de nada conseguir na Guanabara se confessasse ser amigo e parceiro de Mister Link (o sabotador que ele trouxe para a Petrobras) ou contasse aos cariocas a miséria e a corrupção que levou para a Bahia, prefere fazer promessas, imaginando com isso poder passar por democrata e até partidário das reformas de base."

O editoral levanta-se contra o que chama de "cinismo" de Juraci ao prometer fazer reforma agrária e urbana. E lembra, dentre outros pontos negativos no passado daquele político, a "fuzilaria desencadeada contra 500 famílias de lavradores pobres no município de Belmonte, unicamente para servir aos latifundiários, sequiosos de estender o seu domínio sobre uma vasta faixa de terras valorizadas pela construção da BR-5". O editorial cita o jornal *Diário de Notícias*, órgão dos Diários Associados que informou sobre a determinação de Juraci à política [polícia] baiana: "A ordem é não poupar os camponeses."

"É este o furioso reacionário que ousa mentir aos cariocas, posando de democrata e prometendo bater no Senado pelas reformas agrária e urbana, exatamente um dia após ter insultado os trabalha-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 317 3/1/2014 00:57:14

NOVOS RUMOS

CUBA: A REVOLUÇÃO

NÃO FOI COMUNISTA NEM ANTICOMUNISTA

FIDEL:

O BEM-ESTAR DO POVO SE CONSEGUE COM MEDIDAS REVOLUCIONÁRIAS

O jornalista cubano Lionel Soto em nossa redação

Na redação de *Novos Rumos*, Rui recebe jornalista cubano em matéria publicada na edição relativa ao período de 8 a 14 de maio de 1959.

Barnabés Dizem a JG Que 40% é Inaceitável e Vão às Ruas Lutar Por 70%

Brizola Denuncia Negociata da Compra da Bond and Share e Capitulação Aos EUA

Política Financeira do Brasil é Orientada Pelo Embaixador Ianque

NOVOS RUMOS

Assinar Para Sobreviver

Carnaval: Festa do Povo

WESTERN

Prefeito de Natal Organiza Resistência Aos Piratas da Lagosta

O SINDICATO DE KENNEDY

Dos Bancários ao Público

Negociata e Carestia

Solidariedade Mais Ampla a Cuba

Carnaval no Rio 3979

***Novos Rumos* de número 210 relativa ao período de 22 a 28 fevereiro de 1963. Nas páginas seguintes, pressões sobre o Governo Federal e sobre Lacerda.**

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 319 3/1/2014 00:57:15

Lacerda: Dois Anos de Violências, Torturas e Crimes Contra o Povo

MANIFESTO DO CGT:

1-Govêrno Responsável Pela Carestia
2-Ministério Não Inspira Confiança
3-Plano Trienal é Contra o Povo

NOVOS RUMOS

Os dirigentes dos trabalhadores brasileiros conclamam à luta pelas reformas de base — É hora de fazer uma reforma agrária profunda — Aplicar rigorosamente a lei de remessa de lucros — Reduzir as subvenções para os latifundiários do café — Impostos diretos contra os grupos privilegiados — Política externa independente — Respeito ao mandato popular com posse dos eleitos — Trabalhadores não admitirão qualquer retrocesso e se preparam para a greve geral — Texto na 7ª página

Cultura popular sábado e domingo

A maior negociata da história do Brasil

Brizola Denuncia à Nação Escândalo da «Encampação» de Emprêsas Ianques

Leia na 7ª página

Alternativa Conciliadora do Plano Trienal

Artigo de JACOB GORENDER, na 4ª página

Os Comunistas Brasileiros e as «Guerrilhas» do Peru

Texto na 3ª página

Um Congresso Contra as Reformas de Base

Artigo de ELIAS CHAVES NETO, na 3ª página

Carnaval no Recife na posse de Arraes

«POEIRA» FESTEJOU SEU GOVERNADOR

Reportagem de RUI FAVO, enviado especial de NR a Recife — 7ª página

Navais Advertem: Lei Desrespeitada é Greve Declarada

Texto na 3ª página

Blues: Lamento de Revolta e de Esperança

Leia reportagem exclusiva na 3ª página

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 320 3/1/2014 00:57:18

Cecil Borer

Lacerda: Dois Anos de Violências, Torturas e Crimes Contra o Povo

NOVOS RUMOS

dores da Guanabara, chamando-os de cafajestes."

"Mas nós, os cariocas — a parte realmente mais esclarecida da população brasileira — saberemos dar-lhe o troco. Que ele aguarde, sorrindo ao lado de Mister Gordon e carpindo a saudade de Mister Link."

Na mesma edição, a história de capa fala da "intromissão da embaixada ianque em nossa vida política sob a máscara de 'pesquisas'" através do Instituto Brasileiro de Ação Democrática, o IBAD e do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, IPES.

Diz *Novos Rumos*: "Não é só através do IBAD que a embaixada norte-americana intervém na vida político-partidária brasileira, particularmente na campanha eleitoral. Cabe ao IBAD cumprir alguns aspectos dessa intervenção: o financiamento dos candidatos entreguistas e o aluguel de veículos de publicidade, jornais, TV e rádio."

A extensa reportagem publica *fac-símile* dos pagamentos do IBAD ao movimento "Trabalhadores Livres" e a meios de comunicação.

"A chamada 'Resistência Democrática dos Trabalhadores Livres' nada tem de democrática nem de trabalhadores: é uma simples e ignóbil agência 'trabalhista' da embaixada ianque, um ajuntamento sórdido de traidores da Pátria cuja missão, paga por Mister Gordon, é procurar dividir e enfraquecer o movimento sindical verdadeiramente brasileiro."

A edição do dia 28 de setembro, de 1962, denuncia o uso da mídia TV.

Sob o título "Luluzinha de Lacerda" lê-se:

"O locutor Flávio Cavalcanti, mais conhecido por 'boquinha' e que sempre aparece diante das câmaras como se estivesse dançando o *twist*, tais os trejeitos que faz, continua utilizando seus programas 'Noite de Gala' e 'Sua Majestade a Lei' para burlar a Lei Eleitoral.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 322 3/1/2014 00:57:20

"Ainda ontem, 'Sua Majestade a Lei' foi quase todo dedicado à campanha eleitoral dos candidatos lacerdistas. Não teve pejo o menino de recado do contrabandista Medina de recomendar ao povo carioca que não vote nos candidatos trabalhistas, socialistas e comunistas."

"Na realidade, pouco há de que se estranhar em tal desrespeito à Lei Eleitoral. O próprio presidente do Tribunal Eleitoral, sr. Homero Pinho, é frequente diante das câmaras de televisão, fazendo o mesmo. Naturalmente com a maior habilidade e inteligência, atributos que não são próprios da luluzinha de Lacerda."

A mesma edição revela uma suposta intervenção de Lincoln Gordon numa decisão de participação do governo Jango em reunião nos EUA sobre acusações a Cuba. O Brasil não iria, mas depois de uma conversa de Gordon com Jango, mudou posição. "Se o Brasil não comparecer, será difícil qualquer auxílio", teria dito Gordon, segundo revelara Hélio Fernandes em sua coluna no *Diário de Notícias*, no dia anterior a repercussão de *Novos Rumos*.

A edição do dia 29 de setembro de 1962, em sua página 3, registra a saída do poeta Ferreira Gullar do *Jornal do Brasil*. A nota, sob o título "Despedida e abraço" começa com esta frase de Ferreira Gullar: "Não está longe o dia em que teremos de defender com a vida o direito de opinar".

Na crônica de sua despedida do JB, citada por *Novos Rumos*, diz mais: "Devemos todos concordar em que não há nem fome, nem miséria, e que os milhões de brasileiros que vivem em estado de penúria devem-se contentar com esmolas. Dizer o contrário é estar contra os princípios democráticos..."

Entra *Novos Rumos*: "FG, porém, decidiu não concordar. E, não concordando, defender de fato a democracia, entendendo-a como sinônimo de povo. Entrou em choque, desde esse momento,

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 323 3/1/2014 00:57:20

com os diretores do jornal em que trabalhava. Na verdade, esses diretores são figuras intermediárias, porque o choque mesmo — e não só de Ferreira Gullar, mas de todos patriotas, de todo o nosso povo — é com o entreguismo, com o IBAD, com Mister Gordon e seus parceiros e serviçais. Decidiu não concordar com a mentira e a indignidade dos que se vendem. Em troca, ganhou a demissão."

Na edição semanal de *Novos Rumos* correspondente ao período de 1 a 7 de fevereiro de 1963, número 207, o embaixador ganha outro editorial de capa sob o título "Petulância de Gordon".

"Não é possível tolerar por mais tempo a insolência com que vem atuando no País o embaixador dos Estados Unidos, mister Lincoln Gordon. Não há um só acontecimento importante na vida nacional que transcorra sem a petulante intervenção desse representante do governo e dos trustes norte-americanos. Age com uma desenvoltura tão escandalosa que mais parece um vice-rei incumbido de manter sob seu domínio uma coloniazinha qualquer."

O editorial desfila uma série de ações e opiniões de Gordon — "metendo o focinho em assuntos que são unicamente de nossa alçada" — sobre a política interna do Brasil e conclui:

"Que mister Gordon, o amigo de Kennedy e de Rockefeller, fique com os seus conselhos e as suas receitas. Mas fique também sabendo de uma coisa: esta terra tem dono! E se há ainda alguns traidores que lhe passam a mão pela cabeça, outro, absolutamente outro, é o sentimento do povo. Os patriotas brasileiros repudiam Gordon, seus patrões e seus cúmplices."

Nas comemorações do 41º. aniversário do Partido Comunista Brasileiro que mereceu ampla cobertura de mais de uma página em *Novos Rumos,* Luís Carlos Prestes fez uma ampla análise de cenários, em extenso discurso publicado, na íntegra, pelo jornal, e não poupou Gordon. O evento no dia 25 de março de 1963, na Associação Brasi-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 324 3/1/2014 00:57:20

leira de Imprensa, no Rio de Janeiro, reuniu uma multidão.

"É tão certo que essas ideias [comunistas] ganham hoje amplos setores da população de nosso País, que não podemos deixar de reconhecer que mister Gordon, quando afirma na Câmara dos Representantes dos Estados Unidos que o atual governo brasileiro está infiltrado de comunistas talvez tenha razão. Porque, para eles norte-americanos, particularmente para o Departamento de Estado, são comunistas todos aqueles que não se conformam com a dominação imperialista e reclamam reformas de base, a começar por uma reforma agrária."

"Diante do seu desaforo o que a Nação exige é que Mister Gordon volte para a sua terra."

Prestes discorreu longamente sobre muitos itens, de Cuba, "a heroica Cuba, à assimilação da teoria marxista-leninista, da legalidade ao avanço do socialismo". Mas dedicou um bom tempo de sua fala naquele 25 de março, para falar do recém-falecido Rui Facó.

"Nesta luta foram muitos os companheiros que tombaram. Seria difícil agora enumerar sequer os seus nomes. Ainda hoje, nesta sessão, lembramos a morte deste intelectual do povo, deste filho querido dos comunistas brasileiros que foi o camarada Rui Facó", discursa Prestes. "Que a homenagem que prestamos a ele neste momento seja a homenagem que prestamos a todos aqueles que souberam morrer comunistas lutando até o fim pela causa sagrada de nosso povo. O que nós comunistas afirmamos com convicção é que a morte deles não será em vão. Não, camarada Rui, o teu sacrifício não foi em vão. Não foi em vão porque as conquistas do povo brasileiro são irremovíveis. Ninguém mais terá força para anulá-las. Qualquer tentativa reacionária será passageira. Não tem futuro nenhum governo que pretenda atentar contra estas conquistas de nosso povo". E Prestas discorre, referindo-se à memória de Rui, sobre a fortaleza da

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 325 3/1/2014 00:57:20

NOVOS RUMOS

Povos de tôda a América estarão representados

Dia 26 Instala-se na GB Encontro Nacional de Solidariedade a Cuba

FORA MISTER GORDON!

Gêmeos do Espaço Hoje no Brasil

Conferência de Prestes na ABI

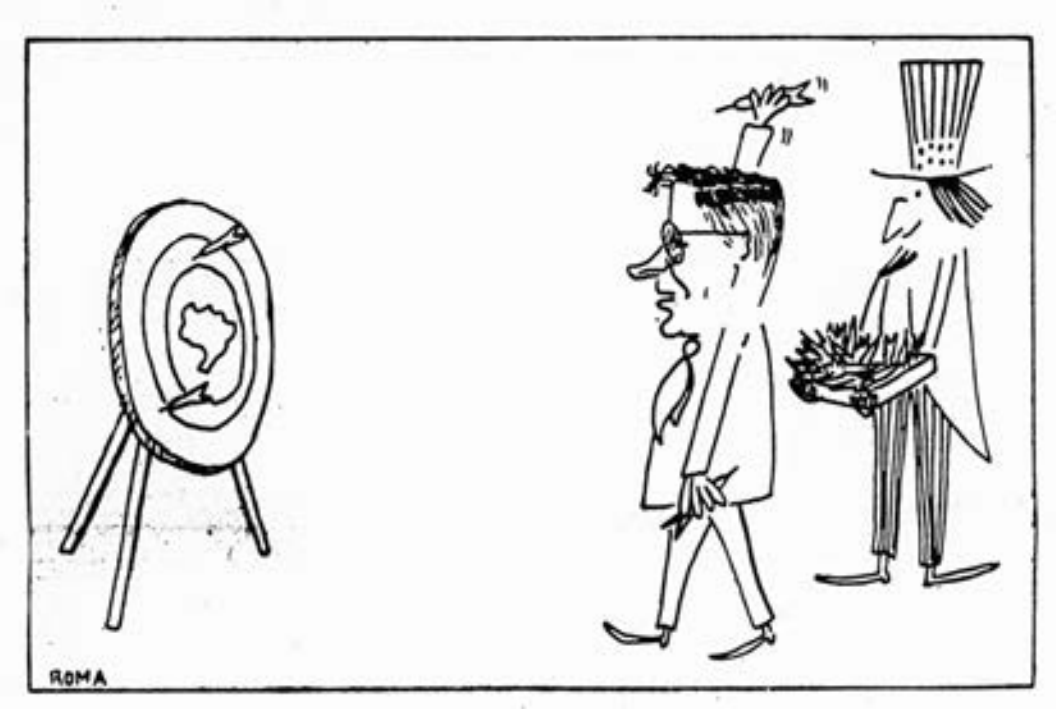
OUÇA
PELA
RÁDIO MAYRINK VEIGA
Território Livre
Um programa em defesa
da princípio da autodeterminação
e da solidariedade a Cuba
De 2ª a 6ª feira às 18,05

Rui Facó: Intelectual do Povo a Serviço da Revolução

Fúria Fascista de Lacerda Contra o Povo

Grandiosa festa no Pacaembu: dia 23

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 326 3/1/2014 00:57:23



Acima, na matéria "Brasil clama: fora mister Gordon" publicada em *Novos Rumos*, na página 3, da edição 213, de 22 a 28 de março de 1963, Lincoln Gordon atira dardos que recebe do Tio Sam para acertar o alvo, no caso, o Brasil. Na página oposta, mesma edição, e despedida de *Novos Rumos* para Rui Facó.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 327 3/1/2014 00:57:23

ORGÃO DIÁRIO

NOVOS RUMOS

ANO IV — Rio de Janeiro, terça-feira, 22 de setembro de 1962 — Nº 13

Comício de Prestes em Sorocaba: 5.000 Pessoas

Frota lançue no Atlântico Para Impedir Transportes Para Cuba

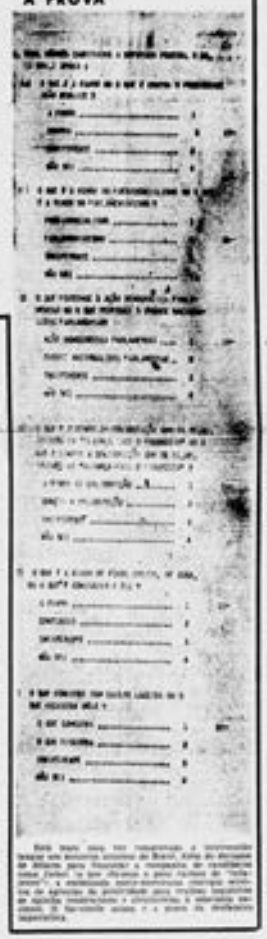
Gordon Oferece 80 Milhões de Dólares Para o Brasil Apoiar Guerra Contra Cuba

Texto na 3ª página

CINISMO

Intervenção Americana Nas Eleições

A PROVA



Marco Antônio, Hércules, Sinval e Mascarenhas na campanha

Guanabara: Povo Deve Votar Para Derrotar Candidatos da Reação

Reportagem na 4ª página

MARCO ANTÔNIO, SINVAL E HÉRCULES NO RÁDIO: HOJE

Roteiro dos candidatos

São Paulo: duas mil pessoas na festa de NR

Geraldo, Lacerda, Schemberg, Tenório e Laurenço

SP: Prestes Aponta os Candidatos Que Receberão Os Votos Dos Comunistas

Reportagem na 3ª página

Escândalo Nacional: Engavetamento da Lei de Remessa de Lucros

Texto na 3ª página

Noite de solidariedade a Cuba: UNE

FISCAIS PARA APURAÇÃO

Artigo de MARCO ANTÔNIO COELHO

Quem é Culpado da Carestia?

Assembléia em S. Paulo e movimentação na Guanabara

Clamor Unânime Pelo Nôvo Salário Mínimo: Aumento Agora e de Cem Por Cento

Texto na 2ª sec.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 328 3/1/2014 00:57:25

Petrobrás: Batalha Subterrânea Dos Trustes Contra Monopólio Estatal

BRASIL REAFIRMA: OPOSIÇÃO ÀS MANOBRAS IANQUES DE INTERVENÇÃO EM CUBA

Rebelião no Presídio Contra Regime da Fome e do Terror

NOVOS RUMOS

João Amazonas, Grabois e Calil Chade Expulsos Das Fileiras Comunistas

Lutas e Vitórias

Berlim: Fronteira da Guerra e da Paz

Paraná e Minas Organizam Núcleos da FLN

A Mentira da Liberdade na Imprensa e na TV: EUA

Manifestações de Solidariedade a Prestes

Atentado Contra «Binômio»: Bando do General Fascista Deve Ser Punido

Os Quatro Mitos de Mister Gordon

Trabalhadores de Todo o Mundo em Moscou

Na edição número 151 de *Novos Rumos* uma chamada de capa sobre a expulsão de Joao Amazonas, Grabois e Calil Chade, "expulsos das fileiras comunistas". Na página oposta, denúncia sobre a "Intervenção Americana nas Eleições".

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 329 3/1/2014 00:57:27

A REMESSA DE LUCROS

Memorando de JG

A Pilhagem

Definição em Vitória

novos rumos

Getúlio Denunciou

Imperialismo Pressiona

VAI, MAS VOLTA

O Sr. Lincoln Gordon irá aos EUA em junho, para formatura de dois filhos

JORNAL DO BRASIL

Gordon diz que deixará o Brasil se fôr indesejável ou se Harvard o convocar

O Embaixador dos Estados Unidos, Sr. Lincoln Gordon, disse ontem à imprensa que só deixará o Brasil se a Universidade de Harvard — onde é professor — o requisitar, ou se o povo e o Govêrno brasileiro o considerarem persona non grata.

— Minha ida aos Estados Unidos, em junho, não significa que deixarei o Brasil em definitivo. Ela se prende à formatura de dois dos meus filhos — explicou o Embaixador norte-americano, que, em sua entrevista, fêz uma explanação sôbre o acôrdo financeiro Brasil-Estados Unidos.

COMUNISMO

Frisou o Sr. Lincoln Gordon que o Ministro San Tiago Dantas mostrou-se, durante tôdas as negociações, uma pessoa competente e leal, além de demonstrar suas características de liderança.

A uma pergunta sôbre o seu testemunho, na Subcomissão de Assuntos Interamericanos, a respeito da infiltração comunista no Brasil, disse que realmente a época foi infeliz e inoportuna.

— Na qualidade de Embaixador não pude deixar de atender ao convite de um dos órgãos do Govêrno americano, para afirmar meu ponto-de-vista. A questão da infiltração comunista no Brasil, como em tôda a América Latina, causa um certo mal-estar nos órgãos da administração americana e a mim. Nos depoimentos da Subcomissão o Brasil não foi o único país analisado. Tratou-se de pura coincidência o fato de o meu depoimento ter coincidido com a visita do Ministro da Fazenda aos Estados Unidos.

A outra pergunta, respondeu o Embaixador que suas declarações anteriores sôbre a infiltração comunista no Brasil haviam, e que dava por encerrado o incidente. Mais tarde, porém, interrogado novamente sôbre o assunto, disse que só com certa reserva e desenvolvimento de idéias esquerdistas no Brasil: — Espero que voltem a ocorrer, aquelas condições que estabeleciam o clima de confiança entre os dois países, baseado nesta nova etapa de ajuda internacional ao desenvolvimento do Brasil.

— Não creio que houvesse influência política no acôrdo financeiro recém-firmado, porque considero um acôrdo financeiro sem nenhuma relação com o desenvolvimento da política do país ajudado. Os congressistas americanos discutiram os têrmos do acôrdo e ficaram bem impressionados — disse o Sr. Lincoln Gordon.

O Embaixador não admite que as declarações do Sr. Carlos Lacerda ao do Sr. Herbert Levi tenham precipitado a assinatura do refinanciamento, e nem admite a hipótese de que a missão San Tiago Dantas foi uma bôba, comparada à missão anteriormente chefiada pelo Sr. Clemente Mariani. — É inadmissível — frisou — que se meçam os resultados de negociações financeiras em milhões de dólares em relação às épocas em que foram realizadas. As feitas pelo Sr. Clemente Mariani ocorreram no Govêrno Jânio Quadros, que enviou a Embaixador Valter Moreira Salles com encargo especial. O Sr. Moreira Salles passou cêrca de cinco semanas nos Estados Unidos.

Na página oposta, *Novos Rumos* de 1 a 7 de novembro de 1963 denuncia "A Remessa de Lucros" de multinacionais para suas sedes, no exterior. Acima, em notícia no *Jornal do Brasil* de 29 março 1963, Lincoln Gordon diz que poderá deixar o Brasil. Na página seguinte, uma reportagem de Elio Parmigiani, o jovem Elio Gaspari.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 331 3/1/2014 00:57:30

ÊLES SÃO OS DONOS DA TERRA

Reportagem e fotos de Elio Pannigiani

A OCUPAÇÃO

A PROVOCAÇÃO

A GREVE DA LEOPOLDINA

VOLTA À CALMA AO DEBE

AS CONSEQUÊNCIAS

O DELEGADO TALENTOSO

O QUE QUEREM

QUEM SÃO

OS BARRACÕES: COLETIVOS E PARTICULARES

O CANCIONEIRO

CONVERSA DE CAMPONESES

CHEIRA A SUPRA

A SOLIDARIEDADE

NEGÓCIO E SARGENTOS

DE DEPUTADOS DO POVO

FUMAÇA

APELO

doutrina e sobre aqueles que tombaram sem ceder.

Na edição relativa à semana de 1 a 7 de setembro de 1963, *Novos Rumos* repercute um discurso do governador Carlos Lacerda que teve trechos publicados no *Jornal do Brasil*. "O afilhado de mister Gordon não teve dúvida em confessar a sua 'linha': não há nenhuma necessidade de reformas de estrutura, a única reforma que precisa ser feita em nosso País é a 'dos homens'. Quanto ao que isso significa, está perfeitamente claro: a tomada do poder pelos 'novos homens', isto é, os Lacerda, Armando Falcão e Herbert Levi.."

Na edição de 17 a 23 de janeiro de 1964, *Novos Rumos* publica um suelto ironizando a influência de Lincoln e o que considera servilidade de brasileiros em relação a ele.

Sob o título "O 'apoio' de Gordon" começa assim:

> São conhecidas as boas relações existentes entre 'Última Hora' e o embaixador Lincoln Gordon. Como poucos, sempre fez questão o jornal do sr. Samuel Wainer de apresentar o embaixador ianque como um intelectual de fino gosto e elevado gabarito, quando todo o País sabe que ele é mesmo o representante, no Brasil, dos interesses dos monopólios norte-americanos, os nossos insaciáveis e impiedosos espoliadores. Lincoln Gordon é a Standard Oil, a Bond and Share, a Anderson Clayton, a Aliança para o Progresso.
>
> Por mais conhecidas que sejam essas relações, é revoltante, para um simples patriota, a subserviência com que aquele jornal se refere a mister Gordon no editorial de terça feira, primeira página. Em tom quase de súplica, pede o sr. Wainer ao embaixador ianque que não deixe de publicar um discurso que pronunciou na Bahia e onde, supostamente, defende as reformas de base. A publicação desse discurso — deixa entender UH — é bastante para fazer com que desapareçam as resistências às reformas, pois foi Gordon quem as defendeu...
>
> Os patriotas repelem essa humilhante subserviência. Para os

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 333 3/1/2014 00:57:31

> nacionalistas, as reformas significam, antes de tudo, um golpe mortal na espoliação imperialista, de que precisamente Gordon é o agente e o advogado. Não podem ser feitas, portanto, baseadas no 'apoio' de Gordon, mas na mobilização e na ação do nosso povo, de todos os autênticos patriotas.

Gordon reaje. Numa notícia publicada na edição de 29 de março de 1963, na página 3, do *Jornal do Brasil*, Lincoln Gordon fala já a partir do título: "Gordon diz que deixará o Brasil se for indesejável ou se Harvard o convocar".

A notícia:

> O Embaixador dos Estados Unidos, Sr. Lincoln Gordon, disse ontem à imprensa que só deixará o Brasil se a Universidade de Harvard — onde é professor — o requisitar, ou se o povo e o governo brasileiro o considerarem persona non grata.
>
> — Minha ida aos Estados Unidos, em junho, não significa que deixarei o Brasil em definitivo. Ela se prende à formatura de dois dos meus filhos — explicou o Embaixador norte-americano, que, em sua entrevista, fez uma explanação sobre o acordo financeiro Brasil-Estados Unidos.
>
> [...] A uma pergunta sobre o seu testemunho na Subcomissão de Assuntos Interamericanos, a respeito da infiltração comunista no Brasil, disse que realmente a época foi infeliz e portuna:
>
> — Na qualidade de Embaixador não pude deixar de atender ao convite de um dos órgãos do governo americano, para afirmar meu ponto de vista. A questão da infiltração comunista no Brasil, como em toda a América Latina, causa um certo mal-estar nos órgãos da administração americana e a mim. Nos depoimentos da Subcomissão o Brasil não foi o único país analisado.

Neste enredo, existe uma personagem bem mais intensa que Lincoln Gordon. Trata-se do seu adido militar, o general Vernon A.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 334 3/1/2014 00:57:31

Walters, velho conhecedor das nuances da política brasileira, amigo e confidente do general Castelo Branco.

O general Vernon A. Walters "representava um estereótipo da espionagem americana", lembra Matias Spektor no livro "Kissinger e o Brasil". Walters falava português fluentemente e tinha uma relação anterior bem estreita com as coisas do Brasil. Negociou o envio de tropas brasileiras para a Itália durante a Segunda Guerra, funcionava como intérprete nas cúpulas presidenciais e, depois da Guerra, entre 1945 1948, assumiu o posto da Defense Intelligence Agency na embaixada americana no Rio de Janeiro, como informa Spektor. "Em 1962 retornou ao Brasil na função de adido militar, quando se envolveu ativamente no golpe que levou o marechal Castelo Branco — seu amigo e confidente desde a guerra — a ocupar a Presidência do Brasil em 1964".

O golpe de 1964 deu aos Estados Unidos a certeza de que o Brasil não seguiria os passos da ilha de Fidel Castro, o guerrilheiro que tomou o poder depois de ostensiva peleja. O embaixador Lincoln Gordon e seu adido militar Vernon Walters eram as duas pontas operacionais do país no Brasil. O Brasil foi campo tão fértil na carreira de Walters que, anos mais tarde, em 1972, o presidente Nixon nomeou-o para ser o segundo no comando da CIA, a Agência Central de Inteligência dos EUA. Nas audiências de investigação do Caso Watergate, Walters confessou "ter alienado o FBI durante as investigações do escândalo".

YURI GAGÁRIN

Poucos meses depois do seu voo histórico o cosmonauta russo Yuri Gagárin veio ao Brasil numa visita nos dias 29 de julho a 5 de agosto de 1961, sendo ovacionado principalmente pelos comunistas já que o germe da Guerra Fria potencializava a "superioridade" soviética em relação do seu desafeto univeral, os Estados Unidos. Gagárin visitou as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, onde foi

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 335 3/1/2014 00:57:32

Conhecendo o que estêve no céu

GAGÁRIN

Fotos de J. PROENÇA

Com a polícia ausente

o polícia estêve presente

Estudante com estudantes

O xaréu

NOVOS RUMOS

Gagárin em fotografias, em *Novos Rumos*.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 336 3/1/2014 00:57:37

condecorado pelo presidente Jânio Quadros com a Ordem do Cruzeiro do Sul. "Tenho a impressão de que estou desembarcando num planeta diferente, não na Terra", disse ele, ao chegar na novíssima Brasília. Não estava de todo errado.

Eneida dedicou sua coluna no *Diário de Notícias* de 1º. de agosto de 1961 ao cosmonauta russo sob o título "Salve Gagárin".

Recita ela: "Não sou super-homem, sou simples cidadão [...] Não senti nenhuma superioridade do homem sobre a natureza." Ele aqui, citado por Eneida, se refere à sua proeza no espaço.

E *Novos Rumos* apressou-se em publicar com exclusividade no Brasil o artigo "Os Degraus que conduzem ao Cosmos", de Gagárin, o jovem de 27 anos que foi ao espaço, vertido do russo para o português por Rui Facó. Saiu na edição de número 185 referente à semana de 31 de agosto a 6 de setembro de 1962. Rui explica que Gagárin revela seus prognósticos sobre a próxima chegada do homem à Lua; e, sem deixar o plano da ciência e da técnica, faz ligeira incursão pelo terreno da fantasia, "prevendo" lances da abordagem — nada remotos, assegura — a Vênus.

Rui Facó, também, iniciou o empreendimento da tradução da autobiografia de Gagárin.

No dia 5 de setembro de 1961, a Gráfica Editora Itambé — onde às quintas-feiras o jornal *Novos Rumos* é impresso — foi invadida ao meio-dia pelo Inspetor Barbosa, da Divisão de Polícia Política e Social escoltado por um pelotão da Polícia Militar armado de metralhadora.

O *Jornal do Brasil* do dia 6 noticiou que "durante 40 minutos, todas as pessoas que estavam na Gráfica foram obrigadas a permanecer na posição em que se encontravam, enquanto o Inspetor Batista procurava algo, sem dar qualquer explicação. Por fim, o policial levou três livros: *Gagárin*, do próprio astronauta; *Cuba, Revolução na*

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 337 3/1/2014 00:57:37

América Latina, de Almir Matos, e *Aliança Operária Camponesa*, de Lenin, editados pela Vitória e ali impressos."

Dentre as várias traduções de Rui, do russo para o portugês, está "História do Partido Comunista da União Soviética", em parceria com Josué Almeida e Almir Matos, lançado em fevereiro de 1962 pela Editorial Vitória.

GOLPE FECHA *NOVOS RUMOS*

Novos Rumos incursionou pela mídia rádio, com o programa "Novos Rumos no Ar", pela Rádio Difusora de Duque de Caxias (1.500 quilociclos), sob a direção do jornalista Marco Antônio Tavares Coelho, todos os domingos, a partir das 13 horas e nas segundas, quartas e sextas a partir de 22h30min. "São meia hora de conversa franca com os leitores-ouvintes sobre os problemas nacionais e as lutas do povo", descreve Marco Antonio. A estreia do programa aconteceu no dia 26 de agosto de 1962, domingo, e teve as participações de Luiz Mario Gazzaneo e o deputado Hércules Corrêa dos Reis, presidente do Sindicato dos Têxteis.

O jornal *Novos Rumos* encerra seu ciclo em 1964, vítima da violência do novo regime. Sob Jango a convivência foi boa. "Nós brincávamos na redação com algumas situações", lembra Gazzaneo. "A gente dizia: 'bom, nessa semana é: chega de conciliação; por um governo nacionalista e democrático". Na semana seguinte: "Por um governo nacionalista e democrático; chega de conciliação."

Essa convivência de "gato e rato" durou até o golpe de 1964. Com alguns hiatos. Por exemplo: Quando o Jango tentou fazer passar o estado de sítio, o Partido saiu com editorial denunciando a decretação do estado de sítio na tentativa de golpe.

A posição do PCB em relação à reforma agrária era menos radical que a do grupo que cercava o Jango. Quando se discutiu o

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 338 3/1/2014 00:57:37

projeto de desapropriação das terras nas beiras de estradas, a posição do Partido foi, vamos dizer assim, mais lúcida que a do grupo que estava em torno do Jango. Tinham os que queriam desapropriar a propriedade a partir de cem hectares e o Partido contestou. "O Partido achava que não era isso. Isso radicalizava a luta e o Partido tinha razão", lembra Gazzaneo.

Na redação de *Novos Rumos* havia alguma clareza sobre a necessidade de se fazer qualquer ultrapassagem pelo caminho democrático. Isso era consenso na redação. A noção de que a preservação da democracia como eixo para se chegar às reformas era fundamental.

Em 3 de janeiro de 1964, Prestes deu uma entrevista para um programa Pinga-Fogo na extinta TV Tupi, Canal 4, de São Paulo.

Gazzaneo, que estava com Prestes em São Paulo, acompanha a entrevista no estúdio para transcrevê-la e publicá-la num suplemento de *Novos Rumos*. "Eu lhe disse que o *Novos Rumos* nunca tinha sido censurado; foi a primeira vez que teve autocensura. Num certo ponto da entrevista , uma pergunta já havia sido feita antes duas vezes: 'Os comunistas têm candidato à presidente da república?' Aí, o Prestes desconversou: "Não, ainda não... Ainda está cedo..." A pergunta foi repetida pela segunda vez: 'mas tudo bem, os comunistas não têm candidato ainda, quais são os candidatos em potencial?' E o Prestes fez um referência ao Jango como um possível candidato à presidência da República. Ele não podia se candidatar a presidente da república porque ele era o presidente, não tinha reeleição, mas o Prestes, mesmo falando no nome do Jango, conseguiu desconversar."

O ato falho veio depois. Numa terceira vez, na entrevista, um dos vários entrevistadores, Maurício Loureiro Gama voltou a perguntar: "Mas Senador [chamava o Prestes de Senador], se a eleição fosse hoje, quem seria o candidato dos comunistas?" Aí, o Prestes: "João Goulart". O Maurício emendou: "mas ele não pode, a constituição não permite!"

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 339 3/1/2014 00:57:37

O Prestes acrescentou: 'Muda-se a Constituição!' Na hora que eu ouvi aquilo, eu gelei... Que merda!' Essa foi a minha reação". Essa parte foi suprimida na publicação da entrevista no jornal *Novos Rumos*.

Logo depois, o Santiago Dantas fez a famosa proposta da frente ampla, que era um programa para pacificar o país, para garantir as eleições de 1965 e a permanência do curso democrático. Quem publicou esse documento foi a *Tribuna da Imprensa,* quando a direção do Partido estava reunida em São Paulo. Naquele dia, Gazzaneo e o Fragmon decidiram:

— Vamos publicar; vamos publicar esse documento em *Novos Rumos*, a proposta de Frente Ampla do Santiago Dantas! Tem tudo o que a gente quer, inclusive sobre a legalidade do Partido! Publicamos. Em *Novos Rumos* saiu a proposta de Santiago Dantas. Fomos seriamente criticados pela direção do Partido por ter publicado aquele documento que, na visão deles, já era um documento fracassado. A evolução dos acontecimentos tinha levado a uma outra inspeção. Naquele momento, acabou a aliança do Centro com a Esquerda que garantia a democracia nesse país.

Em março de 1964, a cúpula da redação do jornal entrou na clandestinidade. A premonição de uma nota publicada na primeira edição concretizava-se de modo exacerbado. "A equipe que faz *Novos Rumos* não desconhece as dificuldades de toda ordem que terá de enfrentar para cumprir sua missão. Estamos certos, porém, de que tais dificuldades serão vencidas, se contarmos com o apoio dos trabalhadores e do povo. Este apoio não significa apenas estímulo, ajuda a compreensão. Significa também a crítica santa e a opinião sincera."

O comentarista político Newton Carlos, no *Jornal do Brasil,* de 24 de abril de 1964, faz uma análise externa ao objeto, isto é, de quem está de fora:

"Toda a imprensa do partido, cuja circulação baixava a zero

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 340 3/1/2014 00:57:37

(o *Hoje São Paulo* chegou a 300 exemplares), devido à marca que trazia, foi fechada. Em 1959, lançou o PCB um semanário moderno que publica título como *Prestes foi ver o que a Bahia tem*, que procura dar ao partido um jornal de penetração fora do campo comunista o que não conseguiram *Imprensa Popular*, *Hoje* e congêneres da época. É o *Novos Rumos*, nome significativo dirigido por Mário Alves. Ao velho militante Astrojildo Pereira, o único fundador do PCB (1922) que permanece nele, foi entregue a direção a uma nova revista: *Estudos Sociais*. Uma outra revista, *Problemas da Paz e do Socialismo* [...] foi confiada a Rui Facó, do grupo de intelectuais do partido, que estava em Moscou durante a cisão."

Com o golpe militar, a maioria dos militantes entrou para a clandestinidade.

Gazzaneo:

> Eu fiquei no Rio; o Fragmon ficou em uma situação mais fechada que a minha, pois ele assumiu a responsabilidade pela reestruturação da seção de comunicação e propaganda do Partido já na clandestinidade. Ficou mais resguardado, pois sua tarefa era muito delicada. Ele teve que montar a gráfica para o Partido editar publicações clandestinas. Eu fiquei durante alguns anos em uma situação de semiclandestinidade, embora fizesse trabalho clandestino no Partido. Eu me vinculei ao grupo da Civilização Brasileira, passei a colaborar com o Ênio Silveira, na revista, na publicação de livros. Foi nesse período que nós lançamos as edições do [Antonio] Gramsci. O Ênio que introduz o Gramsci no Brasil.

Gazzaneo, Leandro Konder e o Carlos Nelson Coutinho organizaram e traduziram Gramsci para a Civilização Brasileira. "Eu traduzi um volume só, *Maquiavel*".

Novos Rumos acabou no dia 1º de abril de 1964. A redação foi destruída. Destruíram mesas e cadeiras e arquivos, telefones... Tudo.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 341 3/1/2014 00:57:37

A gráfica foi fechada e, alguns meses depois, o proprietário legal da gráfica, através de uma ação judicial, conseguiu tê-la de volta. Uns quarenta dias depois, Gazzaneo voltou às escondidas à redação e constatou a destruição.

Novos Rumos foi a expressão de uma mudança que ocorreu no PCB. Rui, dentro do grupo, era uma figura diferenciada; não só pela sua qualificação na área, mas pela competência e pelo equilíbrio. "Na avaliação das situações, pedia-se a participação dele nas reuniões de pauta. Era importante que ele argumentasse; ele ajudava a corrigir Rumos, a inserir melhor o Partido... As reuniões eram na quinta-feira à tarde; a gente fazia a avaliação do jornal, tinha um cafezinho..."

Armênio Guedes, é o mais longevo veterano dirigente do velho PCB, 94 anos de idade, em 2012.

— Continuo [um comunista] reformista, respondeu ele a uma interlocução de Paulo Moreira Leite, segundo relata em sua coluna na revista *Época*, em 2009.

"Ele gosta de dizer que sempre foi um 'comunista de direita", conta Moreira Leite. "A definição é uma autoironia mas tem um fundo de verdade. Para usar um chavão, Armênio é uma pessoa complexa." [...] "Há 30 anos, Armênio Guedes nadava contra a corrente majoritária da esquerda. Para ele, o partido foi pouco reformista. Empregando as palavras dos críticos, ele diria que foi pouco conciliador. Conversando com Armênio, você conclui que, em sua opinião, se tivesse sido mais moderado, mais reformista, mais 'cuecão', como chegavam a dizer militantes de outras organizações, o PCB poderia ter tido um papel mais consistente na história do país. Como eu já disse, este sujeito é complexo".

E Rui, onde estaria, mais ao centro, mais à esquerda?

Historicamente ele sempre esteve mais à esquerda de Armênio, mas não era um incendiário. Argumentava com ênfase, mas atuou

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 342 3/1/2014 00:57:38

como competente bombeiro em momentos em que o desfecho não poderia esperar.

Como crítico literário Rui publicou principalmente em *Novos Rumos*. A resenha a seguir tem como objeto um livro de Vinícius de Morais e compunha a seção "Notas sobre livros", daquele semanário. Escreve Rui:

> Bem escolhido e me parece que de propósito escolhido, este roteiro da vida poética de Vinícius de Morais que é a sua *Antologia Poética* (2ª edição). Aqui podemos acompanhar a longa e fecunda trajetória deste grande *vate* da moderna poesia brasileira. Sua evolução inteira se encontra neste volume de trezentas páginas: desde as poesias de fundo místico e desespero, passando pelo seu grande tema — a Mulher — até a poesia social de 'O operário em construção'.
>
> Vão longe os dias em que numa cidadezinha provinciana, mais provinciana do que o Rio, li, sôfrego e inquieto, de Vinícius de Morais, Tempo e Exegese. Era para mim uma poesia obscura, mas encantadora como um abismo. Muitos de seus versos ficaram para sempre na minha memória. Reli-os agora, a obscuridade é a mesma, o mesmo encanto abismal.
>
> Mas o Poeta mudou. E mudou para melhor, aperfeiçoou-se na forma, multiplicou-se nos temas, ganhou um conteúdo novo. Nele predomina ainda, nesta coletânea, o tormento do sexo. E aqui não se pode falar em sublimação: Vinícius de Morais dá-nos neste tema inesgotável da poesia dos séculos cantos de sabor de lenda, de Natureza em gestação contínua, de criação de Mundos. E o poeta sem hipocrisias, e, por isso mesmo, Poeta em toda a sua plenitude, resumindo-se em 'A brusca poesia da Mulher Amada (II)', um de seus melhores cantos.
>
> Creio porém que Vinícius de Morais ingressou na fase definitiva e mais elevada da sua poemática com 'O operário em construção'. Retoma ele aqui o caminho do nosso maior poeta do passado, Castro Alves.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 343 3/1/2014 00:57:38

Naturalmente em ritmo novo e ante um homem novo – o trabalhador que ganha consciência de sua força e do destino de sua classe em processo de redenção.

Entre os poucos que procuram fazê-lo, Vinícius de Morais reabilita a poesia entre nós, retirando-a das alturas inacessíveis em que a colocaram nas últimas décadas poetas aristocratas, e aproximando-a do povo.

Uma fase da nossa história esse aristocratismo da poesia?

Sim, é possível. Diz Plekhanov que, como as macieiras dão maçãs, uma sociedade em decadência só pode oferecer uma arte decadente. Mas é claro que no seio mesmo dessa sociedade em decadência se gestam forças que lhe são antagônicas e que imprimem um novo curso aos acontecimentos. E essas forças têm também uma ideologia própria, dentro da qual surgem necessariamente representantes das tendências revolucionárias também nos domínios da literatura e da arte em geral. Não importa a origem social desses homens que souberam compreender o processo histórico e o acompanham.

Ou muito me engano, ou a Segunda Guerra Mundial, com seu cortejo de problemas sociais candentes, desatados em toda parte, contribuiu decisivamente para dar uma nova rota à poesia de Vinícius de Morais, enquanto lhe deu uma perspectiva mais clara da organização da sociedade contemporânea e sua evolução. Será por acaso que esse Poeta vive hoje tão intimamente irmanado com as fontes da poesia popular, convivendo com os sambistas e ele próprio compondo sambas de rara beleza cantados em todo o Brasil?

É possível que Vinícius de Morais ainda não esteja de todo liberto dos preconceitos de fundo religioso que motivaram seus primeiros poemas. Seu 'Operário em construção' ainda é precedido de palavras bíblicas. Mas não há dúvidas de que um poeta que escreve semelhante poema já possui ele próprio a consciência da mudança de essência que se operou no trabalhador moderno: 'O que sempre dizia sim/Começou a dizer não'.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 344 3/1/2014 00:57:38

> Também nesta nova poesia, Vinícius de Morais se afirma na negativa de uma arte ultrapassada e condenada a finar-se com a burguesia.
>
> *Rui Facó*

E aqui temos uma resenha escrita por Rui sobre livro de Antenor Nascentes, um dos grandes expoentes da gramática em Língua Portuguesa. O ensaio foi publicado também em *Novos Rumos*, na seção "Notas sobre Livros", edição da semana de 17 a 23 de março de 1961. Escreve Rui:

> Pode um leigo escrever sobre uma obra especializada? Sim, quando essa obra especializada é feita com tal maestria e simplicidade que se torna acessível também ao leigo.
>
> É o caso de O idioma brasileiro, do professor Antenor Nascentes, em bela edição (3ª) da Livraria Acadêmica.
>
> Temos nesse volume de cerca de 300 páginas uma gramática, um excelente estudo da língua portuguesa e apêndices preciosos que servem a todos para dirimir dúvidas.
>
> Assim como depois do ginásio, na idade madura, nos conciliamos com os Lusíadas e lhes descobrimos verdadeiros mananciais de beleza poética que dura análise sintática nos ocultava, assim com a exposição clara e precisa do professor Nascentes nos conciliamos com a gramática e ela nos parece fácil e suave.
>
> Isto acontece, creio, devido ao fato de tratar-se de um cientista da língua e não um gramatiqueiro. Além disso, Antenor Nascentes parte da compreensão de que é o povo que faz a língua e os filósofos lhe dão as normas essenciais. Em outras palavras, de que a língua é uma coisa viva e um fenômeno social, não podendo ficar presa a regras imutáveis; de que a língua, instrumento necessário de contato entre os homens, evoluindo com a evolução do pensamento, deve necessariamente acompanhar o progresso da ciência e da técnica, o progresso do povo a que serve de instrumento de

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 345 3/1/2014 00:57:38

comunicação, e portanto modificar-se constantemente.

Daí a ausência de qualquer dogmatismo nos ensinamentos deste mestre da nossa língua. Para mim, pelo menos, foi um encanto ler em O idioma nacional, aceita pelo Autor, a afirmativa de Sílvio Romero — 'com a largueza de vistas que o caracterizava', ao receber Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras, 'que preferia os escritores que colocassem bem as ideias, aos que colocassem bem os pronomes' (p. 153). Refere-se ainda o professor Nascentes à 'exagerada importância que se dá à colocação dos pronomes'. É uma prova de que o professor Nascentes não é um fanático da gramática, mas leva em conta as características do português no Brasil, sem naturalmente cair no exagero oposto de pretender que não falamos o português, mas o brasileiro. A este respeito a posição do autor fica bastante clara nas páginas dedicadas ao português do Brasil, onde são acentuadas as diferenças mais flagrantes em relação ao português da Europa. Quanto a certas expressões portuguesas de Portugal, adverte o Prof. Nascentes: 'Um brasileiro não fala assim; não deve, por conseguinte, escrever desta maneira, embora do ponto de vista do português esteja muito certo' (p. 171).

Outra característica a destacar no livro de que falamos é que, ao contrário de muitos filósofos, o professor Nascentes costuma citar opiniões de outros estudiosos da língua, não pretendendo ser o único certo.

O idioma nacional é, por estas e outras qualidades — gramática e sociologia da linguagem — contribuição valiosa ao bom conhecimento da língua portuguesa. Gerações de brasileiros têm aprendido a língua portuguesa materna com Antenor Nascentes. Na medida em que o povo brasileiro se libertar do analfabetismo, que ainda acorrenta mais da metade da nossa população, saberá valorizar cada vez mais este estudo de paciência e erudição que é O idioma nacional.

O livro *Romanceiro Cubano* também mereceu resenha crítica de Rui. E por um motivo muito especial, o autor Jamil Amansur Addad

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 346 3/1/2014 00:57:38

faz poesia política.

Um trecho da resenha de Rui, em *Novos Rumos*:

> Poesia política. Sim, é realmente o que fez Jamil Amansur Addad em *Romanceiro Cubano*. Não é, decerto, um caso inédito no Brasil. O poeta aspira a ser continuador da estirpe de Castro Alves, intérprete que é, de há muito, da obra do Poeta dos Escravos. A diferença que me parece essencial e que não tira nenhum mérito ao cantor de hoje é que ele tem consciência da sua qualidade de poeta político, quer sê-lo, enquanto em Castro Alves dominava o espontâneo, a manifestar-se como uma força da natureza.
>
> Mas essa consciência não prejudica de forma alguma a inspiração poética em Jamil Amansur Addad, porque antes de ser político ele já era poeta. E conseguiu aquilo que buscava e de que nos fala no posfácio: o 'equilíbrio da dosagem' de uma determinada quantidade de epopeia 'mediante a inclusão de coeficiente razoável de lirismo'.
>
> [...] É verdade que muitos poetas brasileiros do passado e da atualidade abordaram a poesia política. Mas faziam-no como se praticassem um pecado. Alguns mais tarde, se arrependeriam amargamente, se envergonhariam desse deslize. Por que depois do último poeta de ideias avançadas que tivemos, Mário de Andrade, o Grande — a poética brasileira descambou para o aristocratismo na medida em que iam entrando em decadência poetas que um dia foram renovadores na forma, a exemplo de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

Reunião de pauta em *Novos Rumos*. Rui tomava seu cafezinho num ritual leve e cronometrado. Nem quente, nem frio.

Ele se encantava pelas coisas simples e se alimentava de povo de onde extraía a matéria-prima para a sua construção original.

Um intelectual orgânico.

Um homem simples.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 347 3/1/2014 00:57:38

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 348 3/1/2014 00:57:38

EPÍLOGO

Uma questão já expressa no início deste trabalho é a especulação sobre o futuro de Rui que consolidava uma trajetória como pensador e tradutor do Brasil numa perspectiva totalmente dissonante da historiografia tradicional. Certamente que devido a muitas influências tanto de fontes secundárias da vasta literatura que consumia, quanto de sua convivênvia com intelectuais, pensadores e romancistas, a maioria gente enfileirada ao Partido.

Embora as grandes dissidências dentro do Partido já tivessem acontecido, separando antigos companheiros comunistas, a mais inesperada experiência estava por vir, o Golpe Militar de 1964 que mudou os rumos do Brasil e empurrou tudo que se chamava oposição para a clandestinidade. Este novo cenário separou definitivamente os comunistas. Os que defendiam a luta armada fizeram o Araguaia e a guerrilha urbana, uma resistência à força da repressão urbana. De outro lado, os comunistas que acreditavam na redemocratização por outros e os que largaram o partido e os que fizeram uma autocrítica tão radical que largaram a militância partidária e, eventualmente, mudaram de Partido, ajudaram a fundar novo Partido, agora, dos Trabalhadores ou, simplesmente, foram para a Academia, para alguma atividade profissional, desaceleraram ou abdicaram da política.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 349 3/1/2014 00:57:38

Aos que ficaram, restou o exílio, a masmorra, a tortura, ou a simples execução sumária.

Quais rumos Rui Facó teria tomado numa conjuntura pós-1964, quando o Brasil mergulha num cenário de subtrações de direitos civis acirrado em 1968 com a edição do Ato Institucional número 5 — AI-5, que entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do então presidente Artur da Costa e Silva?

Os partidos políticos de esquerda empurrados para a clandestinidade, esfacelados se dividem em estratégias e ações. O exílio é o porto relativamente seguro para líderes políticos, militantes e intelectuais.

Pelo seu perfil, é muito provável que Rui tomasse o rumo do exílio. Aqui, restaria a prisão e a perseguição. Na primeira semana do Golpe uma rádio do Rio de Janeiro chegou a anunciar que a polícia havia invadido a casa de Rui Facó, levando-o à prisão. Rui já havia morrido há um ano.

Muitos camaradas voltaram às redações, trabalharam nas agências de notícias, em órgãos públicos, na academia. Alguns se preocuparam em descontruir o comunismo pós-Stalin.

Uma certeza sobre Rui. Certamente ele continuaria exercitando seu criticismo sobre questões estruturais do modelo de desenvolvimentista brasileiro. O modelo concentrador e a questão da terra continuam sendo questões recorrentes no Brasil que consolidam as desigualdades regionais.

Do seu único filho, Paulo, nasceram dois netos.

Sua obra, *Cangaceiros e Fanáticos* ganhou sucessivas edições. A mais recente saiu em 2012, pela Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 350 3/1/2014 00:57:38

CRONOLOGIA DE RUI

1910. Américo Facó, tio de Rui Facó vai para o Rio de Janeiro e ganha notoriedade como jornalista e escritor.

17 de novembro de 1910. Nasce Rachel de Queiroz, filha de Daniel de Queiroz e Clotilde Franklin de Queiroz, em Fortaleza, capital do Ceará.

4 de outubro de 1913. Nasce em Beberibe, litoral leste do Ceará, o advogado, escritor e jornalista Rui Facó, filho de Gustavo e Antonieta Facó.

30 de maio de 1918. Nasce Armênio Guedes em Mucugê, Chapada Diamantina, na Bahia.

22 de julho de 1925. Nasce Ana Facó, a mais nova entre os irmãos de Rui

1926. Surge o Partido Democrático de São Paulo. Defendia as eleições livres, o governo constitucional e plenas liberdades civis.

1927. Rui, então com 14 anos, vai para Fortaleza estudar no Liceu do Ceará.

1929. Rui Facó, então com 16 anos, inicia-se no jornalismo ingressando na *Folha do Povo do Ceará*. Mais tarde, transfere-se para a Bahia onde foi secretário do *Diário de Notícias*, ligado aos *Diários Associados*.

26 de julho de 1930. João Pessoa, candidato a vice-presidente de Getúlio Vargas nas eleições presidenciais, é assassinado por uma pessoa do mesmo grupo político, apoiado pelo então presidente Washington Luís.

3 de outubro de 1930. Estoura a Revolução de 1930.

Novembro de 1930. Getúlio Vargas torna-se presidente do Brasil em

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 351 3/1/2014 00:57:38

caráter provisório.

1935. Rui Facó entra para a Faculdade de Direito em Fortaleza.

1936. Rui Facó vai morar em Salvador e transfere o seu curso de Direito para a Faculdade de Livre de Direito da Bahia. Conhece Armênio Guedes, irmão de Julia Guedes.

1937. É dado o golpe, em que Getúlio Vargas assume, como ditador, o governo brasileiro. Instaura-se o Estado Novo.

»Rui Facó é preso, em Salvador.

1944. Gustavo Facó sai de Beberibe; vai com a família para Pacajus.

1945. Rui Facó muda-se de Salvador para o Rio de Janeiro e torna-se secretário do jornal de esquerda *A Classe Operária*.

1946. Gustavo Facó retorna de Pacajus para Bebebribe com a família.

1952. Rui Facó parte para a URSS, onde continua a sua atividade literária e jornalística na Rádio Moscou, em Moscou.

4 de novembro de 1952. O general Eisenhower é eleito presidente dos Estados Unidos.

3 de janeiro de 1953. Morre Américo Facó, tio e espelho de Rui, no Rio de Janeiro.

5 de março de 1953. Morre Josef Stalin em decorrência de uma hemorragia cerebral.

14 de março de 1953. Nikita Kruschev é nomeado primeiro-secretário do PC russo.

2 de junho de 1953. Acontece a coroação da rainha Elizabeth II.

10 de junho de 1954. O presidente Eisenhower anuncia a intervenção americana no Vietnam.

11 de julho de 1954. O chefe de Estado-Maior do Paraguai, Alfredo Stroessner, comanda um golpe de estado no Paraguai.

2 de dezembro 1956. Fidel Castro desembarca em Cuba, com 72 homens, e inicia a guerrilha da Sierra Maestra.

3 de abril de 1958. Começa a ofensiva rebelde contra Havana.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 352 3/1/2014 00:57:38

1958. MARÇO: Alberto Matos Guimarães, Giocondo Dias e Armênio Guedes, militantes do PCB, lançam a Declaração de Março de 1958, que mudou o rumo da política do Partido.

»O jornal *Novos Rumos* é fundado como um porta-voz do Partido Comunista Brasileiro.

»Rui Facó retorna para o Rio de Janeiro e ingressa na redação de *Novos Rumos*.

1º de janeiro de 1959. Os rebeldes comandados por Fidel Castro tomam a capital Havana e expulsam o ditador Fulgencio Batista.

16 de fevereiro de 1959. Fidel Castro torna-se primeiro-ministro de Cuba.

15 de abril de 1959. Fidel Castro é recebido nos EUA.

10 de junho de 1959. Os EUA e Cuba rompem relações diplomáticas.

3 de janeiro de 1960. Fidel Castro é excomungado pelo Vaticano.

17 de março de 1960. O presidente americano Dwight Eisenhower aceita que os contrarrevolucionários sejam treinados pela CIA — Agência Central de Inteligência.

17 de abril de 1960. Um grupo de anticastristas treinados pela CIA tenta tomar Cuba a partir da invasão da Baía dos Porcos.

1º de maio de 1960. Fidel proclama Cuba uma República Democrática Socialista.

29 de junho de 1960. Fidel Castro ordena a nacionalização da refinaria de petróleo Texaco.

13 de agosto de 1960. A cidade de Berlim amanhece dividida por um muro. A Guerra Fria vive o seu apogeu.

9 de novembro de 1960. John Kennedy é eleito presidente dos EUA.

Outubro de 1960. Fotografias aéreas tiradas por uma missão de espionagem detectam plataformas de lançamento de mísseis em Cuba. Em seguida, os EUA decretam bloqueio naval a Cuba e, em novembro, John Kennedy anuncia o fim da crise dos mísseis em Cuba, pois as bases soviéticas de lançamento de mísseis foram fechadas.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 353 3/1/2014 00:57:38

12 de dezembro de 1960. Kennedy aceita instalar o telefone vermelho, uma linha direta com o governo da URSS.

24 de dezembro de 1960. O governo cubano troca 1.113 prisioneiros políticos por gêneros alimentícios.

›› PCB racha. A dissidência funda o PC do B.

25 de agosto de 1961. Jânio Quadros renuncia ao cargo de Presidente da República do Brasil.

26 de agosto de 1961. Fragmon Carlos Borges é preso pela polícia carioca. Motivo: ser editor e repórter do jornal de esquerda *Novos Rumos*.

5 de março de 1963. Rui Facó viaja para começar a sua série de reportagens pela América Latina. Como delegado do PCB ele participa também, na mesma viagem, de evento em favor de Cuba.

13 de março de 1963. Rui escreve a punho sua última mensagem em vida para Fragmon Carlos Borges em Buenos Aires, Argentina.

15 de março de 1963. Morre Rui Facó em um acidente de avião nos Andes.

20 de março de 1963. Luís Carlos Prestes escreve uma carta para a redação de *Novos Rumos* em nome dos comunistas brasileiros, lamentando a morte de Rui Facó.

23 de março 1963. Itá, irmão de Rui, escreve uma carta para seus pais, lamentando a morte de Rui.

›› Lançamento póstumo do livro *Cangaceiros e Fanáticos* na livraria São José no Rio de Janeiro. Prestes autografa o livro.

18 de abril de 1963. Rui Facó é enterrado no cemitério São João Batista no Rio de Janeiro. Estavam presentes, dentre tantos outros, Luís Carlos Prestes, Oscar Niemeyer, Carlos Marighella, fundador da Aliança Libertadora Nacional (ANL) e Orlando Bonfim, diretor do *Novos Rumos*.

Junho de 1963 . A revista *Estudos Sociais* publica trechos da palestra de Moisés Vinhas, na União Brasileira de Escritores — seção São Paulo, como homenagem ao cinquentenário de nascimento de Rui Facó.

22 de novembro de 1963. O presidente dos EUA, John Kennedy, é assassi-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 354 3/1/2014 00:57:39

nado em Dallas, Texas. Ele é alvejado por dois tiros quando desfilava pela cidade em carro aberto. O vice-presidente, Lyndon Johnson, assume o governo a bordo do avião que levava o corpo de Kennedy. Lee Oswald é preso e acusado de cometer o crime, dois dias depois, é assassinado por Jack Rubinstein.

31 de março de 1964. Golpe militar no Brasil. Os militares assumem o poder com o apoio de muitos civis.

1º de abril de 1964. A redação do jornal *Novos Rumos* é destruída pela ação do novo regime. O jornal chega ao fim.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 355 3/1/2014 00:57:39

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 356 3/1/2014 00:57:39

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DENYS, Odylio. *Ciclo Revolucionário Brasileiro* — Memórias. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1980.

FACÓ, Ana. *Páginas Íntimas* — Obra Phostuma. Edição da Família, Fortaleza, 1938.

FACÓ, Boanerges. *José Balthazar Ferreira Facó (In memoriam)*. Departamento de Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1962.

FACÓ, Luís Carlos. *Garimpando Lembranças.* Edição do Autor, Salvador, 2000.

FACÓ, Rui. *A Classe Operária, 20 anos de luta.* Rio de Janeiro: Edições Horizonte, 1948. 30 p.

FACÓ, Rui. *Brasil Século XX.* Editorial Vitória, Rio de Janeiro, outubro de 1960.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos* — Gênese e Lutas. Civilizaçao Brasileira, Rio de Janeiro, 1983.

FACÓ, Rui. *O romance do Sr. Guimarães Rosa e o problema da terra no Brasil. Estudos Sociais*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 185-89, julho/agosto 1958.

FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci:* 20 anos de clandestinidade. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1988.

FERREIRA, Jorge. *Os comunistas e os Novos Rumos.* Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

FERREIRA, Marieta de Morais. *Novos Rumos*. In: ABREU, Alzira Alves et

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 357 3/1/2014 00:57:39

al. (Coord.) *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930.* Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. Vol. IV.

FIGUEIREDO, José Ricardo. *Modos de ver a produção do Brasil.* EDUC-Fapesp, São Paulo, 2004 .

GUIMARÃES, Alberto Passos. *Quatro séculos de latifúndio.* 4ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

HOBSBAWM, Eric (trad. Marcos Santarrita), *"Socialismo real",* In: *Era dos extremos; o breve século XX (1914-1991).* 2ª edição, São Paulo; Companhia das Letras, 2003.

LIMA, Esperidião de Queiroz. *Antiga Família do Sertão.* Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro 1946.

MARKUN, Paulo e HAMILTON, Duda. *1961, que as armas não falem.* Editora Senac, São Paulo, 2001.

MORAES, Dênis de (org) . *Prestes com a palavra: uma seleção das principais entrevistas do líder comunista Luís Carlos Prestes.* Letra Livre Editora, Campo Grande, 1997.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro* — A formação e o sentido do Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

SALMON, Gary Prado. *The Defeat of Che Guevara*: Military Response to Guerrilla Challenge in Bolivia. ISBN-13: 978-0275932114Praeger; First Edition, First Printing in English edition (July 24, 1990).

SERVICE, Robert. *History of Modern Russia*: From Tsarism to the Twenty-first Century. Penguin Books Ltd, Londres, 2009. ISBN 978–0141037970.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil.* Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1966.

SPEKTOR, Matias. *Kissinger e o Brasil.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. ISBN 9788537801567.

WEINER, Tim. *Legacy of ashes: The History Of The Cia.* Doubleday, USA, 2007.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 358 3/1/2014 00:57:39

Arquivos

Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, RJ

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil — CPDOC da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, RJ

The Library of Congress. Washington, DC, EUA

Internet

A reforma agrária na visão dos intelectuais da década de 1960, Andrius Estevam Noronha / PUC-RS, CNPq.
IX Encontro Estadual de História, ANPUH- RS

Euclides e Rosa entre sociologia e literatura,
Maria Célia Leonel & José Antonio Segatto, setembro 2007
<http://www.acessa.com/gramsci/?id=778&page=visualizar>

Fundação Getúlio Vargas
<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/GolpeEstadoNovo>

Entrevista com João Falcão feita pelo jornalista Ney Sá sobre a revista Seiva
<http://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=228:seiva-a-revista-dos-comunistas-em-pleno-estado-novo&catid=1:historia-do-pcb>

Aviation Safety Network
<http://aviation-safety.net/database/record.php?id=19600225-3>

Diógenes Arruda. Entrevista a Iza Freaza e Albino Castro, junho de 1979
<http://www.marxists.org/portugues/arruda/1979/06/entrevista.htm>
Fonte: Portal Vermelho.

Uma vida exemplar, Luiz Sérgio Henriques
<http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv141.htm>

Rui Facó: um intelectual da revolução brasileira. Milton Pinheiro
<http://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 359 3/1/2014 00:57:39

content&view=article&id=147:rui-faco-um-intelectual-da-revolucao-brasileira&catid=6:memoria-pcb>

Marieta de Morais Ferreira, no verbete "Novos Rumos" Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil CPDOC — FGV <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>

Jornais e Revistas

Correio da Manhã (RJ) — Biblioteca Nacional
Gazeta de Notícias — 1950 a 1956 (RJ) — Biblioteca Nacional
Jornal do Brasil (RJ) — Biblioteca Nacional
Jornal do Ceará (CE) — Biblioteca Nacional
Novos Rumos (RJ) — Biblioteca Nacional
O Rebate (CE) — Biblioteca Nacional
Revista Brasileira — 1861 a 1979 (RJ) — Biblioteca Nacional
Tribuna Popular — 1945 a 1947 (RJ) — Biblioteca Nacional
Voz Operária — 1949 a 1959 (RJ) — Biblioteca Nacional

MOSCOU PREPARA FESTA PARA OS COSMONAUTAS. *Folha de S.Paulo,* quinta-feira, 16 de agosto de 1962.

ARMÊNIO GUEDES, PIZZA E VINHO. Artigo de Paulo Moreira Leite, na revista *Época* de 11 de setembro de 2009.

ASPECTOS DA VIDA E DA OBRA DE RUI FACÓ, de Moisés Vinhas, palestra pronunciada em junho de 1963, na União Brasileira de Escritores, Seção de São Paulo, em homenagem ao transcurso, no dia 4 de outubro de 1963, do cinquentenário de nascimento de Rui Facó. A revista *Estudos Sociais* publicou trechos.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 360 3/1/2014 00:57:39

Documentos

Estatuto do **Partido Comunista do Brasil,** aprovado pelo 11º Congresso do Partido Comunista do Brasil em Brasília, 22 de outubro de 2005. Alterado pelo 12º Congresso do **PCdoB** em São Paulo, 8 de novembro de 2009.

Estatuto do **Partido Popular Socialista – PPS**, aprovado no XVII Congresso Nacional do Partido, realizado no período de 9, 10 e 11 de dezembro de 2011, na cidade do São Paulo, SP.

Entrevistas

ANA FACÓ, Beberibe, CE, em 8 de março de 2003.
ADALBERTO TEMOTEO, Belo Horizonte, BH, 3 de maio de 2004.
ARMÊNIO GUEDES, São Paulo, SP, 3 de junho de 2003.
ELIO GASPARI, São Paulo, SP, 5 de maio de 2004.
GIUSEPPINA BLUMETTI FACÓ, São Paulo, SP, 25 de agosto de 2006.
JOSÉ MARIA DE QUEIROZ, Fortaleza, CE, 23 de setembro de 2004.
LUIZ MARIO GAZZANEO, Rio de Janeiro, RJ, 7 de maio de 2004.
VALDA FACÓ e HEITOR FACÓ, Fortaleza, CE, 19 de fevereiro de 2004.
VALDO FACÓ, Brasília, DF, 25 de agosto de 2006.
ZÉIA QUEIROZ, Beberibe, CE, 4 de fevereiro de 2004.
ZULEIKA ALAMBERT, Rio de Janeiro, RJ, 10 de novembro de 2004.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 361 3/1/2014 00:57:39

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 362 3/1/2014 00:57:39

Índice Onomástico

AI-5, 12, 350
Accioly, Nogueira, 132-134, 136-138
Ação Libertadora Nacional — ALN, 39
Addad, Jamil Amansur, 346
Alambert, Zuleika, 8, 15, 134, 193, 249, 250, 252, 294, 295, 268, 295
Alaor, José, 52
Aliança Nacional Libertadora — ANL, 52, 176, 241
Almeida, José Américo de, 168, 171
Almeida, Josué, 26, 278, 315, 337
Amado, João Jorge, 94, 190, 255
Amado, Jorge, 39, 50, 90, 94, 99, 179, 189, 190, 255, 258, 259, 265, 266
Amado, Paloma Jorge, 190
Amazonas, João, 13, 300
Amorim, Clóvis, 58, 133
Andrade, Carlos Drummond de, 67, 140-142, 186, 297, 347
Andrade, Mário de, 247
Araújo, Adelaide Facó de, 147
Assis, Machado de, 132, 205, 206
Bandeira, Manuel, 138, 347
Barbosa, Rui, 143, 144
Barreira, Américo, 52
Barreira, Dolor, 41, 118, 159
Barroso, Gustavo, 132, 136, 137
Bartolomeu, Floro, 70, 220, 227, 229, 230, 231, 232, 233, 237
Beberibe, 9, 11, 26, 15, 52, 63-64, 80, 105, 108, 113-115, 120-121, 123-125, 127, 130-131, 143, 145-149, 152-156, 159, 165, 360
Benário, Olga, 91, 177, 194, 250, 295
Bloch, Adolpho, 208
Brasil Século XX, 11, 37, 42-43, 45-46, 53, 74, 110, 211-215, 216, 224, 274, 276
Bonavides, Aníbal, 14, 51, 58
Bonfim, Orlando, 25-26, 275, 283, 354
Borges, Fragmon Carlos, 22-23, 25-26, 217, 289, 290, 339-340, 354
Brandão, Octavio, 193, 255
Brandão, Fátima, 143, 255
Brito, Milton Cayres de, 174, 185
Buonicore, Augusto, 174, 175
Callado, Antonio, 68
Calmon, Pedro, 222
Câmara, Diógenes de Arruda, 172, 180-181, 185, 265, 300
Cangaceiros e Fanáticos, 14, 23, 37, 42, 53, 66-69, 71, 150, 217, 219-220, 222-225, 228, 233-236, 245, 276, 290, 297, 350
Canudos, 37, 69, 70, 216, 222, 224, 228
Carneiro, Edison, 26, 73, 174, 178
Carvalho, Beni, 157

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 363 3/1/2014 00:57:39

Castello Branco, Humberto de Alencar, 12
Castro, Albino, 181
Castro, Fidel, 22, 31, 40, 49, 60, 152, 153, 233, 286, 352
Castro, Moacir Werneck de, 187
Cavalcante, Tenório, 289
Cavalcante, Valdomiro, 132
Chateaubriand, Assis, 167
Cícero, Padre, 37, 68-70, 220, 223-224, 226-230, 232-233, 237
Coelho, Marco Antonio Tavares, 206, 243, 253, 337
Coutinho, Carlos Nelson, 206, 341
Cuba, 25, 31-32, 35, 39-40, 49, 58-60, 151-153, 197-199, 244, 270, 278, 283, 286, 312, 316-317, 323, 325, 337
Cunha, Euclides da, 23, 67. 69, 205, 220, 222, 229, 245, 345
Cunha, Francilipe Facó Magalhães da, 91, 151-152
Dantas, Santiago, 339
Denys, Odylio, 181-182
Dutra, Eurico Gaspar, 171, 173, 188, 189, 271
Dutra, Maria da Graça, 26
Eisenhower, Dwight, 152, 202-203, 352
Eneida [Eneida de Morais], 43, 46-47, 335
Facó, Américo, 76, 131-134, 136-142, 157, 352
Facó, Ana, 8, 11, 97, 114, 127-128, 131, 143-144, 153-156, 167, 351
Facó, Antonieta, 51, 63, 72, 80, 95, 105, 113, 116, 120-123, 130-131, 143-145, 147-149, 153, 178, 351
Facó, Boanerges, 100, 130, 156, 159
Facó, Edgard, 63, 72, 95, 119, 131, 149, 150-151
Facó, Eurípides, 113, 120, 124, 144, 156
Facó, Francisco Balthazar Ferreira, 127-129
Facó, Giuseppina Blumetti, 71, 84
Facó, Gustavo Francisco de Queiroz, 11, 80, 108, 113, 120, 127, 131, 147, 153, 352
Facó, Heitor de Queiroz, 9, 63, 123, 144, 148, 156
Facó, Helena Cristina Blumetti, 72, 81, 84
Facó, João, 63, 72, 117, 119, 150-151, 178
Facó, João Henrique, 63, 151
Facó, Joaquim, 120, 155
Facó, José Balthazar Ferreira, 128-130, 156, 159
Facó, Julia Guedes, 15, 38, 41, 64, 71, 73, 82-83, 92, 94, 97, 152, 162, 164-167, 171-172, 178, 183-184, 185, 190-191, 193-194, 247, 250, 252, 255, 267, 295-297
Facó, Júlio Francisco Blumetti, 72
Facó, Luís Carlos, 127
Facó, Maria, 142
Facó, Maria Moreira, 120

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 364 3/1/2014 00:57:39

Facó, Odivar, 155, 159
Facó, Olavo, 119-120, 155, 159
Facó, Orlando, 9, 120, 155
Facó, Oto, 119, 159
Facó, Paulo [deputado], 9, 159
Facó, Paulo [filho de Rui], 9, 38, 39, 43, 66, 71-72, 152, 156, 165, 167, 190-191, 194, 219, 244, 247, 250-252, 277, 295
Facó, Péricles, 119, 146-146, 155
Facó, Rui, 9, 14-15, 19, 21-26, 30, 32-36, 38-53, 59, 60, 62-74, 80-82, 85-87, 90, 92, 113-124, 127, 130-131, 143-156, 161, 164-167, 172, 174, 178-184, 186-197, 199, 201, 203-205, 207-212, 214-236, 241-242, 244-245, 247-248, 250-252, 255-256, 258-259, 264, 267-270, 272-278, 282, 290, 293-297, 300, 312-313, 325, 333, 335, 337, 340, 342, 344, 346, 347, 349, 351
Facó, Valda, 9, 63, 116, 120-124, 148, 156
Facó, Valdo, 9, 63, 123-124, 151-152, 156
Falcão, Armando, 12, 333
Falcão, João da Costa, 9, 168, 171-174, 248
Fernandes, Florestan, 247
Ferreira, Jorge, 279
Ferreira, Maria da Penha Facó, 125-126, 130
Ferreira, Migueline de Castro, 117, 125
Fessounenko, Igor, 259
Fleury, Sérgio Paranhos, 39
Fonseca, Gondim da, 49, 50-51
Freaza, Iza, 181
Freire, Roberto, 209
Gagárin, Yuri, 108, 335-337
Ganns, Cláudio, 132
Gaspari, Elio, 8, 25, 293-294, 333
Gattai, Zélia, 99, 190, 255
Gazzaneo, Luiz Mario, 8, 21, 23-27, 86-87, 207-210, 269, 273, 277-278, 289-290, 294, 296-297, 337-340
Giocondo, Dias, 15, 22, 209-210, 297
Girão, Blanchard, 14, 51
Gomes, Dias, 36, 179, 207-208
Gordon, Lincoln, 314-317, 322-325, 327, 333-334
Goulart, João, *Jango*, 31, 39-40, 243, 246, 277, 279, 281-282, 285-288, 290-293, 298, 311, 323, 337-338
Grabois, Maurício, 174, 299, 300, 329
Guedes, Adorzinda Dulfina dos Santos, 162, 172, 244, 252, 269
Guedes, Armênio, 8, 21, 25, 64, 71-74, 86-87, 152, 161-162, 164-165, 172, 174, 178-180, 172, 174, 178-180, 182-191, 193-194, 205, 207, 219, 221, 241, 243-247, 250, 252, 255, 267, 268, 290, 294, 295, 297, 300, 340, 341-342, 351
Guedes, Júlio Augusto de Castro, 162-163, 244
Guerra Fria, 12, 30, 32-33, 49, 152-

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 365 3/1/2014 00:57:40

153, 192, 196-197, 201-203, 205, 244, 257, 265-266, 353
Guimarães, Alberto Passos, 26, 66, 242-243, 297
Gorender, Jacob, 26, 173, 300
Hampej, Zdenek, 43-44, 46, 268-269
Hobsbawm, Eric, 263, 358
Holanda, Sérgio Buarque de, 132, 139
Houaiss, Antônio, 242
Jurandir, Dalcídio, 45, 47
Kennedy, John F., 32-33, 35, 196-198, 316, 324, 353
Konder, Leandro, *Pedro Severino*, 26, 60, 341
Konder, Valério, 36
Kruschev, Nikita, 13, 28, 32-33, 39, 196-197, 203, 206, 257, 259-260, 263, 265
Kubitschek, Juscelino, 192, 193, 201, 203-204, 281-282, 292, 300, 311
Lacerda, Carlos, 31, 173, 281-286, 289, 29-292, 313-314, 322-323, 333
Lampião, Virgulino, 37, 223-224, 231-233, 237
Leite, Paulo Moreira, 341
L'Humanité, 210-211
Lima, Paulo Mota, 26
Lobato, Monteiro, 11, 153, 219, 245
Lott, Henrique Dufles Baptista Teixeira, 21, 291-293, 311
Luís, Washington, 130, 187
Magalhães, Juracy, 39, 72-73, 117, 150, 178-179, 317
Marighella, Carlos, 13, 15, 21, 25, 35-36, 38-39, 165, 233, 246, 275, 354
Marx, *marxismo*, 145, 163, 186, 196, 200, 206, 211, 212, 217, 299
marxismo-leninismo, 26, 29, 30, 34, 192, 208, 236, 261, 300, 325
Matos, Almir, 21, 22, 25, 26, 151, 278, 297, 337
Morais, Edson, 25
Morais, Vinícius de, 342-344
Morena, Roberto, 36
Moscou, 14, 15, 38, 45, 53, 63, 94, 117, 152, 155, 165, 187, 190-194, 204, 210, 224, 251, 252, 255-259, 264, 266-267, 269
Motta, Leonardo, 136
Munro, Leslie, 201
Nascentes, Antenor, 44, 344-346
Noronha, Andrius Estevam, 242, 258, 268
Neruda, Pablo, 190
Neves, Tancredo, 31, 286, 288, 292
Novos Rumos, jornal, 8, 21-23, 25-27, 29-30, 32, 33, 36, 38-39, 41, 43, 46-47, 50, 53, 59-63, 74, 110-111, 194, 196, 199, 205, 207-208, 211, 213-214, 233-234, 244, 253, 273-276, 278-279, 281-283, 303-305, 309, 318, 319, 327, 329, 331, 337-339, 340-342, 344, 346, 347
Oliveira, Armando de Sales, 168
Oliveira, Franklin de, 247
Pacheco, Osvaldo, 243

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 366 3/1/2014 00:57:40

Paim, Isaías, 73, 183
Pedrosa, Milton, 36
Peixoto, José Carlos Marques, 118
Pimentel, Meneses, 118
Pinochet, Augusto, 18, 182
Pinheiro, Milton, 169
Pólvora, Hélio, 219
Portinari, Cândido, 90
Prestes, Anita Leocádia, 177, 298
Prestes, Júlio, 175
Prestes, Luís Carlos, 12-13, 15, 21, 24, 36, 40, 64, 66, 153, 162, 166, 169, 174, 176-198, 187, 190, 207, 210-211, 221, 224, 231-234, 236-237, 246, 250, 253, 260, 264,-265, 274-275, 278, 298, 300-301, 306, 310-311, 324-325, 338-340, 354
Quadros, Jânio, 21, 198, 281-283, 285, 290-292, 301, 309-312, 335, 354
Queiroz, Antônio, 120
Queiroz, Clotilde Franklin de, 143, 351
Queiroz, Daniel de, 143, 151
Queiroz, João Ferreira, 125
Queiroz, José Maria de, 9, 117, 120, 126, 130
Queiroz, Zéia, 120, 125-126
Ramos, Graciliano, 23, 47, 89-90, 219, 245, 264, 295, 297
Rabinovitch, Moisés, 51
Reed, John, 310
Ribeiro, Darcy, 222-223, 358
Romo-Leroux, Piedad, 71
Rosa, João Guimarães, 219-220, 357
Santos, Agapito dos, 133, 136
Santos, Maria do Carmo Gomes dos, 11
Santos, Ruy, 169, 189
Savaget, Edna, 67
Schmidt, Augusto Frederico, 140
Serra, José, 243
Silva, Adalberto Temoteo da, 191, 267
Silva, Astrojildo Pereira Duarte da, 26, 43-44, 66, 74, 89-90,110, 184, 189,204-205, 207, 211-214, 238, 279-230, 310, 340
Silva, Francisco Pereira da, 68
Silveira, Ênio, 37, 307. 297, 341
Sodré, Nélson Werneck, 26
Stalin, Josef, *stalinismo*, 13, 28, 39, 98, 206-207, 246, 259-265, 297, 350, 352
Távora, Virgílio, 155, 286
Teófilo, Rodolfo, 132
Thornes, Jacinto de, 139
Toledo, Caio Navarro de, 247
Torelly, Apparício Fernando de Brinkerhoff, 310
Vargas, Getúlio, 13, 27, 39, 91, 168, 175-178, 187, 189, 190, 270-272, 285, 351
Vinhas, Moisés, 74, 212, 214-218, 354
Wainer, Samuel, 208, 333
Walters, Vernon, 334

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 367 3/1/2014 00:57:40

TEXTO COMPOSTO EM MINION PRO REGULAR, CORPO 12, ENTRELINHA 16. A MINION É UMA FONTE DESENHADA POR ROBERT SLIMBACH EM 1990 PARA A ADOBE SYSTEMS. É TOTALMENTE INSPIRADA NO ESTILO TIPOGRÁFICO DA RENAISSANCE. TÍTULOS EM BODONI MT REGULAR. BODONI FAZ PARTE DE UMA SÉRIE DE FONTES SERIFADAS INICIALMENTE DESENHADAS POR GIAMBATTISTA BODONI (1740–1813), ESTE VERDADEIRAMENTE, O GÊNIO CRIADOR. LEGENDAS EM DIN ALTERNATE BLACK REGULAR. DIN É UMA FONTE SANS-SERIF MUITO USADA PARA SINALIZAÇÃO. ELA FOI CRIADA PELO MODELO GERMÂNICO DIN — DEUTSCHES INSTITUT FÜR NORMUNG (GERMAN INSTITUTE FOR STANDARDIZATION) EM 1931.

livro rui faco 51 _ cs5 _ 2 jan 2014.indd 368 3/1/2014 00:57:40